

ARQUEOLOGIA NAS CARTAS DE
CARLOS RODRIGUES BRANDÃO
CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO POPULAR

VOLUME I



FERNANDA DOS SANTOS PAULO
IVO DICKMANN (ORGs.)

Fernanda dos Santos Paulo
Ivo Dickmann
(Orgs.)

Arqueologia nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão:
contribuições para a Educação Popular

Editora Livrologia
Chapecó-SC
2021

CONSELHO EDITORIAL INTERNACIONAL E NACIONAL

Jorge Alejandro Santos - Argentina
Francisco Javier de León Ramírez - México
Carelia Hidalgo López - Venezuela
Marta Teixeira - Canadá
Maria de Nazare Moura Björk - Suécia
Macarena Esteban Ibáñez - Espanha
Quecoi Sani - Guiné-Bissau

Ivo Dickmann - Unochapecó
Ivanio Dickmann - UCS
Viviane Bagiotto Botton - UERJ
Fernanda dos Santos Paulo - UNOESC
Cesar Ferreira da Silva - Unicamp
Tiago Ingrassia Pereira - UFFS
Carmem Regina Giongo - Feevale
Sebastião Monteiro Oliveira - UFRR
Adan Renê Pereira da Silva - UFAM
Inara Cavalcanti - UNIFAP
Ionara Cristina Albani - IFRS

**Esse livro passou pelo processo de revisão por pares
dentro das regras do Qualis Livros da CAPES**

Apoio: CNPq - Chamada MCTIC/CNPq Nº 28/2018 - Universal/Faixa A

FICHA CATALOGRÁFICA

A772 Arqueologia nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão: contribuições para a Educação Popular / Fernanda dos Santos Paulo, Ivo Dickmann (Organizadores) - Chapecó: Livrologia, 2021.

ISBN: 9786586218565

DOI: doi.org/10.52139/livrologia9786586218565

1. Carlos Rodrigues Brandão, 1940-. 2. Educação - Métodos biográficos. 3. Biografia - Pesquisa - Metodologia. I. Paulo, Fernanda dos Santos. II. Dickmann, Ivo.

2021-0110

CDD 370.72 (Edição 23)

Ficha catalográfica elaborada por Karina Ramos - CRB 14/1056

© 2021

Proibida a reprodução total ou parcial nos termos da lei.

ARQUEOLOGIA CARTOGRÁFICA: VERBETES, VERSOS, VIVOS!

Fernanda dos Santos Paulo
Ivo Dickmann

O presente livro, **Arqueologia nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão: contribuições para a Educação Popular** é fruto de um trabalho coletivo que conta com a participação de mais de sessenta pesquisadores e pesquisadoras do Brasil que estudam e ou são amigos e amidas de Carlos Rodrigues Brandão.

O livro resulta do projeto de pesquisa financiada pelo CNPq através da Chamada MCTIC/CNPq Nº 28/2018, intitulado como: *Memória e História da Educação Popular a partir do levantamento e catalogação das cartas de Carlos Rodrigues Brandão: contribuições para a Pedagogia Latino-americana*. O projeto é coordenado pela professora Fernanda dos Santos Paulo, educadora popular e professora do Programa de pós-graduações *stricto sensu* em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade do Oeste de Santa Catarina: PPGEd/Unoesc.

Este é o primeiro volume da obra **Arqueologia nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão: contribuições para a Educação Popular** – teremos, pelo menos, mais um volume. O objetivo desta obra é identificar os sujeitos interlocutores (diretos e indiretos) de Brandão, mediante troca de Cartas, bem como dar visibilidades ao conjunto de influências (pessoas e instituições) na vida de Brandão e, conseqüentemente, no seu conceito de Educação Popular e historicidade desta acepção.

Entendemos que os sujeitos e instituições identificadas no volume I da obra, contribuíram com a sistematização das compreensões históricas, políticas, filosóficas e pedagógicas da Educação Popular de Brandão. O resultado do projeto constitui-se de mais de oitenta verbetes.

Os autores e autoras dos verbetes identificaram quem são as pessoas, instituições e experiências que constavam nas cartas de Brandão. Cada autor/autora dos verbetes recebeu uma ficha de identificação das

pessoas, instituições e experiências com o fragmento da carta destinada ou remetida ao Carlos Rodrigues Brandão.

As cartas analisadas eram documentos inéditos do acervo pessoal do educador Carlos Rodrigues Brandão, doado para Fernanda dos Santos Paulo, coordenadora desta pesquisa. Mediante esta obra é possível localizarmos as raízes de Brandão (amigos, colegas, intelectuais, instituições, etc.). Portanto, a compreensão histórica da Educação Popular, através do mapeamento realizado, nos trouxe a certeza que estas cartas trazem conteúdos que possibilitam **contribuições significativas para a pedagogia latino-americana** a partir da Educação Popular crítica e freiriana. Deste modo, o registro de experiências educacionais, que estavam silenciadas nas produções intelectuais de até então, sobre Educação Popular, estarão publicizadas e ajudarão na reconstituição da História da Educação Popular no Brasil.

O desafio que se apresenta em seguir “escavando nas cartas” como tarefa arqueológica e intelectual é de demonstrar a grandeza e importância das relações estabelecidas ao longo de décadas entre educadores e educadoras populares na América Latina, que ao se corresponder por Cartas fizeram, talvez sem querer ou saber, um verdadeiro e sistemático registro das experiências de Educação Popular dos anos 1960-1980.

Esse primeiro volume da arqueologia das Cartas do Brandão, nosso grande mestre da Educação Popular latino-americana, é um primeiro movimento em direção dos demais interlocutores numa sistematização nunca antes realizada e que abre possibilidades para outras pesquisas com outros educadores e educadoras populares e freirianos/as que são os legítimos guardiões da história e pioneiros da Educação Popular. São verbetes vivos, como versos que rimaram a vida, teceram a história, semearam o novo, colheram liberdade.

Um grande abraço e força na luta!
Fernanda e Ivo.

PREFÁCIO

CARTA SOBRE AS CARTAS

Carlos Rodrigues Brandão

Eu sou de um tempo em que cartas eram "cartas" de verdade. Escrevíamos a mão. Mas a quem tinha uma "letra lastimável", como a minha, os amigos e as amigas pediam que "escrevesse a máquina".

Eram tempo bem anteriores aos incríveis "recursos eletrônicos" de agora. Eu sou de um tempo em que uma pequena carta devia ter pelo menos "uma página em espaço 1".

Escrevíamos caras "de amor". Escrevi mais de 100 para a minha esposa, quando ela era minha namorada, morava em Goiânia e eu no Rio de Janeiro. Temos até hoje uma mala cheia de cartas antigas, guardadas há 54 anos.

Escrevíamos cartas de amizade, pelo simples desejo de "conversar por escrito com uma pessoa amiga". E essas, muitas vezes tinham páginas e páginas. E escrevíamos "cartas de trabalho". Essas eram as mais curtas e mais "objetivas".

Mas mesmo para pedir a um amigo que enviasse algo urgente, a carta deveria ter pelo menos uma página inteira. Não tínhamos quase nenhum dos recursos e milagres da tecnologia de agora. Mas tínhamos um bem bastante mais precioso: *tempo!*

Era o tempo em que uma boa parte do que ganhávamos com o nosso trabalho, era gasto em comprar livros. E "formar uma biblioteca" era algo essencial na vida.

E foi um tempo em que, dentro ou fora da universidade, nós liamos desbragadamente, sozinhos ou em grupos.

Até hoje mantenho este antigo hábito. Leio sempre e leio muito. Como sempre viajávamos muito de avião, Rubem Alves costumava dizer que: "o Carlos Brandão é a única pessoa que fica feliz quanto o altofalante do aeroporto avisa que o seu voo vai atrasar três horas. Enquanto todos se desesperavam ele pega um livro e começa a ler". O que, aliás, é uma boa verdade.

Escrevi e recebi milhares de cartas. Escrevo ainda e fico triste ao ver que agora três linhas são uma carta, três palavras são um bilhete, a figu-

ra, umas "mãozinhas batendo palmas" é uma mensagem, e o desenho de três corações é uma declaração ardorosa de amor.

Pra onde estaremos indo?

Quando veio sobre o Brasil e sobre nós o golpe miliar de abril de 1964, eu estava na universidade cursando psicologia.

Era então um dos "militantes da Juventude Universitária Católica". E era um educador do *Setor de Animação Popular da Equipe Nacional do Movimento de Educação de Base*. Maria Alice, minha esposa, era então coordenadora da *Equipe do MEB-Goiás*.

A "repressão da ditadura militar" caiu pesadamente sobre nós. Costumo dizer quando me pedem uma definição breve do que foi a "educação popular dos anos sessenta", que ela foi uma ação cultural através da educação, que por sua vocação de se colocar a serviço do povo com vistas à sua emancipação e à criação de uma sociedade livre, igualitária, socialista em liberdade, etc. foi vivida a partir de 64 entre silêncios e perigos. E em meio a pessoas presas, torturadas, desaparecidas, mortas, ou exiladas, como Paulo Freire e uma quantidade de outras pessoas que o acompanharam no exílio.

Foi então um tempo em que ao mesmo tempo em que a educação popular se expandia por toda a América Latina, entre a Argentina e o México (eu participei ativamente de tudo isto), vivíamos no Brasil (e depois na Argentina, no Uruguai, no Chile, submetidos a ditaduras também anos depois do Brasil) nós vivíamos dias, semanas e meses entre perigos e cuidados.

Ser encontrado por alguém do "Serviço Nacional de Informação" com algum escrito de Paulo Freire nas mãos, era um perigo.

Foi então um longo tempo de cartas cifradas. De palavras ditas a meias. De cuidados extremos com "a segurança".

E a expressão "O Alfredo caiu", significava então que mais um companheiro tinha sido preso. E não foram poucos e nem poucas.

E foi também o tempo em que como "medida de segurança" nós queimamos livros, escritos, fitas gravadas, documentos... e cartas.

Eu mesmo não sei quantas centenas ou milhares de cartas minhas ou de cartas recebidas, foram queimadas, em tempos em que um pequeno bilhete poderia "comprometer" uma pessoa.

As cartas que restaram foram as que sobraram.

E as que continham palavras e mensagens mais abertamente ideológicas e políticas, foram quase todas destruídas.

As que sobraram são quase todas de tempos posteriores, já no que então foi chamado "o começo da abertura política", justamente na época em que Paulo Freire e várias outras pessoas exiladas começaram a voltar ao Brasil.

Assim que as cartas que aqui estão são em boa medida "as que sobraram da fogueira".

E me alegra lembrar que mesmo assim, nos piores tempos, "eles" não nos calaram.

Não silenciaram inteiramente pessoas e coletivos que iam de camponeses e operários a nós, estudantes-militantes, professoras-engajadas, e outras e outros profissionais "comprometidos com as causas populares através da educação popular."

Pronto. Creio que acabo de escrever uma carta. Uma carta pequenina, se comparada com as dos "velhos tempos".

Mas provavelmente "um exagero de carta" para os critérios de hoje.

E como eu penso muito no quanto devemos estar unidas e unidos na luta, na resistência, na esperança,

quero terminar esta mensagem com um escrito de um antropólogo, como eu.

Pouco antes de nos deixar Darcy Ribeiro, um batalhador de toda uma vida, escreveu isto.

Sou um homem de Causas. Vivi sempre pregando, lutando, como um cruzado, por causas que me comovem. São muitas, demasiadas: a salvação dos índios, a escolarização das crianças, a reforma agrária, o socialismo em liberdade, a universidade necessária...

Na verdade, somei mais fracassos que vitórias nas minhas lutas.

Mas isso não importa. Seria horrível ter estado ao lado dos que se venderam nessas batalhas.

Paulo Freire gostava de dizer que uma coisa é a espera, e a outra a esperança. Uma coisa é esperar, e outra é esperarçar.

E eu complementaria dizendo: a espera é o que você deseja que aconteça; o esperarçar é o que você faz acontecer.

Um abraço amigo,

Carlos Rodrigues Brandão

SOBRE A CAPA



Maurício Tratemberg, Paulo Freire, Carlos Brandão, Moacir Gadotti, na Faculdade de Educação da UNICAMP, depois da reunião em que criamos o CEDES – Centro de Estudos de Educação e Sociedade (1980 ou 1981).

“A criação do Centro de Estudos em Educação, na UNICAMP” (Velhos tempos: Maurício Tratenberg, Paulo Freire, eu e Moacir Gadotti).

“Não criamos o indispensável Instituto de Estudos Atrasados na UNICAMP. Mas criamos, não lembro se tempos antes ou depois, o Centro de Estudos em Educação, da Faculdade de Educação. Ao contrário daquele fim-de-tarde num bar em Barão Geraldo, nós nos reunimos em uma das salas da FE, e em menos de uma tarde estava criado o CEDES. Lembro uma cena. Decididos os seus termos Maurício Tratemberg foi encarregado de redigir a “ata de fundação”. Ele se sentou diante de uma velha máquina de escrever (daquelas que sequer eram eletrônicas e já haviam invadido a UNICAMP, prefaciando os computadores que chegariam logo após). E ele acendeu um cigarro que até o final da ata não foi fumado sequer uma vez e ali permaneceu, com uma cinza que crescia ameaçadoramente. Finda a ata Maurício arrancou a folha da máquina, passou às mãos, se não me engano, de Moacir Gadotti e então sim, deu uma merecida tragada em seu agonizante cigarro. Criado o CEDES posamos ao lado de sua pequenina placa “para a posteridade”. A imagem abaixo é daquele momento.” (BRANDÃO, em “A PESSOA DE PAULO”).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
<i>ARQUEOLOGIA CARTOGRÁFICA: VERBETES, VERSOS, VIVOS!</i>	4
PREFÁCIO	6
<i>CARTA SOBRE AS CARTAS</i>	6
SOBRE A CAPA	9
AUTORES E AUTORAS	14
ADÉLIA PRADO	15
ALFREDO BOSI	16
ANGEL CRESPO	18
ANA MARIA MACHADO	19
ANA MARIA ARAÚJO FREIRE (Nita)	21
ANTONIO AUGUSTO ARANTES NETO	23
ANTONIO CANDIDO	25
AUGUSTO NICOLÁS CALDERÓN SANDINO	27
ANTÔNIO MUNIZ REZENDE	30
BEATRIZ BEBIANO COSTA	32
BERTOLINO ALVES DO NASCIMENTO	34
BERTOLD BRECHT	37
BRÁULIO NASCIMENTO	38
CARITAS: AS ANDANÇAS DE JOANA E IVO POLETTO E SUAS CARTAS A BRANDÃO	39
CARLOS HASENBALG	42
CARLOS LYRA	44
CARMEM CINIRA MACEDO	45
CECÍLIA MEIRELES	46

CENTRO ECUMÊNICO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO (CEDI)	47
CLAUDIUS CECCON	50
CLODOVIS BOFF	51
CLIFFORD GEERTZ	53
CHICO BUARQUE DE HOLANDA	54
DÉRCIO MARQUES	56
DERMEVAL SAVIANI	59
ECLÉA BOSI	60
ELZA FREIRE	63
FLORESTAN FERNANDES	68
FREI BETTO	70
FREI CHICO /FREI FUXICO FRANCISCO VAN DER POEL	72
FREI LUDOVICO GOMES DE CASTRO	74
GERALDO VANDRÉ	76
HENRIQUE CLÁUDIO DE LIMA VAZ	77
INSTITUTO PAULO FREIRE - IPF	79
IRACI SALETE STROZAKE	83
IRMÃS BORDADEIRAS DE PIRAPORA	84
ISABEL HERNÁNDEZ	89
ISER - INSTITUTO DE ESTUDOS DA RELIGIÃO	90
JARBAS MACIEL	91
JOÃO BAPTISTA BORGES PEREIRA	92
JOÃO GUIMARÃES ROSA	93
JOÃO DAS NEVES	96
JOÃO PEDRO STÉDILE	101
JOMARD MUNIZ DE BRITO	102
JOSÉ DE SOUZA MARTINS	105
JOSÉ JULIÁN MARTÍ PÉREZ	106

JOSINO MEDINA.....	108
JULIO BARREIRO	112
LÍGIA JACQUES E ROGÉRIO LEONEL	114
LUIZ FERNANDES DOURADO	119
LUIS PALACÍN	121
MARCELA GAJARDO	122
MARIA AÍDA BEZERRA COSTA	123
MARIA ALICE BRANDÃO	126
MARIA DAS MERCÊS BONFIM AMBROSIO	132
MEIO GRITO	133
MIGUEL ARROYO	136
MOACIR GADOTTI.....	137
MOACYR DE GÓES	139
MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE.....	141
MONSENHOR LEONIDAS PROAÑO	146
NAZIRA ABIB OLIVEIRA VARGAS.....	149
OSMAR FÁVERO.....	150
KARL MARX.....	154
PAPA FRANCISCO	156
PABLO NERUDA	160
PAULO FREIRE	162
PAULO ROSAS.....	166
PEDRO CASALDÁLIGA	167
PIERRE FÉLIX BOURDIEU	169
ROBERTO DA MATTA	172
ROSA MARIA TORRES	173
ROSELI SALETE CALDART.....	175
SÉRGIO HADDAD.....	178
SERVIÇO DE EXTENSÃO CULTURAL (SEC).....	180

STELLA LEONARDOS	182
TEATRO.....	184
THELMA NAVA.....	186
THIAGO DE MELLO	187
TITANE.....	188
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP.....	192
VANILDA PAIVA.....	195
VÍCTOR LIDIO JARA MARTÍNEZ.....	197
ZWINGLIO MOTA DIAS.....	199
YÊDA SCHMALTZ	201
WALTER BENJAMIN (1892-1940).....	202

AUTORES E AUTORAS

Adriana Gaio
Aline Bettiolo dos Santos
Ana Lúcia Souza de Freitas
Ana Maria Baldo
Andréia Aparecida Simão
Angela Biz Antunes
Aracéli Girardi
Bernadeth Maria Pereira
Carlos Rodrigues Brandão
Caroline Brunoni
Catarina Elóia da Rosa Machado
César Ferreira da Silva
Clenio Vianezi Mazzonetto
Coletivo Leituras Benjaminianas
(UFES)
Daianny Madalena Costa
Daisa Pompéo Cordazzo
Edite Maria da Silva de Faria
Elisângela Trevisan
Elisete Enir Bernardi Garcia
Fabíola Andrade Pereira
Fernanda dos Santos Paulo
Graciela Santos Dornelles
Grupo de Estudos e Pesquisa
Paulo Freire e Educação Popular
Hemily Pastanas Marinho
Herli de Sousa Carvalho
Isaura Isabel Conte
Ivanio Dickmann
Ivo Dickmann
Jacyara Silva de Paiva
Jaime José Zitkoski
Jaqueline Moll
Jonas Hendler da Paz Maria
Lucimar M. de Albuquerque
Luis Carlos Trombetta
Luiz Gonzaga Gonçalves
Maiara Elis Lunkes
Makely Ka
Marcia Selau dos Santos
Maria Elisabete Machado
Maria Julieta Abba
Marlon Junior Pellenz
Mateus Arguelho da Cunha
Micheli Silveira de Souza
Mirian Gregorio Ferreira
Mônica Tessaro
Nara Rosana G. Nachtigall
Neiva Furlin
Nima Spigolon
Patrícia Dorneles
Paulina dos Santos Gonçalves
Ricardo Costa de Sousa
Rita de Cássia Fraga Machado
Roberta Soares da Rosa
Rosângela Pereira de Oliveira
Sergio Trombetta
Silvana Ribeiro
Simone Gonçalves da Silva
Terezinha Conte Piletti
Thiago Ingrassia Pereira
Vanessa Pescador
Vanessa Porciuncula
Vinícius Lima Lousada
Vlamiir do Nascimento Seabra
Yasmin Flores de Freitas

Adélia Luzia Prado de Freitas, mineira nascida na cidade de Divinópolis em 1935, fez a Escola Normal de sua cidade e, mais tarde, junto com seu marido, ingressou no ensino superior, cursando Filosofia. Durante 24 anos, viveu a experiência do magistério, deixando de exercê-lo para mergulhar no mundo da literatura. Mãe de 5 filhos - Eugênio, Rubem, Sarah, Jordano e Ana Beatriz - fez-se poetisa, romancista e contista, no exercício de escrever a vida e a fé. Em 1976, enviou o manuscrito de seu primeiro livro - *Bagagem* - para o escritor Affonso Romano de Sant'Anna, que, entusiasmado com a qualidade do texto, encaminha-o a Carlos Drummond de Andrade, que, impressionado com sua poesia, articula sua publicação pela Editora Imago.

Reconhecida nacional e internacionalmente, andou pelo mundo apresentando e debatendo seu trabalho, influenciou pensadores e escritores como Rubem Alves e Mia Couto; recebeu inúmeros prêmios por sua literatura em prosa e verso, retratando a vida cotidiana, as memórias, os afetos através de construções textuais preciosas que trazem a moça que arruma a cozinha, a esposa que limpa peixes com o marido chegado da pescaria lembrando olhares do primeiro encontro, o cheiro do mato e da chuva, e dando voz a um mundo muito vivido pelas mulheres.

No ano de 1978, conquista o Prêmio Jabuti de Literatura, conferido pela Câmara Brasileira do Livro, com o livro *O Coração Disparado*. Tem importante incursão pelo mundo do teatro, dirigindo, em 1978, a peça *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, e, em 1981, *A invasão*, de Dias Gomes. Ainda no ano de 1981, é apresentado o primeiro de uma série de estudos sobre a obra de Adélia Prado, no Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Princeton (EUA). Suas obras são reconhecidas mundialmente.

Carlos Rodrigues Brandão, antropólogo-educador que também se fez poeta retratando em versos seus afetos, memórias e reflexões sobre a vida vivida e sentida, menciona Adélia Prado em uma carta que escreve para Marcela Gajardo, no dia da festa de Nossa Sra. Aparecida, 12 de outubro, no ano de 1983. Graciosamente, narra o caminho que faria na semana seguinte, indo a Minas Gerais “o meu mundo mais querido, depois de Goiás”, e passando por Belo Horizonte, Ibirité “veja que nome mais lindo” e a “Divinópolis onde mora Adélia Prado, uma poetisa belíssima, angustiada, católica alucinada”. Os caminhos do antropólogo e da professora cruzam-

se na beleza das narrativas científicas e literárias, que são capazes de produzir e que alimentam um outro jeito de estar no mundo.

Algumas referências (entre muitos escritos)

PRADO, Adélia. Bagagem, Imago, 1976.

_____. O coração disparado, Nova Fronteira, 1978.

_____. Terra de Santa Cruz, Nova Fronteira, 1981.

_____. A duração do dia, Record, 2010.

_____. Miserere, Record, 2013.

ALFREDO BOSI

Maiara Elis Lunkes

Alfredo Bosi nasceu em São Paulo (SP), em 26 de agosto de 1936. É casado com a psicóloga social, escritora e professora do Instituto de Psicologia da UPS, Ecléa Bosi (possui um verbete). O mesmo é formado em Letras Neolatinas – Português, Italiano, Francês e Espanhol – pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (1955 – 1958). Possui especialização em Filologia Romântica (1959), mestrado e doutorado em Literatura Italiana na mesma faculdade (1960).

Trabalhou como docente de Literatura Italiana, literatura Brasileira, orientando alunos da pós-graduação em níveis de mestrado e de doutorado na Universidade de São Paulo. Além de participar de diversas atividades administrativas, como: Membro da Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (1972-1984), membro do Conselho Editorial da Edusp (1985-1987), Diretor do Instituto de Estudos Avançados (1997-2001), Presidente da comissão de Ética da Universidade de São Paulo (2002-2003), entre outros. Atualmente, é professor aposentado e emérito de Literatura pela USP. Além de, desde 2003, ser membro da Academia Brasileira de Letras.

Bosi também teve uma atuação no exterior, realizando pesquisas nos Estados Unidos, como *fellow* da John Simon Guggenheim Memorial Foundation, em 1986, e na França, onde foi pesquisador do Institut des Textes et des Manuscrits Modernes durante três meses, em 1990. Além disso, ministrou cursos e proferiu conferências nos dois países citados, bem como na Espanha, Itália, em Cuba e no Uruguai.

Dentre sua vasta produção escrita, destaca-se “O pré-modernismo” (1966), a “História concisa da literatura brasileira” (1970),

“O conto brasileiro contemporâneo” (1975), “O ser e o tempo da poesia” (1977) – que recebeu o prêmio de Melhor ensaio de 1977, pela Associação Paulista de críticos de Arte –, “Céu, inferno” (1988), “Dialética da colonização” (1992) – também recebeu o mesmo prêmio citado anteriormente, mas agora como melhor ensaio de 1992 –, “Literatura e resistência” (2002), “Brás Cubas em três versões” (2006) e “Ideologia e contra ideologia” (2010). Além disso, Alfredo recebeu outros prêmios ao longo de sua caminhada, como: “Homem de ideias de 1992”, conferido pelo Jornal do Brasil.

Alfredo Bosi é considerado um dos maiores críticos literários do Brasil, além de também ser reconhecido por sua militância social, cultural, educacional e ambiental. Ele sempre foi um intelectual engajado, apoiando as lutas: pela redemocratização do país, defendendo a redução das desigualdades sociais, princípios éticos e de liberdade do pensamento e pesquisa da universidade, a valorização do ensino básico e de seus profissionais e a luta pelo meio ambiente, especialmente no que se refere à conservação de ecossistemas e à objeção às usinas nucleares.

A presença de Alfredo Bosi, em cartas de Brandão é perceptível em uma carta escrita pelo professor José de Souza Martins, na qual evidencia a publicação de livros sobre Florestan e o grupo de São Paulo, e, nestes, há uma entrevista que foi realizada por Alfredo Bossi e publicada na revista do Instituto de estudos avançados. Além disso, é possível acompanhar também cartas trocadas por sua mulher Ecléa Bosi.

Referências

Academia Brasileira de Letras. **Perfil Alfredo Bossi**. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/alfredo-bosi/biografia>>. Acesso em 23 jan. 2021.

FAPESP. **Alfredo Bosi**. Disponível em: <<https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/88889/alfredo-bosi/>>. Acesso em 23 jan. 2021.

Grupo Companhias das Letras. **Ilustrador: Alfredo Bosi**. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00052>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. **Alfredo Bossi**. 2013. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoaa/alfredo-bosi>>. Acesso em 23 jan. 2021.

MARTINS, Professor José de Souza [**Correspondência**]. Destinatário: Brandão. São Paulo, 4 ago. 1998.

ANGEL CRESPO

Fernanda dos Santos Paulo

Ángel Crespo, nasceu em 1926 na cidade Real, município da Espanha e faleceu no ano de 1995, m Barcelona. Um poeta apreciado pelo compromisso com a poesia crítica; e . reconhecido tradutor de poemas m vários idiomas (latim, português, italiano, francês e inglês, etc.). Em conformidade com “ Em junho de 1962, com a publicação do primeiro número, estende-se uma ponte entre o Brasil e a Espanha.” (BIGLIA, 2017, p. 3677). Ainda nas palavras de Biglia “Seu interesse pela literatura brasileira e seu encontro com o poeta João Cabral de Melo Neto a princípios de 1962 –quem convida Crespo a dirigir a Revista de cultura brasileira, preparam o terreno para a incursão do poeta na produção poética brasileira.” (2017, p. 3677). Nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão esse poeta é citado sete vezes, entre os anos de 1966 a 1980, sendo que em uma das cartas, que não há a identificação do destinatário, datada em agosto de 1966, constatamos que “Recebo cartas de Angel Crespo. Tem adiantado seu estudo sobre Praxis, e nos publicará em breve.”. Ainda, no mesmo ano, em uma carta destinada a Thelma Nava, verificamos a presença de Ángel Crespo na trajetória teórico-prática de Brandão, como pode ser observado no excerto abaixo:

O espanhol Angel Crespo é diretor de uma revista sobre o Brasil, na espar-Sol. Chama-se Revista da Cultura Brasileira e é enviada gratuitamente para quem a solicitar. Boa parte da revista é dedicada à literatura brasileira e boa parte à poesia atual. Por outro lado, a qualidade de Angel Crespo e de sua equipe torna os artigos muito sérios, além de oportunos. Ele e Pilar Gomes Bedate publicarão um importante estudo sobre João Cabral de Melo Neto, outro sobre o grupo Uoncretista, e finalmente um sobre o grupo Tendência. Eles já prepararam um estudo sobre Praxis a ser publicado em breve. Diretorj Angel Crespo Revista da Cultura Brasileira - Embaixada do Brasil, Casa do Brasil - Madri 3, Espanha. (BRANDÃO, 1966, tradução nossa).

Nos anos seguintes (1967 e 1968), Brandão em correspondências, para a mesma destinatária, cita, novamente, o poeta enfatizando o seu importante trabalho na tradução de poesias em língua

portuguesa. Brandão chegou a planejar a traduzir poemas de Crespo para publicar em uma revista brasileira

Referência

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Thelma Nava. Brasil, 19 agosto. 1966. carta pessoal.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Thelma Nava. Alexandre de Gusmão, 25 de agosto 1967. carta pessoal.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Thelma Nava. Goiânia, 5 maio 1968. carta pessoal.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Thelma Nava. Goiânia, 5 maio 1963. carta pessoal.

BIGLIA, Francielle Piuco. Ángel Crespo: Tradutor De Poesia Brasileira. In: Atas do V SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa - Simpósio 28 - Desafios e estratégias tradutórias para o século XXI e a tradução aplicada ao ensino de PLE, 3675-3694- ISBN 978-88-8305-127-2. <http://siba-ese.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento. Disponível em: <file:///C:/Users/Fernanda/Downloads/231346140.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2021.

ANA MARIA MACHADO

Terezinha Conte Piletti

Ana Maria Machado nasceu no Rio de Janeiro, em 24 de dezembro de 1941, é formada em Letras pela Universidade do Brasil, Ana Maria Machado lecionou na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Em 1969, durante o governo militar, foi presa e exilada na Europa. Nessa época, foi jornalista da revista *Elle*, em Paris, e no Serviço Brasileiro da BBC de Londres. Como jornalista, trabalhou por mais de dez anos na Rádio Jornal do Brasil. Paralelamente à atividade de jornalista, escreveu diversas histórias infantis, que, em 1976, foram publicadas em livros. Em 1977, ganhou o prêmio João de Barro. Foi uma das fundadoras, na década de 80, da primeira livraria infantil no Brasil, a *Malasartes* (no Rio de Janeiro), que existe até hoje. Nessa década, ela publicou mais de quarenta livros, e, em 1981, recebeu o *Prêmio Casa de las Américas*, com o livro *De Olho nas penas*. Após concluir sua graduação em Letras, Ana Maria viveu uma experiência educacional significativa, que influenciou de forma marcante sua arte. De acordo com Silva (2005, p. 20), a década de 60 foi

social e culturalmente promissora: podemos destacar a construção de Brasília, criação do Teatro de Arena, criação da UNE (União Nacional dos Estudantes), reforma das bases da educação, discussão do método de Paulo Freire.

No decorrer de seus cinquenta anos de carreira, escreveu obras para leitores de todas as idades e nunca deixou de promover a leitura. A convicção no poder dos livros como um meio de sonhar, enfrentar medos, desenvolver a criatividade, conhecer outras civilizações e pontos de vista marca sua trajetória. Fonte de entretenimento e de reflexão, seus livros conquistaram lugares cativos nas estantes de gerações de leitores. Ana Maria é dona de uma escrita fascinante e se descreve como uma “escutadora de histórias” e leitora voraz. Seu primeiro livro infantil é Bento-que-Bento-é-o-frade, lançado em 1977. No ano seguinte, História meio ao contrário ganhou o Prêmio Jabuti. Bisa Bia, Bisa Bel (Salamandra, 1982) recebeu o prêmio de melhor livro juvenil da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Histórias à brasileira - A Moura Torta e outras (Companhia das Letrinhas, 2002) mereceu o Prêmio Figueiredo Pimentel de melhor livro reconto da FNLIJ. Para o público adulto, a autora escreveu, entre outras obras, Alice e Ulisses (Nova Fronteira, 1983) e Pra Sempre (Record, 2001). Foi através da Literatura infanto juvenil que Ana Maria Machado se destacou como escritora. Suas obras infantis, marcadas pelas qualidades estéticas, originalidade e criatividade, abordam temas diversificados da atualidade, redefinindo posições dentro da sociedade, com reflexões sobre o papel da mulher, do homem, do negro, da criança, do índio (RAMOS, 2013). Ana Maria Machado é mencionada nas cartas de Brandão pela sua luta durante a ditadura militar, seu envolvimento com a educação popular, e, como escritora, acreditava no poder dos livros, como um meio de sonhar desenvolvendo sua criatividade.

Referências

SILVA, Claudiomiro Vieira da. (2005) A reinvenção do passado em tropical sol da liberdade - dissertação de mestrado: online. Disponível em: http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/1884/4770/1/claudiomiro_dissertacao.pdf. Acesso em: 17 de janeiro de 2021.

RAMOS, Ivana Pinto. Invenção e Reinvenção em Ana Maria Machado: do real ao maravilhoso. **Anais do SILEL**. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.

Ana Maria Machado. www.anamariamachado.com. 2020. Disponível em: <http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=0149>. Acesso em: 17 de janeiro de 2017.

ANA MARIA ARAÚJO FREIRE (Nita)

Ana Lúcia Souza de Freitas

Nascida em Recife, 1933, historiadora, mestra e doutora em educação pela PUC-SP, Ana Maria Araújo Freire é viúva e sucessora legal de Paulo Freire, autora de *Analfabetismo no Brasil* (1989) e *Paulo Freire: uma história de vida* (2006), entre outros. Participou diretamente da produção bibliográfica do educador, com a autoria das notas explicativas de três obras publicadas na década de 90: *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, 1992), *Cartas a Cristina* (FREIRE, 1994) e *À Sombra desta Mangueira* (FREIRE, 1995). Por meio de suas notas, estabelece relações entre a historicidade extrínseca e intrínseca em que se constitui o pensamento freireano, situando leitores e leitoras no contexto da vida e obra do autor. Além disso, suas notas chamam atenção para a relevância de alguns conceitos específicos, tais como *inédito-viável* e *sulear*, entre outros (FREITAS, 2019).

Após a morte de Paulo Freire, em 2 de maio de 1997, Nita vem organizando publicações, disponibilizando registros inéditos, realizando e incentivando estudos sobre o legado freireano e fomentando o debate sobre a atualidade de seu pensamento. No RS, Nita contribuiu diretamente para o movimento constituído pelo *Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire*, participando como convidada especial em três edições do evento, realizado anualmente e de modo itinerante em Instituições de Ensino Superior: a II, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em 2000; a IX, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em 2007; e a XII, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 2010. (FREITAS, 2020). Por meio de diversas ações, Nita vem trabalhando, incansavelmente, na produção da memória do legado de Paulo Freire e em defesa de sua legitimidade como Patrono da Educação Brasileira, diante dos nefastos ataques que buscam destituí-lo. Em consonância com o pensamento freireano, Nita contribui para reiterar, de modo rigorosamente afetivo, a compreensão acerca da educação como um ato político, ou seja, como forma de intervenção no mundo.

Nas cartas de Brandão, Nita é mencionada em uma correspondência pessoal dirigida a “Paulo Freire, querido amigo e sempre presente”. Datada de 30 de março de 1992, corresponde ao período em que o educa-

dor encontrava-se na Espanha, em Santiago de Compostela. A escrita revela o encantamento de Carlos Brandão pela vida no local, bem como a amorosidade da relação entre os amigos e autores, envolvendo diretamente a presença de Nita. A carta encerra com um convite para visitá-lo e conhecerem a cidade: “Vocês dois merecem um lugar belo e uma gente intensa e viva de afeto como esta. A casa dá para todos e vocês serão recebidos com vinho e carinho. [...]Não deixe de vir, não esqueça de escrever”. (BRANDÃO, 1992).

Como interlocutora direta com Carlos Rodrigues Brandão, Nita Freire tem importante participação relacionada à obra *História do menino que lia o mundo* (BRANDÃO, 2001), produzida pelo autor em articulação com o Coletivo Nacional de Educadores e Educadoras do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Após a leitura, Nita manifestou-se por meio de correspondência eletrônica, expressando sua imensa satisfação. “Você traduziu com simplicidade e beleza o que Paulo foi, e continua sendo para os que querem mudar o mundo. [...] Sinto que as almas meninas - a sua e a dele - se encontraram neste texto... com serenidade e paixão. (FREIRE, Ana; s/data). Posteriormente, publica com Carlos Brandão uma versão ampliada da referida obra, que passou a intitular-se *Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de lutas e de palavras*. Na introdução, o autor afirma: “Na *História do menino que lia o mundo*, o livrinho (bem menor do que este) escrito para o MST, a ajuda de Roseli Salete Caldart foi muito importante. Para escrever este, um livro bem maior e mais completo, a participação de Ana Maria Araújo Freire foi também muito grande”. (BRANDÃO, 2005, p. 8). A referida publicação integra a Coleção Paulo Freire, da Editora Unesp, e também por este motivo é representativa da interlocução de Nita Freire com Carlos Rodrigues Brandão no âmbito da produção da Educação Popular freireana.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Paulo Freire. Porto Alegre, 30 março. 1979. 30 março 1992. Carta pessoal.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **História do menino que lia o mundo**. Veranópolis, RS: ITERRA, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; participação de Ana Maria Araújo Freire. **Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de lutas e de palavras**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. (Série Paulo Freire).

FREIRE, Ana Maria Araújo. [Correspondência]. Destinatário: Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo. E-mail pessoal. Sem data.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Analfabetismo no Brasil** – da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: uma História de Vida**. Idaia-tuba, São Paulo: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho D'Água, 1995.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma educadora pesquisadora: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire**. – São Paulo: BT Acadêmica; Porto Alegre: Poiesis & Poiética Casa Publicadora, 2020.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Ana Maria Araújo Freire. (Verbetes) In: PITANO, Sandro de Castro; STRECK, Danilo Romeu; MORETTI, Cheron Zanini (orgs.). **Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica**. 1. ed. - Curitiba: Appris, 2019, p. 55-57.

ANTONIO AUGUSTO ARANTES NETO

Patrícia Dorneles

Na carta de 21 de abril de 1981, direcionada ao companheiro Martins, Brandão lamenta um projeto de publicação que reunia um conjunto de contribuições sobre cultura popular. Nesta carta, cita Antonio Augusto Arantes, que seria responsável por um texto sobre Arte Popular e Política. No mesmo ano, Arantes, assim como o Brandão, participou da coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense, com a publicação de um ensaio “O Que é Cultura Popular?” O pequeno livro de bolso, identificado com o nº 36 da coleção, continua a ser reeditado.

Iniciando seus estudos, na década de 60, sobre o sertão enquanto metáfora, identificou-se, no período, com um conjunto de intelectuais e instituições que atuavam na perspectiva de um processo de mudança da cultura política que buscava a representação de um país maduro para uma política qualitativa, como diz. Os Centros Populares de Cultura – CPC, a União Nacional dos Estudantes – UNE, a mobilização das ligas camponesas, que lutavam pelos direitos dos trabalhadores rurais em Pernambuco e em outras partes do Nordeste, foram elementos significativos, como afirma Arantes, para sua tomada de consciência enquanto antropólogo, porque viu na pesquisa e na escrita uma forma de se aproximar desta realidade. O desejo de transformar a realidade humana do país necessitava de um redirecionamento, e é nesta perspectiva que Arantes destaca que a Antropologia pôde contribuir muito para o avanço do processo histórico brasileiro, desenvolvendo estudos a partir da perspectiva das classes populares, das condições reais de existência, valores e crenças de populações e grupos sociais que viviam na periferia das cidades ou no campo, contribuíram para aproximar o trabalho acadêmico da mobilização política.

Ao nos debruçarmos sobre a trajetória de Antonio Augusto Arantes Neto, observa-se a sua contribuição de riquíssima produção intelectual, sua dedicação à Antropologia no Brasil e sua contribuição com a política pública. Arantes tem tecido relações entre o contexto político e institucional e sua diversificada e significativa produção científica. Percorre diferentes temas, lugares que transitam do campesinato e o sertão, a literatura de cordel e a produção cultural. Contribuiu ativamente para o reconhecimento da Antropologia no meio acadêmico e político.

Antonio Augusto Arantes Neto nasceu em São Paulo. Obteve o título de Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo – USP, em 1965. Tornou-se Mestre em Antropologia pela mesma universidade, em 1969. Concluiu seu doutorado em Antropologia Social pelo King’s College, da Universidade de Cambridge, em 1978. Foi um dos criadores do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, ao qual está vinculado desde 1968. Entre outras contribuições, foi presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico (CONDEPHAAT) do Estado de São Paulo entre 1983 e 1984, e Secretário Municipal de Cultura de Campinas. Presidiu a Associação Brasileira de Antropologia – ABA, de 1988 a 1990, e foi secretário-geral da Associação Latino-americana de Antropologia, ente os anos de 1990 e 1993. Foi presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, de 2004 a 2006. Colaborou com a UNESCO na elaboração e implementação da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Intangível 2000-2014. Tem vários

livros e artigos publicados no Brasil e no exterior, sobre cultura e política. Atualmente, é professor titular convidado de Antropologia da Unicamp.

Referências

ARANTES, Antonio Augusto – Entrevista – Memória das Ciências Sociais no Brasil – Fundação Getúlio Vargas - FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC <https://cpdoc.fgv.br/cientistassociais/antonioarantes>

D. FERIANI, G. ANTUNES, J CARNEIRO - De peito aberto. Trânsitos entre o rural e o urbano, a academia e o “mundo lá fora”, o campo e a escrita, o texto e a imagem. Entrevista com Antonio Arantes – PROA – Revista de Antropologia e Arte – Campinas, nº7, Vol.2, p.238-261 – Jul/dez – 2017.

ANTONIO CANDIDO

Isaura Isabel Conte

Antonio Candido (1918-2017). Sociólogo ou crítico literário? Professor. Sem dúvida, comprometido com as questões do Brasil. Atuou na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP por 50 anos (1942-1992). Estudioso da temática da formação do Brasil, junto a Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. A USP prefere o descrever, primeiramente, como crítico literário, grande contribuidor à cultura brasileira, e Carlos Rodrigues Brandão, dito seu seguidor, o descreve primeiro como Sociólogo, que depois vai virar especialista em literatura.

Suas principais obras são *Os Parceiros do Rio Bonito* (tese de 1954, transformada em livro em 1964) e *Formação da Literatura Brasileira*, do ano de 1959. Outras obras são: *Literatura e Sociedade*; *O Discurso e a Cidade*; *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*; *Presença da Literatura Brasileira*; *Romantismo no Brasil*; *O Estudo Analítico do Poema*; *Ficção e Confissão: ensaios sobre a obra de Graciliano Ramos*; *Tese e Antítese*; *O Método Crítico de Silvio Romero*; *Na Sala de Aula: cadernos de análise literária*; *Iniciação à Literatura Brasileira*; *O Albatroz Chinês*; *Teresina*; *Do Romantismo ao Simbolismo*; *Ensayos y Comentarios*; *Teresina e Seus Amigos*; *Um Funcionário Monarquista: ensaio sobre o segundo escalão*; *Melhores Poemas de Álvares de Azevedo*; *Vários Escritos*; *Recortes*; *Florestan Fernandes*; *Pensamento e Militância*, entre outros. Em 1943, começa a escrever na *Folha da Manhã*, e um ano mais tarde, no

Diário de São Paulo, sendo que uma parte desses escritos foram publicados em *Brigada Ligeira*, de 1945, e *Observador Literário*, de 1959.

Em entrevista de Carlos Rodrigues Brandão a Martinello (2010), Brandão fala com muita proximidade de Candido, enfatizando que, por onde passou, como professor, seus alunos leram *Os Parceiros*, afirmando ser herdeiro dessa Obra, por meio da qual é tido como uma espécie de pai nos estudos sobre o mundo rural e a própria sociologia rural brasileira. Ele faz a superação do modo como vinha sendo feita a pesquisa e a análise sobre comunidades no Brasil, sobretudo por autores estrangeiros, passando de uma leitura estática e muito parecida entre os vários trabalhos a uma perspectiva de produção e sustentabilidade da vida (do caipira). Em *Os Parceiros* é defendida a ideia de democratização da terra a grupos sociais, sendo essencial para se reproduzirem, assim como não deixa de abordar a concentração desigual de terra no Brasil.

Em 04 de agosto de 1998, José de Souza Martins escreve uma carta a Brandão, na qual fala de uma homenagem que a USP estava preparando para Candido, acrescentando que não poderia se fazer presente, mas que havia preparado um artigo em homenagem a ele para publicar no jornal *O Estado de São Paulo*, de nove de agosto. Ademais, na carta, Martins menciona que seu livro *Florestan – sociologia e consciência social no Brasil*, que estava sendo editado pela Edusp, trazia um capítulo sobre “Os Parceiros do Rio Bonito e a importância de Candido na ‘escola sociológica de São Paulo’”. Assim, percebe-se a interlocução entre Brandão, José de S. Martins e Florestan Fernandes sobre Candido.

Concluindo este verbete, não poderia deixar de mencionar o que em minha percepção é um grande ponto de aproximação entre Candido e Brandão: o debate sobre folclore e cultura (popular) brasileira. Também não poderia deixar de citar diretamente a obra *Os Parceiros*. “E assim foi que tendo partido da teoria literária e do folclore, o trabalho lançou uma derivante para o lado da sociologia dos meios de vida; e quando esta chegou ao fim, terminou pelo desejo desta assumir uma posição em face das condições descritas” (1998, p. 09).

Referências

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 8. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

MARTINELLO, André Souza. **O cotidiano em mudança**. O rural brasileiro a partir da obra de Carlos Rodrigues Brandão. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Universidade Federal do Rio Grande

do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/40246/000821259.pdf?sequence=1>>. Acesso em 15 abr. 2020.

MARTINS, José de Souza. [Carta]. 04 ago. 1998, São Paulo [para] BRANDÃO, Carlos Rodrigues. São Paulo. 1fl. Fala da homenagem a ser feita a Antonio Candido.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Jornal da USP. **A vida, a obra e o legado de Antonio Candido.** Disponível em: <<https://jornal.usp.br/cultura/a-vida-a-obra-e-o-legado-de-antonio-candido/>>. Acesso em 16 abr. 2020.

_____. _____. **A crítica empenhada.** Disponível em: <<http://jornal.usp.br/artigos/acritica-empenhada/>>. Acesso em 16 abr. 2020.

AUGUSTO NICOLÁS CALDERÓN SANDINO

Vlamir do Nascimento Seabra

Carlos Rodrigues Brandão, um militante convicto sobre as causas dos mais pobres da América Latina, recebe informações sobre os movimentos revolucionários da Nicarágua, que têm inspiração nas lutas revolucionárias de Sandino na década de 1930. Dessa forma, faz-se necessário e importante entender como se originaram as convicções revolucionárias de Sandino.

Sandino, registrado Augusto Nicolás Calderón Sandino na vila de Niquino homo (departamento de Masaya-Nicaragua), foi o filho de Gregorio Sandino, cafeicultor, e Margarita Calderón, uma das empregadas nas plantações de seu pai. Após viver com sua mãe até os nove anos, se mudou e passou a viver na casa de seu pai. Em 1921, mudou-se para Honduras, e, em 1923, para o México, onde encontrou emprego em uma refinaria da Standard Oil (Esso) próxima ao porto de Tampico. Lá, ele se envolveu com vários grupos: anti-imperialistas, anarquistas, e revolucionários comunistas. Sendo bastante influenciado pelo movimento Indigenista que emergiu na Revolução Mexicana, que apoiava a cultura e herança indígena da América Latina.

Retornando à Nicarágua em 1925, participa da Guerra Constitucionalista, quando soldados liberais no porto caribenho de Puerto Cabezas se revoltaram contra o governo do presidente conservador Adolfo Díaz, apoiado pelo Estados Unidos após um golpe de Estado. O líder desta revolta era o general José María Moncada, que declarou apoio ao vice-presidente liberal Juan Batista Sacasa, o qual se declarou presidente de um governo "constitucional", reconhecido pelo México. Sandino conseguiu apoio de fazendeiros locais, que se juntaram ao seu exército constitucionalista. Com financiamento do governo do México, esse Exército conseguiu diversas vitórias. Com apoio dos EUA, foi realizado um cessar fogo, que criou a Guarda Nacional, e, ao mesmo tempo, a intervenção militar americana através de um batalhão de Marines.

Sandino se recusou a assinar este acordo, pois considerava traição da revolução liberal, e declarou guerra aos Estados Unidos, na qual descrevia como o colosso do norte e o inimigo de nossa raça indígena. Após algumas derrotas no confronto com os marines americanos, o Exército de Sandino aprendeu com seus erros, e passaram a utilizar a estratégia de emboscadas, incursões surpresa, alcançando bastante sucesso. Com seu sucesso, ele mudou seu nome para Augusto César Sandino, e renomeou seu grupo de seguidores para O Exército de Defesa da Soberania Nacional da Nicarágua.

Sandino mobilizou toda a América Latina com seus ideais revolucionários e de apoio às causas indígenas. As principais reivindicações de Sandino eram a renúncia do presidente Díaz, a retirada das tropas estado-unidenses, novas eleições supervisionadas por países latino-americanos e a supressão do Tratado Bryan-Chamorro, que dava aos EUA direitos de exclusividade na construção de um canal através da Nicarágua. As eleições, que foram realizadas sob a supervisão dos militares estado-unidenses, em outubro de 1928, e que levaram à eleição de José Maria Moncada, foram um grande revés para a afirmação de Sandino de que agia em defesa da revolução liberal; após a eleição, Sandino encerrou as negociações com seu antigo rival, declarando inconstitucionais as eleições. Em uma carta escrita para o presidente argentino Hipólito Yrigoyen, em março de 1929, intitulada Plano para realização do Sonho Bolivariano, Sandino descreveu um projeto político ainda mais ambicioso. Ele propôs uma conferência de todas as nações latino-americanas, em Buenos Aires, para trabalhar em direção a sua unificação política em uma entidade que chamou de Federação Indo-Latino-americana Continental e Antilhana, para resistir contra a dominação estadunidense e garantir que o futuro Canal da Nicarágua permanecesse sob controle latino-americano.

Com o crescimento do sucesso de Sandino, ele começou a receber gestos simbólicos de ajuda da União Soviética e da Comintern. A Liga Panamericana Antiimperialista, a qual era supervisionada pelo Bureau Sulamericano da Comintern, que escreveu diversas mensagens de apoio a Sandino. Após discordâncias políticas com o governo Mexicano, cortou-se grande parte do suprimento de armamento das forças de Sandino, deixando-o cada vez mais isolado de potenciais ajudas externas. Em uma tentativa de garantir suporte militar e financeiro, escreveu várias cartas a líderes latino-americanos. Após receber uma oferta de asilo por parte do presidente mexicano Emilio Portes Gil, Sandino deixou a Nicarágua em junho de 1929, ficando confinado em Mérida, permanecendo por mais de um ano.

Durante seu exílio, passou a participar da Escola Magnético-Espiritualista da Comuna Universal (EMECU). Fundada em Buenos Aires, em 1911, por um eletricitista basco, Joaquin Trincado, a EMECU misturava ideais anarquistas com uma cosmologia que era uma síntese idiossincrática do zoroastrismo, cabala e espiritismo. Rejeitando não apenas o Capitalismo, mas também o Comunismo Bolchevique, Trincado criou seu próprio tipo de comunismo, centrado em um 'Espiritismo da Luz e da Verdade' que iria suceder todas as religiões existentes no estágio final da história da humanidade, estabelecendo a 'comuna universal', na qual a propriedade privada e o estado seriam abolidos, o ódio causado por falsas religiões desapareceria e toda a humanidade seria parte de apenas uma raça (hispânica) e teria uma única língua (espanhol). Em fevereiro de 1931, Sandino escreveu seu 'Manifesto da Luz e da Verdade', o qual refletia o tom neomilenar em suas crenças. Este manifesto proclamava a chegada do Juízo Final, que testemunharia "a destruição da injustiça na Terra e o Reino do Espírito de Luz e Verdade, que é o Amor".

Após as eleições de 1933 os Marines deixaram a Nicarágua, ao dar a posse ao presidente Juan Bautista Sacasa. Sandino encontrou-se com Sacasa em Manágua no mês seguinte, durante o qual ele ofereceu sua lealdade ao presidente e concordava em ordenar a entrega de armas de seus homens. Em troca, Sacasa garantiria anistia aos soldados de Sandino, além do controle sobre uma grande parte do departamento de Jinotega, ao qual poderiam se mudar com suas famílias e receberiam fundos para estabelecer fazendas comunais. Mas, por fim, ele foi enganado e traído por ordem de Somoza, quando retornava de uma nova rodada de encontros com Sacasa, e executado em Manágua, no dia 21 de fevereiro de 1934, pela Guarda Nacional, sob o comando de Anastasio Somoza García. No dia seguinte, os soldados da Guarda se deslocaram até as cooperativas e massacraram seus habitantes. Dois anos depois, Somoza García forçou Sacasa a renunciar e declarou-se presidente, estabelecendo

uma dinastia que dominaria a Nicarágua durante as quatro décadas seguintes. Em 1979, seu filho, Anastasio Somoza Debayle, foi derrubado pela Frente Sandinista de Libertação Nacional, um grupo revolucionário Marxista que usou o nome de Sandino, e que foi fundada originalmente em 1961 por Carlos Fonseca e Tomás Borge, entre outros, mais tarde sendo liderada por Daniel Ortega.

Referências

GILBERT, Dennis, 1988. Sandinistas: O partido e a revolução. Massa: Basil Blackwell.

MUSICANT, Ivan (1990). As guerras da banana: uma história da intervenção militar dos Estados Unidos na América Latina, desde a guerra hispano-americana até a invasão do Panamá. Nova York: MacMillan Publishing. ISBN 978-0-02-588210-2.

SANDINO, Augusto César (1984). "Introduccion, Seleccion y Notas de Sergio Ramirez". Em Ramirez, Sergio (ed.). Augusto C. Sandino: el pensamiento vivo (em espanhol). Tomo 1 (2ª ed.). Manágua: Editorial Nueva Nicaragua.

ANTÔNIO MUNIZ REZENDE

Jacyara Silva de Paiva

O professor Antônio Muniz Rezende é Mineiro, nascido em Tupaciguara, nas margens do Rio Paranaíba; estudou com padres dominicanos franceses, e, aos 14 anos, já falava francês, indo para a França em 1948, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial. No início dos anos 60, foi professor na Universidade Católica de Belo Horizonte, e enfrentou a repressão militar, o que o obrigou a sair do país; voltou somente em 1975, quando foi para Campinas a convite da Unicamp, por sugestão do professor Newton Aquiles Von Zubem, para lecionar Filosofia da Cultura na Unicamp. Em 1976, recebe o desafio de elevar o status da Faculdade de Educação da Unicamp ao nível dos Institutos de Física, Biologia e Matemática. Sendo assim, Rezende dedicava-se à política universitária, e tinha a concepção de educação como aprendizado da cultura, sendo Diretor da Faculdade de Educação na Unicamp, de 1976 a 1980.

Com a influência política de Rezende, a faculdade passou a contratar mais filósofos, historiadores e cientistas sociais do que especialistas em educação, e, assim, reunia nomes como Demerval Saviani, Rubem Alves, Régis Francisco de Moraes, Antonio Joaquim Severino, Moacir Gadotti, Evaldo Amaro Vieira e, mais tarde, o nosso atual patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire.

Quando foi nomeado Diretor da Faculdade de Educação, em 1976, perguntou: “quais os melhores educadores brasileiros do momento? Rubem Alves, Paulo Freire, entre outros. Pois mandem buscá-los”; o convite foi feito e eles aceitaram.

Segundo Antônio Rezende, uma característica tanto de Paulo Freire como de Rubem Alves era a preocupação com a qualidade de vida da população brasileira. O Rubem Alves trabalhando a instituição universitária, e Paulo Freire a cultura popular, mas os dois preocupados com a revolução cultural.

Antônio Rezende realizava uma gestão democrática, sempre buscando apoio no Conselho Interdepartamental, atuou intensamente em greves contra o governo Maluf, em 1978 e 1979.

Junto com os professores Rubem Alves e Amélia Domingues de Castro, Antônio Rezende fazia parte do grupo de pareceristas no processo de homologação de Paulo Freire como professor titular da Unicamp, cuja condição foi questionada pelo Conselho Universitário; a solicitação de contratação de Paulo Freire em nível MS-6 (topo do magistério superior) demorou cinco anos para ser homologada; segundo a professora Débora Mazza, atual diretora associada da FE, os pareceristas foram primos em seus pareceres, e o professor Antônio Muniz Rezende enalteceu o aprendizado não só com as obras de Paulo Freire, mas também na convivência cotidiana, humildade, generosidade do trato e disponibilidade de estar junto a movimentos sociais e grupos de alfabetização de adultos.

O professor Antônio Muniz de Rezende, doutor em filosofia pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, em Roma, é, hoje, professor titular aposentado da faculdade de Educação da Unicamp; psicanalista ainda em atividade e referência nos estudos de psicanálise no Brasil, é autor de diversas obras sobre o tema; além disso, é o autor das seguintes obras: *Iniciação teórica e práticas às ciências da educação*, pela editora Vozes, *O saber e o poder na universidade: Dominação ou serviço?* e *Concepção fenomenológica da educação*, ambos pela editora Cortez, além de ser um dos organizadores da obra *Curso de Filosofia para professores e alunos dos cursos do ensino médio e graduação*, pela editora Zahar.

Referências

[https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2019/05/28/paulo-freire-da-nome-ao-predio-principal-da-educacao.](https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2019/05/28/paulo-freire-da-nome-ao-predio-principal-da-educacao)

https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/julho2006/ju331_pag03.html

https://www.researchgate.net/publication/311501165_Rubem_Alves_A_migo_Companheiro_Irmao

BEATRIZ BEBIANO COSTA

Fernanda dos Santos Paulo

Beatriz Costa, uma mulher que marcou história na Educação Popular crítica. Trabalhou no Movimento de Educação de Base (MEB) e tem contribuições potentes acerca da Educação Popular, sobretudo a partir de metodologias participativas com sistematização de experiências. No trabalho com história e memória, gostava de realizar a atividade de sínteses para registros de experiências educativas. Um exemplo é o trabalho como sistematizadora de práticas pedagógicas realizadas no Centro de Trabalho e Cultura. Também tem experiência com sistematização de práticas educativas no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Ela diz que as histórias são tecidas “não apenas nas lutas explícitas e diretas [...] como também nas formas de expressão artística, nas festas, [...] com companheiros de trabalho, nas formas de organização, etc.”. (COSTA, 1987, p. 29 - 30).

Utilizava o conceito de Educação Popular dentro e fora da sala de aula. A equipe que fazia parte dos trabalhos de Educação Popular acreditava que o conceito de Educação Popular tem a ver com “os modos de sentir, de querer e de atuar, nas salas de aula e na administração do cotidiano e da vida em geral.” (SALES, 2002, p. 29).

Conhecida pelos educadores de seu tempo, pela sua participação no Assessoramento e Avaliação em Educação (NOVA). Duas publicações se destacam: “*Criando o Saber*” e “*Para analisar uma prática de educação popular; educação popular: um depoimento*”, da Série/Coleção “Cadernos de educação popular 1”. Neste, encontramos as relações entre Educação Popular e prática social: “O que estamos querendo dizer quando falamos em prática social? Do nosso ponto de vista, o que diferencia uma prática social da outra é aquilo que cada uma delas transforma (produz, cria,

elabora) na sociedade, dentro de relações sociais dadas.” (COSTA; WEID, 1987, p.8).

Beatriz Costa é, no entanto, uma mulher teórico-prática ainda invisibilizada na história da Educação Popular. Contudo, tem visibilidade nas correspondências de Carlos Rodrigues Brandão, sendo citada quando o educador escreve sobre o MEB. Brandão faz referência ao material “*MEB: uma história de muitos,*” organizado por Maria Aida Bezerra Costa, Beatriz Costa e Vera Jaccoud (1986). Na referida publicação, há depoimentos de participantes do MEB, cuja maioria tinha relação com os movimentos de igreja, como JUC e JOC (COSTA; JACCOUD; COSTA, 1986).

Importante destacar que, no campo teórico e prático da Educação Popular, o sentido emancipatório/libertador está evidenciado nas referências bibliográficas e nas cartas em que Brandão menciona a educadora. Diz, ele, que seu trabalho marcou época, numa direção mais à esquerda, e que vale conhecer a publicação do NOVA. (BRANDÃO, Entrevista, 2017). A presença de Beatriz, em cartas de Brandão, explicita a prática social política de trabalhos com Educação Popular e suas atuações como assessores desses processos.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. História da Educação Popular. Entrevista concedida a Fernanda dos Santos Paulo. 2017. (finalidade - pesquisa de doutorado). Disponível com a pesquisadora.

COSTA, Maria Aída Bezerra; JACCOUD, Vera; COSTA, Beatriz. **MEB: uma história de muitos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

COSTA, Beatriz; WEID, Bernard Von de. **Para analisar uma prática de educação popular; educação popular: um depoimento**. Rio de Janeiro, Editora: Editora Vozes/ Nova - Ano de Publicação: 1987. (Série/Coleção: **Cadernos de educação popular**).

SALES, Evandro da Costa. (Org). Centro de Trabalho e Cultural (Sobral, PB) **CTC: 35 anos criando Saberes**. Recife: COMUN1GRAE 2002.

BERTOLINO ALVES DO NASCIMENTO

Luiz Gonzaga Gonçalves



No dia 11 de outubro de 2021, o professor Bertolino completará 75 anos de uma existência movimentada, tendo nascido no povoado de Conchas, situado a 40 quilômetros de Juazeiro, na estrada que liga Juazeiro a Curaçá, Bahia. Em 1953, com a morte de sua mãe Maria Alves do Nascimento, aos sete anos mudou-se para a rua Cantagalo, nº 1, em Juazeiro, residência de sua madrinha de batismo, Dona Amélia. Estudou no Colégio Estadual Rui Barbosa, sob a direção do professor Muniz, conhecido por sua linha dura. O professor de latim dizia: se Bertolino não fosse displicente seria o melhor aluno da sala.

Retornou ao seu convívio familiar em Conchas em 1962, por não suportar a ausência dos amigos, a vida presa em casa, não suportava a ausência de liberdade para sua fase de namoro. Quando retornou para casa estava cursando a segunda série do chamado ginásial. Em Conchas, com os conhecimentos adquiridos na cidade e influenciado pelos ensinamentos de sua madrinha, decidiu promover um projeto de luta e participação em prol do desenvolvimento de sua comunidade.

Como professor leigo manteve contato direto com a criança e o jovem e até o adulto de seu contexto comunitário. Quando publicou seu livro em 1986, prefaciado por Carlos Rodrigues Brandão, já acumulava uma experiência de 20 anos como professor. Na mesma época, era secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Juazeiro, filiado à Central Única dos Trabalhadores. Era, também filiado ao Partido dos Trabalhadores.

No prefácio do livro **“O ontem, o hoje e o amanhã, nasce uma Comunidade”** (1989), Carlos Brandão se recorda de um encontro com Paulo Freire em Campinas, falavam do Antônio Cicero, o Ciço, do Sul de

Minas. De Antônio Cícero ficou registrada sua tirada sagaz sobre o que a educação faz e deixa de fazer, algo que temos até hoje nos inesquecíveis prefácio e posfácio do livro **“A questão política da educação popular”** (BRANDÃO, BEZERRA,1983).

Falando de Cícero, Carlos Brandão relatou a Paulo Freire sobre sua ida a Conchas (Na ocasião, Carlos Brandão participava de encontro de formação solicitada pela da Diocese de Juazeiro), no sertão da Bahia, onde se encontrou com o Bertolino, na festa do lançamento de livro que, certamente, não veria outro igual. Sua conclusão era a de que viu em Bertolino, em pouco tempo de conversa, uma curiosidade muito viva, uma rara força, um desejo de saber a razão de tudo. Dizia a Paulo Freire que **“estava certo que conversava afinal com um desses homens sábios por si próprios, sem serem sabedores de ciência alguma, fora o que se aprende com a vida e com os poucos livros e encontros que é possível ter nas mãos ou dentro de uma sala, neste Nordeste árido e difícil”**.

Em seu livro, Bertolino destacava em seu currículo dois encontros inesquecíveis. O primeiro deles foi em Brasília, com mais três mil pessoas, exigindo, frente ao Palácio Presidencial, a Reforma Agrária, mesmo diante das escopetas e cassetetes dos militares. O segundo encontro inesquecível gerou muitos frutos, convidado pela pastoral e pelo bispo D. José Rodrigues, da Diocese de Juazeiro, esteve naquela famosa semana de estudos de abril de 1983, com Paulo Freire acompanhado por sua esposa, Elza Freire.

O professor Bertolino avalia que, graças a Paulo Freire, a partir de 1983, muita névoa que envolvia sua visão foi dissipada e novos horizontes se abriram em sua mente. O professor de Conchas saiu particularmente desafiado pelas palavras de Freire, de que a história tem sido contada pelos detentores do poder, com o propósito de gerar um saber na sociedade capaz de justificar a não mudança, com o fim de manter uma ordem desigual e injusta de mundo. Saiu decidido a dar sua contribuição, mesmo modesta, de apresentar uma história “dos de baixo”, de seu universo de vida e de trabalho educacional e político.

Quando eu soube do projeto do Bertolino, ele já tinha alguns cadernos escritos à mão. Meu trabalho consistiu na datilografia e na apresentação de sugestões para a exposição em livro, do que ele pacientemente anotou de seu inventário do mundo da vida, em Conchas. A ideia foi manter o texto fiel ao que o autor pretendia expressar.

Bertolino ouviu as mulheres e homens, os idosos do lugar, interrogou a respeito daquilo que mantinha Conchas em pé, apesar das adversidades que afligia sua população desde outros tempos. Com perguntas certas, fez aparecer os problemas antigos: a concentração da terra na mão de poucos, as prestações de serviços mal pagos, a destruição da

flora local para servir aos patrões, do enfrentamento das secas notórias etc. Também descreveu as redes de serviço comunitárias, bem preciosíssimo para a saúde, o parto das crianças, a alimentação, para os antigos mutirões, para a construção das casas, para as crenças da população local, as festas, esportes e relações amorosas dos jovens etc.

Nos momentos de levantar as informações o autor convocava as pessoas idosas e os jovens a participar e a opinar. Nas palavras de Carlos Brandão, Bertolino **“é um observador participante rigoroso e espontâneo e, assim, reúne em sua pessoa as duas maiores qualidades de quem quer captar a vida e a cultura de nossas comunidades”**.

Naquela tarde festiva do lançamento do livro, Carlos Brandão ainda conheceu e gravou uma Roda de São Gonçalo. Segundo suas palavras, **“em reuniões e conversas como outros amigos e educadores, aqui no Brasil ou em outros países da América Latina, eu falava do professor Bertolino, do seu livro, de sua deslumbrada alegria, que em nada o impedia de ser arguto e crítico em tudo, de sua coragem de ser”**.

Como secretário do sindicato dos trabalhadores rurais de Juazeiro, Bertolino conhecia os projetos do governo, de cima para baixo, com a construção da Barragem de Sobradinho. Ele critica no livro os recursos públicos que favoreciam os ricos e poderosos, a partir da expropriação e do sofrimento dos posseiros e criadores tradicionais.

Alguns **provérbios e sabenças populares** registrados em **Conchas**, por Bertolino:

- A justiça, para ser correta, começa em casa;
- A vida boa não quer pressa;
- Mais vale um amigo na praça do que dinheiro na caixa;
- Muita ganância espanta a felicidade;
- Primeiro a obrigação depois a devoção;
- A aranha vive do que tece.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues e BEZERRA, Aída. **A questão política da Educação Popular**. Petrópolis, Vozes, 1983.

NASCIMENTO, Bertolino Alves. **O ontem, o hoje e o amanhã, nasce uma Comunidade**. Juazeiro, Prefeitura Municipal de Juazeiro, 1989.

Eugen Bertholt Friedrich Brecht nasceu em Augsburg, no estado livre da Baviera, no extremo sul da Alemanha, em 10 de fevereiro de 1898, e morreu em Berlim Oriental, em 14 de agosto de 1956, vítima de um ataque cardíaco. Teve, portanto, a vida atravessada pelos acontecimentos mais dramáticos do século XX: viveu as duas guerras mundiais, a ascensão do nazismo, a divisão da Alemanha e boa parte da Guerra Fria.

Filho de pai católico e mãe protestante, estudou medicina e trabalhou como enfermeiro em um hospital em Munique durante a Primeira Guerra Mundial. Essas ambiências sociais, culturais e políticas certamente influenciaram sua vasta e significativa obra como escritor, poeta e dramaturgo que contribuiu de forma definitiva para os rumos do teatro e do pensamento contemporâneo no sentido da conscientização e da politização.

Ao final da década de 1920, tornou-se marxista e viveu o período intenso das mobilizações da República de Weimar, desenvolvendo o seu *teatro épico* em diálogo com diferentes experimentos teatrais alemães, russos e chineses, cujo cunho narrativo da obra somente completa-se no palco, daí a importância que a encenação tem para os textos brechtianos. Nesse sentido, é na atitude dos atores, do cenário, da música, dos sons e até do silêncio que seu pensamento se completa, causando impacto e reflexão sobre as questões sociais e sobre o próprio sistema capitalista, arma de conscientização e politização.

Com a eleição de Hitler, a ascensão nazista e a perseguição ao pensamento livre e a toda diversidade, deixou a Alemanha em 1933, vivendo na Áustria, Suíça, Dinamarca, Finlândia, Suécia, Inglaterra, França e Rússia. Nesse período, criou importantes obras como *Terror e Miséria do Terceiro Reich*, *Mãe Coragem e seus filhos* e *A vida de Galileu*, sendo que esta última poderia servir de exemplo e conselho aos intelectuais alemães tentados a submeter-se aos chefes nazistas. Seus textos e montagens o fizeram conhecido mundialmente

Com o avanço das forças nazistas sobre os países europeus, vai para os EUA, em 1941, passando a viver em Nova York. Terminada a guerra, retorna à Europa, em 1947, voltando a morar em Berlim.

Na construção de suas cartas e na pulsação de seu pensamento livre e criador de outras realidades, Carlos Rodrigues Brandão encontra Bertolt Brecht, e pode-se dizer influenciado por ele, como todos que sonham com outros mundos possíveis. Escrevendo para seus amigos sobre

o Projeto da Casa Amarela, evoca os versos de Brecht, *fôssemos infinitos, tudo mudaria, como somos finitos, muito permanece*, antevendo nos idos de 2004 as permanências de sua própria obra. Também escreve a amigos queridos do MST, em um dia de formatura, em 2001, evocando os versos Brecht para falar do educador que não morre *pois semeia nas almas e escreve nos espíritos*.

Referências

BRECHT, Bertolt. Peças Teatrais (coleção). 12 volumes. Teatro Completo. Ed. Paz e Terra, 1995.

_____. Seleção de Poesias, textos e teatro. São Paulo: Dinossauro, 1999. Peças de Teatro: Tambores da Noite (1922), Baal (1922), Vida de Eduardo II da Inglaterra (1923), Na Selva da Cidade (1924)

BRÁULIO NASCIMENTO

Vanessa Porciuncula

Bráulio do Nascimento nasceu em João Pessoa, no dia 22 de março de 1924. Filho de Francisco Feliciano, sargento escrevente do exército, e Elizabete Ribeiro do Nascimento. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 26 de setembro de 2016. Era paraibano, negro, radicado no Rio de Janeiro. Participou ativamente na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDBF), tornando-se diretor do então Instituto Nacional do Folclore de 1974 a 1982, hoje CNFCP, promovendo grandes impactos no campo dos estudos de folclore em Sergipe, compartilhando leituras que, mais tarde, contribuíram para a institucionalização do folclore brasileiro (SOUZA, 2019).

No Rio de Janeiro, concluiu seus estudos em Línguas Neolatinas, pela Faculdade Nacional de Filosofia vinculada à Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi professor, jornalista, crítico literário e folclorista, especialista em romances e contos populares.

Carlos Rodrigues Brandão dedica a obra *Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais* a Maria de Lourdes Borges Ribeiro e para Bráulio do Nascimento, como uma forma de agradecer o apoio recebido para a realização da obra. (BRANDÃO, 1981). Nas cartas de Brandão, Bráulio é mencionado uma vez, como destinatário, por ocasião do convite para que Brandão visitasse a Festa do

Folclore, no ano de 1978. E, Bráulio também é mencionado em uma carta escrita por Lourdes Borges Ribeiro, direcionada a Carlos Rodrigues Brandão, no ano de 1980, na qual ela informa a Brandão que entregou sua carta ao amigo Bráulio. Os diálogos revelam uma admiração e companheirismo, bem como um interesse particular sobre os temas que envolvem as Culturas Populares e suas latentes potencialidades no processo de emancipação popular.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981.

SOUZA, Jean Costa. **“O culto à tradição de nossa gente”: a fabricação do folclore sergipano em exposições museológicas (1948-1976)**. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Culturas Populares) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. 157 p.

CARITAS: AS ANDANÇAS DE JOANA E IVO POLETTO E SUAS CARTAS A BRANDÃO

Catarina Elóia da Rosa Machado

Vejo **diante de mim um cata-vento, e imagino que ele seja a melhor metáfora do que devemos buscar ser, pensar e praticar**. Mas, do que vale um cata-vento imóvel, a não ser como um adorno de parede ou uma espera nas mãos da criança? E eis que quando a criança move o corpo, corre com ele e chama o vento, **então o ser do cata-vento se revela**. (...) Ele se move, gira, roda e faz cada pá ser todas as outras. **Somos um cata-vento de palavras, propósitos, projetos e processos**. Cada “aba-de-quem-somos” em sua individual vocação possui a sua força e o seu valor. No entanto, a energia de cada uma delas **somente se revela na sincronia do entre-nós que o coletivo-ação de todas realiza ao mover-se e se integrar**. (BRANDÃO, p. 8- 9, grifo nosso)

Através da palavra geradora *andanças*, inicia-se a carta de **Joana e Ivo Poletto para Brandão**, datada próximo ao final do milênio. No decorrer do diálogo, a correspondente anuncia seu trabalho na Caritas Brasileira, “*o que me cabe animar é a implantação da Campanha Permanente de*

Solidariedade"; diante desses traços da carta, apresentamos a bibliografia humanitária da entidade Caritas Brasileira e Internacional. Com sede em Roma e presente nos cinco continentes, Caritas Internacional é uma confederação composta por mais de 170 organizações-membro no mundo, nominadas de Caritas Portuguesa, Caritas América Latina y el Caribe, Caritas Internationalis, Caritas de Angola, Caritas Moçambicana. Em 12 de novembro de 1956, ocorre a fundação da Caritas Brasileira, sua origem se dá na ação mobilizadora de Dom Helder Câmara, da CNBB¹, a qual *"vive sob os valores da pastoralidade transformadora"*. A Caritas é considerada um organismo da CNBB e possui uma rede² com 187 entidades-membro, 12 regionais e 5 articulações. **A carta de Joana e Ivo Poletto para Brandão revela a iniciativa da Caritas Brasileira, "poderá ser uma iniciativa geradora de muitas mobilizações em torno do resgate das dívidas sociais", se referindo às ações de um conjunto de Pastorais Sociais.** Nesse sentido, cabe destacar as práticas das Caritas, que são "de ouvir respeitosamente o sofrimento dos empobrecidos e favorecer ferramentas para transformar suas próprias vidas, a partir dos princípios da dignidade, justiça, solidariedade e Bem viver". Diante desses princípios, em outubro de 2015, a Caritas Arquidiocesana de Passo Fundo, no RS, participa, com seus representantes, parceiros e a pastoral da Juventude, do II Seminário Educação, Espiritualidade e Cultura do Bem Viver, seminário este promovido pelo Itepa Faculdades, IFIBE e UPF. No seminário, ocorreram reflexões sobre três eixos temáticos: Trabalho, Juventude e Cultura de bem viver; Trabalho, desigualdade e alternativas de vida; e Trabalho, saúde e sofrimentos humano; em todas as temáticas, a participação do educador Carlos Brandão foi fundamental para a continuidade das andanças e práticas transformadoras e de libertação.

Nessa caminhada, em 2016, a Caritas Brasileira realiza o V Congresso Nacional, e, através de um processo coletivo, assume sua missão de *"testemunhar e anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, defendendo e promovendo toda forma de vida e participando da construção solidária da sociedade do Bem Viver, sinal do Reino de Deus, junto com as pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social."* (p. 03) Sobre as práticas do Bem viver, de acordo com Marco Referencial Caritas 2017-2020 (p. 3-4), o Bem Viver

¹Dom Helder Camara, em época foi Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

² Entidades membroorganizadas em 12 regionais: Ceará, Maranhão, Piauí, Nordeste 2 (Alagoas, Pernambuco, Rio Grandedo Norte e Paraíba), Nordeste 3 (Bahia e Sergipe),Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, SãoPaulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Norte 2 (Pará e Amapá) e as articulações: Norte 1 (Amazonas eRoraima), Rio de Janeiro, Centro Oeste (Mato Grossodo Sul, Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal),Norte 3 (Tocantins), Noroeste(Acre e Rondônia).

possui o caráter de “ação política e social, que aprofunda as questões estruturais e é a grande inspiração concreta para a execução das ações em Rede”. Imbuídos da práxis libertadora para a superação deste mundo opressor, Caritas, Carlos Brandão e educadores continuam nas *andanças* pela construção coletiva de um *outro mundo*. Como anunciado na epigrafe, que sejamos, juntos, cata-vento para essa nova sociedade, na comunhão mobilizadora que o “coletivo-ação de todas realiza ao mover-se e se integrar” (BRANDÃO 2017. p. 8,9).



Fonte: II Seminário Educação, Espiritualidade e Cultura do Bem Viver (2015)

Referências

CARITAS, Mundo. **História Caritas**. Disponível em: <http://caritas.org.br/historia> Acesso em: janeiro de 2021.

BRASILEIRA, Caritas. **Marco Referencial Caritas 2017-2020**. Disponível em: <http://caritas.org.br/storage/arquivo-de-biblioteca/December2019/V81d2FqAuRahNVayaVgq.pdf>. Acesso em janeiro de 2021.

UFP. Universidade Federal de Passo Fundo. **II Seminário Educação, Espiritualidade e Cultura do Bem Viver**. Disponível em: <http://ifibe.edu.br/bemviver/index.html>. Acesso em janeiro de 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação, agroecologia e bem viver: transição ambientalista para sociedades sustentáveis**. Marcos Sorrentino; Maria Henriqueta Andrade Raymundo; Simone Portugal; Fernanda Corrêa de Moraes; Rafael Falcão da Silva (org). Piracicaba, SP: MH-Ambiente Natural, 2017. p. 8-9.

CARLOS HASENBALG

Ricardo Costa de Sousa

Antes de começar a escrever sobre a relação de Carlos Rodrigues Brandão com Carlos Hasenbalg em cartas trocadas por eles, fiz um exercício inverso. Isso porque, muito me alegra escrever algumas palavras sobre Carlos Hasenbalg, esse intelectual que me apresentou inúmeros dados sobre “*As desigualdades no Brasil*”, especialmente no que trata das questões raciais.

Hasenbalg foi um sociólogo argentino que atuou como professor e pesquisador nas áreas de relações raciais, estratificação social e mobilidade social. Trabalhando no Brasil desde 1969, país foco de suas preocupações intelectuais. Dentre muitos de seus trabalhos, faço destaque para o livro intitulado *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil* (1979), no qual Carlos Hasenbalg aborda a respeito das desigualdades raciais após a abolição, bem como do processo sistemático de exclusão do não branco, das desigualdades educacionais entre brancos e não brancos, e do preconceito contra o trabalhador não branco.

Hasenbalg, de um rigor analítico e de um compromisso crítico, nos convida a compreender, no tempo presente, a recorrência de temas que, no senso comum, muitos dizem termos ultrapassado, a exemplo do preconceito racial. Como se pode notar, Hasenbalg se dedicou, de forma incisiva, à pesquisa de tentar entender o cerne, a gênese, os meandros das desigualdades na sociedade brasileira, a partir de um olhar investigativo. Tal exercício de Hasenbalg demonstra sua imersão na realidade brasileira, bem como sua imersão nos referenciais disponíveis na época. É o que fica posto na carta escrita por Carlos Rodrigues Brandão à Carlos Hasenbalg, em 30 de novembro de 1988, ano de publicação da nossa atual Constituição Federal. Brandão é doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e tem livre-docência pela Universidade de Campinas, seus interesses de estudos e pesquisas nos inspiram a enveredar com entusiasmo e afinco. A carta demonstra as relações de amizade e de par-

ceria intelectual entre Brandão e Hasenbalg, dadas as aproximações da temática do negro no Brasil. Tal afirmativa consta na carta, quando Brandão comenta a respeito da entrega de um “relatório final da pesquisa: *Negros Devotos e Artistas – a identidade ambivalente*”. Isso, porque, ambos, participaram de um projeto comum, como pode-se depreender no seguinte fragmento: “Um dos desdobramentos felizes de nosso projeto comum foi a formação de uma pequena equipe dispersa de pesquisadores iniciantes de mulheres negras”. Essa parceria intelectual rendeu inúmeros frutos, como, por exemplo, a publicação de vários artigos; como este, mencionado na carta: “Ontem entreguei na FUNART o meu *Negro Olhar, um estudo sobre o rosto e os modos do olhar do negro em Goiás, São Paulo e Minas Gerais*” (BRANDÃO, 1988). No texto *Negro Olhar*, Brandão aborda, por exemplo, algumas justificativas com relação a servidão do negro: “pouco inteligente, mas sem dúvida alguma forte e resistente para o trabalho braçal; ruim para os ofícios nobres do branco, inclusive os da guerra, mas afeito a qualquer esforço que ao branco não lhe pareça bem” (BRANDÃO, 2019). Esse comprometimento de Brandão com relação ao estudo, pesquisas e envolvimento com os negros não foi sua principal preocupação “neste 88, muito embora tenha sido mais longo, mas difícil e mais relevante”. Brandão nos lembra que desde 1973 tem se dedicado aos estudos e pesquisas que “tiveram o negro como o sujeito e a questão central” no estado de Goiás, e é necessário encerrar esse ciclo. Contudo, espera que a finalização destes estudos e pesquisas, que lembram “despedida [...] não marquem mais do que o começo de um diálogo amigo e proveitoso” a Hasenbalg.

Na carta, Brandão diz que está de viagem para a “Europa, por 3 meses, e, quando retornar ao Brasil”, iniciará seus “estudos de campo sobre o campesinato de Minas Gerais”, tema que o inquietava antes de 1988. Sobre a escrita de um “relatório final” a “respeito do negro no Brasil”, ele reconhece que se alongou no tempo de pesquisa de campo, oito meses, dadas as modificações necessárias ao projeto. E, sobre isso, Brandão registra que as modificações no projeto original foram dadas em razão de diversas circunstâncias, como o trabalho na universidade. Contudo, as limitações no tempo não impediram que Brandão continuasse as pesquisas e estudos, que se traduziram, como comentei, em alguns artigos. Isso, porque Brandão resolveu abandonar a “ideia original de um número maior de pequenos artigos, cada um fruto de sua pesquisa [Hasenbalg], todas apontando para a mesma questão da identidade do negro participante de grupos rituais de festas católicas populares”. Em seguida, Brandão diz que resolveu “abandoad também a proposta inicial de trabalhar a questão da identidade do negro no intervalo entre a umbanda e o catolicismo popular e tomando como sujeito de estudo apenas

os “negros-devotos” de tal condição limiar” (BRANDÃO, 1988). Dessa maneira, podemos perceber o exercício de síntese empreendido por Brandão para assegurar um trabalho com mais profundidade analítica e epistêmica.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues [**Correspondência**]. Destinatário: Carlos Hasenbalg. Campinas, 30 de novembro de 1988. 1 carta pessoal.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Negro olhar. **Studium**, (11),2019, p. 95-110. Recuperado de <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/11741>

HASENBALG, Carlos Alfredo. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

CARLOS LYRA

Ivo Dickmann

Carlos Augusto Lyra Martins nasceu em 30 de dezembro de 1933 em Natal, no rio Grande do Norte. Formou-se em Geografia e Comunicação Social - Jornalismo e trabalhou como professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Trabalhou com Paulo Freire na conhecida experiência de alfabetização de adultos em Angicos, no Rio Grande do Norte, como coordenador dos Círculos de Cultura. Depois que as 40 horas de Angicos terminaram, Carlos Lyra reuniu todo o material produzido para a alfabetização numa caixa e escondeu dos Militares após o Golpe de 1964, no sótão do irmão de sua madrasta para que não fosse destruído. Foi fotógrafo, documentarista e diretor de TV. Dirigiu por duas vezes a TV Universitária e produziu uma série chamada “Memória Viva”, onde entrevistava intelectuais e artistas – inclusive 21 de maio de 1983 entrevistou Paulo Freire. Apesar de ser reconhecido como um grande jornalista, foi na fotografia o seu maior destaque, tomando-a enquanto arte e função social. Produziu para a TV Cultura o filme “Conversa com Cascudo” sobre Câmara Cascudo. Também montou um programa musical chamado “De bar em Bach”, valorizando artistas locais potiguares e divulgando os pontos turísticos de Natal.

Referências

BENEVIDES, Gilmara. **“Uma câmara vê Cascudo”**: o encontro entre o Oralista e o Fotógrafo na obra de Carlos Lyra. Monografia do Curso de História. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2001.

GUERRA, Marcos. As 40 horas de angicos: vítimas da guerra fria? **Revista de Informação do Semiárido**, Angicos, v. 1, n.1, p. 22-46, jan./jun. 2013.

TERRA, Antonia; FERNANDES, Calazans. **40 horas de esperança**. O método Paulo Freire: política e pedagogia na experiência de Angicos. São Paulo: Ática, 1994.

LYRA, Carlos. **As quarenta horas de Angicos**: uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

CARMEM CINIRA MACEDO

Rita de Cássia Fraga Machado
Hemily Pastanas Marinho

Carmem Cinira Macedo (1948-1991), mulher, professora, pesquisadora, formou-se em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica – PUC, em São Paulo. “Alheia às inquietações sentimentais da própria idade, dedicando-se com afinco aos seus compromissos com a universidade”, assim a descreve a professora Josildeth Gomes Consorte. Ingressou no corpo docente da PUC – São Paulo, em 1971, e no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da USP, onde também cursou mestrado e doutorado, sob a orientação da Professora Doutora Eunice Ribeiro Durham.

Com estudos que envolvem temáticas das sociedades complexas, tendo as classes populares como sujeitos de suas pesquisas, dedicou-se a essa temática a partir de seu mestrado, concluído em 1977. Finalizou o doutorado, em 1985, e, no ano seguinte, deixou de fazer parte do corpo docente da PUC – São Paulo, passando a integrar o da Universidade de São Paulo – USP.

Seus trabalhos buscavam avaliar os movimentos sociais, em particular as comunidades Eclesiais de Base – CEBS, procurando identificar se, a partir deles, havia surgido novos atores sociais orientados pela noção de qualidade e fraternidade. Além disso, as pesquisas de Carmem Cinira Macedo auxiliaram na compreensão pedagógica desses movimentos. É importante ressaltar os títulos de suas pesquisas, como, por exemplo: *A Reprodução da Desigualdade: o Projeto de Vida Familiar de um Grupo Operário* (1979); *Tempo de Gênesis: o Povo das Comunidades Eclesiais de Base* (1986); *Imagem do Eterno: Religiões no Brasil* (1989). Também, artigos em livros, como, por exemplo: "Algumas Observações sobre a Questão da Cultura do Povo", em *A Cultura do Povo* (1979); "Algumas Considerações sobre a Família Operária", em *A Família em Nossa Sociedade de Conflitos* (1980); "Família e Conflito de Gerações", em *Juventude e Dominação Cultural* (1982); entre outros.

Referências

MACEDO, Carmen Cinira Macedo. **Homenagem a Carmen Cinira Macedo**. Palestra: Igualdade Hierarquia. (P. MONTERO, Editor, USP, Produtor, & Revista de Antropologia) Acesso em 19 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111317/109541>. 1992.

CONSORTE, Josildeth Gomes. **Carmen Cinira de Andrade Macedo**. *Anuário Antropológico/91*, pp. 235-240. 1993.

CECÍLIA MEIRELES

Marcia Selau dos Santos
Yasmin Flores de Freitas

Cecília Meireles (1901-1964), brasileira, professora universitária, jornalista, poetisa de renome na literatura brasileira. Lecionou na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a disciplina de literatura. Ela possui mais de 50 obras publicadas. Algumas de suas poesias são reflexivas, de fundo filosófico (exemplo: *Motivo da Rosa*, da obra "Mar Absoluto"), bem como há poesias históricas como o "Romanceiro da Inconfidência". Uma frase que expressa as poesias de fundo reflexivo é: "Se em um instante se nasce e um instante se morre, um instante é o bastante para a vida inteira." Para consultar suas obras, visitamos o site citado nas refe-

rências, cuja biografia de Cecília Meireles foi escrita por uma professora do ensino fundamental, chamada Dilva Frazão.

Brandão, em duas cartas enviadas para amigos e amigas, cita trechos de poesias de Cecília Meireles.

Referências

FRAZÃO, Dilva. Cecília Meireles. Acesso em janeiro de 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/cecilia_meireles/

CENTRO ECUMÊNICO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO (CEDI)

Fernanda dos Santos Paulo

Em 1974, nasceu o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), oriundo do Centro Evangélico de Informação (CEI) já existente desde os anos de 1960. O CEDI além de realizar um serviço às igrejas e aos movimentos populares coordenava a revista Tempo e Presença contendo temas sobre a educação popular. Na revista Tempo e Presença, Publicação mensal do CEDI, número 169 de julho de 1981, encontramos atividades que eram realizadas pelas Comunidades Eclesiais de Base e Movimentos populares ligados à Igreja, a religiões populares e métodos pedagógicos modernos no campo da educação.

O CEI e o CEDI foram criados por militantes católicos conforme podemos conferir na sequência:

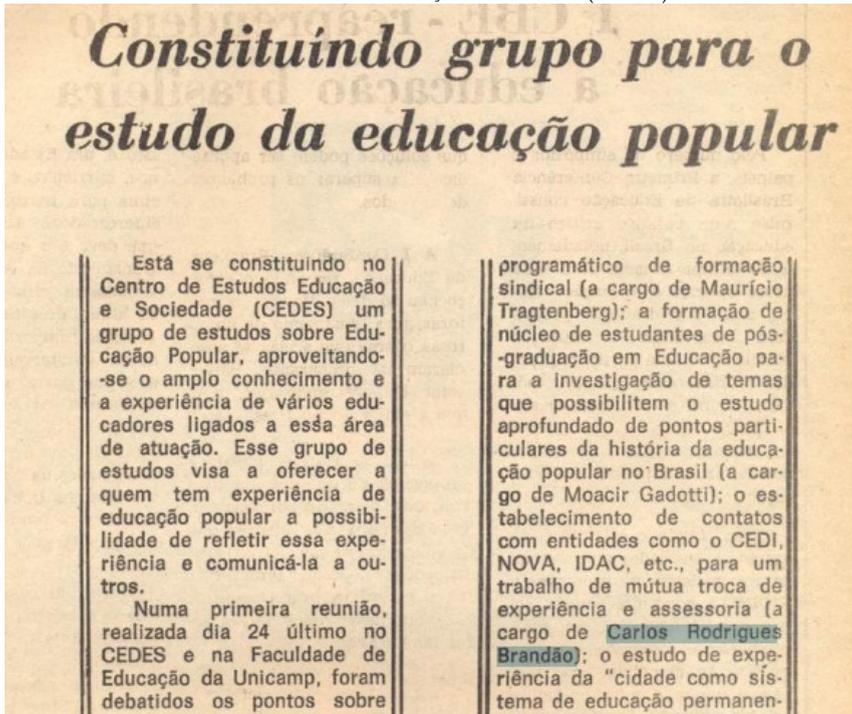
O CEDI nasceu da experiência do CEI - Centro Evangélico de Informação, criado em 1964/1965 por militantes ligados à Confederação Evangélica do Brasil, afastados de suas igrejas após o golpe civil-militar de 1964. Em 1968, com a incorporação de militantes católicos, o CEI passou a denominar-se Centro Ecumênico de Informação e, em 1974, institucionalizou-se como CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação. A sede inicial foi no Rio de Janeiro, mas a ampliação de suas atividades deu origem a uma subsede em São Paulo. (FÁVERO, 2015).

Conforme Fávero³ (2015) o CEI e o CEDI publicaram muitos materiais críticos sobre o contexto político brasileiro articulando aos movimentos sociais e o compromisso das igrejas com a justiça social. Também “destaca-se a publicação de dois suplementos sobre educação popular, em 1977 e 1978, com textos teóricos de fundamental importância, produzidos pela equipe do Nova – Pesquisa e Avaliação em Educação.” Outro destaque a ser apontado é que “a publicação dos Cadernos CEDI e da Revista Tempo e Presença, destinada aos agentes pastorais e da educação popular, durante muitos anos o melhor periódico ecumênico da América Latina.” (FÁVERO, 2015). Estas interlocuções estão presentes nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão, podendo citar ao menos duas correspondências: De Fávero para Brandão e de Brandão para Miguel Arroyo citando publicações do CEDI. Para Fávero (2015):

Tanto o CEI quanto o CEDI mantiveram forte articulação com outros organismos brasileiros, latino-americanos e mundiais, entre eles: ISER – Instituto Superior de Estudos da Religião, no Rio de Janeiro; CESE – Coordenadoria de Ecumênica de Serviço, em Salvador, CEB – Centro de Estudos Bíblicos, no Rio Grande do Sul; CESEEP – Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular em São Paulo; e sobretudo com o ISAL – Igreja e Sociedade na América Latina, movimento financiado pelo Conselho Mundial de Igrejas. Essa dimensão latino-americana foi responsável, nos anos de 1970 e 1980, pela divulgação em vários países, principalmente no Cone-Sul, dos princípios da educação popular e da pedagogia de Paulo Freire.

O CEDI realizava cursos na área da educação, como para a Educação de Adultos e sobre escolarização popular. Também encontramos a temática sobre igreja popular. Estes temas são abordados nas cartas de Brandão. Importante destacar que Brandão realizou trabalhos de assessora em entidades como o CEDI, NOVA, IDAC e MEB. Compartilho um fragmento do *jornal da educação* – publicação do Centro de Estudos Educação e Sociedades de 1980 – da parte que se ocupa a socializar a constituição do Grupo de Estudos da Educação Popular, onde o CEDI é citado:

³ Osmar Fávero lançou em 2015 a coleção de DVDs, em coautoria com Elisa Motta, sobre Educação Popular e EJA.



Fonte: CENTRO DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE (1980).

Carlos Rodrigues Brandão, trabalhou na assessoria do CEDI, podendo ser constatado nos Cadernos do CEDI.

Referências

FÁVERO, OSMAR. CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação. **Fóruns EJA BRASIL** [S.l.], 2013. Disponível em: <http://forumcja.org.br/node/2931>. Acesso em: 05 fev. 2021.

CENTRO ECUMÊNICO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO (CEDI). **Revista Tempo & Presença**, N° 169, de julho 1981. Publicação Mensal do CEDI, Rio de Janeiro, RJ.

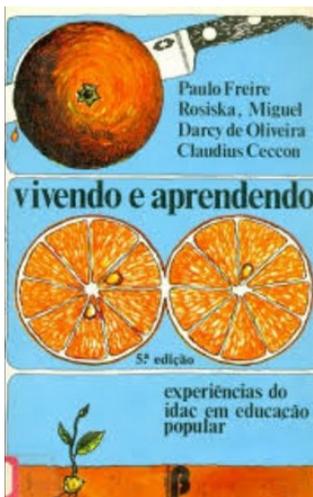
CENTRO DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE (Cedes). **Jornal da Educação. Os planos de Paulo Freire**. Campinas: Cedes - abril de 1980- Ano 1- n° Zero. p. 6.

Claudius Ceccon nasceu em Garibaldi, Rio Grande do Sul, em 1937, é arquiteto, designer, jornalista, cartunista, escritor e ilustrador. Seu contato com Paulo Freire foi em 1971, em Genebra, onde estava exilado após ser preso no Brasil durante a ditadura. Claudius, juntamente com Paulo Freire, Rosiska Darci de Oliveira, Miguel Darci de Oliveira e Babette Harper fundaram o Instituto de Ação Cultural (IDAC), onde desenvolveram projetos de alfabetização em países africanos de língua portuguesa, até 1975. Retornando para o Brasil em 1978, seguiu desenvolvendo, através do IDAC, projetos em bairros periféricos de São Paulo, junto com o arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns.

Em 1986, fundou o Centro de Criação de Imagem Popular (Cecip), juntamente com Paulo Freire, Ana Maria Machado e outros renomados. “A missão do Cecip é contribuir para o fortalecimento da cidadania, produzindo informações e metodologias que influenciem políticas públicas promotoras de direitos fundamentais”. (Cecip, 2021). A trajetória de Ceccon foi voltada para projetos relacionados à educação e à arte da ilustração. Muitos de seus trabalhos foram em grandes jornais, como: *O Diário Carioca*, *O Correio de Amanhã*, *O Estado de S. Paulo* e a *Revista Piauí*. Foi contemplado com o prêmio Jabuti, em 2015, com o livro **CLAUDIUS**,

uma coletânea que incluía 50 anos de trabalhos publicados na imprensa. O Cecip recebeu inúmeros prêmios, destacando o Prêmio Itaú Unicef pela edição do Estatuto da Criança e Adolescente.

Em uma das cartas de Carlos Rodrigues Brandão, ele escreve para Marcela Gajardo, perguntando quando ela viria para o Brasil encontrar Paulo Freire; indica que ela não deixe de fazer o livro do IDAC, expondo que é um convite irrefutável, vindo de Claudius Ceccon. Na atualidade, segue como diretor do Cecip, escrevendo, fazendo ilustrações para livros infantis, charges, tendo sua vida atrelada a projetos de inclusão digital de escolas públicas, educação e cidadania.



Referências:

Disponível em:

<https://centrodepesquisaformacao.sescsp.org.br/atividade/sabados-da-memoria-das-artes-graficas-claudius-ceccon>

CECCON, Claudius & OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA, Miguel Darcy de. **A vida na escola e a escola na vida**. Petrópolis: Editora Vozes; IDAC, 1991.

CLAUDIUS. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa14876/claudius>>. Acesso em: 01 de Fev. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa14876/claudius>

CECIP. Disponível em: <http://www.cecip.org.br/site/quem-somos-2/>

FREIRE, Paulo; OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; CECCON, Claudius. **Vivendo e aprendendo: experiências do IDAC em educação popular**. São Paulo: Livraria Brasiliense Editora S.A., 1980.

SESISP EDITORA. Disponível em: <https://www.sesispeditora.com.br/autor/claudius-ceccon/>

CLODOVIS BOFF

Neiva Furlin

Clodovis Boff é teólogo católico e religioso da ordem dos Servos de Maria. Esteve vinculado à Teologia da Libertação e contribuiu de forma significativa a esta perspectiva, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990. Fez doutorado em Teologia pela Universidade de Lovaina (Bélgica). Em sua tese “Teologia e prática” (1976), aprofundou a metodologia da Teologia da Libertação, com a preocupação de garantir a dimensão libertadora da teologia. Sua produção teológica incorpora as contribuições das ciências sociais. É autor de vários artigos e obras, como: *Teologia e prática: teologia do político e suas mediações*; *Como trabalhar com o povo: metodologia do*

trabalho popular; Como fazer Teologia da Libertação, Teoria do Método Teológico; Mariologia social: o significado da Virgem para a sociedade; O livro do sentido – Crise e busca de sentido, entre outras (BOFF, 2018).

A relação de Clodovis Boff com Carlos Rodrigues Brandão ocorreu por meio de cursos promovidos pela Ação Popular da Igreja Católica. Essa relação aparece em uma carta dirigida a Brandão, em 1981, por um agente de Pastoral da arquidiocese de Goiás, que o convidava para integrar o grupo de assessores do Encontro de Estudos sobre o Protestantismo Popular: História, Sociologia e Teologia. Entre os assessores estavam os teólogos Clodovis Boff e Marcelo de Barros, da vertente da Teologia da Libertação.

A relação de Brandão com agentes religiosos da Igreja Católica é parte de sua trajetória de vida, pois, quando jovem, foi membro da Juventude Universitária Católica (JUC) e da Ação Popular. Fez parte da geração de muitos teólogos da Libertação, como Frei Beto e Leonardo Boff, irmão de Clodovis Boff. (PAULO, 2018). Teólogos que, assim como Brandão, beberam dos princípios da metodologia de Paulo Freire, como é evidente na obra *Como trabalhar com o povo: metodologia do trabalho popular* (1996), de Clodovis Boff.

O próprio Brandão relata o quanto a sua participação na Ação Católica exerceu influência em sua formação política e acadêmica (PAULO, 2018). Desse modo, pode-se afirmar que o vínculo de Brandão com a Igreja Católica e a sua relação com sujeitos da Teologia da Libertação, como Frei Clodovis Boff, entre outros, influenciou a sua trajetória intelectual, que se evidencia em obras como *Os deuses do Povo: um estudo sobre a Religião popular*, publicada em 1980, e em tantos outros artigos na área da antropologia da religião. Nesse sentido, já dizia o sociólogo Wright Mills (1965), em sua obra *A Imaginação Sociológica*, que nossas escolhas de investigação acadêmica estão sempre ligadas indiretamente ou diretamente às nossas trajetórias profissionais e experiências subjetivas.

Referências

BOFF, Clodovis. **O livro do sentido**: qual é afinal o sentido da vida? (parte teórico-construtiva), volume 2. São Paulo: Paulus, 2018.

BOFF, Clodovis. **Como trabalhar com o povo**: metodologia do trabalho popular; Petrópolis: Vozes, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a Religião popular. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986 [1980].

MILLS, Wright C. Do artesanato intelectual. In: **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965. p. 211-243.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Pioneiros e pioneiras da Educação Popular freiriana e a universidade**. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2018. 268 f.

CLIFFORD GEERTZ

Neiva Furlin

Clifford James Geertz foi um dos mais importantes antropólogos americanos, falecido em 2006. Depois de Claude Lévi-Strauss, é considerado o antropólogo que teve maior impacto na segunda metade do século XX, não apenas para a antropologia, como também para as áreas da psicologia, história e teoria literária. É conhecido como fundador da chamada antropologia hermenêutico-interpretativa, uma das vertentes da antropologia contemporânea (GEERTZ, 2001). É autor de vários artigos e obras, entre as quais destacamos: *Observando o Islã: O desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia*; *Nova luz sobre a Antropologia*; *O saber local: novos ensaios em Antropologia Interpretativa* e *A interpretação das culturas*. Essa última obra é a mais conhecida no Brasil.

Clifford James Geertz foi para Brandão um interlocutor indireto, que influenciou a sua formação intelectual na antropologia, tornando-se uma das referências teórico-metodológicas de seus estudos acadêmicos sobre cultura popular e religião.

Essa influência aparece em uma das cartas que Brandão envia a um grupo de lideranças femininas (Lélia, Elizabeth, Cecília Conde) de projetos de cultura popular. Ele orienta essas lideranças sobre a importância de se problematizar teoricamente o conceito de cultura com os grupos de base. A carta fala sobre um curso, no qual ele estaria participando. Sugere que o mesmo inicie com a partilha de experiências e vivências em relação à cultura e prossiga com a discussão do que é cultura, com base nos pressupostos teóricos de dois antropólogos, traduzidos em linguagem popular. Um dos livros citados é *Interpretação das Culturas*, de Clifford Geertz. Brandão aponta que essa base teórica é importante para se pensar como a cultura e o folclore são produzidos socialmente. Dada a importância desse debate teórico, insiste que a metade do seu tempo seria para o estudo antropológico da cultura.

A carta evidencia o quanto Brandão valoriza a formação teórica para os grupos populares e o quanto Geertz foi seu interlocutor indireto, não somente para as pesquisas acadêmicas como também para os projetos de educação popular.

Referências

GEERTZ, Clifford. A Mitologia de um Antropólogo. Entrevista de Victor Aiello Tsu com Clifford Geertz. *Revista de Estudos da Religião*, n. 3, p. 126-133, 2001. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv3_2001/p_geertz.pdf>. Acesso em 01 de abril de 2020.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

CHICO BUARQUE DE HOLANDA

Marlon Junior Pellenz

Chico Buarque é citado nas cartas de Brandão: em especial, pelas canções na época, que falavam sobre a natureza e a região nordeste do Brasil. Devido às suas canções, Chico é conhecido mundialmente.

Francisco Buarque de Holanda nasceu no dia 19 de junho de 1944, no Rio de Janeiro. Seu pai era sociólogo, e sua mãe, pianista. O músico é o quarto de sete irmãos. Em decorrência da nomeação de seu pai, que também era historiador, ao Museu do Ipiranga, mudaram-se para São Paulo. Em 1953, a família mudou-se para a Itália em decorrência de seu pai ter sido convidado para lecionar na Universidade de Roma.

A casa da família era ponto de encontro de artistas e intelectuais, como o poeta Vinícius de Moraes. Desde os cinco anos de idade, Chico demonstrou interesse pela música; porém, na pré-adolescência, Chico compôs algumas canções no estilo opereta, que eram encenadas pelas suas irmãs.

O músico cursou três anos de Arquitetura e Urbanismo na USP, quando, em 1964, abandonou o curso, pelo clima de repressão que se instaurava no país após o Golpe Militar; posteriormente, ele também foi perseguido pela ditadura. Sendo assim, se autoexilou em Roma, e voltou em 1970, a convite de uma gravadora, para produzir um novo disco.

Para conseguir compor suas canções e não ser censurado, Chico Buarque criou, em 1974, o pseudônimo Julinho da Adelaide, com o qual compôs as músicas "Milagre brasileiro", "Acorda amor" e "Jorge maravilhosa". Por essas e outras situações, o artista acabou causando revolução por meio das suas canções. Chico Buarque é considerado um dos maiores compositores de **músicas de protesto brasileiras**.

Na época de universitário, Chico reunia-se com os colegas para fazer marchinhas e tocar violão. A sua primeira composição foi "Canção dos olhos", em 1959, quando tinha 15 anos. "Marcha para o sol", de 1964, foi a primeira música de Buarque a ser gravada. Ela foi interpretada por Maricenne Costa, mas o artista disse que a canção "Tem mais samba", do mesmo ano, foi o seu marco inicial como compositor e cantor. O primeiro compacto em vinil de Chico foi em 1965 e chama-se "Pedro Pedreiro e o sonho de carnaval".

Em 1968, Chico Buarque e Tom Jobim venceram o **3º Festival Internacional da Canção**, com a música "**Sabiá**". Contudo, eles foram vaiados pela plateia, que queria que a canção "Para não dizer que não falei de flores", de **Geraldo Vandré**, ganhasse.

De acordo com suas próprias palavras, Chico Buarque não dá um conteúdo político às suas canções de forma proposital. Ele comentou, em entrevista, que abusa mais da criatividade nas suas composições. Uma das características mais marcantes das composições de Chico Buarque são as críticas e denúncias sociais, econômicas e culturais brasileiras.

Chico domina a Língua Portuguesa com primazia. Ele tem preferência por usar a metáfora. Isso fica claro em canções como "Apesar de você" e "Cálice", que contêm críticas veladas à ditadura militar no Brasil, e que chegaram a ser censuradas.

Referências

TANCREDI, Silvia. "Chico Buarque"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/chico-buarque.htm>. Acesso em 27 de janeiro de 2021.

Sempre fui um ouvinte atento e silente. As pessoas são compulsivamente generosas para com quem sabe ouvir. A atenção gera caminhos, propõe escolhas. Ninguém é desatendido quando atento. (MARQUES, 2000).

A autoapresentação de Dércio Marques (1947-2012), citada linhas acima, sintetiza o modo dadivoso que o artista viveu os sessenta e quatro anos de sua existência, e construiu uma carreira que começou aos nove anos de idade.

Dércio Marques foi filho de uma mineira, Dona Palmira Rocha, e do uruguaio Sr. Dorothe Marques. Sua infância foi repleta de antagonismos socioculturais e étnicos, pois a trajetória andarilha ultrapassa fronteiras nacionais, tornando-o contemplador da interação entre a natureza e o povo que a habita. Em sua infância, assim como a irmã Doroty, ele e Darlan, o irmão mais novo, eram reconhecidos como meninos prodígios em programas de rádio e TV, sempre cantando canções da própria localidade, nas várias cidades em que morou, devido à profissão de veterinário do pai. Entre 1962 e 1964, a família mudou-se para o Uruguai, a terra natal do pai. Com sua postura de buscador, tais experiências majoraram ao seu repertório musical os compositores hispano-americanos. Tal experiência permitiu que ele avultasse em seu repertório a temática dos povos latino-americanos e o afeto deles pela terra, tornando-o um pesquisador das localidades e de suas manifestações populares, dizendo de outro modo, um "geógrafo das canções".

Dércio Marques tornou-se um artista respeitado pela classe, pelo seu público e certamente um ser com luz própria, que alumiou e consolidou a carreira de muitos dos seus pares. Em suas turnês pelo Brasil e América Latina, em função de suas pesquisas sobre a cultura brasileira, que serão mencionadas ao longo deste texto, intercambiou saberes, alargando o seu conhecimento sobre instrumentos de corda. Dessa maneira, tornou-se um músico multi-instrumentista, e associou sua produção musical às temáticas ligadas às questões sociais e políticas, sobretudo às questões vividas no ambiente rural.

Vale ressaltar na vida de Dércio Marques alguns feitos de sua carreira: na década de 1970, responsável pelo mapeamento musical de parte do Brasil pelo selo Marcus Pereira, especialmente no levantamento de Folias. Em 1972, Darlan e Dércio Marques deram apoio ao surgimento do grupo *Tarancon*, ao se ocuparem da pesquisa das raízes da música

latino-americana. Também, nessa época e na década de 1980, dentre suas múltiplas atividades, apoiou a chegada de músicos na capital paulista, que acabaram tornando-se seus amigos, o grupo *Ínkari* apresentou-se no circuito universitário ao lado de grupos e artistas como *Tarancón*, Irene Portela, Tom Zé, Passoca, Almir Sater, Renato Teixeira, Sérgio Ricardo dentre outros. Na mesma época, Dércio Marques também participava de outro coletivo, ao lado de Priscila Ermel, Sérgio Sã, Eunice e Saulo Laranjeira, no qual apresentava o espetáculo denominado Cantochão.

Em 1977, participou do espetáculo em favor da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), juntamente com Milton Nascimento, Chico Buarque, Elis Regina, Maria Medaglia, MPB4 e outros.

Entre tantas histórias, vamos entendendo que Dércio Marques cantou não só por ter voz bela e original, mas porque o seu canto e seus violões tinham um sentido e um engajamento com o afeto pela vida, pelo povo sul-americano. É o que testemunhamos em seu primeiro LP, intitulado "*Terra, vento, caminho*", lançado pelo selo Marcus Pereira, em 1977, assimilando diferentes gêneros de música regional brasileira e latino-americana. Em 1978, com o mesmo selo, participou das gravações de sua irmã no LP *Semente*. No ano de 1979, lançou pelo selo Copacabana o disco "*Canto Forte - Coro da Primavera*"; ainda em 1980, Dércio Marques interpretou "Pinhão da Amarração", de Elomar, no Festival da "Globo", junto com Doroty Marques, Diana Pequeno, Saulo Laranjeira, Clécio Albuquerque, Manoel Pacífico, Erivaldo, dentre outros. A canção chegou até as finalíssimas, e Elomar e seus intérpretes ficaram conhecidos junto ao público e aos artistas que participaram do Festival. Em 1983, Dércio Marques, inspirado pelas raízes musicais brasileiras que pesquisava, lança "Fulejo", pela Copacabana Discos. Em 1986, lança "*Segredos vegetais*". Trata-se de um álbum duplo, cuja temática e musicalidade faz dele um dos mais criativos, ousados e renovador da música de caráter ecológico e poeticamente ambientalista. Na década de 1990, Dércio Marques gravou cinco CDs: "*Anjos da Terra*" (1990); "*Espelho d'água*" (1993); "*Monjolear*", com Doroty Marques (1996); "*Cantigas de abraçar*" (1998), um álbum duplo; "*Cantos da Mata Atlântica*" (1999), junto com Doroty Marques, dedicado à memória de Xavantinho.

Em 2000, lançou "*Folias do Brasil*", em comemoração aos 500 anos da "invasão" dos portugueses no Brasil. Em 2007, Dércio Marques foi convidado a dirigir e gravar o CD "*ECantado*", pelo Projeto Música Pra Viver, realizado pela ONG *Pró Viver*, em comemoração aos 18 anos da promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Em 2008, Dércio Marques, ao lado de Josino Medina, lançou o CD "*Cantação dos Nomes*", trabalho independente, produzido pela "Rara Rosa". Todas as letras são composições do poeta Carlos Rodrigues Brandão; ainda neste mesmo

ano, Dércio Marques participou da primeira edição do “Encontro Internacional das Culturas Populares: *Vozes de Mestre I* na Lagoa do Nado, em Belo Horizonte. Em 2009, “*Criunaná*” foi gravado, ao lado de Doroty Marques, na Chapada dos Veadeiros. No ano de 2011, participou da ópera “*Auto da Catingueira*”, e também do projeto *Clássico Caipira*, que foi exibido na programação da TV Brasil, no qual Dércio Marques fez parte, juntamente com outros intérpretes, como Pena Branca, Irmãs Galvão e Genésio Tocantins.

Dércio tornou-se figura de referência para diversos artistas, mesmo para aqueles de outras artes, assim como para os estudiosos da cultura popular e para os que a admiram. Seus discos permanecem e perduram, combinando as questões ecológicas com as que dizem respeito à diversidade das expressões culturais brasileiras. A dor da partida de um trovador é tão forte e verdadeira quanto o alcance de sua voz, que permanece viva e intensa entre nós. Sua pessoa e sua arte continuam motivando “mutirões”, circuitos de música, cantorias, homenagens e outras perspectivas, que nos instigam a novas descobertas, por meio de pesquisas inesgotáveis a seu respeito.

Referências

MARQUES, Dércio. **Série Compositores**: depoimento. 17 out. 2000. São Paulo, Revista Caros Amigos. Entrevista concedida a Adalberto Carvalho Pinto e Eduardo M. M. Silveira. Disponível em: <<https://br.groups.yahoo.com/neo/groups/musicabrasil/conversations/messages/2476>>. Acesso: abr/2020.

Discografia

- (2011) **Auto da Catingueira**, em parceria com Elomar Figueira de Melo. DVD. Independente.
- (2009) **Criunaná**, em parceria com Doroty Marques. CD. Independente.
- (2008) **Cantação Os Nomes**, em parceria com Josino Medina e Carlos Rodrigues Brandão. Independente.
- (2000) **Folias do Brasil**. CD. Independente.
- (1999) **Cantos da Mata Atlântica**, em parceria com Doroty Marques. CD. Independente.
- (1998) **Cantigas de Abraçar**. CD. Independente.
- (1996) **Monjolear**, em parceria com Doroty Marques. CD. Independente.
- (1993) **Espelho D'água**. CD. Independente.
- (1990) **Anjos da Terra**. LP. Independente.

- (1986) **Segredos vegetais**. LP. Girassol.
(1983) **Fulejo**. LP. Independente.
(1979) **Canto forte-Coro da primavera**. LP. Copacabana.
(1977) **Terra, vento, caminho**. LP. Marcus Pereira.

DERMEVAL SAVIANI

Mônica Tessaro
Fernanda dos Santos Paulo

Entre 1976 e 1980, Saviani é citado nas cartas de Brandão, como companheiro de exames de qualificação e encontros formais da academia. O professor Dermeval é graduado em Filosofia e doutor em Filosofia da Educação, ambos pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; mais tarde, em 1986, ganhou o título de livre-docente. No ano de 1990, foi aprovado no Concurso Público de Professor Adjunto de História da Educação da UNICAMP, onde continua atuando até hoje.

Teve importantes interlocuções pedagógicas com Paulo Freire e com Brandão. Assim como Freire e Brandão, o professor Dermeval dedicou seus estudos, que já totalizam 50 anos de produção e interlocução acadêmica, “[...] à elaboração de uma tendência pedagógica progressista – em oposição às tendências liberais que hegemonizaram o ideário pedagógico brasileiro [...]” (MORI, 2017, p.85), definindo-a como uma pedagogia inspirada no marxismo, a pedagogia histórico-crítica. Mesmo tratando da educação escolar como ponto central em suas obras, Saviani não deixa de considerar a educação em outros espaços que não a escola (MORI, CURVELO, 2016), vejamos o que o próprio autor afirma: “[...] para compreender-se as diferentes modalidades de educação, exige-se a compreensão da escola. Em contrapartida, a escola pode ser compreendida independentemente das demais modalidades de educação” (SAVIANI, 2008, p. 102-103).

Publicou/organizou mais de 70 livros, mais de 100 artigos científicos, e mais de 80 capítulos de livros, entre inúmeras participações em eventos científicos, exames de qualificação e defesa de dissertações e teses, todos da área da educação. Professor Dermeval Saviani luta pela democratização do saber, pela educação escolar e por todas as outras formas ou modalidades do fenômeno educacional. De acordo com Brandão, Saviani reconhece a educação fora dos limites acadêmicos de cientificidade, pois a educação “[...] é uma entre tantas instâncias dos trabalhos humanos à volta do ensinar-e-aprender.” (BRANDÃO, s/d, p.3).

Referencias

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Entre um século e o outro a cultura e da educação popular desde os anos sessenta até os dias de hoje. Disponível em:

http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4214/1/FPF_PTPF_01_0867.pdf. Acesso em: 03 de abril de 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2008.

MORI, Rafael Cava; CURVELO, Antonio Aprigio da Silva. O pensamento de Dermeval Saviani e a educação em museus de ciências. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 491-506, Jun. 2016.

MORI, Rafael Cava. Comunicar O Conhecimento Para (Re)Produzi-lo: O Lema Da Extensão Universitária. **Revista de Cultura e Extensão Universitária**, São Paulo, v. 17, p. 83-95, mai. 2017.

ECLÉA BOSI

Elisangela Trevisan
Maiara Elis Lunkes
Terezinha Conte Piletti

Ecléa Bosi foi psicóloga, escritora e professora. Graduiu-se em Psicologia na Universidade de São Paulo (USP), em 1966, onde também fez o mestrado e o doutorado, no início da década de 1970. Professora titular do Instituto de Psicologia da USP, idealiza, em 1993, o programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI), pelo qual é homenageada com o prêmio Averroes, em 2011. Recebeu, ainda, o título de professora emérita da Universidade de São Paulo, em 2008.

Dentre sua vasta produção escrita, que aborda de forma recorrente temas como cultura e memória social, trabalha com temas de pesquisa que não figuram entre os mais explorados dentro dos estudos acadêmicos brasileiros: as leituras de operárias e as memórias de velhos. Seu livro *“Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias”* (1972) serviu de inspiração para uma peça teatral do dramaturgo brasileiro Timochenco Wehbi (1943-1986) no Teatro Cultura Artística. A mesma obra, ao lado de

“Memórias e sociedade: lembranças de velhos”, é usada pelo Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP na criação do espetáculo “Doces Lembranças”.

Com frequência, Ecléa dirige seu olhar para grupos sociais fragilizados, como: pobres, mulheres trabalhadoras de baixa renda, idosos que, imersos na transformação contínua da metrópole, vão perdendo, a contragosto, as referências de seus percursos familiares, cotidianos, e penetrando num tempo de certo esmaecimento da consciência de sua identidade. Dos objetos escolhidos mais as personagens encontradas, ambos aludindo ao precário e ao vulnerável e trabalhados sobre sólido chão teórico, ela construiu uma vigorosa, singular e reconhecida carreira; em seus escritos, destacam-se as obras: “*O tempo vivo da memória: ensaios da psicologia social*” (2004), “*Velhos amigos*” (2005), “*Memória e sociedade: lembranças de velhos*” (2005), pelo qual recebe o Prêmio Internacional Ars Latina em 2009, e uma antologia da escritora e filósofa francesa Simone Weil (1909-1943). Em 2008, Marilena Chauí publicou um artigo em sua homenagem; no ano seguinte, Ecléa recebeu o Prêmio Internacional Ars Latina pelo conjunto de sua obra. Já em 2011, recebeu o prêmio Averroes, e também recebeu o Troféu Loba Romana, junto de João Grandino Rodas, em homenagem pela contribuição à comunidade italiana no Brasil.

Seu envolvimento para com o campo da militância institucional e política é notável e, assim sendo, se torna fácil compreender seu esforço pela criação e desenvolvimento da Universidade da Terceira Idade da USP, que, aos 21 anos completos, já levou para o *campus* da maior instituição universitária pública brasileira mais de 100 mil idosos, a maior parte detentora de precária educação formal. Ou, ainda, sua militância ecológica, que inclui, de forma privilegiada, as operárias grávidas, que, sem saber, podem estar sendo submetidas a agentes tóxicos nas fábricas em que trabalham.

A presença de Ecléa Bosi em cartas de Brandão é perceptível por sua forma de militância, envolvimento com a cultura popular. Além de Ecléa Bosi ser exemplo de erudição, colocada a serviço das grandes causas que afetam a humanidade. O profundo respeito que Ecléa tem pela figura do outro a move no sentido de promovê-lo e nunca de utilizá-lo em seu próprio proveito. Mais ainda: esse outro, a quem a autora se dedica, é sempre uma personagem deixada para trás nas representações dominantes da sociedade, seja a operária com suas leituras, seja o velho fragilizado, por quem – como ela diz – nós é que temos que lutar.

Além disso, destaca-se que Ecléa aparece em uma carta escrita por José Martins para Brandão, na qual ele evidencia que só realizaria um segundo seminário se tivesse a participação da mesma como expositora.

Ressaltando, assim, novamente, a sua notória evidência no campo da educação.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. [Currículo]. **Plataforma Lattes**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/9885451043461871>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

BOSI, Ecléa. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: **Itaú Cultural**, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa19824/ecléa-bosi>>. Acesso em: 16 jan. 2021. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

BOSI, Ecléa [Correspondência]. Destinatário: Brandão. Sem identificação do local, 14 abr. 1999.

IPUSP: **Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo**. Disponível em: <<http://www.ip.usp.br/portal/index.php/pt/comunidade-ipusp/464-principal>>. Acesso em: 16 jan. 2021.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Sobre Memória e Sociedade. **REVISTA USP**: São Paulo, n. 98p. 87-94, 2013.

Elza Maia Costa Oliveira nasceu em 18 junho de 1916, no Recife, Pernambuco, Brasil. Casou-se com Paulo Régulus Neves Freire, em 1944. Dessa união, nasceram cinco filhos, as três Marias - Madalena, Fátima, Cristina, - e Joaquim e Lutgardes.

Era a primeira filha do casal Alberto Mello Costa Oliveira e Josepha “Dona Fifa” Maia Costa Oliveira. A mãe, do lar, e o pai, comerciante. O início da educadora se demonstrou no meio familiar, junto a sua irmã Elba “Bila” Maia Dias Fernandes e seu irmão José de Melo “Zé de Melo” Costa Oliveira, ainda que, como ela, frequentassem a escola, ensinar aos mais novos em casa era responsabilidade dos irmãos mais velhos. Ao mesmo tempo, se dedicou a aulas-domiciliares⁵, caracterizadas como “bancas de estudo”, que objetivavam reforçar em casa os conteúdos e auxiliar nas atividades escolares, tal estratégia, das bancas de estudo, foi posteriormente teorizada e tornada prática e práxis institucionalizada na escola, como uma metodologia desenvolvida e adotada por Elza.

A escolarização, o magistério e a formação continuada de Elza ocorreram na perspectiva educacional da época. Inicialmente, Recife, em uma escola de bairro, próxima a sua casa, a Escola da Professora e parlamentar Maria Elisa Viegas de Medeiros, que marca sua aproximação com a arte-educação, a política e a formação humana. Elza, nas suas palavras, reafirma que a educação atravessa seus percursos: “*A primeira professora da família fui eu [...] Escolhi ser professora por mim mesma, desde cedo, talvez como afinidade com a minha professora primária*”⁶. A continuidade se dá em Olinda, na Academia Santa Gertrudes, escola confessional católica e de ensino tradicional, sob a direção das Beneditinas Missionárias de Tutzing, da Alemanha. Em Recife, no ano de 1931, após o teste de admissão, in-

⁴Este verbete faz parte do projeto de pós-doutorado sob a supervisão da Profa. Dra. Betania de Oliveira Laterza Ribeiro (UFU), na linha de pesquisa em História e Historiografia da Educação, e, para a sua elaboração, acessei o “Acervo Elza Freire”, criado por mim, e para o qual, desde 2006, venho reunindo um conjunto de fontes primárias, documentais, oficiais e não oficiais, escritas e orais, iconográficas; nas quais destaco o que intitulei como “Escritos Íntimos”, com cartas, manuscritos e o seu único texto publicado: Setembro de 1977. In: COSTA, A. de O. [et. al.]. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. Aqui, faço remissão ao projeto em andamento, sob o título de “Legado Elza Freire”, nos quadros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GEPEJA) <https://www.gepeja.fe.unicamp.br/> e em interface com a Biblioteca Prof. Joel Martins, ambos da FE/UNICAMP.

⁵Hábito comum no Recife em famílias classificadas como de classe média ou “remediadas”.

⁶FREIRE, Elza. Setembro de 1977. In: COSTA, Albertina de Oliveira et al. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, pág. 202.

gressa nos quadros da Escola Normal de Pernambuco, tida como “seletiva” e modelo para a formação de professores, apreende a base das teorias educacionais, faz sua qualificação técnica e profissional até novembro de 1935 quando lhe é outorgado o título de Professora do Ensino Primário Oficial. Elza segue os processos de formação, conhecimento científico, pensamento pedagógico e atuação prática junto ao Instituto de Educação de Pernambuco - IEP⁷, em Recife, tendo a Escola de Aplicação como campo de estágio, com ênfase nos estudos-práticos, pesquisas e regência. Em síntese, no Instituto Pedagógico, leia-se IEP, Elza professora aprendeu e ensinou: antes, estagiária, e depois, concursada; lá, fundem-se sua especialização, teoria e prática político-pedagógica voltada, em particular, para a alfabetização, em interface com várias áreas do conhecimento: Psicologia, Direito, Economia, Antropologia, Arte, Política.

Em seus procedimentos pedagógicos, Elza, desde o início, unia ao seu capital cultural, à sua escolarização e formação sólida, dos primeiros anos ao magistério, a prática, institucionalizada ou não, do trabalho com as classes populares, as ideias progressistas e as concepções humanistas de mundo, tornando-se educadora humana, política e crítica. Já agia *avant la lettre* sob o signo da inteireza freiriana, apaixonada pelo seu fazer teórico-prático e pelos educandos.

A educação apresentou Elza a Paulo, e Elza identificou em Paulo Freire, então mais jovem e professor particular que concluía o secundário, equivalente hoje ao Ensino Médio – o educador. Ela, professora da rede estadual de Pernambuco, recebe dele aulas de sintaxe para um concurso de ascensão na carreira. Essas aulas marcam a vida pessoal e profissional de ambos. Em Recife, na Matriz da Soledade, casaram-se⁸, em novembro de 1944. Por influência de Elza Freire, Paulo Freire é levado para a educação, ao deixar a advocacia, após ouvir dela: “*Eu esperava isto, você é um educador.*”⁹

Elza Freire registra seu pioneirismo político-pedagógico e seu compromisso com a Educação Pública desde a década de 1940, quando lecionou no IEP e na Escola de Especialização Ageu Magalhães; já a partir dos anos de 1950, exerceu o cargo de diretora na mesma escola; promo-

⁷ Transição da Escola Normal de Pernambuco (1865 a 1946) para o Instituto de Educação de Pernambuco (Criado pelo Decreto-Lei 1448/1946) e posteriormente Centro Integrado de Educação (Decreto Estadual nº 2.632/1972).

⁸ Elza Maia Costa Oliveira, por ocasião da tradição patriarcal no Brasil e do casamento civil com Paulo Régulus Neve Freire, assume juridicamente o sobrenome do marido, passando a assinar Elza Maia Costa Freire. Todavia, ambos são conhecidos nacional e internacionalmente como Paulo Freire e Elza Freire. Consultar SPIGOLON, Nima I. (2009; 2014).

⁹ FREIRE, Freire in FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, pág. 17-18.

veu a integração da arte na Escola Pública, enfatizando as implicações do fazer artístico no processo de alfabetização; foi diretora da Escola Mota e Albuquerque e lecionou na Escola Clotilde Meira. Iniciou 1960 como dirigente da Escola Caio Pereira e da Escola Joaquim Nabuco, onde terminou o ano de 1964 - um ano que durou 21 anos¹⁰.

Elza Freire, além de atuar como professora e diretora em instituições públicas de Pernambuco, foi precursora na formação de formadores e educadores para atuar com Alfabetização de Adultos. Ao mesmo tempo, se vinculou aos movimentos mais expressivos de Educação, Educação Popular e Cultura Popular do Brasil. Ao lado de Paulo Freire, trabalhou no Movimento de Educação de Base - MEB, e foi uma das fundadoras do Movimento de Cultura Popular - MCP; realizou as primeiras experiências com alfabetização para adultos, conhecido como "Método Paulo Freire", quando sistematizou as palavras geradoras. Juntos, criaram os Círculos de Cultura, atuando em Recife: no Poço da Panela e no SESI; em Angicos: nas 40 horas de Angicos; em São Paulo: na Vila Helena Maria; e em Brasília, com o Plano Nacional de Alfabetização - PNA, até março de 1964.

E veio o golpe de 1964, que depôs o Governo João Goulart e instaurou a Ditadura Militar. Veio o inquérito policial e a prisão de Paulo Freire, as idas de Elza Freire na cadeia, com as filhas, para visitá-lo e levar feijoada aos presos. Veio o exílio político da Família Freire. Elza foi a estrategista, cuidou da sustentação emocional dos filhos e de Paulo, das rotas de fuga internas e da saída de todos, com vida e em segurança, do Brasil.

O itinerário de Elza Freire, de mãos dadas a Paulo Freire no exílio político (1965-1980), marca a luta pela sobrevivência e a radicalização do pensar e do fazer político-pedagógico do casal. Fora do país, aliaram sua experiência de Educação com Revolução, impulsionados pelos desafios da Alfabetização de Adultos numa perspectiva humanizadora, crítica e emancipadora. O casal Freire e filhos percorreram, em movimentos pendulares de circulação, as Américas, a Europa e África.

A diáspora Freireana¹¹ traça o mapa do exílio da família a partir dos percursos de Elza Freire, pormenorizando onde residiram e onde e quando trabalharam. Em retrospectiva, Elza Freire foi, decisivamente, partícipe com Paulo Freire, por exemplo, em Santiago no Chile (1965 a 1969) da colônia de exilados brasileiros e latino-americanos, das atividades com os camponeses junto ao Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária (ICIRA) e da feitura do livro *Pedagogia do Oprimido*; em Cambridge, nos Estados Unidos (1970), o trabalho na educação; em

¹⁰O dia que durou 21 anos. Direção de Camilo Tavares. Brasil, 2011.

¹¹ Consultar SPIGOLON, Nima I. (2014, p. 428).

Genebra, na Suíça (1971 a 1980), da agenda no Conselho Mundial de Igrejas (CMI), da criação do Instituto de Ação Cultural (IDAC), que ressignificou a ação política-filosófica da educação a partir da experiência do exílio e mediou a inserção político-pedagógica na Itália, na Suíça e em África.

A maturidade intelectual e profissional de Elza Freire se explicita com amorosidade e prática política nos caminhos de África (1976 a 1979), nos países recém-independentes da colonização portuguesa, pois as dinâmicas de seu trabalho no âmbito daquelas realidades revelam o alinhamento do casal Freire com o Partido Africano para Independência de Guiné Bissau e Cabo Verde (PAIGC) e as Forças Armadas Revolucionárias do Povo (FARP), de Guiné-Bissau, e, acontece com o engajamento militante de reconstrução nacional também em Angola e São Tomé e Príncipe. Lá, Elza Freire formou formadores, elaborou materiais didáticos, alfabetizou adultos, assessorou e integrou equipes técnicas; além disso, compõe o livro *Cartas a Guiné-Bissau*, nas quais registra seu compromisso com a intervenção no real e a transformação social, pois: “A pessoa humana é algo concreto e não uma abstração¹²”.

Na cronologia do exílio, Elza Freire e Paulo Freire ampliaram e aprofundaram sua proposta de Educação e, particularmente, a de Adultos, com adaptações do que aconteceu no Brasil e incorporações do que foram realizando pelos cinco continentes, vinculados a instituições, organizações, partidos e redes relacionais.

A primeira vinda ao Brasil após 1964 se dá com a anistia, em agosto de 1979, e acontece após a intervenção de Elza Freire, que a viabilizou quando entrou com mandado de segurança contra o Ministério das Relações Exteriores do Brasil em Genebra, para tirar passaportes e renovar os vistos seus e os de sua família. O retorno definitivo foi em 1980, quando Elza Freire e Paulo Freire vão residir em São Paulo, capital. Num ambiente de redemocratização e de abertura política, Elza Freire é presença permanente, ao lado de Paulo Freire, na elaboração de programas e políticas de Educação de Adultos; na fundação do Centro de Estudos em Educação (VEREDA), em 1982; na reaproximação com os movimentos sociais, populares e indígenas via educação popular, alfabetização de jovens e adultos e outras práticas sociais; nas ações de formação de educadores nos quadros da Associação Difusora de Treinamento e Projetos Pedagógicos (ADITEPP), em Curitiba; na socialização de seus conhecimentos na atuação em salas de aula, em Círculos de Cultura que ocor-

¹² FREIRE, Elza in FREIRE, Paulo. *Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, pág. 39.

reram na UNICAMP e nas unidades da Pontifícia Universidade Católica (PUC), de Campinas e de São Paulo.

Elza Freire sempre foi a primeira leitora, e leitora crítica de Paulo Freire, e inclusive redigiu muitos trechos, sendo também autora – dizendo melhor e de modo mais adequado: Elza Freire é coautora da obra de Paulo Freire, projetando as reflexões que fez junto a ele inclusive nos livros póstumos a ela. Nos livros – que são assinados formalmente apenas por Paulo, embora testemunhos os mais diversos, inclusive do próprio Paulo, deem conta da coautoria – há a recriação da teoria e da prática, das experiências de ambos. Os testemunhos de Paulo se revelam ora formalmente, nas dedicatórias, páginas de livros e escritos, ora informalmente, nas declarações públicas, em conferências, cursos e seminários¹³. Há, de Elza, a materialização dos princípios Freirianos, da participação constituída e constituinte da vida e da obra de Paulo, realizada nas miudezas do cotidiano, da intimidade, do conflito e de uma grande história de amor e paixão de um pelo outro e dos dois pela educação e pela humanidade – Elza forja a Pedagogia da Convivência¹⁴, sendo a personificação antecipada dos métodos, das práticas, da práxis e da teoria que serão posteriormente conformadas nos livros de Paulo Freire.

Elza Freire – mulher e professora, esposa, amante e mãe, companheira comprometida com o trabalho educativo e libertador ao lado dos excluídos, esfarrapados e oprimidos do mundo inteiro – faleceu em 1986.

Referências

FREIRE, Elza. Setembro de 1977. In: COSTA, Albertina de Oliveira et al. *Memórias das mulheres do exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Elza. in FREIRE, Paulo. *Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Elza. in FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

¹³Ancoragem em SPIGOLON, Nima I. (2009; 2014; 2015)

¹⁴Perspectiva formulada a partir das relações estabelecidas por Elza Freire e Paulo Freire após o casamento. Apresenta a convivência deles – que se encontram e se influenciam mutuamente também no campo da Educação, e desenvolvem equações teóricas, metodológicas e práticas emancipadoras. É o processo político-pedagógico como possibilidade dialética capaz de minimizar a dicotomia entre os sujeitos e a realidade existencial. Vide SPIGOLON, Nima I. (2015).

SPIGOLON, Nima I. *Pedagogia da Convivência: Elza Freire – uma vida que faz Educação*. 2009. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SPIGOLON, Nima I. *As noites da ditadura e os dias de utopia – o exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979*. Tese. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SPIGOLON, Nima I. *Pedagogia da Convivência: Elza e Paulo Freire – vidas que fazem Educação*. In: Revista Unifreire, ed. 3, dez. 2015, p. 78-94. Disponível em: https://paulofreire.org/images/pdfs/revista_unifreire_3.pdf

FLORESTAN FERNANDES

Fabíola Andrade Pereira

Considerado um dos maiores intelectuais brasileiros do século XX e defensor convicto da democracia, Florestan Fernandes, nasceu em São Paulo, no dia 22 de julho de 1920. Militante do ensino público e universal deixou como legado uma carreira acadêmica e política brilhante, que certamente contribuiu para a transformação do pensamento social brasileiro.

Oriundo de uma família pobre e filho de uma empregada doméstica, Florestan Fernandes, desde cedo, percebeu, através dos seus itinerários, que o Brasil apresentava grandes disparidades de classes sociais, e que a educação seria, portanto, um pilar importante da estrutura social. Assim, como muitos brasileiros, enfrentou as dores da pobreza, e precisou fazer escolhas para sobreviver. Para ajudar a mãe, necessitou abandonar seus estudos e se dedicar ao trabalho, chegando a exercer a função de engraxate, e, depois, trabalhou numa padaria e em um restaurante.

As lutas do trabalho em busca de uma vida menos injusta, as vivências e percursos sociais certamente fariam de Florestan um grande defensor da sociologia crítica no Brasil. Suas passagens e itinerários o levaram, em 1941, a ingressar na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), bacharelado-se em Ciências Sociais (primeiro curso superior de Sociologia do Brasil), em 1943, em plena ditadura do Estado Novo.

Após esse período, ingressou no curso de pós-graduação em Sociologia e antropologia, na Escola Livre de Sociologia e Política, chegando a atuar, a partir de 1945, como pesquisador e professor assistente de Fernando de Azevedo na cadeira de Sociologia II. Em 1947, conquistou o título de mestre em Ciências Sociais na Escola Livre, e, em 1951, obteve o título de doutor em Sociologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

Sua efetiva participação política em favor do ensino público e universal teve seu apogeu na década de 50. Sua 'bandeira de luta' chamava a atenção para a necessidade de repensar a dinâmica da educação brasileira, a fim de democratizar o conhecimento a partir da realidade histórica e econômica da população. Assim, Florestan Fernandes deixou na educação contribuições significativas, a exemplo, cita-se sua efetiva participação como deputado na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB, lei nº 9394/96.

Em 1964, por ocasião do Golpe Militar, Florestan Fernandes é perseguido e preso por lutar em favor dos desfavorecidos e da causa docente em um partido de esquerda, e cassado pelo AI-5 em 1969.

No âmbito da produção intelectual, Florestan deixou mais de cinquenta obras publicadas. Dentre as quais, destaco: *A universidade brasileira: reforma ou revolução?*; *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana; O que é revolução?*; *O significado do protesto negro*, entre outros. Mais do que isso, ele "transformou o pensamento social do país e estabeleceu um novo estilo de investigação sociológica, marcado por um rigor crítico e analítico" (FRAZÃO, 2019).

Florestan Fernandes, que tinha **a desigualdade social como aspecto central de sua obra e militância**, nos deixa em 10 de agosto de 1995, aos 75 anos, vítima de problemas no fígado.

A presença de Florestan nas cartas de Brandão aparece em 12 de setembro de 1976. À época, Brandão, se dirigindo a Osmar, a quem chamava de amigo, solicitava que ele, ao receber "as xerox das cartas" que enviava, visse o que seria possível fazer com Frei Ludovico. Brandão salientava, ainda, que naquela época tinha 4 prêmios nacionais na área (aqui, ele se refere à Educação e, de forma específica, à educação popular), coisa que, segundo ele, "Florestan havia tentado e não conseguiu". Porém, Brandão destaca nesta mesma carta os méritos de Florestan, quando diz: "mas ele conseguiu tanta coisa que eu nunca vou saber fazer". Certamente, Brandão sabia que se referia a um homem que, assim como ele, tem uma trajetória de vida comprometida com a causa da emancipação da humanidade.

Referências

FRAZÃO, Dilva. **Florestan Fernandes Político e sociólogo brasileiro**. (Última atualização: 16/08/2019). Disponível em: https://www.ebiografia.com/florestan_fernandes. Acesso em: 17 de fevereiro de 2021.

FREI BETTO

Neiva Furlin

Carlos Alberto Libânio Christo, conhecido popularmente como Frei Betto, é Frade dominicano e escritor brasileiro. Autor de vários artigos e de mais de 60 livros, editados no Brasil e no exterior. Estudou jornalismo, antropologia, filosofia e teologia. Recebeu vários prêmios por suas obras, entre os quais o Prêmio Jabuti, em 1982, pelo livro de memórias *Batismo de Sangue* (FREI BETTO, 2020a), que se configura como uma das mais importantes obra sobre os horrores da ditadura militar. Vale ressaltar que Frei Betto viveu de perto essa experiência, tendo sido preso por duas vezes, durante o período da ditadura militar¹⁵.

Tem uma trajetória comprometida com a luta popular. Foi coordenador da Articulação Nacional de Movimentos Populares e Sindicais, participou da fundação da Central Única dos Trabalhadores e da Central de Movimentos Populares. Prestou assessoria à Pastoral Operária do ABC, ao Instituto Cidadania (São Paulo) e às Comunidades Eclesiais de Base, e foi consultor do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Nos anos de 2003 e 2004, atuou como Assessor Especial do Presidente da República e coordenador de Mobilização Social do Programa Fome Zero. Atualmente, é membro do Conselho Consultivo da Comissão Justiça e Paz, de São Paulo, e sócio fundador do Programa Todos pela Educação (FREI BETTO, 2020a).

Frei Betto recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* em Filosofia, concedido pela Universidade de Havana, em outubro de 2015. Recebeu, ainda, inúmeros prêmios e títulos, no Brasil e no exterior, por seus importantes trabalhos em favor dos direitos humanos¹⁶. Destacamos, aqui, al-

¹⁵ Na sua primeira prisão, em 1964, frei Betto foi torturado, e, na segunda, em 1967, afirma ter se livrado da tortura física graças ao General Campos Christo, irmão de seu pai. Contudo, assistiu de perto a tortura de outros colegas e sofreu torturas psicológicas (FREI BETTO, 2014).

¹⁶ Outros detalhes, consultar o site Frei Betto in: <https://www.freibetto.org/index.php>

guns, como: o Troféu Paulo Freire de Compromisso Social, em 2000; o Prêmio Dom Paulo Evaristo Arns, em 2014, por sua longa trajetória de vida em prol dos Direitos Humanos; o Troféu Chico Xavier, por seu trabalho em prol da paz e justiça social e a Medalha Darcy Ribeiro, por destacar-se nas áreas de Educação e Cultura, ambos em 2015 (FREI BETTO, 2020a).

Diante da trajetória de Frei Betto é fácil entender a sua interação com Carlos Rodrigues Brandão. Além de participarem de uma mesma geração, como bem acentuou Paulo (2014), possuem uma trajetória comum, que é a Ação Católica e a educação popular¹⁷. Frei Betto e Brandão cultivam uma amizade de anos. Por vezes, trocam e-mails e são leitores das obras um do outro. Trata-se de uma interlocução direta e interativa, em que um influencia o pensamento do outro, de modo que Brandão cita Frei Betto em muitas de suas obras, e Frei Betto cita Brandão, como é o caso da obra *Sinfonia Universal: a cosmovisão de Teilhard de Chardin*, publicada pela Editora Vozes, em 2011 (FREI BETTO, 2020b).

Nos registros das Cartas de Brandão, encontra-se uma em que Frei Betto se dirige a Brandão como amigo, solicitando uma contribuição para a Campanha de quaresma, que seria destinada ao Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST). Trata-se de uma campanha anual promovida por Frei Betto no tempo da quaresma, quando envia uma carta para mais de mil destinatários de sua rede de relações, inclusive para Brandão¹⁸. O valor recebido, anualmente, é destinado para um projeto ou organização social da confiança de Frei Betto. (FREI BETTO, 2020b).

Isso evidencia concretamente a amizade e a interlocução direta entre Brandão e Frei Betto, sobretudo quando está em questão a educação popular e as agendas e causas que mobilizam os movimentos e organizações sociais.

Referências

FREI BETTO. **Sinfonia Universal**: a cosmovisão de Teilhard de Chardin. Petrópolis- RJ: Editora Vozes, 2011.

FREI BETTO. **Perfil**. Site frei Betto. Disponível em: <<https://www.freibetto.org/index.php>>. Acesso em 11 de abril de 2020a.

¹⁷ Essa afirmação de Frei Betto consta em uma mensagem de e-mail que me foi enviada em 29 de março de 2020.

¹⁸Neste ano de 2020, a instituição beneficiária é o projeto da Amazônia - a Comunidade Fazenda São Sebastião, localizada à margem esquerda do igarapé Mapiá, município de Pauini (AM) (FREI BETTO, 2020a).

FREI BETTO. **Mensagem pessoal sobre a relação com Carlos Rodrigues Brandão**, 2020b. Mensagem recebida por <nfurlin@yahoo.com.br>, em 29 de mar. 2020.

FREI BETTO. Entrevista: Frei Betto fala sobre a sua participação contra o regime militar 23.03.2014. **O tempo**. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/hotsites/50-anos-do-golpe/frei-betto-fala-sobre-a-sua-participacao-contr-o-regime-militar-1.815519>>. Acesso em 11 de abril e 2020.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Pioneiros e pioneiras da Educação Popular freiriana e a universidade**. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2018. 268 f.

FREI CHICO /FREI FUXICO FRANCISCO VAN DER POEL

Graciela Santos Dornelles
Paulina dos Santos Gonçalves

Frei Chico - Francisco Van der Poel é religioso franciscano, holandês, radicado há décadas no Brasil. Desde o final da década de 60, vive em Araçuaí, Vale do Jequitinhonha, MG. Dedicou-se, em profunda imersão, à religiosidade popular. Poderia ser considerado “doutor Honoris causa” neste tema. Prova disso que, em sua permanência como pároco da diocese Araçuaí, ele acumulou mais de quinze mil folhas com o registro da cultura relacionada com a fé e a espiritualidade daquela gente. A essa extensa pesquisa, o frade acrescentou outras, realizadas em Portugal, com busca em arquivos, pelos caminhos que o levassem a melhor compreensão dos saberes do povo simples do Vale do Jequitinhonha. Suas pesquisas estão registradas no *Dicionário da Religiosidade Popular: Cultura e Religião no Brasil*. Frei Chico tem sido um intelectual com intensa produção. Em resumo, em seu currículo, Francisco Van Der Poel, franciscano, membro do corpo docente do Instituto Jung, em Belo Horizonte (MG); do Conselho do Centro da Memória da Medicina, na UFMG; do corpo docente do Instituto Santo Tomás de Aquino, de teologia; da Comissão Mineira do Folclore; do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais; da Ordem dos Músicos do Brasil; formado em Teologia, na Holanda; licenciado em Filosofia, em São João del Rei (MG); publicou seis livros; e tam-

bém é palhaço do Teatro Terceira Margem, em Belo Horizonte. Tem sido grande incentivador e divulgador da cultura da região, através do grupo Trovadores do Vale.

A vida e obra de Frei Chico se inscrevem nas trilhas da **Teologia da Libertação** e da **Educação Popular**. A Teologia da Libertação se configura como reflexão-ação acerca do papel dos cristãos no contexto marcado pela consciência das imensas desigualdades sociais. Foi sistematizado em obras e escritos, produzidos, principalmente, a partir da década de 1970, quando teólogos (as) passaram a pensar o evangelho e as categorias da fé a partir de um enfoque de denúncia da situação social dos países latino-americanos e anúncio do primado dos pobres. Pode ser vista como resposta a partir do cristianismo para a opressão, o cerceamento das liberdades individuais, a violação dos direitos humanos, das ditaduras e desmandos, bem como uma valorização do protagonismo das camadas populares. As Igrejas cristãs (principalmente a Católica), até então indiferentes aos problemas sociais, se engajam em processos libertários. Dessa forma, a América Latina desempenhou um papel pioneiro na elaboração da teologia da libertação, na esteira da renovação proposta pelo Concílio Vaticano II.¹⁹

Através das suas obras, o frade deu voz aos diferentes saberes do povo, democratizando a cultura da região, que, por muito tempo, fora oprimida, dado que historiciza saberes ancestrais.

As suas análises influenciariam a trajetória teórico-prática de Brandão, onde este realizava estudos sobre fronteiras da fé e as suas singularidades. Em carta a Carlos Hasenbalg, sociólogo argentino, Brandão cita as pesquisas de Frei Chico. Percebe-se uma conexão entre estes dois pesquisadores, educadores, nas trilhas da cultura e da educação popular em Paulo Freire. Eles se permitiram encharcar-se do cotidiano dos pobres, sobretudo na escuta amorosa que anuncia as sabsenças do povo, envolvendo-os como sujeitos na pesquisa.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues [**Correspondência**]. Destinatário: Carlos Hasenbalg. Campinas, 30 de novembro. 1 carta pessoal.

¹⁹ Concilio Vaticano II, Concílio Ecumênico da Igreja Católica, foi de 1962, com Papa João XXIII, até 1965, já sob o papado de Paulo VI. Resultou em decisões expressas, constituições, decretos e declarações que modificaram a vida da Igreja Católica, mas com aspectos ecumênicos, com a modernidade.

FERREIRA, Jaqueline Leandro. **Paulo Freire e a Teologia da Libertação: uma prática libertadora**. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/16676>. Acesso em 06/04/2020

POEL, Francisco Van Der. A religiosidade popular: o exemplo da milenar oração para curar a eripsela. **Vida Pastoral: Revista Bimestral Para Sacerdotes e Agentes de Pastoral**. São Paulo, São Paulo 289, p. 33-38, março-abril de 2013. Disponível em: <https://www.vidapastoral.com.br/wp-content/uploads/2013/02/mar%c3%a7o-abril-de-2013.pdf>. Acesso em 26/03/2020.

FREI LUDOVICO GOMES DE CASTRO

Marlon Junior Pellenz

Um dos citados nas cartas de Brandão e Osmar é Frei Ludovico, que, na época, era responsável pela Editora Vozes e contribuiu muito com a abertura a publicações em educação, mediante o contexto civil militar em que se encontrava nosso país na década de 70.

Frei Ludovico nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1909, filho de Ernesto Gomes de Castro, carioca, e Guiomar Mourão de Castro, mineira. Deram-lhe o nome de Miguel. Seus pais tiveram ao todo 12 filhos. No ano de 1920, ingressou no seminário franciscano de Blumenau, SC. Fez o noviciado em Rodeio, SC, e, lá, recebeu o nome de Frei Ludovico, em 1927. Cursou Filosofia em Curitiba, PR, e Teologia em Petrópolis, RJ, onde foi ordenado sacerdote, em 1932. Junto com outros três professores, escreveu a gramática de latim *Ars Latina*, em 4 volumes. Em 1934, foi enviado à Alemanha para cursar o doutorado em Teologia Dogmática da Universidade de Friburgo, onde assistiu aulas de Martin Heidegger. Em 1945, com 36 anos de idade, foi eleito provincial do Brasil, e reeleito em 1948, e, em 1952, ficou como vice provincial. Em 12 de janeiro de 1962, foi nomeado diretor geral da Editora Vozes, função que exerceu até 1986. Frei Ludovico faleceu na sede da Província, em São Paulo, no dia 22 de agosto de 1992, com 82 anos.

Na Dissertação do Marcelo de Andrade (2001) sobre a gestão de Frei Ludovico, aponta que a Vozes passou a investir em obras destinadas ao público universitário, traduzindo autores consagrados no meio acadêmico e editando trabalhos monográficos, dissertações e teses de profes-

sores e pesquisadores nacionais, e em um catálogo religioso caracterizado pela ousadia e a pluralidade de sua gestão.

O renomado frei e bispo emérito da Diocese de Novo Hamburgo-RS Boaventura Kloppenburg, O.F.M., em memória, por ocasião dos seus 25 anos de episcopado, cita o Frei Ludovico, na época, como alguém jovem e apto a assumir a direção da Editora Vozes, frente aos novos tempos vindouros:

[...] tive que resolver então renunciar à direção da REB, para entregá-la a mãos mais jovens. A própria direção da Editora mudara. Frei Ludovico Gomes de Castro, O.F.M., homem severo, formado em teologia na Alemanha, provincial da Província, construtor do seminário de Agudos (SP), bom administrador, era o novo diretor da Editora Vozes. (KLOPPENBURG, 2007, p. 511).

Frei Leonardo Boff cita o amigo, que era próximo a São Francisco de Assis, mediante um sonho que Ludovico tivera com o Santo. Leonardo contextua o frei em nota de rodapé pela grande coragem e ousadia frente ao governo militar da época:

Boff homenageia o frade Ludovico Gomes de Castro, religioso que, durante muitos anos, dirigiu a editora Vozes. Em sua gestão, frei Ludovico foi o responsável pela então arriscada decisão de publicar o livro *Brasil: nunca mais*, o mais completo e documentado estudo sobre a utilização de tortura, por agentes do Estado, durante a última ditadura brasileira. Publicação (feita meses após a posse de governo civil, quando não era clara a reação de partidários do antigo regime a ela) recomendada, em parecer, pelo próprio Boff. (COSTA, 2016, p. 461).

Ludovico deixou sua contribuição em vida, dada a ousadia e pluralidade mediante os desafios que a sua época designava. Foi um inovador frente a Editora e à modernidade, e amigo da Educação, sendo que muitos escritores, estudiosos e pesquisadores se reportavam a ele buscando auxílio, visto sua abertura às publicações e visão crítica dos tempos ditatoriais.

Referências

ANDRADE, Marcelo Ferreira de. **Do claustro à Universidade: As Estratégias editoriais da Editora Vozes na gestão de Frei Ludovico Gomes de Castro (1964 - 1986)**. Dissertação de Mestrado. UFRGS, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, PPG em Comunicação e Informação. Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3502/000339311.pdf?sequence>. Acesso em: 27 de Jan de 2021.

COSTA, Marcelo Timotheo da. **Em nome do Pai: o Francisco de Assis de Leonardo Boff**. Topoi (RJ.), Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 444-467, jul./dez. 2016: www.revistatopoi.org

KLOPPENBURG, Boaventura. **Bispo jubilar com suas vicissitudes eclesiais**. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 37, n. 158, p. 508-524, dez. 2007.

GERALDO VANDRÉ

Marlon Junior Pellenz

Geraldo Pedrosa de Araújo Dias é um renomado cantor e compositor brasileiro. Nasceu no dia 12 de setembro de 1935, em João Pessoa, PB. Foi o primeiro filho do casal Maria Eugênia e José Vandregisilo. Uma curiosidade: foi no nome do pai que o artista se inspirou para criar o seu nome artístico.

Seu primeiro contato com a música vem de raízes nordestinas. Nos anos de 1950, muda-se para o Rio de Janeiro para estudar e se dedicar à carreira de cantor de rádio. Grava um disco no qual imita Orlando Silva, Francisco Alves e Carlos José - que o inspira na criação de seu primeiro nome artístico, Carlos Dias. Ingressa no curso de direito no Rio de Janeiro e no movimento estudantil. Integra o Centro Popular de Cultura (CPC), e conhece Carlos Lyra, seu primeiro parceiro de composição. Em 1961, com o nome artístico Geraldo Vandrê, grava, em 78 rpm, *Quem Quiser Encontrar o Amor*, parceria com Carlos Lyra. Lança seu primeiro LP, *Geraldo Vandrê*, em 1964.

Sua fama logo se espalha diante de algumas canções que fizeram sucesso e de trilhas sonoras, o que lhe rendeu até mesmo um programa na TV Record, o qual durou um mês. No 3º Festival Internacional da Canção da Record, em 1968, conquista o público com *Caminhando* ou *Pra Não Dizer que Não Falei de Flores*. Essa é a sua última apresentação antes de ter sua obra censurada e seguir para o exílio. Depois de viver no Chile e em vários países europeus, onde realiza alguns shows, fixa residência em Paris. Retorna ao Brasil em 1973, depois de ser forçado a retratar-se publicamente. Nesse ano, lança seu último álbum, *Das Terras de Benvirá*.

Depois de décadas de silêncio, Vandrê reaparece em 1995 com uma canção que exalta a Força Aérea Brasileira (FAB), chamada *Fabiana*. A nova posição em relação às Forças Armadas reforça as suspeitas de que ele teria sido torturado, sofrendo sequelas psicológicas. Dois anos mais

tarde, o conjunto Quinteto Violado lança o álbum *Quinteto Canta Vandré*, com 12 composições, incluindo *Disparada* e *Pra Não Dizer que Não Falei de Flores*.

Geraldo Vandré é um dos mais importantes representantes do que é conhecido como a canção engajada dos anos 1960, que marca os festivais organizados pelos canais de televisão brasileiros. Como outros artistas engajados de sua geração, muitos dos quais envolvidos com o movimento estudantil, Vandré compõe canções que denunciam as mazelas sociais. Em um contexto de restrição da liberdade de expressão e da cassação de direitos políticos, efetuadas pelo regime militar estabelecido no Brasil a partir de 1964, suas composições veiculam um discurso de esperança de uma sociedade melhor para o povo oprimido.

Como outros autores engajados, Vandré pretende com isso facilitar a compreensão da mensagem. Utilizando uma linguagem direta, *Caminhando* apresenta a defesa da igualdade como base da condição humana, questionando, de um lado, o pacifismo ("Acreditam nas flores/ vencendo o canhão") e, de outro, o poder militar ("Há soldados armados/ amados ou não/ quase todos perdidos/ de armas na mão"). Na última estrofe, projeta "a certeza na frente/ a história na mão", terminando com o refrão que convida à ação: "Vem, vamos embora/ que esperar não é saber/ quem sabe faz a hora/ não espera acontecer".

Para seu desgosto, as previsões são erradas. Depois do exílio forçado, o Brasil vira palco de repressão sangrenta contra os opositores do regime militar, que se mantém no poder por 20 anos.

Referências

GERALDO Vandré. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021.

HENRIQUE CLÁUDIO DE LIMA VAZ

Terezinha Conte Piletti

Foi um padre jesuíta, professor, filósofo e humorista brasileiro; autor de uma vasta obra filosófica, hoje preservada e divulgada em seu memorial, mantido pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Henrique Cláudio de Lima Vaz nasceu em Ouro Preto-MG, em 24 de agosto de 1921. Entrou na Companhia de Jesus (Jesuítas) em 28 de março de 1938. Foi ordenado sacerdote no dia 15 de julho de 1948. Gradou-se em Filo-

sofia pela Faculdade Pontifícia de Filosofia, da então Província do Brasil Central, da Companhia de Jesus, com sede em Nova Friburgo-RJ.

Em 1945, foi enviado a Roma para estudar teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma; a tese de doutorado defendida por ele teve como tema Contemplação e dialética nos diálogos platônicos. Para Lima Vaz, religião e fé não eram algo extrínseco com o qual se relacionava: nelas vivia e delas se alimentava espiritualmente. Por isso, ele afirmava não experimentar conflitos interiores a respeito da compatibilidade entre suas convicções religiosas e sua vocação de filósofo. Desde o início, deixou-se guiar pela diretriz de Santo Agostinho: “crê para entenderes e entende para creres”. Sua síntese filosófica pessoal apoiava-se em três grandes influências: Platão, Tomás de Aquino e Hegel. Mas seu autor predileto é, sem dúvida, Tomás de Aquino (SILVA, 2013). Seu sistema filosófico é caracterizado por uma estrutura triádica, e possui como pilares sua antropologia (nos livros Antropologia filosófica I e II), sua ética (nos livros Escritos de filosofia IV e V) e sua metafísica (Escritos de filosofia VII – Raízes da Modernidade).

A dedicação de Lima Vaz ao estudo sobre Hegel fez com que ele se tornasse conhecido no Brasil como referência na pesquisa sobre este importante pensador alemão. Estudos sobre a filosofia de Lima Vaz podem, portanto, nos abrir novas possibilidades de compreender melhor a nossa própria realidade e os desafios com os quais a sociedade e a cultura encontram-se continuamente confrontados. Para ele, a dialética não se constitui como um conjunto de regras pré-estabelecidas que aplico a realidade para poder compreendê-la. Lima Vaz deixa bastante claro, de modo especial no texto Método e Dialética (2002), que a dialética para ele se constitui como ontologia.

Ele também estabelece uma distinção importante entre a noção clássica e a noção moderna de método. Trata-se de um “roteiro de inquirição ou busca (*zêtesis*) a orientar a atividade intelectual com vistas à solução de uma dificuldade (*aporia*) que se apresentava na reflexão ou, mais geralmente, no diálogo” (VAZ, 2002). Logo, dialética não é um método que pode ser aplicado. Ela não se confunde com um “conjunto de regras ou conselhos para bem dirigir a razão nas ciências” (VAZ, 2002). A ética de Henrique Vaz se apresenta apoiada sobre um tripé que conjuga ética, metafísica e antropologia. Daí que o modo como ele compreende dialética o faz ver esse caminho de conhecimento como uma ontologia. Nesse sentido, as reflexões que seguem acompanham o desenvolvimento da ética filosófica de Henrique Vaz: sujeito, comunidade de sujeitos e *ethos*, culminando na afirmação da pessoa moral (VAZ, 2002).

O campo de reflexão da obra de Vaz é o da razão filosófica, que envolve as questões da identidade dialética da Razão e do Ser, a identi-

dade reflexiva da Razão consigo mesma e a unidade da Razão na pluralidade das suas formas e dos seus usos. Tal análise é realizada numa perspectiva crítica, que percorre todo o itinerário da Razão até a modernidade, quando essa se define como conhecimento procedente de hipóteses e deduções experimentalmente verificáveis. Será no destino da Razão prática, distinta da teórica e da *poiética*, que será desenvolvida a concepção da Ética filosófica (ARCE, 2006).

Padre Henrique Cláudio de Lima Vaz (apenas citado em carta de Brandão).

Referências

ARCE, Enrique Viana. A ética do conflito em Henrique Cláudio de Lima Vaz, Josep Maria Puig e nos Parâmetros Curriculares Nacionais, PCNs – Campinas, SP: [s.n.] 2006. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de. Argumentos Revista de Filosofia. Dossiê Filosofia do Brasil. Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará – UFC. Argumentos - ano 13 - n. 25 Fortaleza, jan. /jun. 2021.

SILVA, Antônio Marcos Alves da. Ética e Intersubjetividade: a filosofia do agir humano segundo Lima Vaz. Cadernos Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Ano 11- nº 42- 2013.

VAZ, Henrique Cláudio Lima. Método e dialética. BRITO, E. F.; HARDING CHANG, L. (org.). Filosofia e método. São Paulo, Loyola, 2002, p. 9-17.

INSTITUTO PAULO FREIRE - IPF

Angela Biz Antunes

Em Los Angeles, no dia 12 de abril de 1991, numa reunião com educadores e amigos, entre eles Carlos Alberto Torres e Moacir Gadotti, Paulo Freire ficou entusiasmado com a idéia da criação de um instituto, já sugerida a ele, no Brasil, por José Eustáquio Romão, Walter Esteves Garcia e, mais tarde, compartilhada por Francisco Gutiérrez. Seu desejo era encontrar uma forma de reunir pessoas e instituições do mundo todo

que, movidas pela mesma utopia de uma educação como prática da liberdade, pudessem refletir, trocar experiências, desenvolver práticas pedagógicas e pesquisas nas diferentes áreas do conhecimento que contribuíssem para a construção de um mundo com mais justiça social e solidariedade. Assim surgiu o **Instituto Paulo Freire** (IPF).

O IPF (www.paulofreire.org) é uma organização não governamental sem fins lucrativos. Desde a sua fundação, em 1992, Paulo Freire acompanhou de perto a sua constituição: apresentou nomes, participou da discussão do seu estatuto, da definição da linha básica de atuação, tomou parte nas principais decisões e contribuiu sempre com suas valiosas e esclarecedoras reflexões sobre os projetos desenvolvidos. Atualmente existem Institutos Paulo Freire presentes em 18 países ao redor do mundo, independentes institucionalmente, mas orientados pelos mesmos princípios éticos, políticos e pedagógicos. Localizam-se na Argentina, Áustria, Brasil, Cabo Verde, Chile, China, Colômbia, Egito, Espanha, EUA, Índia, Inglaterra, Itália, Malta, Peru, Portugal, República Dominicana e França.

O que nos move é um amplo, fecundo e generoso encontro de instituições, de projetos, de sonhos e de pessoas que se querem homens e mulheres sujeitos da história, portanto, seres condicionados, mas não determinados, por isso, capazes de realizar a transformação social.

O legado de Paulo Freire nos conecta a uma rede internacional de pessoas, instituições, grupos de estudos, cátedras em inúmeros países, nos cinco continentes, que contribuem para **continuar e reinventar Freire**. No livro *Por uma pedagogia da pergunta* (1985:41) Paulo Freire afirma que “a única maneira que alguém tem de aplicar, no seu contexto, alguma das proposições que fiz é exatamente refazer-me, quer dizer, não me seguir. Para seguir-me, o fundamental é não me seguir”. Não se pode continuar Freire sem reinventá-lo.

A fim de possibilitar a troca de experiências e aprofundar as reflexões teóricas em torno de seus campos de atuação, em particular a educação, o Instituto se organiza em quatro áreas: **Educação Popular, Educação Cidadã, Educação de Adultos, Educação em Direitos Humanos**. Cada área desenvolve atividades de estudos, pesquisas, documentação, publicações, formação inicial e educação continuada, consultorias e assessorias, considerando as dimensões socioambiental e intertranscultural.

Para alcançar seus objetivos, o IPF procura: desenvolver ações orientadas por princípios éticos, que permitam incidir sobre as políticas públicas e as ações dos movimentos sociais que combatem a desigualdade e estimulam a participação cidadã; lutar contra a discriminação e exclusão de pessoas jovens e adultas analfabetas e garantir o direito humano fundamental à educação para todos e

todas; desenvolver projetos de intervenção em escala global, regional e local, sistematizando novas formas de gestão compartilhada que orientem e facilitem a execução de políticas voltadas para a inclusão social.

Em 1998, um ano após a morte de Paulo Freire, o IPF criou o **Fórum Paulo Freire**, um espaço internacional de estudo e atualização do seu legado, bem como de fortalecimento de vínculos entre pessoas e organizações que desenvolvem trabalhos e pesquisas na perspectiva da filosofia freiriana. Os Encontros Internacionais do Fórum Paulo Freire acontecem a cada dois anos. No II Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, realizado em Bologna (Itália), no ano 2000, foi fundada a UNIFREIRE (*Universitas Paulo Freire*), que tem por missão interconectar a comunidade freiriana pelo mundo por meio da articulação de cátedras, institutos e outros centros nacionais e internacionais de tradição freiriana, bem como desenvolver pesquisas e oferecer cursos, fortalecendo a perspectiva da educação emancipadora. Por meio da UniFreire, realizamos cursos pela EaD Freiriana (www.eadfreiriana.org), utilizando ambientes de aprendizagem para viabilizar encontros formativos “a distância”, cuidadosamente preocupados em manter a coerência de uma ação relacional, dialógica, afetiva e participativa.

O IPF é membro do Conselho Internacional do **Fórum Social Mundial** e também da Secretaria Executiva do **Fórum Mundial de Educação**. Esses Fóruns não teriam nascido no Brasil sem a história de lutas de mais de 60 anos do movimento de educação popular do qual Paulo Freire é um dos seus maiores inspiradores. Participando e impulsionando, desde o início, esses Fóruns, o IPF busca construir, coletivamente, as estratégias necessárias para a construção de um “outro mundo possível”. A missão que o IPF se propôs está intimamente ligada aos Fóruns.

A atuação do Instituto compreende ações orientadas pelos referenciais teórico-metodológicos freirianos, contribuindo com o desenvolvimento de uma consciência crítica, que desvele e supere a realidade opressora. Assessoria implantação de projetos de alfabetização, implantação de Movimentos de Alfabetização (MOVA); realização de Reorientação Curricular de EJA (Receja), de Educação Infantil (RECEI), de Ensino Fundamental (RECEF); cursos e oficinas pedagógicas de formação inicial e educação continuada, presencial e a distância, para educadores de jovens e adultos de redes municipais e estaduais, de ONGs e de Movimentos Populares; Seminários de Práticas da EJA e Encontro de Educandos da EJA, elabora subsídios didático-pedagógicos nas diferentes áreas em que atua (cadernos de formação para educadores e educandos, materiais audiovisuais, etc.), Planejamento Dialógico, Projeto Eco-Político-Pedagógico, Fortalecimento da Gestão Democrática, Formação de familiares e comunidade escolar, Colegiados Escolares, Avaliação Dialógica,

Leitura do Mundo (diagnóstico da realidade do entorno da escola e da própria escola, de forma participativa e dialógica para impactar no currículo), Pedagogia da Sustentabilidade, Plano de Educação Municipal, Avaliação Educacional Dialógica das redes municipais e estaduais de educação, Educação Integral e de Tempo Integral; Conferências Lúdicas com a participação ativa das crianças; Formação de Conselheiros de Conselhos de Direitos Humanos, etc.

O Instituto Paulo Freire mantém em sua sede central, em São Paulo, o **Centro de Referência Paulo Freire (CRPF)** com a biblioteca de Paulo Freire e os *Arquivos Paulo Freire*, que reúne inúmeros registros audiovisuais, documentos e manuscritos. O Acervo de Paulo Freire possui reconhecimento do Conselho Nacional de Arquivos, e, também, do Programa Memória do Mundo, da UNESCO. Possui títulos em âmbito nacional, latinoamericano e caribenho e, em 2017, recebeu o título de Patrimônio Documental da Humanidade. Grande parte do material que está no CRPF vem sendo digitalizado e disponibilizado no Memorial Virtual Paulo Freire: www.memorial.paulofreire.org. Nesses trinta anos de existência do Instituto Paulo Freire, já recebemos mais de cinco mil e quatrocentas pessoas interessadas na vida e obra de Freire. Pessoas vindas de todos os cantos do Brasil e de mais de 45 países. Já passaram pelo Centro de Referência Paulo Freire pesquisadores da Finlândia, Austrália, China, Japão, Índia, Itália, Alemanha, Espanha, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Senegal, Turquia e de tantos outros lugares. Chegam sempre com emoção, alegria, respeito, reconhecimento a esse grande educador que marcou a história das ideias pedagógicas. Um dos mais notáveis filósofos da educação da Alemanha, Wolfdietrich Schmied-Kowarzik, da Universidade de Kassel, autor do livro *Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*, acompanhado pelo também filósofo que traduziu essa obra para o português, Wolfgang Leo Maar, esteve no Centro de Referência Paulo Freire, no dia 21 de setembro de 1999, proferindo uma conferência-debate sobre o tema "O futuro ecológico como tarefa da filosofia", ocasião em que nos deixou a seguinte mensagem: "Eu estou muito feliz e honrado de poder falar aqui no Instituto Paulo Freire e poder discutir com Moacir Gadotti e outros membros do Instituto. Assim posso retribuir - infelizmente somente depois de seu falecimento - a visita que nos fez Paulo Freire em Kassel, nos anos 80. Espero que o contato não se perca. Com os melhores votos para essa significativa instituição". Sentimo-nos privilegiados no Instituto Paulo Freire pela oportunidade de receber tantas pessoas, emocionando-nos com os relatos de cada um, revelando o impacto da obra de Paulo Freire em suas vidas na dimensão pessoal e profissional, bem como inspi-

rando e fundamentando projetos em diferentes áreas do conhecimento e também políticas públicas nos seus respectivos países.

IRACI SALETE STROZAKE

Elisete Enir Bernardi Garcia
Ana Maria Baldo

Iraci Salete Strozake, mais conhecida como Salete, foi uma educadora popular, mãe, militante e dirigente do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra - MST. Sua participação no Setor da Educação do MST foi significativa para que a educação de crianças, jovens e adultos acontecesse nos acampamentos e assentamentos do MST. Militante desde muito jovem, teve participação ativa na luta pela terra no Sul do Brasil, participando de diversas ocupações de terra e da instalação e construção de acampamentos; Foi delegada do 1º Encontro Nacional do MST, na cidade de Cascavel – PR, no ano de 1984; Encontro este que é considerado o marco fundador do Movimento Sem Terra no Brasil. Lima (2018) rememora que, em 1985, ela participou de diversas ocupações de terra, e foi professora da Escola de Emergência Camélia II, no Assentamento Imbauzinho, que foi rebatizada de Escola Rosa Luxemburgo. Em todos esses momentos, ela levantou a bandeira da educação.

Salete nasceu no dia 22 de dezembro de 1969, e faleceu aos 27 anos, no ano de 1997, em um acidente de trânsito na BR 277, entre Laranjeiras do Sul e Cantagalo, no Paraná. Deixou uma filha bebê, de 40 dias, e outro menino, de 3 anos de idade. Em 1997, Salete estaria concluindo o 2º Grau, equivalente hoje ao Ensino Médio – modalidade EJA, fazendo as últimas provas para obter o certificado e, com isso, daria início ao curso de Pedagogia da Terra, que seria desenvolvido em Ijuí, SC, conforme nos diz Lima (2018).

Salete partiu cedo, entretanto, permanece viva na memória dos Sem Terras, devido a seu exemplo de luta, coragem e determinação. Sua militância segue sendo reconhecida e homenageada. Atualmente, Iraci Salete dá nome a duas escolas, nos municípios de Laranjeiras do Sul e Rio Bonito do Iguçu, ambos no Estado do Paraná; estando a Escola de Rio Bonito localizada no Assentamento Marcos Freire. Salete ainda dá nome a um assentamento localizado em Alvorada do Sul, também no Estado do Paraná.

Salete é reconhecida pela sua luta. Cabe destacar que Carlos Rodrigues Brandão (2001) menciona Salete em suas cartas, juntamente

com os educadores Roseli Caldart e Edgar Kolling. Salete permanece sendo uma fonte de inspiração para aqueles que acreditam que a educação é capaz de transformar as pessoas e o mundo. Viva na memória do Movimento Sem Terra e de todos e todas que creem que a mudança é possível e que só a luta coletiva trará os direitos e conquistas almejados, Salete segue inspirando educadores e militantes.

Referências

- BRANDÃO. Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Turma 1: **Salete Strozake** - cartão pessoal. 2001.
- Colégio Estadual Iraci Salete Strozak**. Histórico de sua criação. Disponível em: <<http://www.rbniracistrozak.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=11>>. Acesso em 11 de fevereiro de 2021
- Escola Estadual do Campo Iraci Salete Strozak**. Disponível em: <<http://cedocampoiracisalete.blogspot.com/>>. Acesso em 11/02/2021
- LIMA, Wesley. (2018). **Uma educadora revolucionária presente hoje e sempre**. Disponível em <<https://mst.org.br/2018/11/22/uma-educadora-revolucionaria-presente-hoje-e-sempre/>>. Acesso em 16/01/2021
- MST. (2009). **Assentados festejam 13 anos de conquistas de uma das maiores ocupações do sul do Brasil**. Disponível em <<https://mst.org.br/2009/04/16/assentados-festejam-13-anos-de-conquistas-de-uma-das-maiores-ocupacoes-do-sul-do-brasil/>>. Acesso em 16/01/2021.

IRMÃS BORDADEIRAS DE PIRAPORA

Bernadeth Maria Pereira

Citadas por Brandão, em suas cartas, como *as irmãs bordadeiras*, estas artistas compõem o *Grupo Matizes Dumont*, formado por três gerações de uma mesma família em Pirapora-MG, que se dedica há mais de trinta anos às artes visuais e gráficas e ao desenvolvimento humano. O *bordado espontâneo*, feito à mão, inspirado na natureza e na diversidade da cultura brasileira, é utilizado como linguagem artística e instrumento de transformação social e cultural. A matriarca, Antônia Zulma Diniz Dumont, aprendeu a bordar com sua mãe, e transmitiu essa arte aos filhos Ângela, Marilu, Martha, Sávvia, Demóstenes e às netas Luana, Maria He-

lena, Ana Luíza, Tainah e Paula, que ajudam a perpetuar a técnica. (CASA ABRIL, 2009). Maria Eduarda, Clara e Isadora fazem parte da quarta geração, que “já se arrisca com novelos e agulhas. Nessa família, os adultos bordam brincando e as crianças brincam de bordar”. (MATIZES DUMONT, SD.)

Tudo começou na infância, quando elas observavam o pai, Sr. Demóstenes, contando histórias e dona Antônia, envolta em meadas e novelos coloridos, bordando enxovais de noivas e recém-nascidos, com pontos clássicos e pré-estabelecidos. E, assim, elas foram brincando com as cores, contos e pontos, agulhas e linhas, desvendando outras maneiras de bordar, de combinar as tonalidades e os movimentos da natureza. Por meio desse conhecimento tradicional, a família Dumont começou a trilhar o próprio caminho, acreditando na vida como um tecido, um campo a ser bordado, não como cópia ou reprodução, mas como expressão de uma linguagem poético-visual que registra a realidade de quem borda. O processo de criação dos bordados começa com os desenhos de Demóstenes. Os traços contemporâneos deste artista plástico tomam forma, movimento, e são recriados, de forma única, a várias mãos pelas bordadeiras. A família Dumont dedica-se a desenvolver uma forma criativa de linguagem, o *bordado livre e espontâneo*, com misturas de matizes, tecidos e tessituras, traçados que se combinam em uma arte visual com características próprias, sem formas nem padrões pré-concebidos.

Pintando quadros com linhas coloridas, elas já utilizaram o bordado para ilustrar livros de 22 autores, dentre os quais, *Jorge Amado, Dóris Caymmi, Ziraldo, Manoel de Barros, Thiago de Mello, Carlos Brandão, Rubem Alves, Tetê Catalão, Marina Colasanti, e das irmãs Ângela e Sávvia*. Realizaram também trabalhos de ilustração de livros para algumas das principais Editoras do país, como a *Companhia das Letrinhas, Moderna, Salamandra, Record, Dimensão, Revan, Autêntica, Loyola e Global*. O Grupo Matizes Dumont também produziu centenas de obras, que foram premiadas e expostas em galerias nacionais e internacionais, dentre as quais: a) Bienal de Arte de Kaunas, 2007 – Lituânia; b) exposições na Embaixada do Brasil na Itália e França; c) exposição Maria de Todos Nós, em homenagem aos 50 anos de carreira de Maria Bethânia, no Rio de Janeiro; d) Exposição Coração em Paz, uma releitura dos estudos que Candido Portinari fez para os painéis Guerra e Paz, que aconteceu em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro e em Brasília.

O bordado é também uma linguagem utilizada como forma de expressão em vivências grupais. (CULTO CIRCUITO, 2012; DUMONT, 2020). *A(bordar) o Ser* é uma metodologia criada pelas bordadeiras e utilizada nas oficinas e projetos do *Matizes Dumont*. É uma experiência socio-educativa e psicopedagógica, um movimento de humanização, espiritua-

lidade e crescimento pessoal (DUMONT, 2021). Cada participante tem a oportunidade de retomar sua história de vida, despertar sua memória, expressar o fazer criativo, a emoção e a sensibilidade, bordando seus sentimentos com alegria de conviver e ainda complementar sua renda familiar. A vivência *A(bordar) o Ser* é utilizada também pela *Ñanduti Consultoria de Planejamento e Projetos*, sendo considerada uma prática que articula saberes da educação ambiental, educação patrimonial, cultura popular e os métodos da promoção da saúde. *Ñanduti* é uma palavra guarani que significa teia, tecer. Pode-se atribuir a ela o sentido de tessitura, de ação conjunta, teia ou rede de participação e sensibilidade no fazer, pensar, compartilhar e ser. Dentre seus princípios estão a ética do cuidado e o bem viver. (DUMONT, MARILU. S/D). Os projetos da *Ñanduti* foram contemplados pela AGENDA 2030 com o *Selo 8 - Trabalho Decente e Crescimento Econômico*, e o *Selo 10 - Redução das Desigualdades*, por atender aos *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)*.²⁰

O prazer de bordar foi se enredando em múltiplas oficinas, em ações socioambientais e de consciência ecológica, inspirado pelas iniciativas do *Instituto Cultural Antônia Dumont-ICAD*, criado pelo *Matizes Dumont*. O *ICAD* promove ações utilizando o bordado como instrumento sensibilizador, presente em várias vertentes: a) cultura e educação; b) saúde e meio ambiente; c) projetos sociais de geração de renda; d) inclusão social e melhoria da qualidade de vida. (*ICAD*, S/D). Inúmeros são os exemplos de ações do *ICAD*, dentre os quais destaca-se o *Caminho das Águas*, projeto de mobilização social no Vale do Rio São Francisco, realizado em 1999 e 2000. Educadores, artistas, ambientalistas, dentre outros, saíram de Pirapora, em uma barca, passando por Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe até a foz do Velho Chico, em Piaçabuçu-Alagoas. Oficinas nas áreas de educação, saúde, cultura e preservação ambiental foram realizadas em 18 cidades ribeirinhas. O *Caminho das Águas* resultou em uma campanha de mobilização bem sucedida, para divulgação das políticas públicas voltadas à revitalização do Rio São Francisco. Além do CD *Caminho das Águas*, um trabalho coletivo e educativo produzido pelos tripulantes da barca, como Bené Fontelles, Frei Chico, Josino Medina, com contribuições de Gilberto Gil, Elba Ramalho e Egberto Gismonti. Outro exemplo é o *Projeto Bordando o Brasil*, parceria com a Fundação Banco do Brasil, que capacitou aproximadamente 12.000 mulheres de comunidades carentes, em várias regiões do país. Orientadas pelo *Grupo Matizes Dumont*, o bordado foi utilizado como inserção no mundo cultural, transformação social e geração de renda. Do mesmo modo, o *Movi-*

²⁰QUINTO OFÍCIO. Agenda 2030 das Nações Unidas. Disponível em: <http://ci5fortaleza.com.br/agenda-2030>
Acesso: Jan. 2021

mento *Gente que Borda entre Rios* foi lançado durante o *Fórum Alternativo da Água* e o *Fórum Mundial da Água*, ambos em Brasília, no ano de 2018. E como parte da programação, a exposição *Entre rios - Entre nós*, fruto de um trabalho com mais de 6 mil pessoas, habitantes de comunidades localizadas à beira dos Rios Doce, São Francisco, Cuiabá, dentre outros, durante mais de 4 anos. Na exposição, além das 19 telas bordadas pelos Dumont, estão 18 painéis bordados pelos ribeirinhos, frutos de suas discussões sobre a importância da água para a vida nas comunidades e suas experiências, esperanças e impressões relacionadas ao cotidiano à beira do rio. (MATIZES DUMONT, S/D).

A educação para o sensível, por meio do bordado, iniciou-se durante o *Projeto Caminho das Águas*, e segue até os dias de hoje nas oficinas com grupos interessados em bordar as águas e a vida. Essa iniciativa cresceu na *Expo Zaragoza* (Espanha-2008) - uma mobilização internacional para o cuidado com cursos d'água e nascentes - durante as oficinas *Bordando o Rio EBRO* e a exposição sobre o projeto *Caminho das águas*. Na *Cúpula dos Povos*, da *Rio + 20*, em 2012, ganhou espaço. Mais recentemente, em 2017, na *Ciranda de Filmes*, em SP, quando mulheres e homens bordaram seus recados, e também nos *Projetos Quintais* (2016) e *Entre Rios* (iniciado em 2017), como estratégia de mobilização da sociedade para a questão das águas. (MATIZES DUMONT, S/D). Vale destacar o *Projeto Borde em Casa*, idealizado e desenvolvido por meio de *lives* diversificadas, para apoiar as pessoas em isolamento social, nesta época de pandemia. (YOUTUBE MATIZES DUMONT, 2020).

O fazer da família Dumont transcende o simples ato de bordar. É um entremeado de relações de afeto com o Rio São Francisco, o cerrado, a natureza e o outro, que se expressam por meio da liberdade de criar. Eles vão desenhando, tecendo e repartindo seus saberes, aprendendo e ensinando que nem sempre o avesso e o direito são perfeitos, e que nem tudo cabe na circularidade do bastidor.

Referências

CASA ABRIL. Família Dumont: a tradição une três gerações em torno de tramas e bordados. 2009. Disponível em: <https://casa.abril.com.br/moveis-acessorios/familia-dumont-a-tradicao-une-tres-geracoes-em-torno-de-tramas-e-bordados/>. Acesso: Jan. 2021

CULTO CIRCUITO. Bordadeiras - Sávia e Marilu Dumont. Programa exibido na TVE, canal 12. 2012. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=EcPSicNn9N0&t=830s> Acesso: Jan. 2021

DUMONT, SÁVIA. Nossa arte, nossa gente, nossa vida. Entrevista com SÁVIA DUMONT. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ufsxkiBv5UY> Acesso: Jan. 2021.

MATIZES DUMONT. Os artistas, oficinas, cursos, premiações, destaques, gravuras certificadas, bordados originais; livros, reportagens, artigos sobre as obras, vídeos, documentários, clube Matizes do Bordado, homenagens e depoimentos. S/D. Disponível em: <https://www.matizesdumont.com> Acesso: Jan. 2021.

INSTITUTO CULTURAL ANTÔNIA DUMONT – ICAD. **Bordado e inclusão socioambiental - Arte solidária feita a mão.** S/D. Disponível em: [ICAD - Matizes Dumontehttps://www.icadbrasil.org/about_us](https://www.icadbrasil.org/about_us) Acesso: Jan. 2021

DUMONT, MARILU. O bordado: ponte para A(bordar) o Ser. *Live* da UNIEB Guará. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NOQtmSjPH48> Acesso: fev. 2021.

DUMONT, MARILU. **A força da ação compartilhada.** S/D. Disponível em: <https://nandutiprojetos.com.br/experiencia/> Acesso em: fev. 2021

MATIZES DUMONT. Entre rios - Entre nós. Exposição de telas e painéis bordados conta vida de populações ribeirinhas. Museu Nacional da República (Galeria do Térreo). 2018. Disponível em: http://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/programese/2018/02/23/noticia_programese,159818/exposicao-sobre-ribeirinhas.shtml Acesso em: fev. 2021

MATIZES DUMONT- YouTube. Bordado livre: Borde em Casa - <https://www.youtube.com/channel/UCoPzntx0myBHGKAMi-In56g> Acesso em: fev. 2021

A educadora Isabel Hernández, amiga do Brandão da Argentina, trabalhava como pesquisadora de carreira no Conselho Nacional de Investigação Científica e Técnica - CONICET, e foi diretora da área de Socioantropologia no Centro de Estudos Avançados da Universidade de Buenos Aires (CEU - UBA). É organizadora do livro *Saber Popular y Educación en América Latina*, e juntamente com Gustavo Fischman publicou o capítulo *Educación Popular y reestructuración económico-política* na obra organizada por Moacir Gadotti e Carlos Alberto Torres: *Educación Popular: utopia latino-americana*.

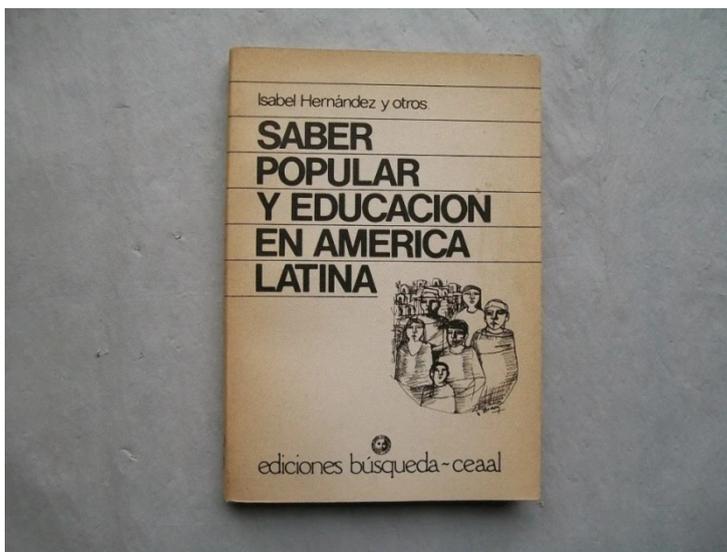


Foto: Jorge Alejandro Santos, UBA, Buenos Aires, Argentina.

Referências

GADOTTI, Moacir; TORRES, Carlos Alberto (Orgs.). **Educación Popular: utopia latino-americana**. Cortez; Edusp, 1994.

HERNÁNDEZ, Isabel y otros. **Saber popular y educación en América Latina**. Buenos Aires: Ediciones Búsqueda; Ceaal, 1985.

O Instituto de Estudos da Religião, ISER, é uma organização brasileira da sociedade civil de caráter laico. Tem por objetivo promover estudos, pesquisas e intervenção social nos eixos temáticos de defesa e garantia de direitos, segurança pública, meio ambiente e diversidade religiosa. O ISER foi fundado pelo teólogo e escritor Rubem Alves na UNICAMP. No contexto brasileiro dos anos 1970, o ISER acompanhou o desenvolvimento de movimentos sociais voltados para luta dos direitos humanos, englobando uma série de temáticas específicas.

Durante a redemocratização do país, o ISER contribuiu com a reorganização de movimentos sociais bem como com o surgimento e fortalecimento de organizações da sociedade civil, criando pontes entre diferentes áreas de conhecimento, do compartilhamento de recursos e da promoção de alianças estratégicas em prol de justiça e direitos, tem contribuído também na incidência das suas áreas de atuação no debate público e no desenvolvimento de políticas públicas, através da série “Cadernos do ISER”, periódico que promoveu debates de abordagens teóricas na interface entre temas religiosos e ciências sociais e também da revista “Comunicações do ISER” que divulga pesquisas e projetos realizados por estudiosos da instituição e outros pesquisadores associados. Destaca-se a revista científica “Religião e Sociedade”, lançada em 1977, que se tornou referência teórica importante para pesquisadores e estudiosos das ciências sociais, da religião no Brasil e América Latina. Atualmente, além de livros, relatórios e outros documentos já produzidos “Comunicações do ISER e Religião e Sociedade” são publicações regulares da instituição.

O ISER possui vários projetos, alguns concluídos e outros em andamento. Participa de eventos internacionais, teve grande atuação no contexto da ECO-92, especialmente na organização da “Grande Vigília pela Paz Mundial”, que reuniu lideranças de diversos credos e ideologias, defendendo a relevância de um amplo debate sobre a questão ambiental, contribuiu também para a definição da AGENDA 21 como modelo de política pública internacional em preservação ambiental. Recentemente participou de diálogos na conferência oficial da Rio+20, assim como promoveu debates e reflexões na “Cúpula dos Povos”, atividade paralela da sociedade civil no evento da ONU, no Rio de Janeiro.

Atualmente o ISER atua em duas frentes que lhe são fundamentais desde sua fundação: Religião e justiça social. Estrutura-se em duas

grandes áreas estratégicas: Religião e espaço público, e sistema de justiça e direitos. Orienta-se sobre os princípios do **diálogo**, este essencial para avançar nas políticas públicas que fortalecem a democracia e os direitos humanos. Entre outras, as partes interessadas são ONGs, pesquisadores acadêmicos, titulares de direitos, lideranças sociais – religiosas e não religiosas – funcionários e autoridades públicas; da **pesquisa** entendendo que é chave para o desenvolvimento de intervenções estratégicas e para a promoção de um debate público em bases sólidas e fundamentadas; dos **titulares de direitos**, estes são vetores fundamentais de mudanças na sociedade e, portanto, devem ser parte integrante do trabalho da sociedade civil; pelas **políticas públicas** efetivas aprimorando ações a partir de acertos, mas também de erros; pela **participação social / ativismo** ações estas que devem estar no centro da construção e implementação de políticas públicas e só uma sociedade civil fortalecida, independente e melhor capacitada terá níveis cada vez mais crescentes de atuação efetiva.

Para que transformações sociais estruturais, significativas e sustentáveis aconteçam o ISER entende que é necessário ações em quatro âmbitos: Mudanças nas leis e políticas; mudanças nas práticas de governo e de atores não-governamentais; mudanças na mobilização entre pessoas que reivindicam seus direitos e mudança nas condições de vida concretas das pessoas.

Na página do ISER (www.iser.org.br) encontra-se uma linha do tempo, sempre em processo de construção, apresenta um histórico desde 1970, ano de sua fundação, aos anos 2020, ano que celebra seu aniversário de 50 anos com *Ciclo de Encontros Virtuais e digitalização do acervo* de pesquisas. (Texto adaptado e ampliado do site do ISER)

JARBAS MACIEL

Fernanda dos Santos Paulo
Adriana Gaio

O professor Jarbas Maciel era músico e professor na Pós-Graduação de História, e lecionava no curso de Filosofia. Teve experiência do Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife – SEC. Participou do movimento revolucionário do método de alfabetização de adultos, o Método Paulo Freire, cuja repercussão, de âmbito nacional, é do conhecimento de todos.

As experiências que são inauguradas a partir da passagem de Paulo Freire e sua primeira equipe pelo Serviço de Extensão da Universidade do Recife aparecem pela primeira vez por escrito no número 4 da Revista de Cultura da Universidade do Recife, com a data de abril/junho de 1963. Paulo Freire e parte dos integrantes de sua equipe pioneira publicam uma série de artigos. Vale a pena relembrar alguns dos seus títulos: *Conscientização e Alfabetização: uma nova visão do processo*, de Paulo Freire (p. 5 a 22); *Fundamentação teórica do Sistema Paulo Freire de Educação*, de Jarbas Maciel (p. 25 a 58); além dos textos “*Educação de Adultos e Unificação da Cultura*”, de Jomard Muniz de Britto, e “*Conscientização e Alfabetização - Uma Visão Prática do Sistema Paulo Freire*”, de Aurenice Cardoso da Costa, entre outros.

O Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos é parte do Sistema Paulo Freire de Educação, cujas sucessivas etapas desembocam em uma Universidade Popular. (MACIEL, 1963). Nas cartas de Brandão, Jarbas é mencionado, uma vez, como interlocutor de Paulo Freire, conforme destacam Paulo e Brandão (2019; 2018). Jarbas Maciel é um autor citado por Paulo Freire e Brandão.

Referências

PAULO, Fernanda dos Santos; BRANDÃO. Carlos Rodrigues Brandão. Universidade popular. In.: STRECK, Danilo; REDIM, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MACIEL, Jarbas. **Fundamentação teórica do sistema Paulo Freire de educação**. Estudos Universitários – Revista de Cultura da Universidade do Recife, no. 4, Abril - Junho, Recife, 1963.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Jarbas Maciel**. In.: PITANO, Sandro de Castro; STRECK, Danilo Romeu; MORETTI, Cheron Zanini. (org.). Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019.

JOÃO BAPTISTA BORGES PEREIRA

Nara Rosana Godfried Nachtigall

João Baptista Borges Pereira é cientista social e antropólogo brasileiro, professor-emérito do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Pau-

lo; professor titular e vice-coordenador do curso de pós-graduação em Ciências da Religião, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e presidente da Comissão Permanente de Políticas Públicas para a População Negra, da USP. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia, atuando principalmente nos seguintes temas: imigração, política, questão racial, educação e diversidade religiosa. Membro do NEA - Núcleo de Estudos Avançados - Mackenzie, e defensor da educação pública.

As experiências enquanto pesquisador refletem Paulo Freire em sua trajetória, ao encontrar-se na esperança de transformação de mundo, pois ele, neto de escravocrata, buscou aprofundar o tema; convidado por Fernando Henrique Cardoso para participar de uma pesquisa no Rio Grande do Sul, ele e outros pensadores, e, nesse momento, segundo ele, “descobriu” o negro. A partir disso, iniciou pesquisas acadêmicas voltadas às minorias, denunciando e anunciando a relação política e estrutural de mundo sobre o negro e a comunicação de massa.

Nas Cartas de Brandão, encontramos João Baptista Borges Pereira sendo citado na correspondência enviada por José de Sousa Martins, cujo assunto tratava sobre um livro em Italiano, que fora enviado por Brandão, sendo que Martins afirmava que o emprestaria para João Baptista.

Referências

<https://journals.openedition.org/pontourbe/1430?lang=en>

Lattes

110967-Texto do artigo-199704-1-10-20160211.pdf

<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0212-1.pdf>

JOÃO GUIMARÃES ROSA

Rosângela Pereira de Oliveira

Então... *O senhor Mire Veja*²¹, o coração chegou a errar as batidas quando essa moça bonita, Fernanda dos Santos Paulo, fez esse convite para eu falar por aqui... *Ah, porém estaquei na ponta de um pensamento, e*

²¹ Estará em itálico paráfrases do jeito de escrever de Guimarães Rosa, muitas inspiradas na obra Grande Sertão: Veredas.

agudo temi, temi. Cada hora, de cada dia a gente aprende uma qualidade nova de medo!

Sou do Campo, sou uma educadora, e ainda que eu desconfio de muita coisa, eu quase nada não sei. É que eu atravesso as coisas e do meio das coisas não vejo. Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda a leitura e doutoração. Ainda que queira mangá, o senhor tolere, isto não é sertão, onde o pensamento da gente se firma mais forte do que o poder do lugar. Ainda que o sertão está em toda a parte, o senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. É como diria aquele moço: “é um estar sendo” (FREIRE, 2007). Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Da cidade Cordisburgo, lá da Patriazinha das Minas Gerais, foi um fato que se deu, um dia se abriu em 27 de junho de 1908, irrompeu ao mundo o primeiro dos seis filhos de Florduardo Pinto Rosa e Francisca Guimarães Rosa. E o senhor não sabe que ao mundo dar seus giros e antes dos 6 anos esse menino iniciou a aprender o francês? A quanta coisa limpa verdadeira uma pessoa de alta instrução não concebe! Aí podem encher este mundo de outros movimentos, sem os erros e volteios da vida em sua lerdeza de sarrafaçar. Ele mesmo, contava um dia que falava português, alemão, francês, inglês, espanhol, italiano, esperanto, um pouco do russo, que lia sueco, holandês, latim e grego (ainda que para isso “garrasse o dicionário”). Confessou entender alguns dialetos alemães, estudado a gramática do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituano, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do checo, do finlandês, do dinamarquês e, ainda bisbilhotado por outras... Ah! O moço advogava que estudar o espírito de outras línguas bem que podia contribuir para um compreender ainda mais fundo do próprio idioma, não que não fosse esse seu objetivo, tudo o fazia por gosto e diversão. Para se distrair. No dizer dele: "Todas as línguas são rastros de um velho mistério" (ROSA, 1985:95).

Foi dessa curiosidade de menino que João Guimarães Rosa reinventou a língua portuguesa, construiu novos vocábulos, escreveu contos, novelas e livros, sua forma de escrever pode causar um desassossego na alma do leitor vivente. Dizem que como gênero literário perambulava por Romance, *Bildungsroman*²², Conto e Poesia. Eu de *nada muito não sei*, mas esse trem de contar a história da vida todinha, da pequenez até a madurez, envolvendo a gente que lê, nos meandros do que a criatura faz, pensa, sente e como se coloca no seu entorno social e político é de

²²*Bildungsroman* designa o tipo de romance que expõe pormenorizadamente o processo de desenvolvimento físico, moral, psicológico, estético, social ou político de um personagem, geralmente desde a sua infância ou adolescência até um estado de maior maturidade.

uma riqueza sem fim... *Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como o papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é como conto...*

Aos 10 anos, o menino João se mudou para Belo Horizonte para estudar. Aos 16, era estudante de medicina; em 1930, formou-se, concorreu-se capitão médico em Minas Gerais. Aos 34, iniciou a carreira como diplomata na Alemanha. Foi preso em Baden-Baden, em 1942, quando o Brasil rompeu com a Alemanha. Depois de liberto, foi secretário em Bogotá, e, depois, conselheiro em Paris, ocupando cargos também no Brasil. Casou-se duas vezes. Com Lígia Cabral Pena foi uma união que durou pouco anos, e teve com ela suas filhas, Vilma e Agnes. Mais tarde, com Aracy de Carvalho, funcionária do Itamaraty, que, durante a Segunda Guerra, emitiu vistos para os Judeus fugirem dos horrores do holocausto, sendo ela a única mulher brasileira homenageada no Jardim dos Justos²³.

João Guimarães Rosa estreou nas letras em 1929, ainda como estudante. Escreveu quatro contos: *Caçador de camurças*, *Chronos Kai Anagke* (título grego, significando Tempo e Destino), *O mistério de Highmore Hall* e *Makiné*, para um concurso promovido pela revista O Cruzeiro. Em 1936, a coletânea de versos *Magma* recebe o Prêmio Academia Brasileira de Letras. Como cronologia de suas obras, podemos expor: 1936: *Magma*; 1946: *Sagarana*; 1952: *Com o Vaqueiro Mariano*; 1956: *Corpo de Baile: Noites do Sertão*; 1956: *Grande Sertão: Veredas*; 1962: *Primeiras Estórias*; 1964: *Campo Geral*; 1967: *Tutaméia – Terceiras Estórias*. E, como obras póstumas: Em 1969: *Estas Estórias*; em 1970: *Ave, Palavra*; e, em 2011: *Antes das Primeiras Estórias*. Nas cartas de Brandão, Guimarães é mencionado, uma vez, como companheiro de diálogos, ao relatar o retorno de suas andanças. Brandão ainda demonstra que aguarda o amigo, mesmo que de forma imprevista, visitando a “Rosa dos Ventos”.

Mas... *Viver é negócio muito perigoso...*

A partir de 1958, Guimarães Rosa passa a apresentar problemas de saúde, e relata em carta para Paulo Dantas seus desassossegos... Ele reunia em si outras características, *o diabo vige dentro do homem...* Questões cardiovasculares, excesso de peso, hipertensão e uma vida sedentária.

Em maio de 1963, Rosa candidata-se pela segunda vez à Academia Brasileira de Letras (a primeira fora em 1957, quando obtivera apenas 10 votos), na vaga deixada por João Neves da Fontoura. A eleição dá-se a 8 de agosto e, desta vez, é eleito por unanimidade; a data da posse, porém, não é marcada, somente acontecendo quatro anos depois, em 16 de novembro de 1967. Três dias antes da sua morte.

²³ Memorial oficial construído em Israel para lembrar e homenagear as vítimas do Holocausto.

Pois é... Viver é mesmo um negócio muito perigoso.

Eu, daqui, do meu cantinho do mundo, quero dizer que *apreciei demais essa continuação inventada. Não sei quase de nada, ninguém ainda não sabe. Não estou caçando desculpa para meus errados, não, o senhor reflita... O que muito lhe agradeço é a fineza de sua atenção.*

Despedir dá febre...

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues [Correspondência]. Destinatário: Marcelo e todas as irmãs e os irmãos do Mosteiro de Goiás. Campinas, 26 de janeiro de 1999. 1 carta pessoal.

<http://www.academia.org.br/academicos/joao-guimaraes-rosa/biografia>

http://circuitoguimaraesrosa.com.br/Guimaraes_Rosa/Biografia_Vida_e_Morte_Joao_Guimaraes_Rosa.pdf

<https://www.itaucultural.org.br/110-anos-de-guimaraes-rosa>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Guimar%C3%A3es_Rosa

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Ave, palavra**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____, João Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. 19.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
www.vidaslusofonas.pt

JOÃO DAS NEVES

Bernadeth Maria Pereira

João Pereira das Neves Filho (1934 - 2018) ou simplesmente João das Neves, natural do Rio de Janeiro, é uma das maiores referências do teatro brasileiro do século XX e XXI. Faleceu aos 84 anos, em Lagoa Santa-MG, deixando sua companheira Titane e duas filhas, Maria João e Maria Iris. Graduou-se como ator e diretor, pela *Fundação Brasileira de Teatro-*

FBT, nos anos de 1950. Nessa época, dirigia *Os Duendes*, um grupo amador formado com seus colegas da FBT, sendo convidado a assumir a direção do *Teatro Arthur Azevedo*, em Campo Grande, no subúrbio carioca. Na última peça encenada por *Os Duendes*, um dos temas foi a reforma agrária, e, por isso, o governo de Carlos Lacerda, de forma ultrajante, os acusou de subversivos, destruindo o *Teatro Arthur Azevedo*. (ZANOTO, 2015; CARBONE, 2020). João das Neves e seus companheiros foram acolhidos no *Centro Popular de Cultura-CPC* do RJ, onde se tornou responsável pela sessão de *Teatro de Rua*, até o mesmo ter sido invadido e incendiado durante o golpe militar de 1964. O *CPC* é colocado na ilegalidade, fazendo com que seus integrantes, dentre eles, *Oduvaldo Vianna Filho*, *o Vianinha*, *Ferreira Gullar* e *João das Neves*, formassem o *Grupo Opinião* (1964-1984), como resistência aos anos de ferro, articulando protestos, estudos, e difundindo a dramaturgia nacional. Por ele, passaram *Zé Kéti*, *João do Vale*, *Nara Leão*, *Maria Bethânia*, *Paulo Autran*, *Ari Fontoura*, *Milton Gonçalves*, *José Wilker*, *Augusto Boal*, *Flávio Rangel*, dentre outros. O vanguardismo de João das Neves se consolidou em 1976, quando escreveu e dirigiu a peça *O último Carro ou As 14 Estações*, encenada pelo *Opinião*. Essa peça produziu uma transformação expressiva na preparação de atores e na utilização do espaço cênico, além de ter sido um marco no teatro brasileiro, pelo olhar de uma plateia mais diversificada e dos críticos em geral (BATISTA, 2019; ZANOTO, 2015; PARANHOS, 2019). A peça, assistida por mais de 200 mil pessoas, no RJ e em SP, foi premiada nacional e internacionalmente, e marcou sua veia artística e política. Essa sua renovação radical do processo criativo e estético novamente se expressa com grande vigor, impactando e transformando o fazer teatral, quando ele transpôs o antagonismo entre teatro de rua e palco italiano, para espaços não convencionais como parques, florestas, ambientes urbanos habitados ou abandonados, túneis, e até em uma pedreira. Assim, liberto dos palcos, utilizou diversas estéticas e linguagens para transformar o espaço cênico em um imenso território mítico, colocando os espectadores no cerne da ação.

João das Neves é convidado a dar um curso no Acre, e acaba permanecendo em Rio Branco por dois anos. Monta os espetáculos *Caderno de Acontecimentos e Tributo a Chico Mendes* - fruto das oficinas que resultaram na criação do *Grupo Poronga* - que retratava a realidade da cidade e das nações indígenas: o drama da exclusão, o conflito entre latifundiários, posseiros, seringueiros, que culminaram no assassinato de Chico Mendes. (NEVES, 2015). *YURAIÁ - O Rio do Nosso Corpo*, peça ainda inédita, é fruto da pesquisa e vivência de João das Neves na aldeia Kaxinawá, e retrata a saga dessa nação no Acre (ZANOTO, 1990). Em 1988, dirigiu *A Missa dos Quilombos*, de Milton Nascimento, Pedro Tier-

ra e D. Pedro Casaldáliga, apresentada no centro histórico do Rio, com 300 participantes e um público de aproximadamente 40 mil espectadores. (CORRÊA; SANTOS. S/D). Em Minas Gerais, o diretor confere uma dimensão universal à cultura popular mineira e brasileira, ao lado de Titane. O casal dirige shows e espetáculos teatrais, projetos e oficinas para desenvolver vocações artísticas entre jovens no entorno de Belo Horizonte e em cidades de pequeno e médio porte, cria uma metodologia de formação artística, que integra práticas musicais, cênicas e corporais. João das Neves adaptou contos do livro *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa, montando uma peça, que foi encenada ao ar livre no *Parque Ecológico Lagoa do Nado*, em Belo Horizonte (1991). Trabalhou com grupos de congado, o que resultou no espetáculo *A Santinha e Os Congadeiros*, que conta o mito fundador do congado. Buscou no artesanato do Vale do Jequitinhonha inspiração para criar a peça *Maria Lira*, sobre a artesã e pesquisadora de Araçuaí; e *Ulisses, a Trajetória*, em que mescla a história do escultor *Ulisses Pereira*, de Carai, ao mito do herói grego. João das Neves fez uma releitura atualizada de *Zumbi, Besouro Cordão de Ouro e Galanga, Chico Rei, e Madame Satã*, dirigindo espetáculos que trazem reflexões fundamentais sobre o racismo, a desigualdade e a exclusão. Destaca-se, ainda, a direção do espetáculo em Paris, de *Titane, Maurício Tizumba* e da *Guarda de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês*, no evento *Ano Brasil na França*, em 1995.

Ao longo de sua trajetória profissional, desempenhou muitos papéis no teatro, como diretor, roteirista, dramaturgo, cenógrafo, iluminador, ator, produtor, autor, dentre outros. O teatro político brasileiro constitui tema de destaque na obra de João das Neves; porém, seu legado não se reduz à dramaturgia e à interpretação de espetáculos teatrais. A produção intelectual de João das Neves inclui ensaios sobre o teatro contemporâneo, a nova dramaturgia e o universo indígena no teatro brasileiro, além de publicações europeias, latino-americanas, traduções, cordéis e poemas. Foi colaborador das Revistas *Humboldt* (Bonn, Alemanha) e *Palavra* (Belo Horizonte, Brasil). Na *literatura infantil*, publicou livros de ficção para crianças, com temas sobre o racismo e a violência, que receberam inúmeras premiações. Na *poesia*, publicou *Diálogo com Emily Dickinson*, no qual estabelece uma relação imaginária com a escritora americana, e também escreveu um livro de *Haicais* denominado *Rumores*, em colaboração com Sílvia Mera. João das Neves também atuou com a *dança*, cabendo destacar a parceria com a *Confraria da Dança*, de Campinas, tendo dirigido os espetáculos *Mirabolante* e *Território Interno*. Como *ator*, atuou nos filmes *Nascente*, de *Helvécio Marins*, e *Outono*, de *Pablo Lobato*, e, também, o documentário de *Eduardo Coutinho*. Seu domínio da linguagem do palco o fez ser convidado a dirigir shows de grandes artistas da música popular:

Baden Powell, João do Vale, Chico Buarque, Milton Nascimento, Geraldo Vandré, Titane, Elomar, além de óperas contemporâneas, como *Qorpo Santo*, de *Jorge Antunes*, ou cantatas, como *Continente Zero Hora*, de *Rufo Herrera*. A exposição *Ocupação João das Neves* (no Itaú Cultural de São Paulo) faz um percurso pela trajetória da sua carreira (NEVES, 2015). Outra exposição importante foi *Outro mundo é possível*, na qual o público teve acesso à vida e obra de João das Neves, a partir de documentos, vídeos, fotos, áudios, trilhas, instalações, fragmentos de textos e objetos pessoais do artista, em Belo Horizonte (ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS, 2019). *Confluências: a vida de João das Neves* foi uma exposição que explorou os caminhos percorridos pelo diretor ao longo de sua carreira, pontuando temas que evidenciam a interseção de seus pensamentos com suas proposições (CURSO DE MUSEOLOGIA DA UFMG, 2020). O acervo do artista foi restaurado, organizado e doado à Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras da biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

Antes de largar o palco da vida, João das Neves atuou ininterruptamente em várias capitais e comunidades tradicionais do Brasil, além dos países que percorreu, como o México, a Alemanha, a França e Itália, por mais de seis décadas. Sua obra é o exemplo concretizado de teatro capaz de alcançar, ao mesmo tempo, as exigências da ética e a consagração da estética.

Fragmentos de um escrito de Brandão para João das Neves com resposta de Titane

João das Neves, Dete me trouxe pelo aniversário o seu livro com poemas sobre frases de Emily Dickinson, que eu conheço e leio desde quando Titane brincava de roda. Seu livro me fez um grande bem. Eu o vi (pois tem imagens surpreendentes) e li. E na segunda ou terceira leitura me veio a vontade de dialogar com você, como você fez com Emily... mas sem a mesma arte. Um abraço com carinho pra Você, Titane e toda a sua gente e a gente querida daí, Carlos. (BRANDÃO, 2018).

Querido Brandão (e querida Dete também!), muito intensos todos estes dias de 2018, cheios de sentido. São tantos se movimentando aqui dentro que quase sempre choro. Vou aliviando espaços aos pouquinhos... Aguardo o momento da serenidade e, que tudo seja, apenas, plenitude. Você, mais uma vez se faz presente e nos envia presentes bons! João ficou encantado com seus poemas, com o diálogo estabelecido por você. Tinha a intenção de te escrever, mas não houve tempo. Abraço com carinho, Titane. (TITANE, 2018).

Referências

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS. Exposição. **Outro mundo é possível**. 2019. Disponível em: <https://academiamineiradeletras.org.br/sem-categoria/exposicao-outro-mundo-e-possivel-dedicada-a-joao-das-neves/> Acesso em: 10 fev. 2021.

BATISTA, N. C. Dimensões políticas e estéticas do trabalho de João das Neves: uma análise do processo de formação de atores não profissionais em *O Último Carro* (1976-1978). **Pitágoras** 500, Campinas, SP, v. 9, n. 2, p. 47-64, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8656696>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BRANDÃO, C.R. **Comentário sobre *Diálogo com Emily Dickinson*, de João das Neves**: pedido de envio de mensagem para João das Neves e Titane. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <detepereira@yahoo.com.br> quinta-feira, 26 de julho de 2018 16:18:01 BRT.

CARBONE, ROBERTA. Neves, João das. In **Diccionario biográfico de las izquierdas latinoamericanas**. 2020. Disponível em: <http://diccionario.cedinci.org> Acesso em: fev. 21

CORRÊA, A.M; SANTOS, I. João das Neves, Teatro e Comprometimento Social. In *São Paulo Review*. S/D. Disponível em: <http://saopauloreview.com.br/joao-das-neves-teatro-e-comprometimento-social/> Acesso em: fev.21

CURSO DE MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG. Exposição. **Confluências: a vida de João das Neves**. Disponível em: <https://tainacan.eci.ufmg.br/confluencias/biografia-2/> Acesso em: fev.21.

CRUZ, M, A. João das Neves dirige espetáculo de formandos. In: **Jornal da Unicamp**. 2002. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/setembro2002/unihoje_ju188pag11b.html Acesso: fev.218.

NEVES, João das. Ocupação João das Neves. Exposição. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2015. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa20122/joao-das-neves>; e em: <https://www.youtube.com/watch?v=FELRSPEsEdI> Acesso em: fev. 21.

PARANHOS, K. João das Neves: política, engajamento e criação cênica em 1968. **Pitágoras** 500, Campinas, SP, v. 9, n.2, [17], p. 65 - 79, jul. - dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8656634> Acesso em: fev. 21.

TITANE. **Resposta à mensagem:** comentário sobre Diálogo com Emily Dickinson, de João das Neves. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <detepereira@yahoo.com.br> e <itatiaia1940@gmail.com>, seg., 17 de set. de 2018 às 07:54.

ZANOTTO, I. M. **Apresentação do texto Yuraiá - o Rio do nosso corpo**, relatório final de João das Neves à Bolsa Vitae de Artes, São Paulo, 1990.

_____. **Espírito indômito de um herói.** 2015. Disponível em: https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/joao-das-neves/duende/?content_link=5 Acesso em: fev. 21.

JOÃO PEDRO STÉDILE

Ivanio Dickmann

João Pedro Agustini Stédile nasceu no dia 25 de dezembro de 1953. É economista, graduado pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul, e pós-graduado pela Universidade Nacional Autônoma do México. Marxista por formação, Stédile é um dos maiores defensores da reforma agrária no Brasil.

Assessorou a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e participa, desde 1979, das atividades da luta pela reforma agrária no País, pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e pela Via Campesina. Atualmente, é membro da direção nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), do qual é também um dos fundadores, e da Frente Brasil Popular.

Stédile é autor e coautor de diversos livros sobre a questão agrária e sobre questões políticas como o socialismo e a luta de classes, entre eles:

- Brava Gente: a Trajetória do MST e a Luta Pela Terra no Brasil, com Bernardo Mancano Fernandes. São Paulo. Editora Perseu Abramo: 1999.
- Classes Sociais em Mudança e a Luta Pelo Socialismo, com Francisco de Oliveira e José Genoíno. São Paulo. Editora Perseu Abramo: 2000.
- A Questão Agrária no Brasil: o Debate Tradicional: 1500-1960. São Paulo. Editora Expressão Popular: 2005
- A Questão Agrária no Brasil: o Debate na Esquerda: 1960-1980. São Paulo. Expressão Popular: 2005.
- A Questão Agrária no Brasil: Programas de Reforma Agrária: 1946-2003. São Paulo. Expressão Popular: 2005.

Referências

https://pt.wikipedia.org/wiki/João_Pedro_Stédile
<https://mst.org.br/>

Entrevistas

https://youtu.be/I-Ty7_-acbI
https://youtu.be/mWZNe_OX3RA
<https://youtu.be/468MFB4Jxdw>
<https://youtu.be/JFCzdq7BdzU>

JOMARD MUNIZ DE BRITO

Fernanda dos Santos Paulo

Jomard de Britto nasceu na cidade do Recife em abril de 1937. Professor, poeta, cineasta, músico e filósofo, formado em filosofia pela Universidade do Recife, atual UFPE. Foi um dos integrantes do Serviço de Extensão Cultural (SEC) na equipe inicial do Sistema Paulo Freire²⁴.

²⁴ Conferir o relato do educador, sobre sua inserção na equipe de Paulo Freire e a pedagogia de Paulo Freire, no vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=Iaj0CLI2KEs>.



Poeta, filósofo e cineasta: Jomard Muniz de Britto

O texto publicado e mais conhecidos por quem estuda a história da Educação Popular é de 1963 e consta na revista *Estudos Universitários*. O título do artigo é *Educação de Adultos e Unificação da Cultura*. O conteúdo do texto trata das ideologias, formação em grupos, educação de adultos, democratização da cultura e leitura de mundo. Inclusive Paulo Freire faz referência desse artigo no livro *Educação como prática da liberdade* (1967) e em *Educação e mudança* (1976). Na catalogação das Cartas de Carlos Rodrigues Brandão encontramos Jomard Muniz de Brito citado duas vezes: 1) Carta destinada a Marcella Gajardo; 2) Carta destinada a Paulo Freire. Nas cartas os temas tratados são: trabalho popular, trabalho da equipe Paulo Freire, poemas políticos, material do MCP do Recife ao MEB e artigo na Revista Estudos Universitários:

Reunimos um material hoje quase histórico e creio que colocaremos para "os de hoje", o que se pensou "no ontem". Tem material que vai do MCP do Recife ao MEB. Documentos que, de algum modo, discutiam naquele tempo os fundamentos das idéias de um trabalho popular que, guardadas as proporções, têm uma atualidade hoje em dia, não mais para serem seguidos, mas para serem pensados. Entre os documentos, pensamos colocar os artigos de sua primeira equipe. Fale dos que saíram no Estudos Universitários de 1963. Há um seu (histórico, base do Educação como Prática da Liberdade), um do Jarbas Maciel, um do Jomar Muniz de Brito e um da Aurenice Cardoso. Pensamos, com os quatro, dar aos leitores militantes de hoje, uma idéia de como se pensou e fez nos nossos tempos.

Unicamp - São Paulo

Carta de Brandão para Paulo Freire.

Por fim, é importante destacar o valor do trabalho educativo de Jomard Muniz De Brito para a história da Educação Popular libertadora: “A minha formação é em **Filosofia** e minha **pedagogia é influenciada por Paulo Freire**. O que é que eu vou ensinar? Então, eu **inventei uns cursos de Comunicação e Criatividade**. [...] fui aposentado, cassado, fui **subversivo**.” (BRITTO, 2019, grifos meus). Cartas e biografias como estas evidenciam a presença, mesmo que implicitamente, de uma Pedagogia Latino-americana na perspectiva da Educação Popular.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [**Correspondência**]. Destinatário: Paulo Freire. Brasil, 1981. carta pessoal.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [**Correspondência**]. Destinatário: Marcela Gajardo. Brasil: Campinas/SP, 19 setembro. 1984. carta pessoal.

MUNIZ DE BRITO, J. **Educação de adultos e unificação de cultura**. Estudos Universitários nº 4, 1963, p. 61-70.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1976.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

POETA, FILÓSOFO E CINEASTA: JOMARD MUNIZ DE BRITTO. **Diário de Pernambuco**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=s6iBzFWaUEk>. Acesso: 06 de maio de 2021.

BRITTO, Jomard Muniz de. Entrevista com Jomard Muniz de Brito. [Entrevista concedida Aristides Oliveira.] **Revista acrobata: literatura, artes visuais e outros desequilíbrios**. 13 de agosto de 2019. Disponível em: <https://revistaacrobata.com.br/acrobata/entrevista/entrevista-com-jomard-muniz-de-brito/>. Acesso: 06 de maio de 2021.

JOMARD MUNIZ DE BRITTO: TROPICALISMO E ATENTADOS POÉTICOS. *Em Discussão*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Iaj0CLI2KEs>. Acesso: 06 de maio de 2021.

O estado de São Paulo foi o reduto de um quantitativo expressivo de pesquisadores que se dedicaram às questões políticas e sociológicas do país, dentre eles, podemos citar Florestan Fernandes e José de Souza Martins. Este último, José de Souza Martins, é um sociólogo, escritor e professor aposentado da prestigiada Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Ele foi aluno de Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, dentre tantos outros que lhe inspiraram para as novas demandas da sociedade. Um intelectual de acurado e imaginável rigor teórico, escreveu o livro intitulado *Florestan: Sociologia e Consciência Social no Brasil* (1998); nessa obra, ele trata da história das ciências sociais e, especialmente, da Sociologia brasileira. Ao que tudo indica, essa obra faz um tributo a Florestan Fernandes, dada a sua morte em 1995. Essa relação de José de Souza Martins e Florestan Fernandes nos remete ao título de um artigo de Roger Chartier intitulado *Escuta os mortos com os olhos*. Isso porque, em vida e morte, José de Souza Martins se mostra sensível à produção de Florestan Fernandes, um humilde intelectual e que se soma ao nosso querido amigo Carlos Rodrigues Brandão. A este último, lhe foi direcionada uma carta de José de Souza Martins, no dia 4 de agosto de 1998, informando sobre a publicação do seu livro, acima referido. Nessa carta, José de Souza Martins escreve que, no livro, consta um capítulo de uma entrevista que ele concedeu “a um de nossos alunos de pós-graduação”, da “escola sociológica de São Paulo” sobre “‘Os Parceiros do Rio Bonito’ e a importância de Candido na chamada ‘escola sociológica de São Paulo’”.

José de Souza Martins ainda informa para Carlos Rodrigues Brandão que esse livro reúne os vários trabalhos que escreveu sobre Florestan e o grupo de São Paulo. José de Souza Martins lamenta não poder encontrar com Carlos Rodrigues Brandão “no ciclo de palestras que será lá na rua Maria Antônia”, em virtude da sobrecarga de trabalho. Informa que, mesmo tirando licença-prêmio, neste semestre, “toda ela já está comprometida com a conclusão da minha pesquisa sobre linchamentos”. Nesse mesmo ano, 1998, mais precisamente no início de outubro, José de Souza Martins comunica para Carlos Rodrigues Brandão que fará uma viagem à Itália, onde ficará uns quinze dias, e, depois, segue para Cambridge, onde ficará um pouco menos de um mês, também a trabalho! E, por fim, José de Souza Martins faz a seguinte pergunta: “Não sei se você tem vindo a São Paulo. Mas, por que não dar uma parada aqui em casa numa das próximas ve-

zes?” (MARTINS, 1998). A carta encaminhada para Carlos Rodrigues Brandão, para além desses informativos sobre uma obra intelectual e dos encontros, que oportunizam trocas de saberes, demonstra sensibilidades de uma ausência presente numa relação de afeto e estima.

Referências

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**, nº 24 (69), 2010.

MARTINS, José de Souza. **Florestan**: Sociologia e consciência social no Brasil. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 1998.

MARTINS, José de Souza. [**Correspondência**]. Destinatário: Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo, 4 de agosto de 1998. (Cópia da carta cedida ao projeto).

JOSÉ JULIÁN MARTÍ PÉREZ

Elisangela Trevisan
Fernanda dos Santos Paulo

Nascido em Havana, Cuba, no dia 28 de janeiro do ano de 1853, José Julián Martí Pérez foi poeta, jornalista, filósofo, político, professor e um militante político a favor da justiça social. Conhecido como José Martí, ele criou o Partido Revolucionário Cubano, em 1892, e planejou vários movimentos em prol da independência em relação a países imperialistas.

José Martí é um dos pensadores de influência na pedagogia crítica, tornando-se reconhecido como um intelectual da Educação Popular. Conforme Paulo (2018, p.142): “[...] *ele projetou uma educação que visasse à emancipação do povo latino-americano, cuja luta estava consubstanciada na sua participação ativa pela independência de Cuba.*” Suas ideias ainda são pouco conhecidas nos cursos de formação inicial de professores.

Influenciado pelas ideias de independência de Rafael María de Mendive, seu mestre na escola secundária de Havana, Martí, contra a dominação, teve participação política, sendo explicitada em jornais com conteúdo crítico, pois acreditava que um povo livre precisa ser educado: “*Saber ler é saber andar. Saber escrever é saber subir*”. Martí participou e organizou o movimento independentista, contra o governo imperial. Buscava unir os países latino-americanos, para se tornarem livres dos Esta-

dos Unidos. Na Venezuela, terra de Simón Bolívar, Martí desenvolveu sua ideia mais revolucionária, incluindo a educação como um caminho para a conquista da independência. Acreditava na capacidade criadora dos povos latino-americanos na defesa da emancipação definitiva a partir de um projeto anti-imperialista.

No Brasil, o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) tem em Martí uma importante fonte de inspiração. Muitos estudiosos estudam o educador, tais como: Pablo (2006), STRECK (2008), Paulo (2018), entre outros.

A trajetória de Martí caracterizou-se por profundo humanismo ecumênico e libertário (PABLO RODRIGUES, 2006). Um interlocutor indireto de Brandão, mas caracterizado como engajado na luta política, revolucionária, a favor da humanização. Nas obras de José Martí, identificamos pressupostos político-pedagógicos da Educação Popular, tanto para o contexto da escola como fora da escola. Os Movimentos Sociais Populares, latino-americanos, reconhecem José Martí como fonte inspiradora. Na troca de cartas com Brandão, fica explícita a necessidade do povo organizado e mobilizado em defesa da paz e da vida para todos - cuja inspiração, em Martí, é base teórica para a continuidade de práticas educativas revolucionárias. Nas Cartas de Carlos Rodrigues Brandão, encontramos a referência dele como um lutador em prol da humanização e contra a dominação. É um poeta-educador, e pensador fecundo, com ideias revolucionárias. Portanto, em José Martí, encontramos valiosíssimas ideias sobre educação na América Latina - contribuindo para uma pedagogia latino-americana inspirada na Educação Popular (PAULO, 2018).

Referências

MARTI, José Julián. *Selected Writings*. **London**: Penguin Books, 2002.

MARTÍ, José. **Nossa América**. Antologia Textos selecionados por Roberto Retamar. São Paulo: Ed. Hucitee, 1983.

MARTÍ, José. **Nuestra América - Nossa América**. Brasília: Ed. UnB, 2011.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Pioneiros e pioneiras da Educação Popular freiriana e a universidade**. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2018. 268 f.

PABLO Rodrigues, Pedro **Martí e as duas Américas**. São Paulo: Ed. Expressão Popular. 2006.

STRECK, Danilo R. **Martí e a educação popular**: um retorno às fontes. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 34, n. 1, jan./abr. 2008.

JOSINO MEDINA

Bernadeth Maria Pereira

Josino Medina (1965), natural de Carlos Chagas - MG, casado com Maria Márcia de Mello e pai de Ana Terra Mello Medina, é poeta, compositor e cantador, violeiro e arte-educador. Esse artista multifacetado, além de um fervoroso militante das questões socioambientais, já foi vaqueiro e padeiro. Josino reúne um currículo de causar inveja aos mais afoitos ativistas do *Fórum Social Mundial*. Com sua rabeca e viola, o tambor e sua voz branda, ele está sempre lutando pelas causas justas. Desenvolveu um trabalho de pesquisa e conscientização ambiental com as comunidades ribeirinhas, quando desceu o Rio São Francisco por duas vezes, ao lado de estudantes, educadores, pesquisadores e artistas, no projeto *Caminho das Águas*, idealizado e coordenado pelo Grupo Matizes Dumont. Esse projeto resultou numa exitosa campanha de mobilização para divulgação das políticas públicas voltadas à revitalização do Rio São Francisco, além de um CD coletivo e educativo, produzido pelos músicos tripulantes da barca, como Bené Fontelles, Frei Chico, Josino Medina, Rui Anastácio, Pepelh Paraguaçu, Marden Ramos, com contribuições de Gilberto Gil, Elba Ramalho e Egberto Gismonti (MEDINA, J et all. 2000). Outro exemplo foi um projeto de Segurança Alimentar e Nutricional realizado em assentamentos e acampamentos de reforma agrária. Nesse projeto, Josino participou de uma gravação coletiva de um CD, onde afirma: “*um prato cheio em toda mesa, seja esta nossa certeza*”. (MEDINA, J et all 2004). O violeiro participou também de um importante trabalho de resgate cultural e educação ambiental junto à comunidade quilombola Mumbuca, situada no estado do Tocantins. Esse trabalho foi registrado em dois CDs, *Cantigas de roda - Comunidade Mumbuca* (MEDINA, J. et al. 2010). E *Violinha de Vereda, Viola de Buriti* (MEDINA, J. et al.2010).

A receita de *Pão Caseiro* de Josino Medina (1984; 2003) é um gesto de partilha, e foi citada principalmente por Frei Chico, no *Dicionário da Religiosidade Popular: Cultura e Religião no Brasil* (MEDINA, J. In Poel, 2013. p.770-771). O compositor também se dedicou a musicar poemas de

livros do educador, antropólogo e poeta Carlos Rodrigues Brandão, e poemas da poeta gaúcha Sônia Anja (MEDINA, 2005; 2006; 2008; 2010). Na alma de Josino ainda existe um vaqueiro, revelado no CD *Quadras do Sertão - A história do Vaqueiro Sebastião Eugênio* (MEDINA, 2016). Nessa obra, Josino musicou parte das quadras escritas no livro *A boiada* de Guimarães Rosa (2011), e, ainda, acrescentou sua própria trajetória de vaqueiro, mesclada à história de vida do seu pai, Valdomiro Francisco Medina. O documentário *Vaqueiro Valdomiro: o espelho da saudade*, coloca em foco as cantorias e lembranças de Valdomiro Francisco Medina, sobre como foi ser vaqueiro a maior parte de sua vida (MEDINA, J., MEDINA, M. F.R.; MEDINA, M. A. R, 2014). A temática do vaqueiro também foi investigada por Fátima e Cidinha, pesquisadoras e irmãs de Josino (MEDINA, M. F.R.; MEDINA, M. A. R, 2017).

Josino Medina é um artista brincante, e tem um magnetismo pessoal que atrai as pessoas, principalmente as crianças. Seu *Boi Menino* está sempre à espera de um cortejo, de uma nova brincadeira, e se anuncia junto às *Oficinas de Pífano e Musicalização* para educadores e crianças (MEDINA, 2013;2020). A caminhada musical, sociocultural e ambiental desse artista iniciou-se ao participar dos festivais de música no Vale do Mucuri e do Festival da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha, nos anos de 1980. Ao lado de Pereira da Viola e de Paulinho Amorim, Josino percorreu boa parte do Brasil, pesquisando a cultura popular e apresentando-se em vários espaços das *Feiras de Culturas dos Movimentos Populares* (CORRÊA, 2017).

A obra de Josino Medina: discografia, vídeos, entrevistas em TV²⁵, assim como participações realizadas em *Festivais, Eventos Universitários, Encontros dos Povos do Cerrado e Oficinas* estão disponíveis nas redes sociais²⁶. Quem acompanha a trajetória de Josino Medina – cantando, declamando e tocando com as lavadeiras, as crianças, as comunidades quilombolas e indígenas, os batuqueiros de Araçuaí, ou nos inúmeros palcos do Brasil – sabe que seu trabalho envolve relações de afeto com a natureza e o outro. Sua arte, além de retratar o regionalismo e os costumes de um povo, fortalece o sentimento de pertencimento e empoderamento das comunidades. Josino Medina cria símbolos de identidade, que transcendem a própria música e se transformam em uma verdadeira assinatura simbólica de regiões do Brasil, que os brasileiros desconhecem.

²⁵Disponível em: <https://m.youtube.com/watch?v=9mlkfME1Fo&feature=youtu.be#dialog>
Acesso em: Jan. 2021.

²⁶Disponíveis em: <https://www.facebook.com/Josino-Medina-187180844680344/> e <https://fb.watch/3dhD-XhKoS>/<https://www.facebook.com/100007943389325/videos/2469218390019583CanalSempre080317-YouTube> Acesso em: Jan. 2021.

Referências

MEDINA, Josino. Receita de Pão Caseiro. In: **A Barca**. Ano 2. n.5. out.-nov./1994. Montes Claros (MG).

MEDINA, Josino et al. Receita de Pão Caseiro. In: **A boa notícia está no ar - Embaixadores da Lua**. (CD). Contagem-MG: Estúdio Lira. Arranjos e direção: Paulim Amorim. Arte da capa de Marcello Giffoni). 2003.

MEDINA, Josino et al. **Programa de Segurança Alimentar e Nutricional em Acampamentos e Assentamentos de Reforma Agrária em Minas Gerais**. (CD educativo e coletivo). Almenara - MG: Estúdio da Cáritas Diocesana. 2004.

MEDINA, Josino et al. **Furundum**. (CD). Casa Branca e Araçuaí: Estúdio Lira (estúdio móvel do músico Bilora). 2005. In: BRANDÃO, C.R. **Furundum: canções e cores de carinho com a vida**. Ilustração Rubens Matuck. 5. Ed. - Campinas, SP: Autores Associados, 2008 (Ciranda de Letras).

MEDINA, Josino et al. **O Jardim de Todos**. (CD). Bordão da Mata: Estúdio Hifi, Centro de Convivência Musical. Direção musical de Chico Moreira. 2006. In: BRANDÃO, C.R. **O Jardim de Todos**. Imagens Ísis Zahara. Editora Autores Associados. Coleção Ciranda das Letras. 2004.

MEDINA, Josino, MARQUES, Dércio. **Cantação Os Nomes**. (CD). Bordão da Mata: Estúdio Hifi, Centro de Convivência Musical. Direção e recriação musical de Dércio Marques. Participações especiais de Daniela Lasalvia, Poli, João Arruda, Ronaldo Pizzi, Paulo D`Ávila, Chico Moreira e Carlos Brandão. 2008. In BRANDÃO, C.R. **Os Nomes: Escritos Sobre o Outro**. Campinas. SP: Mercado de Letras. 1999

MEDINA, Josino et al. **Violinha de Vereda, Viola de Buriti** (CD). Palmas-TO: Estúdio Piauí. 2010.

MEDINA, Josino. **Cantigas de roda - Comunidade Mumbuca**. (CD). Palmas -TO: Estúdio Piauí. 2010.

MEDINA, J. **Sumidouro**. (CD). Palmas - TO: Estúdio Piauí. Direção: de Josino Medina. Arranjos: Dener Pinheiro). Músicas de Josino Medina sobre poemas de Sônia Anja. 2010.

MEDINA, Josino et al. **Caminho das Águas**. (CD). Brasília: Estúdio da UnB. Participações especiais: Bené Fontelles, Gilberto Gil, Elba Ramalho, Frei Chico, Marden Ramos, João Evangelista e Pepe Paraguassú. 2000.

MEDINA, Josino. Pão Caseiro. In: Poel, Francisco Van Der (Frei Chico). **Dicionário da Religiosidade Popular: Cultura e Religião no Brasil**. Curitiba. Editora Nossa Cultura - I. 1.150 páginas/ 8,5 mil verbetes. 6 mil notas de rodapé/ 350 ilustrações. Ilustrações: Lira Marques. Introdução: Carlos Rodrigues Brandão. 2013.

MEDINA, J. Projeto Ser Criança: Araçuaí-MG. In: **Circul@ndo Ar@ssuss@**. Blog do Projeto ARASSUSSA. 8 de nov. 2013.

MEDINA, J; MEDINA, M. F. R; MEDINA, M. A. R. **Vaqueiro Valdomiro: o espelho da saudade**. Documentário. Direção: Jacó Galdino; Josino Medina. Edição: Jacó Galdino. Produção e pesquisa: MEDINA, Josino Eustáquio Rocha; MEDINA, Maria de Fátima Rocha; MEDINA, Maria Aparecida Rocha. Gravação de músicas: Estúdio Toninho Borges. 2014.

MEDINA, Josino. **Quadras do sertão**. (CD) Belo Horizonte -MG: Estúdio Rio abaixo. Arte do encarte: Clarissa Magalhães. 2016.

CORRÊA, Jussânia Borges. **Ecomusicologia no Cerrado: violeiras e violeiros convivendo com a natureza**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Música em contexto, Universidade de Brasília. 2017.

MEDINA, Valdomiro F. Depoimento [1995]. In: MEDINA, M. F. R; MEDINA, M. A.R. Aboio: poesia e canto no compasso do gado. In: **Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social**. v. 21, p. 51-72, jan.-jun. 2017. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/12> Acesso: jan. 2021.

MEDINA, Josino. **Projeto Ser Criança do Centro Popular de Cultura e desenvolvimento**. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=749087985910835> Acesso em: jan. 2021.

ROSA, Guimarães. **A boiada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1a. edição. 2011.

**Mudar para ser o mesmo: do livro “subversivo”
nasceu o pseudônimo Julio Barreiro**

Quando as ideias e os ideais precisam se materializar num nome, e, nesse caso, cria-se um personagem, que é, ao mesmo tempo, fictício para quem escreveu e real em suas histórias, temos o seguinte resultado: o período era entre 1968 e 1972, e, segundo Brandão (2010), um grupo tinha duas questões para resolver: a escolha pela editora que publicaria o livro e quem o assinaria.

A questão da editora foi encaminhada em Montevidéu, durante um encontro com algumas pessoas provenientes da Argentina, Uruguai e do Brasil, em uma sorveteria, momento em que o coletivo decidiu por publicar a obra na Argentina. Quanto à autoria da publicação, Brandão (2010) destaca que

mais difícil foi encontrar um autor. Sugeri o nome de Manuel Rodrigues, um antigo guerrilheiro chileno, desafiador de outros caudilhos e cantado em verso e prosa até hoje. A ideia foi rejeitada por completo. Era preciso alguém vivo, guerrilheiro ou não. Julio Barreiro, um querido teólogo uruguaio, presente na reunião, aceitou que seu nome fosse colocado na capa do livro. Ele assumirá o risco e, numa introdução ao livro, na sua introdução, explicaria que “o seu livro” era, na verdade, uma obra escrita a várias mãos amigas (p. 103-104).

O pseudônimo Julio Barreiro nasceu de uma escolha coletiva, a qual foi debatida e não somente de uma opção pessoal de Brandão. Julio Barreiro assina um livro que, se fosse publicado inicialmente no Brasil, seria “classificado por agentes do poder militar como ‘subversivo’” (BRANDÃO, 2010, p.103). Desse modo, esse pseudônimo é uma expressão de resistência subversiva à ditadura militar, operante na época em nossa América Latina.

Outro elemento que caracteriza esse nome é o de que faz alvorecer as palavras: educação popular. Numa entrevista, publicada pela Revista *e-Curriculum* (2018), o próprio Carlos Rodrigues Brandão relembra sobre a utilização do pseudônimo para a publicação da obra, que, mais

tarde, seria apontada por Oscar Jara como a primeira vez em que aparece em um livro a expressão Educação Popular: “É aquele Educação popular em processo de conscientização que saiu em 1974 com nome de Julio Barreiro [...] depois, 10 anos mais tarde, foi publicado aqui no Brasil pela editora Vozes, eu saí tradutor do meu próprio livro” (FAGUNDES; BRAGA; BRANDÃO, 2018, p.947).

Assim, Brandão, ao identificar-se como Julio Barreiro, expressa um coletivo latino-americano, o qual atravessou os anos ditatoriais encharcado por experiências de resistência, de sangue e de uma forma de construir a educação desde um espaço, o do popular. Sua identidade como Julio Barreiro não é símbolo de proteção ao seu nome ou de um esconder-se, mas de um projeto coletivo de educação popular.

Esse pseudônimo passa a compor uma das formas de comunicação abordadas por Brandão, a da troca de cartas. Para ele, “as nossas cartas de então eram as nossas conversas por escrito. Eram longas confidências pessoais. Eram momentos de dizer a um alguém algo sobre nossa filosofia de vida, nossas ideias sobre o presente e nossos ideais para o futuro (2020, p. 14). Nas cartas de Brandão, o seu pseudônimo é remetente ou destinatário de quatro cartas e é citado em uma correspondência. As publicações de livros são os principais assuntos tratados nessas cartas, nas quais Brandão se identifica como Julio Barreiro.

Brandão (2020) destaca que foram muitas as cartas que necessitaram serem queimadas, a fim de que fosse resguardada a segurança do remetente e do destinatário. O pseudônimo Julio Barreiro, a sua inscrição como autor de *Educação e Conscientização* e as cartas que Brandão trocou são “memórias e anúncios por escrito” (BRANDÃO, 2020, p. 16) do que viveram os educadores e educadoras populares durante a ditadura militar, e são, como descrito por Brandão (2020): “pequenos lembretes a vocês, de agora, de que não apenas a luta continua, mas a coragem, a lucidez e a esperança, que nos animaram antes e depois dos anos de fogo, estão, como luzes no caminho, acesas diante de vocês” (p. 16-17).

Brandão, em suas sensibilidades e postura política, encarnou em Barreiro para a difusão de ideias em meio à perseguição, à intolerância e aos extremismos opressores. Ainda bem que, além de pedras, havia pelo caminho uma sorveteria, para que, no exercício ousado do diálogo, mais algumas linhas da práxis da educação popular pudessem chegar até os dias de hoje. Aprendemos com Brandões e Barreiros que sempre há brechas nos sistemas, e que, mesmo nas lajes mais cinzas e frias, é possível brotarem vegetais, como a anunciar a continuidade da utopia.

Referências

BRANDÃO, C. R. Carta-Prefácio. In: PAULO, F. dos S.; DICKMANN, I. (Orgs.). **Cartas Pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na Educação Popular. Chapecó: Livrologia, 2020, p. 12-17.

BRANDÃO, C. R. Entre o cerrado e os Andes. In: RAMALHO, J. R. (org). **Uma presença no tempo**: a vida de Jether Ramalho. São Leopoldo: Oikos Editora, 2010. Disponível em: <http://forumeja.org.br/sites/forumeja.org.br/files/Entre-o-Cerrado-e-os-Andes.pdf>

FAGUNDES, M. C. V.; BRAGA, M. M. S. C.; BRANDÃO, C. R. Narrativas e diálogos acerca da pedagogia do oprimido: entrevista com Carlos Rodrigues Brandão. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.16, n. 4, p. 937 – 961, out./dez. 2018. e-ISSN: 1809-3876 Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23925/1809-3876.2018v16i4p937-961>. Acesso em: 18 jan. 2020.

LÍGIA JACQUES E ROGÉRIO LEONEL

Bernadeth Maria Pereira

Lígia Jacques, natural de Belo Horizonte, MG, é cantora, professora de canto e preparadora vocal de coros e atores. Intérprete por excelência, com destaque para o gênero musical popularmente chamado *chorinho*, rege o *Grupo Vocal Da Boca Pra Fora* e integra o *Quarteto Vocal Tom Sobre Tom*. A cantora é casada com o violonista, compositor e arranjador Rogério Leonel, músico de técnica esmerada, profundo conhecedor de harmonia popular e exímio pesquisador do violão brasileiro. Rogério Leonel assina os arranjos dos grupos *Da Boca Pra Fora*, do *Tom Sobre Tom*, do qual foi o fundador, e do *Trio instrumental Alquimia Brasil*, do qual faz parte. Seus arranjos buscam privilegiar as vozes, em expressões distintas, tanto naquelas em coro à capela, como em coro com acompanhamento. Rogério Leonel, além de sempre acompanhar Lígia Jacques na vida e no violão, também é o autor dos arranjos das centenas de músicas interpretadas pela cantora. O violonista publicou o livro *Harmonia das Vozes* (LEONEL, 2016), com 20 arranjos vocais de sua autoria, de músicas de com-

positores mineiros e de domínio público. Lígia Jacques elaborou o projeto do livro, realizou a revisão musical das partituras e fez parte da produção executiva. Todos os arranjos do livro de Rogério Leonel são interpretados por Lígia e seus parceiros do *Grupo Vocal Da Boca Pra Fora* e do *Quarteto Vocal Tom Sobre Tom*. A cantora é graduada em biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG; porém, seu gosto pela música fez com que ela optasse por este caminho artístico e profissional. Desde a infância, o 'choro' entrou na vida de Lígia, quando ouvia com sua família todos os gêneros que marcaram época na música brasileira: a *bossa nova*, o *samba* e o *choro*. Lígia diz que foi adotada pelo Choro, pois a primeira música que ela gravou em disco, *Semente de Canção*, composta por Ricardo Faria e Toninho Camargos, era um choro canção. E, a partir daí, foi conhecendo melhor e se aprofundando na riqueza desse estilo musical. (JACQUES, s/d). Estudou canto e técnica vocal com os professores Eládio Pèrez Gonzalez e Vânia Lováglío, na *Fundação de Educação Artística de Belo Horizonte*. Desde que apareceu no cenário musical, em fins da década de 1970, se dedica a interpretar compositores já consagrados como Tom Jobim, Chico Buarque, Dori Caymmi, Pixinguinha, dentre outros, e também compositores mineiros, como Rogério Leonel, Juarez Moreira, Ricardo Faria e Toninho Camargos. Lígia Jacques foi integrante do *Grupo Curare* ao lado de Titane, Loslena e Luzia Márcia, no início dos anos de 1980. O *Curare* produziu espetáculos multimídia e se aproximou do universo indígena e das percussões tribais. A cantora participou de mais de 30 discos de outros artistas, dentre eles, Marcus Viana, Ladston do Nascimento, Rubinho do Vale, Titi Walter e Célio Balona. Além de realizar incontáveis espetáculos como solista, participou de concertos e espetáculos de músicos de renome como Clara Sverner, Guinga e Francis Hime. Atuou como preparadora vocal e também integrou o elenco da *Missa dos Quilombos*, montagem musical-teatral da *Companhia Ensaio Aberto*, do Rio de Janeiro, com música de Milton Nascimento e texto de Dom Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra, sob direção geral de Luiz Fernando Lobo, e direção musical de Túlio Mourão (MISSA DOS QUILOMBOS, 2004 a 2007). Lígia Jacques lançou seu primeiro CD solo *Choro Barroco* (JACQUES, 2001, 2007), trazendo um repertório apurado da MPB, com registro de compositores como Tom Jobim, Chico Buarque, Edu Lobo, Paulo César Pinheiro, Hermeto Paschoal, Fernando Brant, Toninho Horta, dentre outros. Com direção musical e arranjos de Rogério Leonel, que também assina a faixa-título e outras composições do disco, conta com participações de outros grandes músicos: Toninho Horta: guitarra; Clóvis Aguiar: teclado; Ezequiel Lima: baixo; Esdra Ferreira (*Neném*): bateria; Serginho Silva: percussão; Cid Ornellas: cello; Jairo de Lara: flautas; Rogério Leonel: violão; Titi Walter, Ladston do Nascimento e Hudson Brasil: vocais. *Choro*

Barroco foi aplaudido pelo público e pela crítica, tendo recebido 3 indicações para o *Prêmio Caras de Música*, nas categorias *Melhor CD*, *Melhor Cantora de MPB* e *Melhor Projeto Gráfico*. Em **Choro Cantado** (JACQUES, 2010), seu segundo CD solo, Lígia Jacques homenageia *Ademilde Fonseca*, a Rainha do Choro, além de reunir cinco clássicos do gênero e cinco faixas praticamente inéditas. A proposta foi registrar e resgatar choros que se destacam também pelas letras, valorizando a poesia e a interpretação. Gravado com recursos do Fundo Municipal de Cultura de Belo Horizonte, e produção de *Jorge Fernando dos Santos*, o disco tem arranjos e direção musical de Rogério Leonel, que também toca os violões. A direção artística coube a Jairo de Lara, flautista e saxofonista em várias faixas. Tocam no disco Milton Ramos (contrabaixo acústico) e Serginho Silva (percussões). A produção executiva coube a Tião Rodrigues, a arte a *Adriano Alves*, e as gravações ao Jairo de Lara e ao Eloísio Oliveira. Destacam-se as participações especiais de Ausier Vinícius (cavaquinho, na faixa *Pedacinhos do Céu*), Celso Adolfo (voz em *Domingueiro*) e Hudson Brasil (bambolim, no maxixe *Satan*, de Chiquinha Gonzaga, com letra inédita de Jorge Fernando dos Santos).

Em **2010**, Lígia e Rogério foram citados com destaque no livro *O Violão e as Linguagens Violonísticas do Choro* (WALTER, 2010). O autor cita a composição *Choro Barroco*, de Rogério Leonel, registrada em CD homônimo de Lígia (2001). Essa melodia ganhou uma nova versão, letrada por Jorge Fernando dos Santos, no segundo CD da intérprete (JACQUES, 2010), no qual o choro cantado é uma característica em todas as faixas do álbum. Essa inovação também foi enfatizada na obra de Carlos Walter. Ainda em **2012**, Lígia Jacques concebeu e estreou o espetáculo *Chique Chiquinhas* (JACQUES, 2012), interpretando as canções da grande *Chiquinha Gonzaga*, que compôs uma obra admirável da Música Popular Brasileira. No palco, o timbre marcante e preciso da voz de Lígia Jacques foi acompanhado de um trio feminino: Luiza Mitre no piano, Marcela Nunes na flauta e Alcione Oliveira na percussão. Em **2013**, nas comemorações do centenário de Vinícius de Moraes, Lígia e Rogério participaram de dois eventos importantes, homenageando e celebrando o "Poetinha" por meio de espetáculos que levaram ao público sua obra declamada e cantada. Em **2014**, Lígia Jacques e Rogério Leonel foram as atrações no *Projeto Chora Brasil*, promovido pelo *Clube do Choro de Belo Horizonte*. Em **2019**, Lígia e Rogério foram destaque no *Festival Descontorno Cultural*. O festival fomenta e fortalece a atuação de grupos artísticos das microrregiões no entorno dos centros culturais, referenciais em suas comunidades. Sobre o Festival e sua importância, Lígia Jacques comenta: "esta proposta de descentralização do fazer artístico e cultural em nossa cidade fomenta a cultura local, além de levar uma programação diversificada e de qualidade a

todos os bairros de BH, é o que torna este edital extremamente importante” (JACQUES, 2019). Ainda em **2019**, Lígia Jacques participou de projeto musical *Ensaio aberto*, no *Museu das Minas e do Metal*, com o quarteto vocal *Tom sobre Tom* (Lígia Jacques, Ivânia Marinho, Vanêssa Heilbuth e Valéria Val), ao lado do trio instrumental *Alquimia Brasil* (Rogério Leonel: arranjos vocais e violão nylon; Ezequiel Lima: baixo elétrico, e Carlos Boëchat: bateria e percussão). As vozes do *Tom sobre Tom*, com revezamentos nos solos e estilo refinado, utilizando uma harmonização sofisticada e moderna, foram emolduradas pelo *Alquimia Brasil* e transitaram por notáveis compositores da Música Popular Brasileira, como Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Flávio Venturini, Francis Hime, Chico Buarque e Villa Lobos, dentre outros, além de Clássicos do Repertório Popular Internacional. O espetáculo também foi apresentado, no mesmo ano, na *Casa Outono*, espaço cultural de BH. Nesse mesmo ano de **2019**, Lígia gravou a canção *Cadê Você*, de Jurani Garcia, composta em solidariedade aos atingidos pelo rompimento da Barragem do Fundão, em Bento Rodrigues, Mariana, MG. Essa belíssima expressão poética traduziu, nos versos, o drama cotidiano vivido pela população do vilarejo varrido pelo mar de lama, que deixou sequelas irreversíveis não só para a comunidade diretamente atingida, como para todo o País. A canção gravada a quatro vozes por Lígia, com arranjo vocal, instrumental e acompanhamento de Rogério Leonel, teve grande repercussão na mídia, sendo apresentada no clipe de fechamento dos telejornais *Opinião Minas* e *JM1*, da *TV Minas*, além de execução na abertura do *Seminário Athis*, realizado na sede da IAB - Instituto dos Arquitetos do Brasil, em BH, causando grande comoção. A canção ganhou profunda emoção na interpretação de Lígia Jacques e Rogério Leonel e levou um pouco de alento ao coração de cada atingido. Em **2020**, Lígia Jacques e Rogério Leonel participaram da comemoração virtual dos 70 anos de vida do compositor carioca Guinga, interpretando a canção *Senhorinha*, de Guinga, com letra de Paulo César Pinheiro, com exibição na página do compositor no Instagram. Também em **2020**, Lígia Jacques participou do *Projeto Mutirão de Cantigas* (2020), juntamente com outros artistas, em comemoração ao aniversário de nascimento do saudoso menestrel Dércio Marques (1947-2012). No mesmo ano de **2020**, Lígia Jacques e Rogério Leonel colaboraram no livro *Solo – Álbum das Glórias Musicais* (GUERRA, 2020). A obra é do artista plástico Luiz Eugênio Quintão Guerra, mais conhecido como Genin Guerra. Lígia Jacques escreveu um texto sobre *Chiquinha Gonzaga*, e Rogério Leonel sobre *Baden Powell*. A obra reúne escultura, caricatura e música, três paixões do autor, e foi concebida como forma de retratar compositores icônicos da música popular brasileira de todos os tempos.

Lígia Jacques e Rogério Leonel, com maestria, se complementam, e equilibram a voz delicada da alma feminina, que sensibiliza e emociona os corações dos ouvintes, ao lado da força criativa do arranjador, que transmuta canções ícones da *Música Popular Brasileira* e *Clássicas do Repertório Popular Internacional*, revestindo-as de modernas e ousadas harmonias, próprias à sua identidade musical.

Poema de Carlos Brandão para Lígia Jacques

Poema risado e chorado/Quando Lígia/canta risos/todo o mundo chora, /tal a emoção/da beleza do som/do canto-riso/com que Lígia/nos toca o fundo/do coração. /Mas quando ela/canta seus choros/encanta o mundo/e todo o mundo/é só sorrisos/e riso e mais risos/tal a alegria/que sem achaques/há no choro-vida/de Lígia Jacques! Carlos Brandão. (SANTOS, 2012).

Referências

GUERRA, I. E. Q. **Solo - Álbum das Glórias Musicais**. Belo Horizonte: Lápis Mágico Ltda. 2020. Disponível em: <https://culturalizabh.com.br/index.php/2020/10/21/genin-guerralanca-seu-primeiro-livro-solo-album-das-glorias-musicais/> Acesso em: fev.21.

JACQUES, Lígia. **Choro Barroco**. 1a e 2a tir. Belo Horizonte: produção independente. 2001, 2007. Disponível em: <http://ligiajacques.blogspot.com/p/discos.html> Acesso em: fev. 21.

JACQUES, Lígia. **Choro Cantado**. Belo Horizonte: produção independente. 2010. Disponível em: <http://ligiajacques.blogspot.com/p/discos.html> e <https://www.sonhosesons.com.br/catalogo/choro-cantado-ligia-jacques> Acesso em: fev.21.

JACQUES, Lígia. **Lígia Jacques e o Projeto “Chique Chiquinhas”**. 2012. Disponível em: [Lígia Jacques: Chique Chiquinhas \(ligiajacques.blogspot.com\)](http://ligiajacques.blogspot.com) Acesso em: fev.21

JACQUES, Lígia. **Show “MPB Viva!” traz a voz e a musicalidade de Lígia Jacques para o 6º Festival Descontorno Cultural**. 2019. Disponível em: <http://ligiajacques.blogspot.com/> Acesso em: fev.21.

JACQUES, Lígia. Feito em casa com Lígia Jacques. **Programa da Rádio Inconfidência**. 2010. Disponível em: <https://soundcloud.com/l-gia-jacques/feito-em-casa-com-ligia> Acesso em: fev.21.

JACQUES, Lígia et al. **Mutirão de Cantigas** Dércio Marques. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/7YDDYVOFCdk> Acesso em: fev. 2021.

LEONEL, Rogério. **Harmonia das vozes**. Belo Horizonte: edição do autor, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/Livro-Harmonia-das-Vozes-Rog%C3%A9rio-Leonel-594871470661150/> e https://www.freenote.com.br/produto.asp?shw_ukey=43496111507H9QYGI8 Acesso em: fev.21.

MISSA DOS QUILOMBOS. **Lígia Jacques in Missa dos Quilombos**. Rio de Janeiro: Produção da Companhia Ensaio Aberto. 2004 a 2007. Disponível em: [Missa dos Quilombos - Companhia Ensaio Aberto](#) Acesso em: fev.21.

SANTOS, Jorge Fernando dos. **Choro Cantado homenageia Ademilde Fonseca**. (Blog). 2012. Disponível em: [Choro Cantado homenageia Ademilde Fonseca - Jorge Fernando dos Santos \(jorgefernandosantos.com.br\)](#). Acesso em: fev.21.

WALTER, Carlos. **O violão e as linguagens violonísticas do choro**. Uberaba / Belo Horizonte: Editora Clube de Autores. 2010. Disponível em: <http://www.carloswalter.com.br/2012/08/musicais.html>. Acesso em: fev.21.

LUIZ FERNANDES DOURADO

Simone Gonçalves da Silva
Mateus Arguelho da Cunha

O professor Luiz Fernandes Dourado é professor emérito da Universidade Federal de Goiás, lecionando também no Programa de Pós-Graduação em Educação da referida universidade. Foi membro do conselho técnico-científico da CAPES para a Educação Básica; membro do conselho editorial da revista Retratos da escola (CNTE), da revista Educação & Sociedade (CEDES), Revista Horizonte Latino Americano do Mercosul, e da Revista Brasileira de Política e Administração da Educação. Membro

do Grupo Estratégico de Análise do Ensino Superior no Brasil. Entre 2012 e 2016, Dourado foi membro da Câmara de Ensino Superior do Conselho Nacional de Educação, e, entre 2014 e 2016, membro do Fórum Nacional de Educação. Dirigiu a Secretaria de Educação Básica, do MEC, e também atuou como Coordenador Geral de Estatísticas Especiais do INEP. Tem experiência na área de Educação e Sociologia da Educação, com ênfase em políticas educacionais, com estudos envolvendo avaliação, gestão e regulação da Educação Básica e Superior.

O professor Dourado possui 12 livros publicados/organizados, 50 artigos e 35 capítulos de livro publicados em autoria ou coautoria. Em suas publicações, os assuntos mais recorrentes são: educação superior, qualidade da educação, políticas educacionais.

Como membro do Conselho Nacional de Educação, o professor Dourado participou dos debates pela aprovação da resolução CNE nº 02/2015, a qual o professor atribui como uma política de forte engajamento entre o CNE e demais instituições, e que tem sido de boa receptividade entre as IES como uma política de formação mais consolidada. Atualmente, com os avanços das políticas neoliberais e neoconservadoras, essa proposta de formação de professores foi revista, e ficou fragilizada pela aprovação, em 7 de novembro de 2019, do Parecer CNE/CP 22/2019, que revoga a Resolução CNE/CP Nº 2/2015 e propõe a formação de professores padronizada, prescrita e flexível, alinhada às competências e habilidades contidas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). As críticas com relação a essa Proposta para Base Nacional Comum de Formação de Professores da Educação Básica (BNCFP - BNC Formação - BNC Professores) também têm sido centrais nas discussões propostas por Luiz Dourado.

O professor Dourado recebeu o título de professor emérito da UFG pelo reconhecimento de sua jornada e pela luta em prol de uma educação pública e de qualidade no nosso país. Entre aqueles a sua volta, é tido como uma pessoa muito amiga, e uma pessoa com um “brilho que ilumina”²⁷.

O professor Dourado é citado em carta do professor Brandão, a fim de constituírem parceria para consolidação do doutorado dentro do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG.

²⁷ A informação a que se refere consta em notícia veiculada dentro do site da UFG. Disponível em: <https://www.ufg.br/n/64726-luiz-fernandes-dourado-recebe-titulo-de-professor-emerito-da-ufg> Acesso em: 24/05/2020.

O espanhol Luis Palacín Gómez nasceu em 1927, e faleceu no Brasil, em Goiânia, em 1998. Doutor em História, com formação em Filosofia e Teologia, ficou conhecido como primeiro investigador a fazer uso do método histórico para a reconstrução da história de Goiás e de Tocantins. Foi sacerdote da Companhia de Jesus, em São Leopoldo-RS, até 1960, quando foi transferido para Goiânia.

Luis Palacín Gómez possuiu vinculação com a Universidade Católica de Goiás, como docente e pesquisador em História. Suas pesquisas sobre a história de Goiás são reconhecidas por historiadores locais.

Carlos Rodrigues Brandão trocou cartas com o seu amigo padre Palacín, em fevereiro de 1980: respondeu a carta recebida do padre, destacando seus diálogos sobre religiosidade popular. Na carta, destinada ao padre, agradece as correções realizadas em torno do livro "*O Divino, o Santo e a Senhora*". Havia enviado os originais pelo correio ao padre Palacín, com quem dialogava sobre o contexto político, cultural e social de Goiás. Na mesma Carta, Brandão relata sobre suas pesquisas concernentes aos rituais religiosos do catolicismo popular. Refere-se, igualmente, à sua tese *Os Deuses do Povo*, a ser publicada pela Brasiliense. Destaca uma série de estudos acerca do tema *Religiosidade no Brasil*, sublinhando as relações entre a religião erudita e popular que Palacín havia escrito em um livro seu, o qual Brandão desejava conhecer, para referenciá-lo em sua tese, e em aulas que daria em Seminários a serem realizados em São Paulo, ainda em 1980.

Brandão, em Goiás, tem íntima relação com a história do Movimento de Educação de Base, e, enquanto educador popular e antropólogo, escreveu livros, artigos e relatórios de pesquisas sobre Educação Popular e Religiosidade Popular, tendo como interlocutores vários intelectuais e ativistas.

Analisando a carta referida, percebe-se uma marca destes exilados em seu próprio país, que foi a criação de grupos de diálogos a partir de afinidades ideológicas, temáticas, espirituais e intelectuais – revelando traços de fraternidade entre essas pessoas (unindo fé, mística e engajamento político). Também uma humildade intelectual que se traduz na escuta do outro e da partilha de projetos de vida, caracterizando um sentido existencial, cujo vínculo impulsionou a luta coerente na defesa da

democracia, dos Direitos Humanos e na utopia de um novo Brasil, sem abrir mão de um esforço intelectual rigoroso, que unia militância e academia. Desses sujeitos, Luis Palacín Gómez foi um dos interlocutores de Brandão, cujos diálogos fortaleciam e reafirmaram afinidades, resultando em produções de cursos, seminários, projetos de extensão e produções de livros. Em seu tempo, esses educadores, em suas áreas específicas, foram humanistas, no sentido autêntico da palavra.

Esses intelectuais, de diferentes vertentes filosóficas e pedagógicas, tinham uma profunda convicção de que não há mudanças radicais sem uma intensa vida espiritual e amorosa, que se traduz na confiança no ser humano e no seu poder de superar os condicionamentos históricos.

Referências

BRANDÃO, C. R. **O Divino, o santo e a senhora**. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

BRANDÃO, C. R. **A Festa do santo de preto**. Goiânia: Ed Universidade Federal de Goiás; Rio de Janeiro: Funarte, 1985.

MARCELA GAJARDO

Fernanda dos Santos Paulo

Estudou na Escola de Educação na Universidade Católica do Chile, e sua pós-graduação é em Sociologia, na Universidade de Essex, Inglaterra. Autora de artigos e livros sobre temas da educação, especialmente relacionados com a Pesquisa Participante e políticas públicas educacionais. É reconhecida no Brasil por educadoras e educadores que estudam a Educação Popular e pesquisas participantes. (PAULO, 2019)

Trocou dezenas de cartas com Carlos Rodrigues Brandão, cujo conteúdo principal referia-se a Pesquisa Participante e outras modalidades de pesquisas participativas, como as experiências de Pesquisa-ação realizadas no CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação, e as pesquisas de investigação temática, apresentada por Paulo Freire. Também, localizamos relatos sobre pesquisas participativas realizadas, a partir de projetos de pesquisas e trabalho popular, entre Brasil e outros países da América-latina.

Nas cartas trocadas entre Brandão e Marcela, sobretudo escritas na década de 1980, outros assuntos eram tratados, como a respeito de suas

trajetórias profissionais e pessoais. Paulo Freire foi mencionado em várias cartas escritas por Marcela, e ela, igualmente, foi mencionada por Paulo Freire em *Pedagogia da Esperança*. Marcela Gajardo tem, no livro *Repensando a Pesquisa Participante*, um texto intitulado “*Pesquisas participante: propostas e reflexões metodológicas*”. Em seu artigo, ela cita o livro *Pesquisa Participante*, obra organizada por Brandão, contendo textos de Rosiska D. de Oliveria, Miguel Darcy de Oliveira, Paulo Freire, Orlando Fals Borda, entre outros.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GAJARDO, Marcela. **Teoría y práctica de la educación popular**. Michoacán, México, PREDE/OEA/ CREFAL/IDRC, 1985.

GAJARDO, Marcela. **Pesquisa participante na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GAJARDO, Marcela. **Pesquisa Participante: Propostas e Projetos**. In.: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

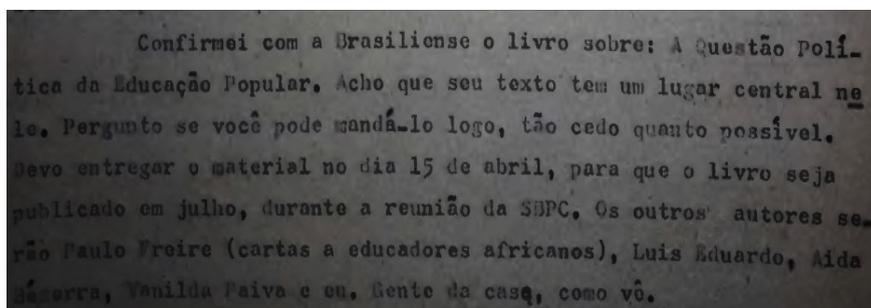
PAULO, Fernanda dos Santos. MARCELA GAJARDO. In.: PITANO, Sandro de Castro; STRECK, Danilo Romeu, MORETTI, Cheron Zanini (Orgs.) **Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica**. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019.

MARIA AÍDA BEZERRA COSTA

Fernanda dos Santos Paulo

Possui graduação em Serviço Social pela Escola de Serviço Social (1959) e mestrado pela Ecole Pratique de Hautes Etudes Vième Section (1969). Atuou como Secretária Executiva de Serviços de Apoio à Pesquisa em Educação e trabalhou no Movimento de Educação de Base (MEB).

Tem diversas publicações sobre Educação Popular. É uma mulher, ainda pouco referenciada em pesquisas sobre o tema, mas com produções relevantes para pesquisadores/as da história da Educação Popular no Brasil. Outra obra de suma importância é *A Questão política da educação popular*, organizada por Brandão e que possui um capítulo de Aída Bezerra, tratando dos movimentos de cultura e de educação popular do início dos anos de 1960. Referindo-se a essa obra, localizei em uma correspondência para Aldayr (1980), Aída Bezerra sendo citada no assunto sobre a organização dessa coletânea.



Confirmei com a Brasiliense o livro sobre: *A Questão Política da Educação Popular*. Acho que seu texto tem um lugar central nele. Pergunto se você pode mandá-lo logo, tão cedo quanto possível. Devo entregar o material no dia 15 de abril, para que o livro seja publicado em julho, durante a reunião da SBPC. Os outros autores são: Paulo Freire (cartas a educadores africanos), Luis Eduardo, Aída Bezerra, Venilda Paiva e eu. Gente da casa, como vó.

Brandão escreveu uma carta para Aída Bezerra no ano de 1981 que abordava vários assuntos educacionais, entre eles diz que recebeu o Cadernos do NOVA. Menciona a Beatriz Bebiano Costa e trabalhos de Educação Popular. Conversa com Aída a respeito das pesquisas participantes, metodologias de Educação Popular e do preconceito do uso do "popular" na educação. Encontramos na correspondência relatos sobre reuniões e de atividades de pesquisa e de militância. Beatriz Bebiano Costa, Vera Jaccoud e Aída Bezerra possuem experiências no MEB sendo mencionadas nas Cartas de Brandão, e em alguns casos, há trocas de correspondências entre elas com ele. Outra observação pertinente que demonstra a relação entre Educação Popular, MEB e Brandão diz respeito a criação do NOVA - Pesquisa, Avaliação e Assessoria - cuja equipe inicial foi constituída por várias intelectuais de movimentos populares, entre elas estão Aída Bezerra e Beatriz Costa. Para conhecer melhor esta educadora popular sugiro ler seus textos (COSTA, 1977, 1978, 1982, 1986, 1992). Nos Cadernos de Educação Popular encontramos vários números com a presença de Aída Bezerra, a saber:

- 1) BEZERRA, Aída. Conversando com os agentes. GARCIA, Pedro Benjamin. Saber popular/Educação popular. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Nova, 1982.
- 2) BEZERRA, AÍDA; GARCIA, Pedro Benjamin; DUARTE, Newton; MASSADAR, Cristina; RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetização de adultos. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Nova, 1985.
- 3) COSTA, Maria Aída B.; JACCOUD, Vera; COSTA, Beatriz. MEB: uma história de muitos. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Nova, 1986.

Esse conjunto de produções são marcantes na história da Educação Popular, ainda, parcamente, pesquisadas nas universidades e instituições de pesquisa em Educação popular.

Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **A questão política da educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [**Correspondência**]. Destinatário: Aldayr. [Cita Aída Bezerra]. Brasil, 1981. carta pessoal.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [**Correspondência**]. Destinatário: Maria Aída Bezerra Costa. Brasil, 1981. carta pessoal.
- COSTA, Maria Aída Bezerra. As Atividades em Educação Popular. **Suplemento CEI** n.º 17, Rio de Janeiro, v. 1, p. 35-56, 1977.
- COSTA, Maria Aída Bezerra. As Atividades em Educação Popular II. **Educação popular (II)**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 02-21, 1978.
- COSTA, Maria Aída Bezerra. Conversando com os Agentes. **Cadernos de Educação Popular** n.º 3, Rio de Janeiro, v. 1, p. 09-26, 1982.
- COSTA, Maria Aída Bezerra; JACCOUD, Vera; COSTA, Beatriz. **MEB: uma história de muitos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- COSTA, Maria Aída Bezerra. Analfabeto é Quem? **Revista Proposta Experiências em Educação Popular**, Rio de Janeiro, n.º 52, p. 26-28, 1992.

Maria Alice Martins de Araújo nasceu em 07 de junho de 1936, em Mossâmedes²⁹ - antiga Aldeia de São José de Mossâmedes, município brasileiro do interior do estado de Goiás, Região Centro-Oeste do país.

Participou da Juventude Universitária Católica, quando estudante. Formou-se em Letras Neolatinas, pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Maria Alice vinculou-se a trabalhos com Educação Popular e com os movimentos sociais, atuando sobretudo com a alfabetização de adultos, juntamente com um grupo de estudantes ou recém-formados. Aqui, caracteriza a sua inserção no MEB, onde desenvolvia atividades de coordenação e sistematização de cursos, treinamentos e oficinas no Estado de Goiás.

A equipe do MEB-Goiás, majoritariamente formada por mulheres³⁰ e por ela coordenado, recriou o “Método Paulo Freire”, adaptando-o ao mundo rural e camponês de Goiás, e para a alfabetização através de escolas radiofônicas. Ao mesmo tempo, Maria Alice coordenou, durante um longo período, a equipe do MEB -Mato Grosso, que não possuía ainda coordenação própria. Ou seja, a equipe que compunha o MEB-Mato Grosso foi formada e treinada pela equipe do MEB-Goiás. Deram à experiência realizada o nome de “Benedito e Jovelina³¹”, pois este era o nome do casal de lavradores com cujas imagens e palavras as primeiras aulas

²⁸Este verbete faz parte do projeto de Extensão Universitária “Diálogos entre pesquisa, extensão e sociedade: A geração de Educadores Populares da década de 1960 no Brasil”, contemplado no 1º Edital de Financiamento à Pesquisa sobre Extensão Universitária, elaborado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (ProEC), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

²⁹Em 31 de julho de 1845, pela Lei Provincial nº6, foi criado o distrito de São José de Mossâmedes, passando a pertencer ao município de Goiás. Pelo Decreto-Lei nº 1 .233, de 31 de outubro de 1938, passou a denominar-se somente Mossâmedes, sendo elevado à categoria de município, em 14 de novembro de 1953, quando da lei estadual nº 772, de 14 de novembro de 1953, que criou a nova municipalidade.

³⁰Uma das características do MEB-GOIÁS, coordenado por Maria Alice Martins de Araújo (depois, Martins Brandão), foi o fato de que aquela era a "equipe mais feminina" de todo o MEB. De fato, foram mulheres engajadas e comprometidas com a educação popular e as causas sociais: Maria Alice, Alda Borges (depois exilada no Chile), Aparecida (militante da AP, depois exilada na França, e morta de doença infecciosa na África), Gaudência, Nazira, Isa, Pérola, Waldenora, Darcy.

³¹Remissão ao livro “O que é o Método Paulo Freire” (BRANDÃO, 1981).

eram enviadas pelo rádio a um “monitor”, responsável pelo trabalho local de alfabetização com adultos.

Em Goiás, sob a coordenação de Maria Alice, a equipe do MEB criou um trabalho direto com camponeses chamado “Encontros com a comunidade”, além de operar através de centenas de escolas radiofônicas, algumas a mais de 500 km de distância de Goiânia.

Maria Alice esteve na coordenação do MEB-Goiás de 1961 a 1966, até quando, dois anos após o golpe de 1964 que depôs o governo João Goulart e instaurou a ditadura militar no Brasil, encerrou de modo drástico as atividades do MEB-Goiás e de vários outros Estados da Federação.

A partir de 1964, e de modo mais ostensivo de 1966 em diante, de acordo com Osmar Fávero (2010), os mais representativos sistemas de educação de base do Nordeste e do Centro-Oeste foram fechados, restando poucos sistemas locais do MEB, que regrediram a propostas pedagógicas distantes de uma educação popular. E aponta Spigolon (2014) que, em virtude da intervenção do governo militar, registrou-se a invasão das sedes regionais e locais do MEB por forças policiais. Preventivamente, como aconteceu em Goiás, acervos com materiais pedagógicos foram queimados ou enterrados. Em outras sedes estaduais, foram apreendidos por órgãos de segurança nacional, e, inclusive, educadoras do MEB foram levadas para interrogatório policial.

Brandão (2019) traz em depoimento³² que, antes de o MEB-Goiás ser oficialmente encerrado, a equipe do MEB-Goiás, coordenada por Maria Alice, passou dias e dias queimando em fundos de quintais todo o material de anos de trabalho, que poderia ser considerado subversivo e apreendido. Centenas de fitas gravadas, milhares de programas de cada ala radiofônica, e um mundo de cartas entre camponeses e o pessoal da equipe.

Em janeiro de 1964, poucos meses antes do golpe de abril, um livro de leituras para a alfabetização de adultos foi apreendido na gráfica, pela polícia do então Estado da Guanabara, e levado para uma delegacia. O livro de leitura fazia parte do Conjunto Didático “Viver é Lutar³³”. Terá

³²Remissão à entrevista realizada com Carlos Rodrigues Brandão no Sítio Rosa dos Ventos, Caldas/MG, em novembro de 2019, na qual cita a atuação de sua companheira/esposa frente ao MEB-Goiás.

³³A cartilha escolar “Viver é Lutar” foi produzida nos primeiros anos de trabalho do MEB, em 1961, com o intuito de alfabetizar os educandos jovens e adultos nos variados Sistemas Educativos Radiofônicos do Brasil. “Viver é Lutar” é um elemento da cultura material escolar elaborado a partir da realidade brasileira dos educandos jovens e adultos participantes dos Sistemas Educativos Radiofônicos do Brasil. No entanto, a partir de 1964, essa cartilha vai obter uma representação de educação subversiva pelo regime ditatorial, pois em suas lições as representações de educação contextualiza-

sido um dos mais completos e pedagogicamente bem-acabados conjuntos didáticos dedicados à alfabetização de adultos produzidos no Brasil daquele período, e que nunca chegou a ser empregado, pois logo a seguir veio o golpe de 1964.

Foram longos momentos de violência, opressão e manifestações de poder autoritário e ditatorial, que interromperam o trabalho que vinha sendo realizado em boa parte do País. Na tentativa de coibir ideias e práticas pedagógicas com fundamento em Paulo Freire, entre outros educadores, cientistas sociais e artistas, foram reiteradas as ameaças e atentados a movimentos, inclusive com uso de prisões arbitrárias, torturas, exílios e até mesmo assassinatos. Uma das educadoras do MEB, e companheira de trabalhos de Maria Alice, precisou exilar-se com o marido no Chile, durante anos. Uma outra foi exilada para a França e, poucos anos mais tarde, faleceu de uma enfermidade contraída enquanto trabalhava na África. O próprio Paulo Freire com Elza e os filhos se somaram ao contingente de exilados brasileiros (SPIGOLON, 2014).

A Juventude Universitária Católica (JUC) e o Movimento de Educação de Base (MEB) foram os cenários em que Maria Alice e Carlos, ela em Goiás e ele no Rio de Janeiro, se conheceram. Carlos Rodrigues Brandão militava junto ao Movimento de Cultura Popular e, profissionalmente, trabalhava no MEB. Conheceram-se no Rio de Janeiro, em um dos encontros nacionais do MEB.

Esse trabalho conjunto, centrado na educação, marcaria a vida pessoal e profissional dos dois. Em 13 de janeiro de 1966, Maria Alice Martins de Araújo casou-se com Carlos Rodrigues Brandão, passando a assinar Maria Alice Brandão³⁴. Dessa união, nasceram um filho e uma filha; dois netos e uma neta. André nasceu em Goiânia, em 6 de janeiro de 1968, e Luciana nasceu também em Goiânia, em 9 de março de 1970.

Em seguida, ao casamento, o casal Brandão: Maria Alice e Carlos, seguiram para o *Centro de Cooperación Regional para la Educación de Adultos en América Latina y El Caribe*³⁵ (CREFAL), no México, permanecendo por

das estão relacionadas à valorização dos sujeitos sobre a produção de conhecimentos relacionados à “luta”.

³⁴Maria Alice Martins de Araújo, após o casamento com Carlos Rodrigues Brandão, assume juridicamente o sobrenome do marido, passando a assinar Maria Alice Martins Brandão. Todavia, aqui, a opção é manter Maria Alice Brandão - nome com o qual ela se identifica nos depoimentos para pesquisas e outras fontes acessadas.

³⁵O CREFAL é uma organização internacional autônoma, criada em maio de 1950, cujo objetivo inicial era oferecer uma estrutura para a cooperação regional na educação de adultos, por meio da formação de pessoal especializado, da pesquisa e sistematização do conhecimento e da difusão e intercâmbio - entre especialistas, pesquisadores, funcionários públicos e professores - de informações e experiências de instituições e organizações educacionais. Há o acordo entre a UNESCO e o Governo do México para a criação de um Centro

nove meses, para estudos e o aprofundamento no campo da Educação de Adultos.

De retorno ao Brasil, Maria Alice Brandão e Carlos Rodrigues Brandão trabalharam no Instituto Brasileiro de Reforma Agrária³⁶ (IBRA), em Brasília, sempre vinculados aos movimentos de Educação Popular, de Adultos e de Base.

Osmar Fávero (2011) lembra que vários militantes do MEB foram trabalhar no IBRA, durante a vigência do “regime militar”. Ele (Fávero) e outras pessoas amigas conseguiram levar cerca de cinquenta pessoas do MEB para o IBRA. Entre elas, o casal Maria Alice e Carlos Brandão.

Durante um ano e meio, trabalharam e residiram no Cerrado do Centro-Oeste. Atuaram juntos no Setor de Educação do Distrito Colonização “Alexandre de Gusmão”, localizado a 40 km de Brasília. Em agosto de 1967, ainda como educador no IBRA, Carlos Brandão foi contratado como “professor em tempo parcial”, pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

No final de 1967, Carlos prestou concurso e foi aprovado como professor regente na Universidade Nacional de Brasília (UNB). Grávida do primeiro filho, Maria Alice se demitiu do IBRA e mudou-se para Goiânia. Logo a seguir, Carlos também deixou o IBRA, e foi para Goiânia, mesmo permanecendo como professor da UNB, para onde se deslocava uma vez por semana, até o final de 1968.

Já em Goiânia, Goiás, Maria Alice Brandão compôs, durante alguns anos, o quadro de educadoras da Associação das Escolas Católicas.

Em janeiro de 1976, o casal mudou de Goiânia para Campinas. Maria Alice acompanha Carlos, que, após prestar concurso, foi incorporado

Regional de Formação de Pessoal e Preparação de Material de Educação Básica na América Latina, o que fortaleceu a expansão do CREFAL. Acesso em: janeiro de 2021. <https://crefal.org/>

³⁶Órgão criado pela Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964 (Estatuto da Terra), e regulamentado pelo Decreto nº 55.889, de 31 de março de 1965. Autarquia dotada de personalidade jurídica e autonomia financeira, diretamente subordinada à Presidência da República, tinha por objetivo principal promover a elaboração e coordenar a execução do Plano Nacional de Reforma Agrária, bem como administrar o Fundo Nacional de Reforma Agrária. Funcionando paralelamente ao Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA), o IBRA surgiu como uma tentativa de aliviar as tensões sociais que, no início da década de 1960, tinham como principal motor as questões vinculadas à propriedade da terra. As dificuldades operativas do INDA e do IBRA e o afastamento das preocupações com a reforma agrária acabaram por refletir-se na extinção desses órgãos. Em seu lugar, surgiu o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), instituído pelo Decreto-Lei nº 1.110, de 9 de julho de 1970.

ao então Curso de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)³⁷.

Já em Campinas, Maria Alice, durante anos, dedicou-se à educação para crianças com dificuldades de aprendizagem, na instituição “Raio de Sol”.

Cabe registrar que o pensamento cultural, popular e pedagógico de Maria Alice contribuiu para os trabalhos educacionais de Brandão. A par disso, estimulou e testemunhou o desenvolvimento e a expansão dos escritos, das pesquisas e das produções do companheiro, esposo e também educador, o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão.

Em 2017, Maria Alice reviveu a gênese das experiências junto ao MEB-Goiás, ao fazer parte do projeto “Cantos da resistência³⁸”, que mobilizou a memória de ex-integrantes para registrar músicas inéditas de insurgência dos anos de 1960/1970, cuja autoria é dos próprios militantes e educadores do MEB e da AP. Desse projeto, resultou um CD, com músicas cantadas em Goiás e em outros lugares do Brasil durante os anos da ditadura militar. Uma das músicas cantadas tem origem na parceria entre Maria Alice, na época em que era coordenadora do MEB-Goiás, e um camponês, José Moreira Coelho, que, antes, fora monitor de educação de adultos do mesmo MEB-Goiás.

Entre outros movimentos de cultura popular dos anos 1960, o MEB - no qual Maria Alice Brandão esteve à frente, em Goiás - atuou na resistência e nas lutas dirigidas à transformação da ordem social, política, econômica e cultural vigentes. Seu trabalho político e pedagógico foi sempre marcado por um coerente e forte conteúdo crítico sobre a sociedade, por meio da educação.

Algumas pessoas e siglas não são citadas aqui, outras são retomadas e reescritas, como o de Maria Alice Brandão, para pensar, nas dimensões da Educação e da História da Educação de Adultos no Brasil, a especificidade desta forma rebelde e revolucionária: a Educação Popular,

³⁷Na UNICAMP, Carlos Rodrigues Brandão trabalhou até o ano de 1997, quando se aposentou, permanecendo, até hoje, lá, como professor colaborador. Daí em diante, como professor convidado ou visitante, trabalhou em cinco universidades públicas do País.

³⁸O Projeto “Cantos da Resistência” é voltado para a memória das lutas sociais dos anos 1960-1970 a partir da experiência da produção musical feita para impulsionar o trabalho educativo e político, utilizando, dentre outros, os recursos da cultura popular. As músicas do MEB são interpretadas por alguns participantes desse movimento em Goiás, por exemplo: Alda B. Cunha, José e Parcival Moreira Coelho, Maria Alice Brandão, Nazira F. Elias, Wellington Cortes, dentre outros. Vide <http://www.forumverdade.ufpr.br/blog/2015/07/22/projeto-cantos-da-resistencia-pela-preservacao-da-memoria-contra-o-esquecimento/>

fundamentada nos recursos da Cultura Popular e na concepção histórica de sujeito político.

Referências

ADRIANO, Iona Gomes. O MEB em Goiás e o papel dos intelectuais-monitores (61-66). Dissertação de Mestrado junto à Faculdade de Educação da PUC de Goiás, Goiânia, 2012.

BRASIL. MEB-Goiás. Relatório - documento de estudo. Mimeo. Goiânia, 1965.

BRASIL. MEB - Uma experiência de Educação de Base. Relatório-documento. Mimeo. Goiânia, 1966.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é o Método Paulo Freire. Editora Brasiliense, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Entrevista, Sítio Rosa dos Ventos, Caldas/MG, Brasil. Entrevista concedida aos pesquisadores, 2019.

COSTA, Maria Aída Bezerra; JACCOUD, Vera e COSTA, Beatriz Bebiano. MEB, uma história de muitos. Volume 10 de Cadernos de educação popular. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

FÁVERO, Osmar. Movimento de Educação de Base - MEB. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

FÁVERO, Osmar. Depoimento, Natal/RN, Brasil. Entrevista concedida à pesquisadora Nima Spigolon, na 34ª reunião da ANPED, em 03 de outubro de 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE REFORMA AGRÁRIA. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)/Fundação Getúlio Vargas (FGV). Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-brasileiro-de-reforma-agraria-ibra>>. Acesso em janeiro de 2021.

MACHADO, Maria Margarida; RODRIGUES, Maria Emília de Castro, VALDEZ, Diane e FERREIRA, Maira Soares (Orgs.). A história guardada no Centro Memória Viva – Educação de jovens e adultos, educação popular e movimentos sociais. Canon Editorial, Goiânia, 2015.

PEIXOTO FILHO, José. A travessia do popular na contradança da educação. Editora da PUC Goiás, Goiânia, 2004.

RODRIGUES, Maria Emília de Castro; COSTA, Cláudia Borges; GOMES, Dinorá de Castro. Movimento de Educação de Base em Goiás no Centro de Memória Viva. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, vol. 3, nº 6, 2015; p. 9-31.

SPIGOLON, Nima I. As noites da ditadura e os dias de utopia – o exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979. Tese. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

MARIA DAS MERCÊS BONFIM AMBROSIO

Nara Rosana Godfried Nachtigall

Encontramos o nome de **Maria das Mercês Bonfim Ambrosio** em uma carta de Brandão para Neuza, na carta pede informações do CEDI, cultura popular e religiosidade popular. Maria das Mercês Bonfim Ambrosio é graduada em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1971) e é mestra em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (1989). Atualmente é Coordenadora do Curso de Serviço Social do Centro Universitário de Sete Lagoas/ UNIFEMM.

Tem experiência na área de saúde pública, cultura popular e Serviço Social, com ênfase na formação profissional em Serviço Social. No Mestrado em educação estudou "A Pedagogia do Rosário-caráter educativo da Festa". Sua pesquisa objetivou desvendar os conteúdos educativos presentes na Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Sete Lagoas-MG (AMBROSIO, 1989). Através da participação nesses eventos, nos anos de 1981 e 1982 e de entrevistas com membros das guardas de Nossa Senhora do rosário naquela cidade- além de leitura orientada-foi possível traçar as linhas dessa pedagogia, presentes neste trabalho. Trata-se de uma manifestação cultural da raça negra, que em Sete Lagoas é realizada no período de agosto a outubro, durante um fim-de-semana, cada Guarda reali-

zando sua própria Festa, e participando, como convidada, nas outras. A fala, o canto e a dança dos autodenominados "pretinhos do Rosário", ao tempo em que se refere a dados da história "oficial", como a escravidão, formula sua própria história numa linguagem própria, em que a lógica racionalista apontaria algumas idiosincrasias. Entretanto, passada de geração a geração, essa memória mostra-se fundamental em "manter a tradição" que confere aos "pretinhos" uma identidade própria. Fazer a festa é o modo de afirmar essa identidade, referida nação só à dominação cotidiana, mas a um passado de realeza, soberania e escravidão. Tal contradição, realizada nas contradições em que vivem esses agentes, propulSIONA uma prática pedagógica através da qual os "pretinhos" vivem, na Festa, a festa e a luta. Ao se convocarem, a cada ano, a "fazer mais Festa", indicam que é possível viver, mais do que só trabalhar (AMBROSIO, 1989).

Referências

Maria das Mercês Bonfim Ambrosio. Currículo. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/679528/maria-das-merces-bonfim-ambrosio>. Acesso: 28 de jan. 2021.

AMBROSIO, Maria das Mercês Bonfim. **A pedagogia do Rosário, conteúdo educativo da festa: estudo do potencial pedagógico contido na festa de Nossa Senhora do Rosário**. Universidade Federal de Minas Gerais. Dissertações de Mestrado, 1989. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/FAEC-87DJEQ>. Acesso: 28 de jan. 2021.

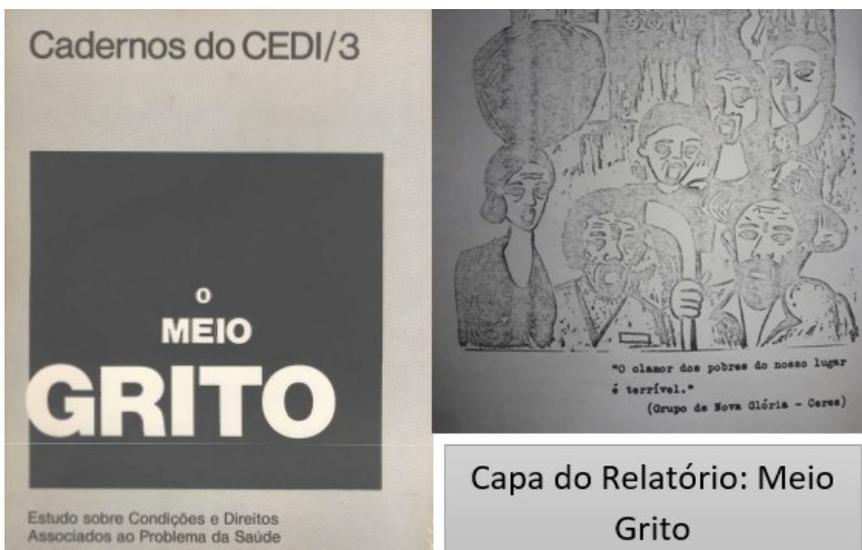
MEIO GRITO

Fernanda dos Santos Paulo

Em uma carta de 1981 para Neuzinha e Salma, Brandão relata sobre a morte do Tião que trabalhou no projeto Meio Grito. Como podemos observar no trecho que segue: "Por outro lado, aconteceu uma coisa muito ruim, mas que todos sabemos que faz parte de uma vida como a nossa. Quando estávamos no Recife, naquele Encontro de Medicina Comunitária, chegou a notícia de que o Tião tinha morrido. Ele era um lavrador e violeiro. Foi um dos que mais participou dos trabalhos do Meio

Grito e, inclusive, os versos do texto são deles. Tião morreu de Chagas, doença de povo e de mineiro. Foi uma tristeza muito grande para todos nós”.

O verbete inicia com uma narrativa de Brandão que ajuda a compreender o que significou o Projeto Meio Grito para a constituição da Educação Popular como espaço de luta por direitos sociais, pela democracia e pelo direito a vida com dignidade. Essa experiência contou com a equipe das Comunidades Eclesiais de Base e os agentes populares da diocese de Goiás. Carlos Rodrigues Brandão foi assessor desse projeto. Havia, também, assessores do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi) sendo publicado no Caderno organizado por esta instituição.



Carlos Rodrigues Brandão é um dos 10 membros do Conselho Editorial dos CADERNOS DO CEDI. Nos Cadernos do CEDI de nº 3, sobre **O Meio Grito**: “pesquisa sobre a saúde do povo foi feita por pessoas dele e do setor de saúde da Igreja de Goiás, com a colaboração de alguns assessores do CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação, Rio de Janeiro.” (CEDI, 1980, p. 2), contando com 21 pessoas envolvidas, dentre elas encontramos nas cartas de Brandão: Totó (lavrador, pesquisador na Gameleira -Itapuranga), Paulo (médico, Ceres, da Coordenação de Saúde, assessoria interna), Ozelita (lavadeira, pesquisadora em Britânia), Neide(antropóloga, Rio de Janeiro, assessoria do CEDI) e Aduino(lavrador, pesquisador em Novo Brasil).

No relatório do projeto encontramos detalhes do desenvolvimento desta experiência. “Essa Pesquisa de Saúde nasceu da idéia de espalhar mais no meio do Povo, que a SAÚDE É UM DIREITO. E que o Povo deve se organizar para conquistar esse Direito, cada vez que ele for negado.” (Relatório Meio Grito). Na mesma carta, uma outra passagem diz: “Paulo é o médico, o coordenador da Equipe Regional de Saúde. Foi ele quem ‘comandou’ na verdade todo o trabalho de medicina popular na Diocese de Goiás. Depois de publicado o Meio Grito ele deu uma entrevista muito crítica em um dos jornais [...]”. Esse extrato revela uma pesquisa transdisciplinar da qual emergiu organização popular como comissões de saúde e Comissão Regional de Saúde em que a comunidade participava na luta pelo direito à saúde, sendo que a educação entrou como pauta, compreendida como instrumento de conscientização. Vimos que Educação Popular (metodologia participativa, produção de cartilha com linguagem popular e direitos sociais) e saúde (medicina popular, participação, saberes populares) são pautas do projeto. Em uma correspondência para Paulo Freire, Brandão escreve que a experiência do Meio Grito é considerada como pesquisa participante a qual poderia ser publicada no Livro “Pesquisa Participante”. A carta planeja a organização do livro que foi publicado no mesmo ano. No capítulo de autoria de Brandão localizamos a identificação do projeto e da equipe das comunidades de Base e de Agentes pastorais da Diocese de Goiás.

Esta referência é de suma importância para os estudos acerca da Educação Popular em saúde. Sobre o tema, na atualidade, destaca-se os trabalhos de Eymard Mourão Vasconcelos e a Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular e Saúde. Vale a pena conferir!

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Neuzinha e Salma. Brasil, 1981. carta pessoal.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Paulo Freire. Brasil, 1981. carta pessoal.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Cadernos do CEDI/3. O Meio Grito: Estudo sobre Condições e Direitos Associados ao Problema da Saúde. **CADERNOS DO CEDI**. Nº 3, março de 1980.

RELATÓRIO MEIO GRITO. Goiás: 52 p. (não publicado, Relatório. Mimeografado.).

MIGUEL ARROYO

Daianny Madalena Costa
Fernanda dos Santos Paulo
Mônica Tessaro

Miguel Arroyo é um educador brasileiro, Professor Titular Emérito da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, autor de um conjunto de obras que dialogam com o universo educacional, as quais oferecem reflexão sobre diversos temas, como a administração escolar, as políticas educacionais e a profissão docente. Apresenta uma discussão pautada no poder, na participação (ARROYO, 1979) e na luta contra a desigualdade, em favor de uma vida digna e justa para todos (ARROYO, 2017; ARROYO, 2012). Foi secretário adjunto de educação em Belo Horizonte, onde coordenou a implantação da Escola Plural (ARROYO, 2000).

Em sua extensa trajetória para uma educação que reconhece seus sujeitos e lutas em defesa da democracia, em todas as suas etapas e modalidades, propõe que “o ser humano se forma na luta incessante pela própria humanização” (ibidem, p. 247). Essa proposta de educação converge com Brandão e com Freire – autores interlocutores de Arroyo.

É citado entre as cartas escritas por Brandão como amigo e parceiro de luta. Entre as correspondências trocadas, que vão de 1980 a 2001, eles constroem projetos de escrita de livros, artigos, e trocam ideias sobre temas a serem tratados em palestras. Ainda, por meio das cartas, alimentam o desejo de construir, junto com demais pesquisadores, um Mestrado em Educação, mas não um curso geral. Isto é, as ideias trocadas nas cartas sinalizam o desejo de realizarem um trabalho de oficina, “[...] de sentar em volta de uma mesa e discutir questões concretas que saem de uma prática concreta, vamos discuti-las de um ponto de vista de crítica da educação, logo, dos usos e dos limites políticos da educação.” (BRANDÃO, 1980). Esse jeito de serem e estarem no mundo, mediante lutas

políticas e pedagógicas, uniu ambos à Educação Popular – tema que se fez presente nos seus escritos sobre educação.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzales. Administração da educação, poder e participação. Revista **Educação & Sociedade** - CEDES, jan. 1979.p. 36-46.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre**: imagens e autoimagens. 2ª ed. Petrópolis/RJ : Vozes, 2000.

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel. O direito a tempos-espacos de um justo viver. In: MOLL, Jaqueline. **Caminhos da Educação Integral no Brasil**: Direito a Outros Tempos e Espaços. Porto Alegre : Penso, 2012. p. 33-45.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues Brandão. [**Correspondência**]. Destinatários: **Miguel Arroyo, Sônia e Felipe**. Campinas, 20 de agosto de 1980.

MOACIR GADOTTI

Fernanda dos Santos Paulo

Conforme Paulo (2018 e 2019) Moacir Gadotti nasceu em 1941, em Santa Catarina. Licenciou-se em Pedagogia, em 1967, e em Filosofia, no ano de 1971. O curso de mestrado foi realizado na área de Filosofia da Educação, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Seu doutorado foi em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra, na Suíça, formando-se no ano de 1977. Após o doutorado, iniciou a carreira na educação superior, sendo professor titular na Universidade Estadual de Campinas. Foi professor de História e Filosofia da Educação, em cursos de graduação e pós-graduação em Educação e Filosofia de diversas instituições. Foi assessor técnico da Secretaria Estadual de Educação de São Paulo (1983-1984) e Chefe de gabinete da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo (1989-1990), na gestão de Paulo Freire. Atualmente, é diretor do Instituto Paulo Freire, que ele ajudou a fundar,

em 1992. Esse Instituto desenvolve inúmeros projetos de Educação Popular.

Moacir Gadotti é autor de muitos livros, inclusive em parceria com Paulo Freire, com quem estudou nos anos de 1970, na Suíça. Ele “junto com Freire trabalhou, viajou e escreveu. Um livro escrito em parceria foi *Pedagogia: diálogo e conflito* (1985). Nesse trabalho, identificamos as suas histórias/ andarilhagens sendo contadas e analisadas a partir do diálogo entre os autores.” (PAULO, 2019, p. 553). Do mesmo modo que:

Em outras obras, Freire faz referência a Gadotti ou ele tem alguma participação mais direta, como escrever um prefácio, por exemplo. Os livros que possuem esse tipo de participação são: *Que fazer: teoria e prática em educação popular* (1989), *A educação na cidade* (1991), *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* (1992) e *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1993). Nogueira e Freire (1989) mencionam Gadotti como referência importante para a educação popular, educação conscientizadora e movimentos populares. (PAULO, 2019, p. 554).

Desde estes tempos (anos 60, 70 e 80) Gadotti, Brandão e Freire já dialogavam, fundamentalmente, sobre trabalhos de Educação Popular. Em uma carta destinada a Maria Rosa Torres, Brandão o cita: “Gadotti acaba de publicar um livro notável que reconstrói todas as tradições da vida de Paulo Freire, o livro se chama *Convite a leitura de Paulo Freire*” (1988, tradução minha). Brandão cita Gadotti em *Cartas para Freire* (1981) e nelas constatamos relações de amizade e de profissão entre Gadotti e Brandão. A imagem da capa deste livro representa essa relação.



Foto: Moacir Gadotti, Carlos Rodrigues Brandão, Paulo Freire e Maurício Tragtenberg no Centro de Estudos Educação e Sociedade.

Moacir Gadotti ficou responsável pelo tema da história da educação popular no Brasil no Grupo de Estudos sobre Educação Popular. “Esse grupo de estudos visa a oferecer a quem tem experiência de educação popular a possibilidade de refletir essa experiência e comunicá-la a outros” (Jornal da Educação do CEDES, abril de 1980).

Na foto acima e no jornal citado podemos conferir algumas das aproximações de Brandão e Gadotti. Encontramos em várias correspondências de Brandão a referência ao Gadotti como por exemplo, narrativas sobre textos e livros do Gadotti a serem publicados ou já publicados so-

bre o pensamento de Freire. Ainda, há alusão a temas acerca do retorno de Paulo Freire ao Brasil e, em especial, para a UNICAMP. Também sobre a ideia da criação do Instituto Paulo Freire.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Paulo Freire. Brasil, 1981. carta pessoal.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Rosa Maria Torres. Brasil, 1988. carta pessoal.

CENTRO DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE (Cedes). *Jornal da Educação. Os planos de Paulo Freire*. Campinas: Cedes - abril de 1980- Ano 1- n° Zero. p. 6.

GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito**. São Paulo: Cortez, 1985.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Pioneiros e pioneiras da Educação Popular freiriana e a universidade**. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2018. 268 f.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Moacir Gadotti**. In: PITANO, Sandro de Castro; STRECK, Danilo Romeu; MORETTI, Cheron Zanini, organizadores. *Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica*. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019.

MOACYR DE GÓES

Edite Maria da Silva de Faria

Nascido em Natal, no Rio Grande do Norte, em 1930, Moacyr formou-se em Direito na Faculdade de Recife, e foi secretário de Educação de Natal no governo de Djalma Maranhão, em 1964. Durante os primeiros meses da ditadura militar foi preso e punido como subversivo, sendo afastado dos cargos e funções públicas. Respondeu a sete IPM (Inquérito Policial Militar). Após a Anistia, em 1979, é aposentado como professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRGN),

sendo em seguida transferido e integrado pela UFRJ, na gestão do Reitor Adolfo Polilo. Na segunda metade dos anos 80 foi coordenador de Extensão da UFRJ, na gestão de Horácio Macedo. “Em um ano, criamos 13 projetos de Extensão na Maré”, lembra Góes, que ocupou, na época, a Sub-reitoria de Desenvolvimento e Extensão (SR5, atual Pró-reitoria de Extensão - PR5).

Esse grande ícone da educação brasileira teve atuação no histórico movimento de alfabetização popular na capital potiguar, a campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, realizada em galpões cobertos por palha de coqueiro e chão de terra batida. Essa experiência beneficiou 40 mil alunos e que acabou sepultada pelo golpe militar de 1964.

Moacyr de Góes por três vezes assumiu Secretarias de Educação: Natal (1960-64), Rio de Janeiro (1987-88) e novamente Natal (1989).

Da primeira vez, na administração do Prefeito Djalma Maranhão, implantou a política de erradicação do analfabetismo, aliando a escola pública ao movimento de educação e cultura popular De Pé no Chão Também se Aprende a Ler.

Após a prisão de 1964, impossibilitado de viver em Natal, reconstruiu a sua vida profissional no Rio de Janeiro. Anistiado, como Professor e Superintendente de Desenvolvimento, ajudou a criar a Extensão Universitária da UFRJ (1986-87).

Divide com Luiz Antônio Cunha a autoria do Livro O Golpe na Educação (6ª edição, J. Zahar, Rio de Janeiro). Moacyr resistiu à Ditadura participando dos Movimentos do magistério, coordenados pela Confederação dos Professores do Brasil e integrando-se à luta de organização de partidos democráticos. Moacyr de Góes aparece uma vez nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão em uma carta escrita por Osmar Fávero, referindo-se a um texto de 30 páginas que ele teria deixado para um Seminário sobre o Paulo Freire que seria patrocinado pela UNESCO.

Referências

Fonte: http://www.ufrj.br/detalha_noticia.php?codnoticia=7282

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000300002

O Movimento de Educação de Base (MEB), sob a responsabilidade do Episcopado Brasileiro, através de sua entidade representativa, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), foi criado no início da década de 1960; por um lado, a partir das experiências de Escolas Radiofônicas (ER) e das Escolas Ecumênicas Rurais Radiofônicas (EERR), como o Sistema Rádio Educativo Nacional (SIRENA), o qual, desde 1957, integrava a Campanha Nacional de Educação Rural e utilizava rádios vinculadas à Rede Nacional das Emissoras Católicas (RENEC), na Região Nordeste do país; e, por outro, da experiência internacional das Escolas Radiofônicas da Colômbia, no povoado de Sutatenza, na Colômbia, com a Educação de Adultos (EDA), iniciadas em 1947.

O MEB⁴⁰ foi instituído em março de 1961, pelo Decreto presidencial nº 50.370/1961, que assegurou seu funcionamento com recursos financeiros do governo federal para “[...] ministrar educação de base às populações das áreas subdesenvolvidas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país, através de programas radiofônicos especiais, com recepção organizada (MEB, 1961)” por meio de alfabetização de adultos em massa, cujos objetivos previam também a educação sanitária, a iniciação agrícola, a iniciação democrática e a formação profissional. Nesse período, com a maioria da população vivendo no meio rural, o MEB direcionou suas atividades para desencadear processos de auto conscientização das massas, transformando decisivamente a realidade social com ações educativas e diretas nas comunidades rurais. Entretanto, em virtude do Decreto presidencial nº 52.267/1963, o MEB ampliou seu âmbito geográfico de atuação, e se desdobrou em novas escolas e sistemas, a fim de atender todas as “áreas desenvolvidas do país”.

O Brasil, conforme censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 1960, apresentava altos índices de analfabetismo adulto, concentrado nas regiões Norte, Nordeste e Centro-

³⁹Este verbete faz parte do projeto de Extensão Universitária “Diálogos entre pesquisa, extensão e sociedade: A geração de Educadores Populares da década de 1960 no Brasil”, contemplado no 1º Edital de Financiamento à Pesquisa sobre Extensão Universitária, elaborado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, (ProEC) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

⁴⁰Sua criação foi prestigiada pela Presidência da República e sua execução apoiada por vários ministérios e órgãos Federais e Estaduais, mediante financiamento e cessão de funcionários. (FÁVERO, 2010).

Oeste: em torno de 61,6%, com variação de 39,7% nas regiões Norte e Centro-Oeste. Ou seja, a partir de 1960, por um lado, a expansão e a implantação da radiofonia, e, por outro, o analfabetismo como problemática educacional, social e política evidenciam o contexto da EDA, do Plano Nacional de Alfabetização (PNA), da Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) e a efervescência dos movimentos de educação e cultura popular que surgem em todo o Nordeste. O Movimento de Cultura Popular (MCP) e o Centro Popular de Cultura (CPC), no Recife, o Movimento de Educação de Base (MEB) iniciado pela Igreja Católica no Nordeste através das Escolas Radiofônicas, a Campanha de Educação Popular (CEPLAR), na Paraíba, as 40 horas de Angicos com o Método Paulo Freire, em Angicos/RN, e a Campanha “De Pé no Chão também se Aprende a Ler”, no Rio Grande do Norte, representam os mais expressivos movimentos do período.

Então, o rádio, nos anos 1960, teve um papel político e social que contribuiu no processo educativo dos camponeses, e, no caso específico do MEB, representou um instrumento que foi “recriado” para o uso com outros recursos metodológicos fortemente marcados pela Cultura Popular e pela Educação Popular, desde peças de teatro, músicas, crônicas, mensagens, avisos, recados, convites, até a animação popular, advindas de vários municípios. Ademais, quando do decreto em 1961, o SIRENA e a RENEK formaram conjuntamente a rede de radiodifusão⁴¹ utilizada pelo MEB. Fato que evidencia as relações entre a constituição desse sistema: escolas radiofônicas com recepção organizada, contato direto com a comunidade, a EDA específica para cada região em que atuava e o estabelecimento do MEB.

Segundo Brandão (1977, p. 36), progressivamente, “O MEB transportou o melhor de sua prática para uma presença direta nas bases e para a organização de trabalhos sócio-políticos nas comunidades”. A estrutura do MEB era sólida e bem definida. O Conselho Diretor Nacional tinha sede no Rio de Janeiro e era composto por oito bispos. Tinha funções diretivas e reguladoras, e era responsável pela mediação entre a CNBB e o governo federal. Os integrantes tinham vínculos com setores sociais heterogêneos: bispos, padres, freiras, movimentos católicos, especialmente da Juventude Estudantil Católica (JEC) e da Juventude Universitária Católica (JUC), funcionários públicos, estudantes secundaristas e universitários, intelectuais, políticos, militantes partidários e, principalmente, trabalhadores do campo, e também organizações políticas como a Ação

⁴¹A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) dispunha das emissoras filiadas à RENEK, que, conjuntamente com as do SIRENA, compuseram a rede de emissoras utilizadas pelo movimento. (RODRIGUES; COSTA & GOMES, 2015).

Popular (AP)⁴², o que, segundo Fávero⁴³ (2006), ocasionou sua prática diferenciada e crítica do movimento.

Em 1961, o MEB estabeleceu 11 sistemas, atuando em sete estados; alguns estados, entretanto, contavam com uma equipe estadual especialmente treinada, que coordenava as atividades dos diversos sistemas. Até 1963, os quadros seriam compostos, majoritariamente, por leigos, que operavam em 59 sistemas, com quase 7.500 escolas e 180 mil alunos, utilizando 25 radiotransmissores em 15 estados, a maioria na região Nordeste. Por volta de 1966, quatrocentos mil estudantes tinham completado um ou mais cursos, e 13.771 líderes tinham recebido o diploma.

As atividades do MEB tinham como unidade básica de organização o sistema - composto de professores, supervisores, locutores e pessoal de apoio - encarregados da preparação dos programas e sua execução através da emissora da diocese local e do contato com as classes de aula. No funcionamento das escolas radiofônicas, estavam presentes os monitores, colaboradores voluntários do movimento, escolhidos na própria comunidade, treinados pelo MEB e encarregados de provocar discussões sobre o assunto da aula transmitida pelo rádio, de acompanhar as atividades e estimular os educandos para o estudo. Todos vinculados ao sistema, que atuava em uma área geográfica determinada, podendo existir vários sistemas num mesmo estado.

Ao longo do processo educativo desenvolvido, o MEB, inicialmente, pautou suas ações na concepção de educação de base veiculada pela Unesco, na concepção de humanismo integral, abordada por Jacques Maritain (1962) - que buscava superar a visão materialista da formação do homem em todas as dimensões: cultural, social, política, religiosa, e que visava a formação para a cidadania e para a conscientização das lideranças frente aos problemas sociais, considerando-se não apenas o nível de aprendizagem, mas as mudanças de atitudes e comportamento da própria comunidade. Depois, considerando que um de seus primeiros colaboradores, o professor Paulo Freire, com a participação de sua esposa, a professora Elza Freire, sistematizaram um método para alfabetização de adultos, aproximando o ensino da realidade e da luta das comunidades rurais, sobretudo preparando o sujeito para a participação na

⁴²Entre 1962 e 1964, militantes da AP participaram ativamente na definição de políticas públicas do governo de João Goulart, de modo destacado, no Ministério da Educação e Cultura, na Superintendência de Política Agrária (Supra) e no Movimento de Educação de Base (MEB).

⁴³Beiseigel (2006) aponta que Osmar Fávero pertenceu ao Secretariado Nacional do MEB desde sua criação até maio de 1966 e foi responsável pela formação de equipes locais e por boa parte das orientações metodológicas da ação educativa do movimento.

vida do país. Sob a inspiração do “Método Paulo Freire”, acontece nos quadros do MEB a integração da prática social com a política entre os agentes e os núcleos organizadores. Desse modo, na dinâmica do trabalho, emergem os processos de conscientização, que conduzem para uma prática transformadora. Prática que, ao mesmo tempo, problematizava os temas da realidade brasileira, da cultura/cultura popular, da política, e realizava a reflexão crítica dos objetivos, métodos e técnicas do MEB frente às questões sociais – como estava e como deveria ser. O Método Paulo Freire se difundiu em todo o país.

O MEB teve atuação destacada no campo da educação de modo geral, e, de modo particular, da educação popular, e compõe um complexo de iniciativas no campo educacional, desenvolvidas na primeira metade da década de 1960, no Brasil, fortemente marcado pela efervescência política e cultural, num cenário nacional-desenvolvimentista.

O golpe de 1964, que depôs o governo João Goulart e instaurou a ditadura militar no Brasil, encerrou de modo drástico as atividades de educação popular. De acordo com Fávero (2010), no ano de 1966, concessões feitas ao governo vigente, os grandes sistemas de educação de base do Nordeste e do Centro-Oeste foram fechados, restando poucos sistemas locais, que regrediram às propostas primeiras. E aponta Spigolon (2014) que, em virtude da intervenção do governo militar, registrou-se a invasão das sedes do MEB por tanques do exército: fechadas, tiveram acervos queimados e apreendidos, momentos de violência, opressão e manifestações de poder autoritário e ditatorial; interrompe-se o trabalho que vinha se realizando e, na tentativa de coibir ideias e práticas, são praticados atentados a movimentos e eliminação de sujeitos pertencentes a eles, como uma demonstração de força e poder.

O MEB resiste ainda nos dias atuais e segue vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, cuja coordenação pedagógica, o planejamento, o controle administrativo e a avaliação de resultados das ações são acompanhadas a partir da Equipe Nacional, localizada em Brasília. As ações de mobilização social, de alfabetização de jovens e adultos e de educação de base acontecem nos estados do Amazonas, Roraima, Ceará, Piauí, Maranhão e Distrito Federal, e, também, no Norte e Nordeste de Minas Gerais. A viabilização se dá em regime de parceria com o governo estadual, sendo que as ações diretas de educação popular são responsabilidade de equipes regionais em cada uma das unidades da federação.

Referências

BEISEIGEL, Celso de Rui. Prefácio. FÁVERO, Osmar. Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB - Movimento de Educação de Base (1961/1966). Campinas: Autores Associados, 2006.

BRANDÃO, C. R. Da educação fundamental ao fundamental na educação. Proposta: Revista a Serviço da Educação de Base, Rio de Janeiro, Supl. 1, set. 1977. Disponível em:http://www.edpopsaude.net/edpopsaude/Concepções_files/Brandao%20%20O%20fundamental%20na%20educac%CC%A7a%CC%83o. PDF Acesso em: 18 abril. 2020.

FÁVERO, Osmar. Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB - Movimento de Educação de Base (1961/1966). Campinas: Autores Associados, 2006.

FÁVERO, O. Movimento de Educação de Base - MEB. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

MANFREDI, Sílvia Maria. Política: educação popular. São Paulo. Ed. Símbolo. 1978.

MARITAIN, Jacques. Humanismo Integral: uma visão nova da ordem cristã (trad. Afrânio Coutinho). 4ª ed. São Paulo: Dominus, 1962.

MEB. Regulamento. [Rio de Janeiro]: MEB, 1961 (mimeo.).

MEB. Quem somos. Disponível em: <https://www.meb.org.br/quem-somos/>. Acesso em dezembro de 2020.

RODRIGUES, Maria Emília de Castro; COSTA, Cláudia Borges; GOMES, Dinorá de Castro. Movimento de Educação de Base em Goiás no Centro de Memória Viva. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, vol. 3, nº 6, 2015; p. 9-31.

SPIGOLON, Nima I. As noites da ditadura e os dias de utopia – o exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979. Tese. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

Leonidas Eduardo Proaño Villalba nasceu em *San Antonio de Ibarra*, Equador, no dia 29 de janeiro de 1910. Filho de Zoila Villalba Ponce e Agustín Proaño Recalde, agricultores e artesãos que produziam chapéus de palha trançado. Formou-se em Filosofia e Teologia, em 1936, pelo Seminário Maior *San José*, de Quito, onde foi ordenado padre. No mesmo ano, foi nomeado capelão dos *Hermanos de las Escuelas Cristianas* e professor do Seminário *San Diedo*, de Ibarra, mesma instituição em que cursou o colégio secundário. Trabalhou com os padres Carlos Suárez Veintimilla, Luis Carvajal Rosales e Arsenio Torres Yépez na formação de grupos de jovens, fundando a *Juventud Obrera Católica* (JOC)⁴⁴ e outras agremiações de trabalhadores no Equador (ESPINOSA CORDERO, 2020). Criou ainda a livraria “Cardijn”⁴⁵, editou a revista *Excelsior*, o periódico infantil *Granitos de Trigo*, o jornal *La Verdad* e, anos mais tarde, a revista *Mensaje*, escrevendo também nos boletins *Información*, *La Iglesia Liberadora* e o periódico campesino *Jatari* (VILLA QUIGÜIRI, ORTEGA ORTIZ, 2017).

Contudo, seu maior legado está relacionado à luta pelos direitos daqueles oprimidos e excluídos pelo processo de dominação e da colonização que marcou a América Latina. Sua militância pastoral, com base na justiça social, na formação e organização dos oprimidos, está refletida ao longo de sua história, desde o trabalho com crianças e jovens, até mulheres e a classe trabalhadora de maneira geral. Entretanto, quando consagrado bispo de Riobamba, em 1954, a dura realidade dos indígenas o leva a assumir uma posição de denúncia e anúncio que ficou registrada em suas cartas pastorais e nas ações e orientações da formação de leigos e religiosos. A luta por terra e direitos com os povos originários impulsiona a realização de assembleias populares e a organização de comunidades eclesiais de base e centros de formação permanente, assim como a doação de terras da diocese em apoio a reforma agrária (VILLA QUIGÜIRI, ORTEGA ORTIZ, 2017). O método “ver-julgar-agir”, base do trabalho da JOC, o reconhecimento da importância da educação para a libertação e a emergência da teologia da libertação são marcas presentes nestes movimentos de base e de educação popular desenvolvidos por Proaño.

⁴⁴ Caritas Ecuador. <https://www.caritasecuador.org/2015/08/joc-mas-de-90-anos-de-lucha/>

⁴⁵ O padre Belga Josef-Léon Cardijn é o fundador da Juventude Operaria Católica (JOC) que integra Ação Católica.

Como liderança da igreja católica, defendeu a ação pastoral da igreja na transformação da sociedade. Participou de conferências, assembleias e do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM); na qualidade de Presidente do Departamento de Pastoral de Conjunto do CELAM, ficou responsável pela criação do Instituto Itinerante de Pastoral da América Latina (IPLA). Depois da fundação do Centro de Estudos e Ação Social (CEAS), com fins educativos, assistência técnica agropecuária e cooperativismo, em 1960, ainda, participa, como padre conciliar em Roma, do Concílio Vaticano II, na Elaboração da Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*”, escrevendo sobre alfabetização, direito à cultura e educação⁴⁶.

Através da criação das *Escuelas Radiofónicas Populares del Ecuador* (ERPE), que partem inicialmente com os eixos de ação no “desenvolvimento da cultura indígena” e “a reivindicação do Quichua”, impulsiona a expansão das reflexões sobre as condições do povo – sobretudo as comunidades originárias; os objetivos e características da educação; a política; e o processo de afirmação destas lutas por direitos, para outras comunidades do Equador, e além de seus limites⁴⁷. É importante registrar que, além de ser fiscalizado pela igreja, a partir de denúncias de outros bispos, a ditadura militar no Equador perseguiu, assassinou lideranças indígenas e prendeu, por 28 horas, Proaño e outros padres e religiosos. Em ação contra a violência praticada pelas ditaduras latino-americanas, o bispo fundou, com Adolfo Pérez Esquivel, a *Comisión de los Derechos Humanos Latinoamericanos: “Servicio Paz y Justicia”*, além de declarar solidariedade aos outros países e povos latinos que sofreram com as ditaduras.

Monsenhor Leonidas Proaño recebeu diversos prêmios e reconhecimento nacionais e internacionais. Obteve títulos de Doutorado *Honoris Causa* por institutos e universidades equatorianas, e também pela Universidade de Saarbrücken, da Alemanha; recebeu o Prêmio *Rothko por la Paz*, em Houston, Estados Unidos; foi indicado por Adolfo Pérez Esquivel (Nobel da Paz de 1980), à edição de 1986 do prêmio; recebeu o Prêmio *Bruno Kreiski*, na Áustria, pela defesa dos direitos humanos; através de petição dos povos indígenas, foi designado, pelo Papa João Paulo II, bispo dos índios. Em 12 agosto de 1988, criou a *Fundación Pueblo Indio del Ecuador*, e faleceu no dia 31.

⁴⁶ Fundación Pueblo Indio del Ecuador.
<https://web.archive.org/web/20120521192819/http://www.fundacionpuebloindio.org/hit-os-relevantes-de-su-vida>

⁴⁷ Sobre estas reflexões, ver mais em “Monseñor Leonidas Proaño EL PROFETA DEL PUEBLO” (1990). Disponível em:
<https://biblio.flacsoandes.edu.ec/libros/2247-opac>

Seu trabalho junto ao povo e sua obra para a libertação dos oprimidos são uma referência não só para o Equador, mas ultrapassa as fronteiras dos territórios onde atuou e esteve presente. Assim como outros movimentos de educação popular, lutou para o reconhecimento dos direitos e pela justiça social. Proaño é citado em carta para professor Carlos Rodrigues Brandão, por Rosa Maria Torres, então diretora pedagógica da campanha de alfabetização equatoriana “Monseñor Leonidas Proaño” (1988-1991), pedindo que Brandão auxiliasse no convite a Paulo Freire a propósito da campanha.

Referências

GALLEGOS, Estuardo (Ed.). **Monseñor Leonidas Proaño: EL PROFETA DEL PUEBLO**. Selección de sus textos. (1990). Ecuador: CIUDAD-CEDEP-FUNDACION PUEBLO INDIO-FEPP, 1990. Disponível em: <https://biblio.flacsoandes.edu.ec/libros/2247-opac>

ARROBO, Nidia. **Hitos relevantes de su vida**. Fundación Pueblo Indio de Ecuador. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20120521192819/http://www.fundacionpuebloindio.org/hitos-relevantes-de-su-vida>

VILLA QUIGÜIRI, Pamela A.; ORTEGA ORTIZ, Darcy A. Escuelas radiofónicas populares del ecuador (ERPE), como medio de difusión del pensamiento de Monseñor Leonidas Proaño y su incidencia en la opinión pública de los habitantes indígenas del Cantón Colta en la Provincia de Chimborazo, entre la edad comprendida de 50 a 70 años, en el período enero - junio 2016. (2017). 79 f. **Trabalho de conclusão de curso**. Facultad de Ciencias Políticas y Administrativas - Carrera de Comunicación Social - Universidad Nacional de Chimborazo, Riobamba, Ecuador, 2017. Disponível em: <http://dspace.unach.edu.ec/handle/51000/4046>

ESPINOSA CORDERO de, Susana. **Carlos Suárez Veintimilla**. Ecuador: Instituto Otavaleño de Antropología (IOA); Universidad de Otavalo. 2020. Disponível em: <http://librodigital.sangregorio.edu.ec/librosusgp/B0002.pdf>

A Professora Nazira Abib Oliveira Vargas é uma das pioneiras nos estudos e na atuação em movimentos populares, entre as décadas de 1960 e 1980. Educadora Popular por escolha e amor, possui Graduação em Pedagogia, pela Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras de Lorena (1960), Especialização em Educação Popular, pelo Movimento de Educação de Base - MEB (1962), Mestrado em Ciências Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1978), e Doutorado em Ciências Sociais, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1985). Sua área de atuação e pesquisa são tão vastas que o verbete não daria para nomear tão importante percurso histórico e pedagógico para a Educação no Brasil; nessa perspectiva, fica descrito de forma sucinta e resumida apenas parte do currículo dessa tão importante pesquisadora brasileira.

As pesquisas desenvolvidas pela Professora Nazira Vargas no campo da Educação Brasileira se estendem por temáticas como Cultura Popular, Educação Popular, Narrativas Populares, História Oral, Memória Oral e Poesia Popular. Dentre suas principais publicações estão os livros: *História que o Povo Conta: Opressão Versus Sobrevivência*, originalmente publicado pela Editora Massangana, no ano de 1987; *Beiradeiros do Baixo-Açu: Canto e Lamento*, pela Fundação Nacional de Arte-FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore-INF, 1987; *MEB - Uma História de Muitos*, pela Editora Vozes, no ano de 1986; e *Barragens: O clamor dos beiradeiros*⁴⁹, em 1991. E, também, inúmeros artigos, publicados em periódicos nacionais e internacionais.

Nas cartas de Calos Rodrigues Brandão⁵⁰ para Educadores Populares da época, datadas dos anos compreendidos entre “1967, 1976, e 1981”, Nazira Vargas é correntemente citada, como amiga, professora e impor-

⁴⁸Este verbete faz parte do projeto de Extensão Universitária “Diálogos entre pesquisa, extensão e sociedade: A geração de Educadores Populares da década de 1960 no Brasil”, contemplado no 1º Edital de Financiamento à Pesquisa sobre Extensão Universitária, elaborado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (ProEC), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

⁴⁹Sugiro remissão à Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 1991.

⁵⁰Cartas de Carlos Brandão que fazem parte da pesquisa de pós-doutorado da educadora popular Fernanda dos Santos Paulo (2019), com projeto de pesquisa financiado pelo CNPQ, intitulado como: Memória e história da educação popular a partir do levantamento e catalogação das cartas de Carlos Rodrigues Brandão: Contribuições para a pedagogia Latino-Americana.

tante pesquisadora para a Educação no Brasil, atuando em vários segmentos do Movimento de Educação de Base⁵¹ (MEB); nos dias atuais, Nazira Vargas é Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, lotada no Centro de Educação e Humanidades, Departamento de Estudos Gerais da Educação, e reside na cidade de Varre-Sai, no estado do Rio de Janeiro.

Referências:

VARGAS, Abib Oliveira Nazira. História que o Povo Conta: Opressão Versus Sobrevivência. 1. ed. Recife: Editora Massangana, 1987. v. 1. 223p.

VARGAS, Abib Oliveira Nazira. Beiradeiros do Baixo-Açu: Canto e Lamento. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte-FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore-INF, 1987. v. 1. 175p.

VARGAS, Abib Oliveira Nazira; COSTA, A. B.; JACCOUD, V.; COSTA, B. MEB - Uma história de muitos. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. v. 1. 125p

VARGAS, Nazira. Barragens: O clamor dos beiradeiros. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 1991.

OSMAR FÁVERO

Fernanda dos Santos Paulo

Osmar Fávero nasceu em 1933, em São Paulo. Formou-se em Matemática, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1960. Depois, fez Especialização em alfabetização, e Mestrado em Educação, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, tendo pesquisado a Educação de Adultos em projetos rurais. Finalizou o curso em 1973. No ano de 1984, concluiu o Doutorado em Filosofia da Educação, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tendo estudado “Uma peda-

⁵¹FÁVERO. Osmar. MEB – Movimento de Educação de Base - primeiros tempos: 1961-1966. Texto apresentado no V Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado em Évora, Portugal, de 5 a 8 de abril de 2004. Disponível em: http://forumeja.org.br/files/meb_historico.pdf.

gogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB - Movimento de Educação de Base (1961-1966)".

Osmar Fávero ingressou na Juventude Universitária Católica (JUC), em 1957, período em que cursava matemática e trabalhava num escritório de contabilidade. Seu ingresso na JUC foi a convite para que pudesse trabalhar na coordenação nacional: "eu ganhava para ser coordenador, para implantar núcleos. Em 1960, deixei a JUC, foi quando terminei o curso de matemática. Saí da JUC e fiquei só na Ação Católica⁵²" (Entrevista cedida em agosto de 2015 para PAULO, 2018). Além das experiências de trabalho na JUC, ele foi trabalhar no Movimento de Educação de Base (MEB).

A sua vida profissional começou com a educação "inteiramente ligado a educação de jovens e adultos". Trabalhou no Incra, com projetos, onde aprendeu a elaborar projetos, o que contribuiu para os seus estudos em nível de mestrado. Foi na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, período do mestrado, que iniciou a carreira docente.

É pelo trabalho no Movimento de Educação de Base (MEB) que Fávero se aproxima mais intensamente da Educação Popular. Também trabalhou no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), na Fundação Getúlio Vargas, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e, atualmente, é docente da Universidade Federal Fluminense. Tem um envolvimento pessoal e profissional com o tema da educação de jovens e adultos e Educação Popular.

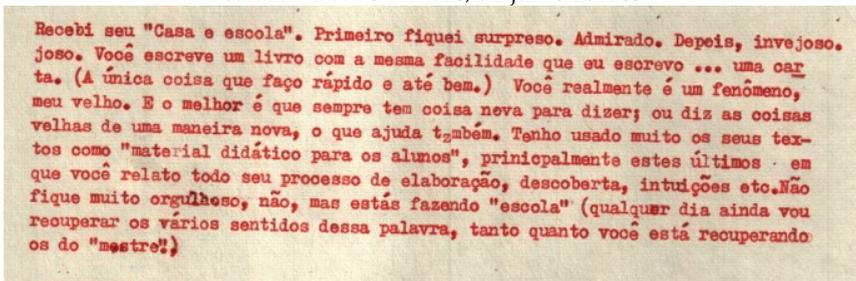
Carlos Rodrigues Brandão trocou muitas cartas com Fávero, e o considera uma memória viva da Educação Popular. Fávero escreveu o livro "*Cultura Popular e educação Popular: Memória dos anos 60*", obra que reúne um conjunto de materiais e de textos que discutem instrumentos de cultura e de educação popular, tanto conceitualmente como no âmbito das práticas. Na década de 1960, os projetos de cultura popular mobilizaram várias organizações desse período (CPC, MCP, MEB e Pé no Chão). As experiências de Paulo Freire na universidade estão colocadas no livro, sobretudo no texto de Jarbas Maciel. Por fim, esse livro recupera

⁵² É ressignificada a partir da Encíclica *Rerum Novarum*, promulgada pelo Papa Leão XIII, em 1891, sob a égide da relação entre a religiosidade e a política, adentrando-se, mesmo que timidamente, nas questões sociais. Somente com o Concílio Vaticano II que a igreja se volta para um movimento político social de engajamento na sociedade. Daí, surge o método ver-julgar-agir, de Joseph Cardijn, adotado por Papa João XXIII (ano de 1960). Para saber mais: *Ver, julgar e agir: 50 anos de prática social católica*. Localizado em: <http://www.ihu.unisinos.br/173-noticias/noticias-2011/43514-ver-julgar-e-agir-50-anos-de-pratica-social-catolica>. Outra referência significativa é a do Pe. Agenor Brighenti, professor do Curso de Teologia da PUCPR, que possui textos importantes sobre esse movimento católico. É importante destacar que muitos dos assessores nacionais do MEB eram oriundos da Ação Católica; outros, da Ação Popular.

a memória desses movimentos, contendo materiais inéditos. (PAULO, 2018).

Outro livro de Osmar Fávero que recomendo é *Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB - Movimento de Educação de Base*, resultado dos seus estudos de doutoramento, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1984. Os dois livros compõem, inclusive, conteúdo das cartas trocadas entre Fávero e Brandão.

Carta enviada ao Brandão, em junho de 1983.



Recebi seu "Casa e escola". Primeiro fiquei surpreso. Admirado. Depois, invejoso. Você escreve um livro com a mesma facilidade que eu escrevo ... uma carta. (A única coisa que faço rápido e até bem.) Você realmente é um fenômeno, meu velho. E o melhor é que sempre tem coisa nova para dizer; ou diz as coisas velhas de uma maneira nova, o que ajuda também. Tenho usado muito os seus textos como "material didático para os alunos", principalmente estes últimos em que você relato todo seu processo de elaboração, descoberta, intuições etc. Não fique muito orgulhoso, não, mas estás fazendo "escola" (qualquer dia ainda vou recuperar os vários sentidos dessa palavra, tanto quanto você está recuperando os do "mestre").

Fonte: acervo de Cartas de Brandão.

A carta acima é um recorte de um diálogo amigo entre Fávero e Brandão. Eles trocavam cartas frequentemente; nessa correspondência, além de partilharem sentimentos que tratavam da vida pessoal e profissional, Fávero conta que usa os textos de Brandão com seus alunos da graduação. Sobre o tema da Educação Popular, em uma pesquisa no currículo lattes de Osmar Fávero, verificamos dezenas de trabalhos publicados acerca do tema. Alguns deles, compartilho aqui:

1. FÁVERO, O. Educação popular: nos bastidores das memórias. 2017. (Apresentação de Trabalho/Congresso).
2. FÁVERO, O. Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos. 2015. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
3. FÁVERO, O.; GUERRA, I. O legado da CEPLAR e do movimento de educação popular da década de 1960. 2015. (Apresentação de Trabalho/Seminário).
4. FÁVERO, O. Contribuição de Paulo Freire à educação popular e aos movimentos sociais. 2010. (Apresentação de Trabalho/Simpósio).
5. FÁVERO, O. Educação Popular (1947-1966). 2008. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
6. FÁVERO, O. Campanha de alfabetização e movimentos de cultura e educação popular (1947-1966). 2008. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
7. FÁVERO, O.; BRANDÃO, C. R.; PEIXOTO FILHO, J. P. Os primórdios da constituição e difusão da educação popular para além da al-

- fabetização de adultos. 2008. (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra).
8. FÁVERO, O.; BRENNER, Ana Karina. Campanha de alfabetização e movimentos de cultura e educação popular (1946-1966). 2007. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
 9. FÁVERO, O.; MOTTA, E. Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos. Petrópolis: De Petrus et alii, 2015 (e-book).
 10. FÁVERO, O. Memória e história: o DVD Educação Popular 1947-1966. Petrópolis, Rio de Janeiro: DP et alii & Faperj, 2012 (Depoimento).
 11. FÁVERO, O. Apresentação da 2ª edição do livro Estado e Educação Popular. Brasília-DF, 2004. (Prefácio, Posfácio/Prefácio).
 12. FÁVERO, O.; CARMO, G. Educação Popular nos Bastidores da Memória: 50 anos de educação popular 1965/2015. 2017. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Produção didática e disseminação de acervo histórico).
 13. FÁVERO, O.; MOTTA, E. Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos. 2015. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Produção didática e disseminação de acervo histórico).
 14. FÁVERO, O.; MOTTA, E.; FELIPE, J.; WILKEN, C. Educação Popular 1947/1967 - 2a. edição. 2013. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Produção didática e disseminação de acervo histórico).
 15. FÁVERO, O.; BRENNER, Ana Karina; MOTTA, E. DVD Educação Popular (1947-1966) -1ª edição. 2008. (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Produção didática e disseminação de acervo histórico).

Carlos Brandão e Osmar Fávero



FONTE: <http://ufftube.uff.br/video/Cultura-popular-no-Brasil>

Recomendamos os Documentos organizados por Osmar Fávero e Elisa Motta em DVDs sobre Educação Popular e EJA. São documentos históricos da Educação Popular.

Osmar Fávero foi um dos sujeitos que mais trocou cartas com Brandão. Os temas são diversos, desde questões de trabalho universitário, de pesquisas e de militâncias, até publicações, viagens e articulações de pesquisa e de projetos de trabalho durante e após a Ditadura Militar civil. Inclusive encontramos nas cartas de Brandão 30 vezes o nome de Osmar Fávero, o que representa a conexão político-pedagógica entre estes educadores.

Referências

FÁVERO, Osmar. **Memória e História: O DVD Educação Popular 1947-1966.S/d.** Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/educar/40horas/osmar_favero_dvd_educacao_popular_47_67.pdf>. Acesso: 09/06/2013.

FÁVERO, Osmar. **Cultura popular, educação popular: memória dos anos sessenta.** Rio de Janeiro: Graal, 1983.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Pioneiros e pioneiras da Educação Popular freiriana e a universidade.** Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2018. 268 f.

KARL MARX

Andréia Aparecida Simão

Karl Heinrich Marx (1818 - 1883), doutor em filosofia, nasceu em Trier - Prússia, pertencente a Alemanha de 1701 a 1918 -, onde viveu da infância aos 25 anos. Por influência de seu pai Heinrich Marx, teve contato, na infância e adolescência, com literaturas como: Homero, Dante, Shakespeare, Schiller e Goethe. Concluiu o nível secundário em 1835 na escola pública "Friedrich Wilhelm Gymnasium". A inserção universitária foi inicialmente no Curso de Direito, na Universidade de Bonn, ficando por dois semestres, sendo transferido para a Universidade de Berlim (1836 a 1841), no momento em que a filosofia clássica alemã, com Kant, Fichte, Hegel, passa por desagregação (NETTO, 2020). Conclui o douto-

rado no ano de 1841, pela Universidade de Jena, com a tese “*Diferença entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro*”. Em suas obras, Marx relaciona elementos da teoria hegeliana, de modo crítico, estabelecendo relação “profunda e duradoura” (NETTO, 2020, p. 66). Congrega escritos e lutas com seu amigo pessoal e intelectual Friedrich Engels.

A pesquisa de Marx segue na direção da “análise concreta da sociedade moderna” (NETTO, 2011, p. 17), sendo o objeto de sua teoria social a sociedade burguesa (NETTO, 2019). Para ele, a sociedade burguesa é “uma totalidade concreta” (NETTO, 2011, p. 56). São três as categorias-núcleo da concepção teórico-metodológica de Marx: *totalidade, contradição e mediação*. Na articulação dessas categorias, Marx oferece ao conjunto de sua obra a perspectiva metodológica da teoria social, em sua visão de mundo materialista histórica, a qual fundamenta outras áreas do conhecimento, tais como Sociologia, Política, Direito, Economia, Educação, em extrema relação contemporânea. Dentre tantas obras, destacamos algumas das principais: O Manifesto Comunista (1848) (Marx e Engels); Trabalho Assalariado e Capital (1849); O 18 Brumário de Luís Bonaparte (1852); Grundrisse (1957-1958); Contribuição à Crítica da Economia Política (1859); O Capital (1867).

Marx é um autor citado nas cartas que Brandão enviou ou recebeu de amigos. Nas correspondências, a alusão a Marx aparece como indicação de leitura, desejo/convocação para conhecer os escritos marxianos; como questionamento de lutas sociais (BRANDÃO, 1983), pelo chamamento do ser humano na sua relação trabalho-conhecimento, objetividade-subjetividade, indivíduo-sociedade (MÁRIO, 1994); pela articulação da teoria de Marx com autores e outras ciências, a exemplo da psicologia. No movimento de comutação de cartas, Marx é citado recorrentemente: em 1994, entre Mário e Brandão; em 1987, de Brandão para amigos; em 1984, de Bárbara para Brandão; e 1983, de Brandão para Marcella Gajardo. Discorremos em ordem cronológica decrescente, para demonstrar o explicitíssimo do contexto contemporâneo da teoria subjacente em Marx.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Marcella Gajardo. Cidade, 12 out. 1983.

MÁRIO... Nome. [Correspondência]. Destinatário: Carlos Rodrigues Brandão. Cidade, 1994

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, José Paulo. Breve nota à interlocução entre pensadores da educação e Marx. In: CÊA, Georgia; RUMMERT, Sônia Maria; GONÇALVES, Leonardo (Orgs.). **Trabalho e Educação: interlocuções marxistas**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2019.

NETTO, José Paulo. **Karl Marx: uma biografia**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

PAPA FRANCISCO

Vinícius Lima Lousada

Papa Francisco se configura, hoje, no mundo, especialmente nos tempos de crise sanitária global que vivemos por conta da pandemia causada pelo coronavírus e dos interditos causados pelo capitalismo contemporâneo, em verdadeira liderança transformadora, cuja práxis - no sentido freireano (Freire, 1997) - é orientada por uma eco-espiritualidade enraizada na Teologia da Libertação a partir de sua trajetória histórica como sacerdote jesuíta, desde a América Latina, profundamente relacionada com os Direitos Humanos, como se destaca na encíclica *Fratelli Tutti* (Papa Francisco, 2020), e, também, com os Direitos da Natureza ou da Mãe Terra, especialmente a partir da publicação da encíclica *Laudato Si*, que traz como subtítulo “Sobre o Cuidado da Casa Comum” (Papa Francisco, 2015). Na sua trajetória, consta a inserção pastoral junto aos pobres e a sua resistência silenciosa, não menos eloquente, ante à ditadura militar no seu país. Como o primeiro Papa latino-americano, nascido Jorge Mario Bergoglio (17/12/2021) na capital da Argentina, Buenos Aires, Francisco pontifica de modo a revitalizar no mundo, para além das cercanias da Igreja Católica, a compaixão, a opção pelos pobres e a eco-espiritualidade de Francisco de Assis.

Compreenda-se a categoria eco-espiritualidade no sentido proposto por Boff (2004), como um sentir, amar e pensar a partir da Terra, da unidade que se revela na interdependência e cooperação entre tudo e todos na Natureza da qual somos parte, e que nos convoca, em seu sofrimento, ao cuidado que nos ensina a “estar com” e não “sobre”, como preconizou um dia a dinâmica conceitual da racionalidade moderna

(Lousada, 2014), claramente estabelecida na relação homem e Natureza em bases *ecocidas e especistas*.

“A espiritualidade ecológica não é voltar a uma religião do medo ou da dependência das forças cósmicas, mas instaurar uma comunhão reverencial com o mistério mais profundo, presente em cada ser. Isso exige de cada pessoa uma contínua conversão na forma de lidar consigo mesma, com os outros e com a natureza.” (BARROS; BETTO, 2009, p. 24)

Eco-espiritualidade é uma espiritualidade que nasce do sentir-se Natureza através do cuidado. Cuidado é uma categoria elaborada por Boff (2012), entre outros, que reclama uma relação amorosa, respeitosa e não-violenta para com o ambiente. Parte do princípio de que os seres humanos são parte da Natureza, membros da comunidade comum de vida, e, disso, emerge uma ética: a ética do cuidado, que nos convoca à proteção, regeneração e cuidado para com a vida, a natureza, a Terra e com os seres humanos, enfim.

Em *Laudato Sí*, o Papa Francisco, após evocar o convite ao cuidado para com a Terra, por parte de outros pontífices que o antecederam, evoca a figura de Francisco de Assis, como representação de uma ecologia integral indispensável à conversão ecológica demandada, como outra resposta social possível à crise ambiental de nossos tempos. E, Francisco, o Papa, faz um apelo à proteção de nossa casa comum, através de uma solidariedade universal para a superação da crise ambiental e do sofrimento dos excluídos. Para ele, as atitudes indiferentes, negacionistas, ou acomodadas na crença de que a técnica *per si* tudo resolverá são grandes obstáculos à construção de uma sustentabilidade integral, cabendo a todos os seres humanos, a partir da materialidade de suas circunstâncias, o dever ético de cuidado para com a nossa casa comum, com as pessoas, com os bichos.

Esse apelo me recorda Paulo Freire, quando afirma, desde o campo da Educação Popular, que “urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos mais fundamentais, como o respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornamos capazes de amar o mundo. (...)” (Freire, 2000, p. 66-67)

E, nesse caminho de sensibilidade ecológica engajada, Brandão (2005) nos convida, ao propor ideias para o trabalho do educador ambiental, a adoção de alguns princípios, entre os quais está *a vida como valor*. Nessa perspectiva, o sujeito se percebe como parte reflexiva do Cosmos, da Natureza, e irmanado aos demais seres da vida. Esse pertencimento nos conduz a uma responsabilidade de buscarmos a reconciliação entre

os humanos, e destes para com a Natureza, da qual são parte integrante, nunca é demais repetir, já que, dela, historicamente, nos alienamos. Em superação ao paradigma antropocêntrico de dominação, este paradigma novo, o da Terra, ecológico, nos pede solidariedade também com a Terra, os bichos, e todas as pessoas com as quais compartilhamos esse plano de existência.

Nas correspondências entre Brandão e Frei Betto, está a partilha do estimado Frei sobre o movimento do Papa Francisco em favor dos deserdados da Terra: “Em outubro de 2014, o **Papa Francisco** reuniu no Vaticano líderes de movimentos sociais de todo o mundo, quando lançou o apelo. Uma casa para família. (...) Hoje há tantas famílias sem moradia, ou porque nunca a tiveram, ou porque a perderam por diferentes motivos. Família e moradia andam de mãos dadas, e concluiu: “Terra, teto e trabalho - isso pelo qual vocês lutam - são direitos sagrados.”⁵³

Tutti Fratelli evoca a mesma proposição, referida na carta, de uma solidariedade com os que almejam viver com dignidade a partir de seu próprio trabalho, desde um horizonte de fraternidade e amizade social, em pleno contexto da pandemia global causada pelo coronavírus. Nessa encíclica, Francisco denuncia a exclusão global orientada pela economia sem ética, que vigora em nome do lucro sem freios, produzindo pobreza sem fim e expropriando o ser humano de sua própria dignidade. Ele analisa problemáticas contemporâneas como a inefetividade dos Direitos Humanos no mundo, nas fronteiras, bem como a solidão, a violência na comunicação, além da má informação.

Na proposta de amizade social e fraternidade, o Papa Francisco se compromete e conclama todos e todas à cooperação, sem a qual, aliás, a fraternidade não passará de um slogan. Diz ele: “declaramos adotar a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento mútuo como método e critério.” (Papa Francisco, 2021, p. 76)

Sermos irmãos uns dos outros ou reconhecermos a nossa humanidade comum nos pede a construção paulatina de uma economia global solidária e sustentável, decolonial e popular, em superação ao capitalismo em crise. Esse paradigma vem sendo gestado pelos movimentos sociais e pela resistência e cultura dos povos tradicionais, especialmente, as cosmologias e epistemologias ameríndias, que afirmam o bem viver como uma filosofia de vida e uma alternativa possível ao desenvolvimento, finalmente, uma utopia aberta, dialógica, como nos lembra Acosta (2019).

⁵³ BETTO, Frei. Correspondência de fevereiro de 2020. Acervo de Carlos Rodrigues Brandão. Transcrição de Fernanda Paulo.

Referências

- ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. trad. Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Libertária, Elefante, 2016.
- BARROS, Marcelo; BETTO, Frei. **O amor que fecunda o universo**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.
- BOFF, Leonardo. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- _____. **o cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- _____. **Covid-19**: a mãe terra contra-ataca a humanidade - advertências da pandemia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- BRANDÃO, Carlos R. **As flores de abril**: movimentos, sociedade e educação ambiental. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.
- GAETA, Saverio. **Papa Francisco**: a vida e os desafios. trad. Pe. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2013.
- LOUSADA, Vinícius Lima. Modernidade, racionalidade e crise ambiental. in: **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** E-ISSN 1517-1. 256, v. 31, n.1, p. 209-230, jan./jun. 201. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/4379/2875>. Acessado em 22/02/2014.
- PAPA FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato Sí do Santo Padre Francisco**: o cuidado com a casa comum. Roma: Tipografia Vaticana, 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acessado em 02/01/21.
- _____. **Carta encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco**: sobre a fraternidade e a amizade social. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.pdf. Acessado em 22/02/21.

Neftalí Ricardo Reyes Basoalto nasceu em Parral, no Chile, dia 12 de julho de 1904, e faleceu em 23 de setembro de 1973, em Santiago, Chile.

Já nos estudos primários, demonstrava grande interesse pela literatura, publicando seus primeiros poemas no jornal “A Manhã”. Graduiu-se em pedagogia, pela Universidade do Chile.

Ainda jovem, adotou o pseudônimo Pablo Neruda, inspirado no escritor francês Paul Verlaine e o Checo Jan Neruda. Constituiu-se como um importante escritor e político chileno, considerado um dos maiores poetas da literatura latino-americana e contemporânea mundial, também foi cônsul do Chile na Espanha e no México.

Aos 19 anos, Neruda publica seu primeiro livro de poemas chamado “*Crepusculario*” (1923), o qual o tornou reconhecido no meio literário. Logo após, publicou uma de suas obras mais famosas “Vinte poemas de amor e uma canção desesperada” (1924). Durante sua vida, recebeu vários prêmios e honrarias como reconhecimentos de sua obra, composta por mais de 40 livros.

Foi eleito Senador pelo Partido Comunista Chileno, em 1945, cargo que exerceu até 1946, devido ao período de censura e repressão no Chile, decretado por Gabriel Videla. Em 1950, publica “Canto Geral”, versos de cunho político em defesa da América Latina. Regressa ao Chile, em 1952, apoiando a candidatura de Salvador Allende à presidência. Em 1994, foi lançado o longa-metragem “O Carteiro e o Poeta”, em sua homenagem.

Nas cartas de Carlos Brandão, escritas em 21 de janeiro de 1991, aparecem excertos referindo-se a queda do muro de Berlim, nos quais ironiza o “capitalismo” como vitorioso e, por isso, universalmente imposto. A partir do escrito “*Brasil pra que te espero*”, em que Brandão considera a leitura como um convite amoroso, muito melhor do que “*As poesias de protesto*”, de Antonieta de Sant’Ana, Brandão faz menção a uma poesia militante que lembra Neruda. Nesse contexto, Neruda é lembrado como inspiração poética militante, por ser um questionador frente a arrogância e prepotência capitalista ocidental. “O poeta que sabe chamar o pão de pão e o vinho de vinho é perigoso para o agonizante capitalismo”. Nas cartas de Brandão, podemos perceber seu interesse pelas poesias de Pablo Neruda como fonte de poesia militante, que, além de abraçar carinhosamente a alma, também são fontes de inspiração para prosseguir a luta social, marca de Brandão.

Eu não me calo.

*Eu preconizo um amor inexorável.
E não me importa pessoa nem cão:
Só o povo me é considerável,
Só a pátria é minha condição.
Povo e pátria manejam meu cuidado,
Pátria e povo destinam meus deveres
E se logram matar o revoltado
Pelo povo, é minha Pátria quem morre.
É esse meu temor e minha agonia.
Por isso no combate ninguém espere
Que se quede sem voz minha poesia.*

(Neruda, 1980)

Referências

BARROS, Joaquim. Poesia: eu não me calo. **JB – Opinião**, nov. 2015. Disponível em: <<http://jbopinioo.blogspot.com/2015/11/poesia-eu-nao-me-calo.html>>. Acesso em: 30 jan. 2021.

DIANA, Daniela. Pablo Neruda. **Toda Matéria**: conteúdos escolares, nov. 2020. Disponível em: <encurtador.com.br/IN013>. Acesso em: 30 jan. 2021.

NERUDA, Pablo. **Antropologia Poética**. Tradução: ZAGURY, Eliane. 13. ed. Rio de Janeiro/RJ: José Olímpio, 1994.

PABLO Neruda: “Eu não me calo”. **Blog A Verdade**, mar. 2013. Disponível em: <<https://averdade.org.br/2013/03/pablo-neruda-eu-nao-me-calo/>>. Acesso em: 30 jan. 2021.

Paulo Freire é um dos mais importantes educadores, com reconhecimento internacional, principalmente por conta de suas pedagogias emancipatórias/libertadoras. Acentuo que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) reconheceram as obras de Paulo Freire como “Patrimônio da Humanidade”, incluindo seu legado no programa “Memórias do Mundo”. Possui mais de 4 dezenas de livros, muitos deles disponíveis na internet de forma gratuita. Tem obras traduzidas em mais de 20 idiomas, podendo ser conferida em Gadotti (1996). Também indico o Instituto Paulo Freire que desenvolveu o Projeto Memória contendo publicações sobre o educador.

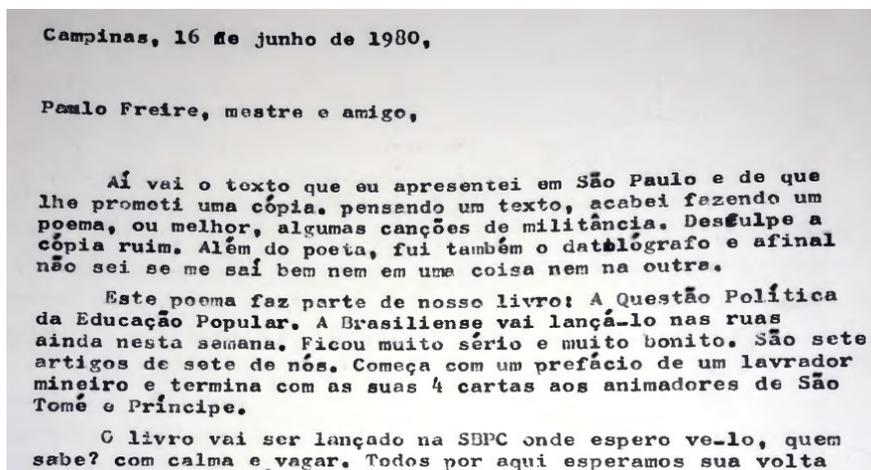
Importante destacar que em 2021 comemoramos o centenário de Paulo Freire, cujas atividades no Brasil tem o Brandão como um de seus amigos que, incansavelmente, tem dialogado com diversos setores populares e de diferentes contextos educativos. Sublinho que no Brasil, Paulo Freire foi titulado como Patrono da Educação Brasileira (Lei nº. 12.612/2012), mas que com o governo Bolsonaro e os setores de extrema direita tem perseguido as propostas educacionais do educador, sobretudo a Pedagogia do Oprimido. Deste modo, este governo e fragmentos da sociedade que negam a educação democrática e popular tentam revogar o título de Patrono da Educação Brasileira de Paulo Freire.

Nascido em 19 de setembro de 1921 em Pernambuco, saiu do Nordeste brasileiro para o mundo, sendo criador de uma proposta de educação libertadora. É autor referência da Educação Popular libertadora e de metodologias participativas. Sua trajetória de vida, incluindo uma infância pobre no Recife, serviu de base para a criação de uma teoria do conhecimento na perspectiva da pedagogia crítica. Na década de 1960 se inseriu em movimentos populares onde buscou a inspiração para a elaboração do método Paulo Freire, tendo repercussão na alfabetização e educação de adultos, incluindo até a criação de uma Universidade Popular. Desde a década de 1950, Paulo Freire iniciou sua andarilhem em prol das causas das classes populares, especialmente por meio de uma educação libertadora e conscientizadora construída de modo participativo e democrático. A educação em Paulo Freire está comprometida com a justiça social/ humanização e emancipação humana. Existe uma aproximação de Brandão com Paulo Freire para além das correspondências analisadas, mas aqui citarei as correspondências remetidas ao Freire. Primeiro vou destacar que nas Cartas entre 1964 e o ano de 1980 temos 22 vezes o nome “Paulo Freire”, abordando os seguintes temas:

- 1) Conselho Mundial de Igrejas e Paulo Freire – convite feito ao Brandão para trabalhar em Genebra.
- 2) Participação dos dois no encontro nacional de supervisores educacionais em Goiânia.
- 3) Publicação de livros e materiais de Educação Popular.
- 4) Conversas com Paulo Freire em São Paulo e no Rio de Janeiro.
- 5) Trabalhar com Freire no seu retorno ao Brasil (pós-exílio de Freire)
- 6) Sobre Paulo Freire na Unicamp e contratação na PUC de São Paulo.
- 7) Um projeto de Brandão de realizar uma pesquisa de Educação Popular com Freire sobre pesquisa com o povo, recuperando experiências do CEDI entre outras.
- 8) Brandão ir para Europa assumir o lugar de Freire a convite que lhe foi feito. Precisava conversar com Freire e pessoal do CEDI sobre a proposta.
- 9) Brandão dizendo que visitaria Paulo Freire na casa de Francisco Weffort.
- 10) Brandão falando que se fosse para a Europa, assumir o lugar de Freire, desejava (e muito) realizar um trabalho de Educação popular.
- 11) Brandão a uma carta ao velho amigo pastor (sem nome) pede que agradeça ao Freire sobre a proposta de trabalho na Europa e da possibilidade de experiência de mundo.
- 12) Sobre formação de pós-alfabetização utilizando Paulo Freire. Brandão expressa que esse referencial é importante e necessário.
- 13) Em uma carta de Brandão para Júlio Barreiro, de 1979, cita que Freire estaria indo realizar uma atividade na Unicamp e, que, estaria com ele.
- 14) Júlio Barreiro destinando uma correspondência ao Brandão (1979) versa sobre produções de Educação Popular e de Paulo Freire.
- 15) Acerca da revista Estudos Universitários dedicada ao método Paulo Freire.

Encontro uma correspondência de Brandão para Freire (junho de 1980) cujos assuntos principais são: a organização do livro “A Questão Política da Educação Popular”, a expectativa do retorno do Freire ao Brasil que estava por chegar e o relato de Brandão sobre um trabalho que estava realizando na casa dele com um grupo de animadores da Diocese de Goiás. Segue um trecho da carta como demonstrativo da relação de

amizade entre Brandão e Freire, bem como de temas educacionais presentes na carta.



Campinas, 16 de junho de 1980,

Paulo Freire, mestre e amigo,

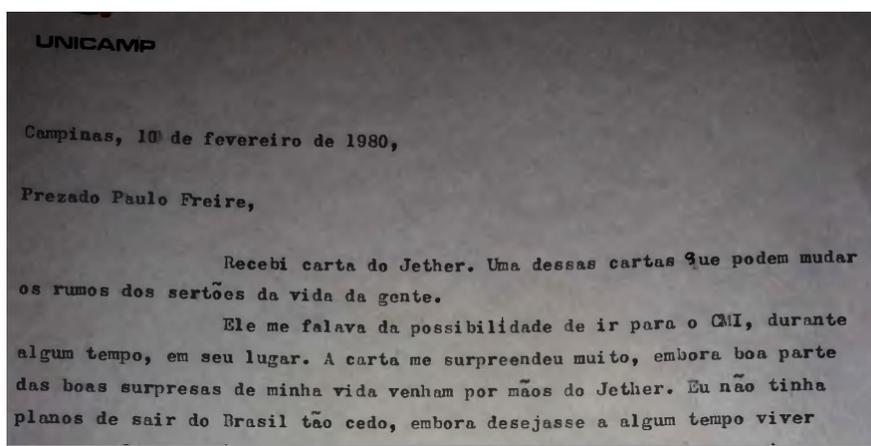
Aí vai o texto que eu apresentei em São Paulo e de que lhe prometi uma cópia. pensando um texto, acabei fazendo um poema, ou melhor, algumas canções de militância. Desculpe a cópia ruim. Além do poeta, fui também o datilógrafo e afinal não sei se me saí bem nem em uma coisa nem na outra.

Este poema faz parte de nosso livro: A Questão Política da Educação Popular. A Brasiliense vai lançá-lo nas ruas ainda nesta semana. Ficou muito sério e muito bonito. São sete artigos de sete de nós. Começa com um prefácio de um lavrador mineiro e termina com as suas 4 cartas aos animadores de São Tomé e Príncipe.

O livro vai ser lançado na SBPC onde espero vê-lo, quem sabe? com calma e vagar. Todos por aqui esperamos sua volta

Diante da análise das correspondências de Brandão aos seus sujeitos interlocutores é possível afirmar que essas cartas são político-pedagógicas.

Na outra carta, igualmente de 1980, identificamos muitas temáticas tratadas, dentre elas: Conselho Mundial de Igrejas, reunião na Faculdade de Educação da UNICAMP e Educação Popular no mestrado, constituição de uma equipe de teórico-práticos da Educação Popular na UNICAMP, entre outros.



UNICAMP

Campinas, 10 de fevereiro de 1980,

Prezado Paulo Freire,

Recebi carta do Jether. Uma dessas cartas que podem mudar os rumos dos sertões da vida da gente.

Ele me falava da possibilidade de ir para o CMI, durante algum tempo, em seu lugar. A carta me surpreendeu muito, embora boa parte das boas surpresas de minha vida venham por mãos do Jether. Eu não tinha planos de sair do Brasil tão cedo, embora desejasse a algum tempo viver

Entre os anos de 1981 a 1995 localizei 62 vezes o nome de Paulo Freire em cartas escritas a mão e digitadas. Estas recebidas e enviadas para diferentes interlocutores e interlocutoras do Brasil e de outros países. Neste bloco citarei alguns dos sujeitos remetentes ou destinatários de correspondências em que Paulo Freire foi citado: 1) Rosa Maria; 2) Ildeu; 3) Caio da editora Brasiliense; 4) Nelly; 5) Marcella Gajardo; 6) Isabel Hernández do Conselho de Educação de Adultos da América Latina; 7) Anton De Schutter; 8) Alfonso (?); 9) Osmar Fávero; 10) Aracy; 11) Rosa Maria Torres, entre outros/as. Dos temas anunciados foram muitos, em especial sobre trabalho com Educação Popular, seminários, trabalho na universidade, materiais sobre Educação Popular, pesquisa participante, correspondência do pessoal de Mossoró, e publicação de livros.

Em 1981, Brandão encaminhou uma correspondência ao Freire ocupando-se de muitos assuntos, sendo que um deles era um convite ao Freire para que escrevesse um texto para o livro *O Educador - vida e morte*. Pontua, Brandão ao Freire: “Pensei que o título de sua palestra poderia ser o quo veio no ‘Encarte’. É a parte do que você fala e pareceu muito oportuno: Educação - o sonho possível”. Outro destaque refere-se ao livro *O QUE É O MÉTODO PAULO FREIRE*. Brandão fala do convite que recebeu para escrever a obra e pergunta se Freire deseja escreve-la. Conta que recebeu um convite do pessoal de Mossoró para a ministrar um curso sobre o método de Paulo Freire. Ademais temos nesta carta de 3 laudas, um conteúdo importante da Educação Popular, mencionada várias vezes, como instrumento de luta.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Paulo Freire. Brasil, 1980a. carta pessoal.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Paulo Freire. Brasil, 1980b. carta pessoal.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Paulo Freire. Brasil, 1981. carta pessoal.

GADOTTI, Moacir. (org.) **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

Paulo da Silveira Rosas nasceu em 15 de abril de 1930 na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. Foi estudar em Recife em 1951 e em 1953, concluiu o bacharelado na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco. Interessou-se por Psicologia, por influência de uma professora do “ginásio” e foi realizar pós-graduação em Psicologia Aplicada no Instituto de Cultura Hispânica de Madri, na Espanha, em 1954. Dois anos depois foi contratado para lecionar a cadeira de Psicologia Educacional nos cursos de Pedagogia e Didática, na atual Universidade Federal de Pernambuco.

Por sempre se preocupar com questões sociais e pedagógicas, tornou-se um dos fundadores e coordenadores do Movimento de Cultura Popular, que desenvolveu ações de alfabetização popular no Recife na década de 1960, do qual participou ativamente Paulo Freire – sendo que essa parceria se transformou numa grande amizade. Em 1976 tornou-se livre docente e doutor em História da Psicologia pela UFPE e onde se aposentou em 1988. Posteriormente, atuou na direção do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas.

Ao longo de sua vida recebeu muitas homenagens como: Mérito ao Educador (1986) pela Prefeitura da Cidade do Recife; Certificado de Mérito pelo INEP (1988); Reconhecimento por sua contribuição pelo CFP (1997) e Mérito Educacional Paulo Freire (1997) concedido pelo Conselho Estadual de Educação de Pernambuco. Foi entrevistado do Projeto Memória Viva (2000) do CFP e em 2000 também recebeu homenagem especial da UFPE. Faleceu em 28 de novembro de 2003, em Paris, na França, quando iria representar o Centro Paulo Freire num evento da UNESCO.

Referências

OLIVEIRA, Leila. Paulo Rosas. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 21, n. 2, p. 89, Jun. 2001.

PAULO Rosas (entrevista). **Estud. psicol. (Natal)**, Natal , v. 2, n. 2, p. 313-327, Dez. 1997.

ROSAS, Paulo (Org.). **Paulo Freire: educação e transformação social**. Recife: Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas; Ed. Universidade da UFPE, 2002.

ROSAS, Paulo. **Papéis avulsos sobre Paulo Freire**. Recife: Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisa; Ed. Universidade da UFPE, 2003.

ROSAS, Paulo. **Fontes do pensamento de Paulo Freire**. Recife: UFPE, 2004.

WITTER PORTO, Geraldina. Obituário de Paulo da Silveira Rosas (*15/04/1930 - 28/11/2003). **Boletim Academia Paulista de Psicologia [en lineal]**. 2004, XXIV(1), 69-70.

PEDRO CASALDÁLIGA

Sergio Trombetta

“Não podemos continuar admitindo o etnocídio dos índios.” (Dom Pedro Casaldáliga).

Dom Pedro Casaldáliga é um bispo espanhol radicado no Brasil nos anos de 1960. Chegou a São Félix do Araguaia em julho de 1968, um dos períodos mais duros da história do País, decorrente do Regime de Ditadura Militar, com suas práticas de tortura e perseguição das lideranças progressistas e dos intelectuais que se colocavam ao lado das lutas populares, que tinham por objetivo a transformação profunda das estruturas econômica, política e cultural da sociedade, marcada pelo autoritarismo.

Foi poeta, ativista dos Direitos Humanos na perspectiva dos excluídos: índios e Sem Terras, e, de modo alargado, os pobres invisíveis, os sem rostos. É um dos expoentes da Teologia da Libertação, ala progressista da Igreja Católica, cuja centralidade é a libertação do oprimido através de um processo permanente de conscientização e engajamento político. A sua luta junto aos sem terras e aos índios visava a defesa de uma economia associativa, conciliando desenvolvimento econômico e sustentabilidade ecológica.

Apresenta ideias de justiça social, na defesa de uma igreja que, ao mesmo tempo em que aponta para a transcendência, preocupa-se com o sofrimento histórico dos seres humanos oprimidos. Em suas lutas, advoga pela reforma agrária, desde os anos de 1960. A partir da concepção de justiça social, defende o engajamento do cristão em lutas sócio-políticas,

com vistas à garantia dos direitos mínimos para uma vida humana decente: habitação, saúde, alimentação, lazer e educação.

Fez a opção radical pelos pobres, seguindo os passos de Jesus, que, em sua vida, sempre esteve ao lado dos excluídos e oprimidos. Sobre seu posicionamento acerca da igreja, faz um breve depoimento ao Jornal Opinião, manifestando o seu compromisso social com o povo, a partir do Evangelho. Em virtude de sua opção radical na defesa dos índios e contra a violência do latifúndio, encorajou as lutas em diferentes movimentos sociais populares. E, por conta de sua militância, sofreu inúmeras ameaças de morte. Sua atuação como bispo foi marcada por uma crítica à hierarquia do poder da igreja nas mãos do clero, defendeu uma maior participação do povo nos ritos religiosos, cujo método de ação foi a dialogicidade.

Pedro Casaldáliga recebeu título de Doutor *Honoris Causa* pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, considerado como “um dos símbolos da luta em defesa dos direitos humanos no Brasil” [...]. Sobre o trabalho desenvolvido por Dom Pedro Casaldáliga, frei Leonardo Boff escreveu: “A grandeza de um homem não se mede pelas prédicas (discursos), mas pelas práticas.” (FILHO, 2000, s/p).

Uma carta de Carlos Rodrigues Brandão destinada ao Freire, companheiro dos debates sobre sociedade democrática, datada em 1980, anuncia aspectos que marcaram a vida dos exilados, os quais tratavam sobre religião, cultura, antropologia e estética.

Na maioria das vezes, esses perseguidos e exilados dedicavam-se horas e horas a estudos, leituras dos clássicos, revelando uma atitude ética fundamental, de que era preciso conhecer o Brasil de modo profundo para articular um pensamento crítico, comprometido com ações transformadoras, numa perspectiva da Teologia da Libertação e da pedagogia freiriana, que ganhavam visibilidade.

A troca de cartas era um dos instrumentos mais fecundos no período de exílio, que tinha por finalidade amenizar a saudade, encorajar as lutas e construir estratégias de luta e organização. Ao mesmo tempo, socializavam-se as produções intelectuais e culturais de grupos. Assim sendo, podemos afirmar que a marca dos sujeitos que trocavam cartas com Brandão ou eram mencionados nestas cartas, como é o caso do Dom Pedro Casaldáliga, é de intelectual orgânico da classe trabalhadora (intelectual engajado), de Gramsci, os quais, sem abrir mão da teoria, lutavam, incansavelmente, pela dignidade humana.

Por fim, é de fundamental importância destacar que as cartas, produzidas por intelectuais engajados, representaram formas de resistir à clandestinidade e ao silêncio imposto pela ditadura, que proibia o uso da palavração em espaços públicos, através da censura ao livre pensar.

Referências

CASALDÁLIGA, Pedro. **Jornal Opinião**. O bispo dos oprimidos. OPINIÃO, Rio de Janeiro, S/d.

FILHO, Manuel Alves. **Padres nossos**. **Jornal da Unicamp, Campinas - São Paulo**. Novembro de 2000. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/nov2000/pagina12e13-Ju156.html. Acesso em: 11 maio. 2020.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

PIERRE FÉLIX BOURDIEU

Maria Elisabete Machado

Pierre Félix Bourdieu, antropólogo e sociólogo, nasceu em *Denquin* (*Béarn*, província da França), no dia primeiro de agosto de 1930, e faleceu em 23 de janeiro de 2002. De origem campesina, tinha curiosidade em aprender sobre o mundo social. A trajetória⁵⁴ do autor, ou melhor, “informante” (Bourdieu, 2005), como ele se autodenominava, se pauta em alguns eixos: a formação escolar e o treinamento intelectual do normalista; a iniciação sociológica; as vivências e o trabalho no vilarejo natal e na Argélia. O legado afetivo e cultural de sua família, simples, do meio rural provinciano, dão pistas do entrelaçamento entre sua vida e sua obra. Isso mostra o quão crítico era o autor ao encarar o dilema de seu desenraizamento familiar, bem como sua percepção crítica ao analisar o mundo social.

Aos 21 anos de idade, ingressou na faculdade de letras, onde cursou Filosofia, tornando-se, mais tarde, professor no Liceu de *Moulins*, e, posteriormente, assistente na faculdade de letras de *Argel* (1958-1960). Em 1961, foi nomeado mestre de conferências na faculdade de letras de *Lille*, onde ministrou cursos sobre os clássicos da sociologia: Marx, Durkheim e Weber. Em 1964, tornou-se diretor na Escola Prática de Altos Estudos em Ciências Sociais. Nesse período, juntamente com seu amigo Jean-Claude

⁵⁴De modo mais conceitual o referido conceito de trajetória encontra-se na tese de Machado (2019) como consta nas referências.

Passeron, publica seu primeiro livro *lês Héritiers*, e, em 1970, a obra *A Reprodução, Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*. Entre 1972-1973, torna-se professor visitante no Instituto de Estudos Avançados de Princeton-EUA; já de 1975 até sua morte, cria e dirige o periódico *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*. Em 1981, é nomeado titular da cadeira de sociologia no *Collège de France*, uma notória ascensão como professor. De 1982 a 1990, e de 1996 a 1997, tem seus projetos voltados à reforma da educação. Em 1993, publica a obra *A miséria do Mundo*, e, em 1998, a *Dominação Masculina*. No ano de 2001, mais especificamente em 28 de março, ministra sua última aula no *Collège de France*. (CATANI, 2008).

Dotado de um enorme rigor conceitual e coerência, característicos de sua formação filosófica na academia francesa, teve a sagacidade de perceber como se traduz o mundo social em que habitamos. Como grande clássico da Sociologia, tornou-se autor de uma gama de conceitos na Antropologia, Economia, Educação, História, Psicologia, e na própria Sociologia.

Preocupou-se em desvelar o *modus operandi* da reprodução social, assim como analisar as práticas culturais distintivas imbricadas à constituição e classificação das classes sociais. Também investigou as singularidades de seu próprio contexto intelectual e revelou os confrontos nos distintos campos de produção e reprodução simbólica. Desse modo, refletiu sobre dilemas sociais emergentes, com certa perspicácia e altivez política. Com base em seu grande conhecimento, ao longo de sua incansável inserção nos campos empíricos, adveio à construção de trabalhos nas áreas da cultura, linguística, educação, literatura, mídia, entre outras.

No tocante à área da Educação, é possível destacar a importância intelectual de Bourdieu com a publicação de seus livros, nos quais constrói e aprofunda conceitos fundantes para a área. Em consonância com os estudos do antropólogo brasileiro Carlos Rodrigues Brandão, é possível agregar alguns dos conceitos de Bourdieu para compreender a educação: campo, *habitus*, capital, classe, reflexividade, entre outros.

Brandão, ao orientar seus doutorandos nos anos de 1976, 1980, 1981, sugeria, por meio de cartas, que lessem textos sobre a antropologia da práxis e classes sociais. Nesse sentido, Brandão mencionava Bourdieu como um intelectual francês, estudioso da antropologia da práxis, no intuito de que os alunos aprofundassem os estudos sobre tais conceitos, para ampliar, assim, sua visão sobre o campo da educação.

Além disso, Brandão dialogava com o então amigo, professor e escritor Paulo Freire sobre a educação popular e sua função social, por meio de cartas, nas décadas de 70 e 80. Em meio a estudos teóricos e pesquisas sobre a educação popular e na luta contra uma sociedade capitalista, de classe e injusta, Brandão sugere a seu amigo que leia sobre a antro-

pologia reflexiva de Bourdieu. Nessa abordagem, a reflexividade é tomada como forma de *auto-objetivação* e de *objetivação* do modo de ver como o mundo social é construído. No caso da Sociologia, Bourdieu (2005) aponta que tais categorias dizem respeito à necessidade de uma crítica epistemológica ao pensamento realista, ou seja, a reflexividade significa a condição mesma de uma prática científica rigorosa.

Outro aspecto a destacar refere-se à práxis, entendida por Bourdieu (2005) como teoria da prática. Para o autor, ela se ancora em uma dupla crítica: de um lado, refere-se ao “subjativismo, pressupondo tanto a ideia da liberdade total de escolha, quanto da livre projeção no futuro; e, por outro, ao objetivismo estruturalista, em que o indivíduo passa a ser refém das estruturas” (BOURDIEU, 2007, p.87). Nas suas palavras, a teoria da prática contrapõe tanto a concepção racionalista da ação, quanto a ideia de agentes movidos pelas estruturas de maneira inconsciente. Ou seja, o autor acredita que a teoria da prática deve sempre ser privilegiada ao instigar o(a) pesquisador(a) a buscar meios de superar o ensino predominantemente teórico, com vistas a valorizar a aprendizagem prática.

Por fim, este verbete tem a intencionalidade de apresentar alguns constructos bourdieusianos identificados nas cartas analisadas, e, dessa forma, reconhecer sua importância na trajetória intelectual de Carlos Rodrigues Brandão.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Escritos em Educação**. NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; Catani, Afrânio. (Orgs.) Petrópolis: Vozes. 2007

_____, Pierre. **Esboço de autoanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues [**Correspondência**]. Destinatário: Clodomir Monteiro. São Paulo, S/D. 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues [**Correspondência**]. Destinatário: Paulo Freire. São Paulo, S/D. 1984.

CATANI, Denise Bárbara. In: Bourdieu Pensa a Educação. Revista EDUCACAO Especial: Biblioteca do Professor. São Paulo: Editora Segmento, p. 14-15. 2008.

MACHADO, Maria Elisabete. **Trajetórias universitárias e profissionais de egressos de um curso de pedagogia com ênfase em educação popular**

- (Tese Doutorado) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, RS, 2019.

ROBERTO DA MATTA

Roberta Soares da Rosa

Roberto Da Matta é um importante sociólogo e antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde dirige o Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Mestre e doutor pela Universidade de Harvard. No início de sua carreira, dedicou-se a pesquisar a cultura indígena, mudando seu foco, posteriormente, para o estudo da sociedade brasileira em geral, utilizando-se da música e da literatura como instrumento de análise.

Da Matta escreveu diversas obras, que são referências na Antropologia, Sociologia e Ciência Política, como *Carnavais, Malandros e Heróis, A casa e a rua* ou *O que faz o Brasil, Brasil?* Para o autor, a identidade brasileira é constituída por seis características: Carnaval, Futebol, Alimentação, Morte, Jogos e Malandragem. Em carta a Carlos Rodrigues Brandão, Da Matta solicita um exemplar do livro “*Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*”, obra de Brandão considerada um clássico na literatura da moderna antropologia brasileira e dos estudos sobre a religião no Brasil. Apesar de não citar a religião como característica do povo brasileiro, a religião perpassa características como o carnaval, já que se trata de uma festa pagã diretamente relacionada à quaresma, os quarenta dias que antecedem a páscoa. Além disso, a religião também está relacionada ao modo como as pessoas lidam com a morte, outra característica apontada como constituinte da identidade brasileira, segundo Roberto Da Matta.

Referências

DA MATTA, Roberto. Você tem cultura. Explorações: ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, p. 121-128, 1986.

DA MATTA, Roberto. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4009/roberto-damatta>>.

Acesso em: 15 de Fev. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

LANNA, Marcos; DE MORAES, Pedro Rodolfo Bodê. Uma Antropologia da Sociedade Brasileira - Entrevista com Roberto Da Matta. Revista de Sociologia e Política, n. 10-11, p. 195-211, 1998.

ROSA MARIA TORRES

Fernanda dos Santos Paulo

Segundo Paulo (2019) a equatoriana, pedagoga e linguista Rosa Maria Torres tem experiência no campo da educação popular, sobretudo no tocante aos projetos de alfabetização em países da América Latina. Com experiência profissional no México, Nicarágua, Granada e Equador, a educadora foi Diretora Pedagógica Nacional da Campanha Nacional pelo Letramento “Monseñor Leonidas Proaño” (1988-2000), no Equador, assim como Ministra da Educação e Cultura. Foi coordenadora do Projeto Regional de Educação Popular e Comunicação no Coordenadora Regional de Investigaciones Económicas y Sociales (CRIES).

Seu livro, considerado clássico, sobre esse tema denomina-se como *Discurso e prática em educação popular*, publicado no Brasil em 1988 pela editora Unijuí/RS.

Rosa Maria Torres é uma intelectual da Educação Popular pública com intencionalidade educativa. Isto é, “Rosa Torres (1987) compreende a Educação Popular enquanto processo de mobilização e organização social e por isso, a construção do conhecimento não está desarticulado dos interesses individuais e sociais dos sujeitos envolvidos no processo educativo.” (PAULO, 2019, p. 636). No livro: *A educação na cidade*, Paulo Freire (1991) a referência, assim como Brandão a cita em suas publicações e em suas cartas. Além disso, Brandão escreveu cartas para Rosa e ela as respondeu - são cartas que tratam da Educação Popular e pesquisas participantes.

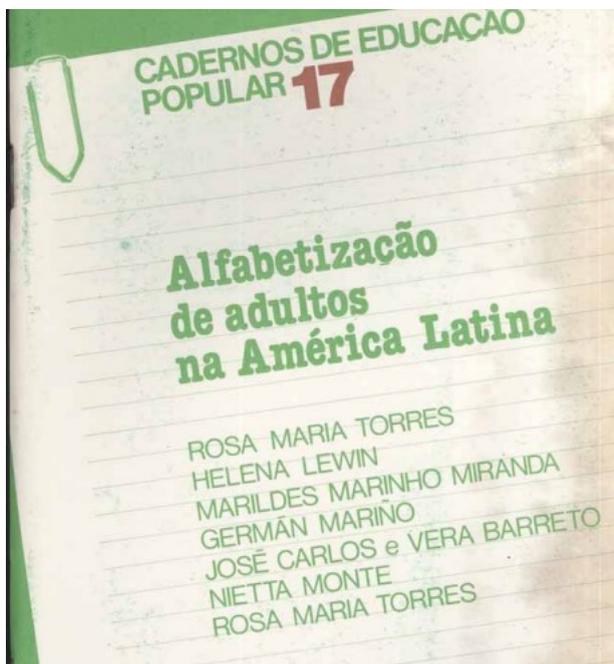
Em uma correspondência de 1988 encontramos os seguintes conteúdos: metodologias de trabalho com a Educação Popular, CEDI, Gadotti e sua publicação sobre Paulo Freire, alfabetização do Equador, Paulo Freire e o azeite, aos 68 anos, a assumir o cargo de Secretário de Educação da Cidade de São Paulo, a eleição e vitória da socialista Luiza Erundina, do PT em São Paulo, Práticas inovadoras na educação, alfabe-

tização de adultos na América Latina e sobre a publicação de um livro sobre experiências de Educação Popular.

Em 1981 Rosa Maria Torres escreve para Brandão e nesta carta fala que recebeu o “livro interessante, sistemático e importante tema: ‘Pesquisa Participante’” (TORRES, 1981, tradução minha). Na continuidade, elogia o capítulo do Paulo Freire, anunciando que os textos são contribuições importantes, com muito sentido prático, que contribuirão com novas ideias neste campo com comprometimento. Faz relação do livro com experiências de Educação Popular na América Latina.

Rosa Maria Torres menciona um dos seus livros que está para ser lançado dirigindo-se ao tema da investigação, participação participativa e metodologia para a educação de adultos. A educadora diz que irá encaminhar uma cópia do seu livro para Brandão e para Paulo Freire; além disso, escreve: “nesta carta estou anexando uma cópia da bibliografia de meu livro, e lamento muito não ter recebido seu livro antes para incluí-lo em A bibliografia.” (TORRES, 1981).

Encontramos um texto de Rosa M. Torres nos Cadernos de Educação Popular do NOVA – Pesquisa, Avaliação e Assessoria. Enfatizamos que o tema do texto da educadora é um dos assuntos presente nas cartas de Rosa para Brandão, o qual refere-se à alfabetização de adultos no Equador.



Novamente, encontramos relações entre a Educação Popular, Rosa Maria Torres, Brandão e o NOVA. Na publicação acima de 1990, Ano Internacional da Alfabetização, abordou-se a educação na América Latina, publicando textos como o de Rosa Maria Torres, que discorreu a respeito de ações nacionais de alfabetização de adultos e concernente ao problema da pós-alfabetização na América Latina. Assim sendo, sustento que as cartas de Carlos Rodrigues Brandão possuem contribuições para uma Pedagogia Latino Americana inspirada na Educação popular libertadora/humanizadora/emancipatória.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Rosa Maria Torres. Brasil, 1988. carta pessoal.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Rosa Maria Torres**. In: PITANO, Sandro de Castro; STRECK, Danilo Romeu; MORETTI, Cheron Zanini, organizadores. Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica. 1. ed. – Curitiba: Appris, 2019.

TORRES, Rosa Maria. [Correspondência]. Destinatário: Carlos Rodrigues Brandão. Pátzcuaro, estado de Michoacán/México., 1981. carta pessoal.

TORRES, Rosa Maria. **Discurso e prática em educação popular**. Ijuí: Livraria Unijuí Editora, 1988.

ROSELI SALETE CALDART

Herli de Sousa Carvalho

Roseli Salete Caldart lega em sua trajetória uma formação acadêmica em Pedagogia (URI, 1982), Especialização em Fundamentos da Educação (URI, 1983), Mestrado em Educação (UFPR, 1986), com a orientação de Acácia Zeneida Kuenzer, e Doutorado em Educação (UFRGS, 1999), sob a orientação de Miguel Gonzalez Arroyo.

Dessa forma, no trabalho, tem se dedicado na capacitação e pesquisa sobre Reforma Agrária, na coordenação de curso de Licenciatura

ra em Educação do Campo, e sua atuação com a temática versa sobre movimentos sociais do campo, educação, escola e pedagogia do movimento sem-terra.

Roseli Salete Caldart publicou muitas obras e artigos, dentre os quais, citaremos apenas algumas/alguns, por causa de sua extensa produção individual e em parcerias, que revela o comprometimento com a causa da Educação do Campo, o que começa quando se indigna com a história do pensamento político para a educação das pessoas do campo, condenadas à marginalização e ignorância de não poderem transitar entre os saberes e conhecimentos advindos de sua realidade; ela estabelece a meta de contribuir com o protagonismo dos movimentos sociais camponeses na incessante luta por políticas públicas de inserção, na educação básica brasileira, em seus territórios de moradia.

Compreendemos que sua contribuição se dá nas áreas da educação, trabalho e saúde, trazendo à tona os contextos, práticas e sujeitos. Para tanto, destacamos: *Pedagogia do Movimento Sem Terra: a escola é mais do que escola* (2004); *Sobre educação do campo*, com Mônica Castagna Molina (2005); *A escola do campo em movimento* (2000); *Dicionário de Educação do Campo*, com Isabel Brasil Pereira, Alentejano Paulo e Gaudêncio Frigotto (2012); *Educação do campo: notas para uma análise de percurso. Trabalho, educação e saúde* (2009); *Educação em movimento: formação de educadoras e educadores no MST* (1997); *Primeira conferência nacional “Por uma educação básica do campo”*: texto preparatório, com B. M. Fernandes e P. R. Cerioli (1998); *Escola é mais do que escola na Pedagogia do Movimento Sem Terra* (2000); *Sem-terra com poesia: a arte de re-criar a história* (1987); *Como se formam os sujeitos do campo: idosos, adultos, jovens, crianças e educadores*, com Conceição Paludo e Johannes Doll (2006); *A pedagogia da luta pela terra: o movimento social como princípio educativo* (Texto para a 23ª Reunião Anual da ANPED, 2000); *MST, Universidade e Pesquisa*, com P. Alentejano (2014); e outros trabalhos, que revelam uma mulher que se embrenha nas vivências, para tornar conhecida, por exemplo, a memória e história do PRONERA e as contribuições para a Educação do Campo; e, mais do que isso, uma mulher que articula sua participação com sua produção, sobretudo.

Assim, a cidade de Campinas, no interior de São Paulo, no dia 28 de junho de 2001, foi palco da escrita de uma carta endereçada “para todos e todas as educandas-educandos-educadoras-educadores da Turma I Salete Strozake, para Roseli Caldart e para Edgar Kolling”. O texto inicia dizendo da vontade de estar presente no dia 4 de julho, na festa de formatura da primeira turma, para comemorar uma “educação dos novos tempos”; todavia, justifica a ausência, por encontrar-se a trabalho nos municípios de Goiás (antiga capital do estado homônimo de Goiás) e Mossâmedes, locais de Assentamentos que detêm maior número de es-

paços de luta no Brasil. Relata que tem presenciado, pelo Brasil a fora, as “experiências inovadoras”, ainda como frutos de “situações especiais”; porém, o projeto de educação da turma traz a “esperança, do verbo esperar”(CALDART, 2001), que, de acordo Freire (1998), nos mobiliza contra o mundo injusto, pouco solidário e sofrido para a grande maioria das pessoas. Por isso, ela chama a atenção para o engajamento em “uma grande e muito séria aventura do espírito”, em aprender mesmo com o acesso que foi negado para todas as pessoas de terem uma educação de qualidade. “Queremos trazer para a vida de todos os dias” é o desejo de que os sujeitos do aprender, desde as crianças até aos idosos, do campo e da cidade, possam usufruir dos sonhos de Paulo Freire, presente no campo da educação transformadora. Ela relembra na carta dois acontecimentos festejados no ano de formatura da turma, que são os 40 anos da Educação Popular no Brasil, com início em 1961, e os 80 anos de Paulo Freire, com data de 1921 (CALDART, 2001). Segue nos fazendo refletir sobre a leitura de mundo e das palavras, preconizada pela sensibilidade do educador Paulo Freire, que convergem para a responsabilização na transformação de vidas e de determinadas realidades geográficas, inseridas num contexto e nas realidades históricas que carecem de empoderamento. Diante do exposto, a prática docente traz nuances para serem revisitadas na obra “*Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*” (1998), em que o autor elabora saberes que estão entranhados em outras potencialidades, e, assim, serem incorporadas no processo de formação de pessoas. Para tanto, conclui na inconclusão, com a fala de que tem quatro ideias bonitas que gosta de dizer para educadores, de modo que menciona mais abaixo no texto, mas só conseguimos visualizar uma, que diz: “A educação não muda o mundo”; ‘na inconclusão’, porque as demais ideias, não as vemos, deixando-nos com a vontade de saboreá-las.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

CALDART, Roseli Salete. *Currículo Lattes*. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/4733756/roseli-salete-caldart>. Acesso em: 16/01/2021.

CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CALDART, Roseli Salete [Correspondência]. Destinatário: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. São Paulo, no dia 28 de junho de 2001. 1 carta pessoal.

Sérgio Haddad é docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS), desde 2015, mas há mais de 40 anos atua no campo da Educação Popular e dos Direitos Humanos. Conforme matéria publicada pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd (2017), o professor iniciou sua trajetória nesse campo quando ainda era estudante secundarista, nos anos 1960, alfabetizando adultos a partir da metodologia proposta por Paulo Freire. Nesse sentido, o próprio Sérgio assinala que,

Conheci-o pelos seus escritos, ainda como estudante, fazendo um trabalho de alfabetização de adultos em uma favela no Jaguaré, em São Paulo, em 1967. Os textos chegavam por meio de amigos que participavam da rede ecumênica latino-americana, Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL). Como o Paulo estava exilado no Chile, muito do material que ele escrevia chegava em cópias por meio desta rede (HADDAD, 2019, p. 2).

Ao longo de sua trajetória, Sérgio Haddad alia a sua condição de pesquisador e educador com a de ativista social. Cabe destacar que, a partir de 1973, implantou um curso de escolarização básica noturno para jovens e adultos, em São Paulo, onde trabalhou por quase duas décadas. No período da ditadura militar (1964-1984), desenvolveu atividades no Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) em paralelo ao trabalho no curso para adultos. No CEDI, o professor trabalhou com alfabetização e educação popular em várias partes do Brasil. Já em 1994, com o encerramento do CEDI, Sérgio, juntamente com um grupo de ativistas, fundou a Organização Não Governamental (ONG) Ação Educativa, com o propósito de atuar no campo dos direitos educativos, culturais e de juventude.

No que se refere à trajetória acadêmica, sua formação é interdisciplinar: possui graduação em economia (1971) e em pedagogia (1971); além de mestrado (1982) e doutorado (1991) em história e sociologia da educação, ambos os cursos pela Universidade de São Paulo. Sérgio Haddad é um dos mais importantes estudiosos de Paulo Freire, e, em 2019, publicou a biografia *O educador: um perfil de Paulo Freire*, pela editora Todavia. Um pouco da convivência entre Sérgio e Paulo está sinalizado em outro artigo, também publicado no referido ano:

Mais tarde, no seu retorno do exílio, pude conviver pessoalmente com ele em algumas oportunidades. Fomos colegas na Pontifícia Universidade Ca-

tólica de São Paulo (PUC) enquanto professores da Pós-graduação em Educação. Em outro momento, Paulo foi conhecer um trabalho de alfabetização de adultos que desenvolvíamos com seringueiros no Acre, a pedido do líder dos seringueiros Chico Mendes, através do CEDI, local no qual tive oportunidade de trabalhar. Paulo, muito gentilmente, não só conheceu o que vínhamos realizando e o material pedagógico por nós desenvolvido, como nos recomendou várias coisas importantes para o seu aprimoramento (HADDAD, 2019, p. 2).

Sérgio Haddad é um autor citado por Carlos Brandão em cartas de 1981, 1983, 1984, além de ser citado por Rosa María Torres, cuja carta enviada a Brandão tem data de 1988. O contexto que emerge nos escritos remete à alfabetização, sendo importante ressaltar que, na época do golpe de 1964, Freire desenvolvia um programa nacional de alfabetização com base na experiência tida na cidade de Angicos - RN, cujo projeto contou com cerca de 400 jovens e adultos. No entanto, o ato de alfabetizar jovens e adultos a fim de formar pessoas mais conscientes de sua realidade foi atacado pelos militares, pois, para eles, isso era sinônimo de subversão e de politização das massas. Guardadas as diferenças de contextos, o ataque às ideias freirianas é abordado por Haddad (2019) no artigo intitulado *Quem tem medo de Paulo Freire?*, o qual mostra que, com o avanço da onda conservadora no país, as ideias desse educador continuam a causar incômodo aos defensores do autoritarismo e do obscurantismo.

Referências

ANPEd. **Conheça os selecionados para a Homenagem Professor Nilton Bueno Fischer da Educação em Direitos Humanos**. 2017. Disponível em: <http://38reuniao.anped.org.br/noticia/conheca-os-selecionados-para-homenagem-professor-nilton-bueno-fischer-de-educacao-em>. Acesso em: 23 jan. 2021.

HADDAD, Sérgio. Política, educação e atualidade do pensamento freiriano. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 35, e214048, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v35/1982-6621-edur-35-e214048.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2021.

HADDAD, Sérgio. **Quem tem medo de Paulo Freire?** 2019. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/politica/quem-tem-medo-de-paulo-freire-por-sergio-haddad/>. Acesso em: 24 jan. 2021.

Nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão verificamos o tema sobre o Sistema Paulo Freire, uma proposta educacional criada durante o trabalho que Paulo Freire realizou na Universidade Federal de Pernambuco. Foi com sua equipe, através do Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade do Recife, que ele pode sistematizar o que conhecemos por “Método Paulo Freire”. Freire exerceu o cargo de diretor do SEC, sendo demitido em abril de 1964 por conta da Ditadura Civil Militar. Nas palavras de Gadotti:

De 1954 a 1964 Paulo Freire foi professor de História e Filosofia da Educação na Universidade do Recife - hoje Universidade Federal de Pernambuco - onde fundou, e depois dirigiu, o Serviço de Extensão Cultural daquela Universidade. No concurso público para a cadeira de História e Filosofia da Educação Paulo Freire apresentou, em 1959, a tese Educação e atualidade brasileira, onde encontramos sua concepção de universidade democrática, comprometida com a problemática da comunidade, fomentadora de transformações sociais. Ele dizia que, por meio da extensão, poder-se-ia redimensionar a Universidade dentro de um projeto popular de educação. Segundo um de seus primeiros estudiosos, Jarbas Maciel, em artigo publicado na revista Estudos Universitários da Universidade do Recife, em junho de 1963, a extensão universitária fazia parte do chamado “Sistema Paulo Freire de Educação”. O golpe civil-militar de 1964 interrompeu os projetos de Paulo Freire no Brasil. (2017, p. 4).

Brandão cita a equipe pioneira de Paulo Freire: Aurenice Cardoso, Jarbas Maciel e Jomard Muniz de Brito em suas cartas. Conforme Brandão:

Finalmente, sobretudo a partir das propostas de Paulo Freire e de sua equipe pioneira, o que se procura estabelecer e difundir é uma experiência de educação que anos mais tarde receberá o qualificador “popular”. Ela, desde os primeiros escritos da “equipe pioneira”, não estará restrita a um método de trabalho, como aquele criado para a alfabetização de adultos, mas como um “sistema de educação” que tem em seu andar térreo a alfabetização, e à cobertura com a proposta de criação de uma *universidade popular*. Isto acontece vários anos antes da reinvenção de propostas de universidades alternativas, livres ou populares que surgem por todo o mundo. (BRANDÃO, 2014, p. 63).

Mais especificamente em uma Carta de Brandão para Paulo Freire, de 1981, encontramos: “[...] Falo dos que saíram no Estudos Universitários de 1963 há um seu [artigo] (histórico, base do Educação como

Prática da Liberdade), um do Jarbas Maciel, um do Jomar Muniz de Brito e um do Aurenice Cardoso. [...]” Já, Paulo (2018, p. 156) explicita que é” possível observar nas palavras de Jarbas Maciel o lugar da universidade popular no Sistema Paulo Freire”. Ainda, segundo a autora:

Em 1963, é apresentada pela equipe de Paulo Freire, a qual trabalhou com ele na antiga Universidade do Recife no *Serviço de Extensão Cultural*, a proposta de amplo sistema de educação de adultos, da alfabetização até a universidade popular (Osmar Fávero, 2013). Essa experiência da universidade popular [...]. Paulo Freire não chegou a escrever sobre o projeto Sistema Paulo Freire, mas em seus livros há poucas, porém expressivas passagens que versam sobre a universidade [...]. (PAULO, 2018, p. 146).

Por fim, o trabalho de Paulo Freire e de sua equipe no Serviço de Extensão Cultural encontra-se presente nas correspondências de Brandão, corroborando para a sistematização da história da Educação Popular como projeto de um Sistema Educacional.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. [Correspondência]. Destinatário: Paulo Freire. Brasil, 1981. carta pessoal.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Paulo Freire: a educação, a cultura e a universidade. Memória de uma história de cinquenta anos atrás. **EJA EM DEBATE**, Florianópolis, ano 3, n. 4. jul. 2014.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?** Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf . Acesso: 10 de maio de 2021.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Pioneiros e pioneiras da Educação Popular freiriana e a universidade**. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2018. 268 f.

Stella Leonardos da Silva Lima Cabassa nasceu no Rio de Janeiro (RJ), no dia 1º de agosto de 1923. Poeta, romancista, teatróloga, tradutora, dramaturga e autora de literatura para crianças. Stella é membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Membro do Instituto Brasileiro de Cultura Hispânica e da Sociedade Eça de Queiroz. Membro da Internacional *Writers and Artists Association*, do *Buffon College*, de Ohio (EUA). Presidente da Academia Carioca de Letras. Secretária Geral da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro. Integrante do PEN Club do Brasil. Fez parte da terceira Geração Modernista, contemporânea de Clarice Lispector. Seu primeiro livro de poesias é publicado em 1941, sob o título *Passos na Areia*. Nos anos de 1942 e 1947, ela traduz obras do catalão, espanhol, inglês, francês, italiano e provençal. Em 1943 e 1945, coordena e escreve diversas peças para um grupo de teatro amador, dentre as peças apresentadas, destaque para: *Guisos e Clarins*, *Muiraquitã* e *Festa da Vitória*. As peças eram apresentadas nos Teatros Municipais do Rio de Janeiro (RJ) e de São Paulo (SP). No ano de 1945, o grupo Teatro do Estudante coordenado por Paschoal Carlos Magno, apresenta uma de suas peças, conhecida como *Palmares*, no evento de inauguração do Teatro Experimental do Negro. Já no ano de 1946, Stella conclui o curso de Letras Neolatinas na Universidade do México. Nos anos de 1948 até 1961, a poetisa realiza a publicação de alguns romances, entre eles: *Quando os Cafezais Florescem* e *Estátua de Sal*. Suas principais obras são *Geolírica* (1966), *Cantabile* (1967), *Amanhecência* (1974) e *Romanceiro da Abolição* (1986).

No decorrer dos anos seguintes, Stella se dedica à literatura infantil, no viés de peças teatrais, prosa, verso e poesia, resultando em mais de 70 livros publicados. Ao longo de sua carreira, recebeu 37 prêmios, e diversas medalhas, condecorações e homenagens distintas, como reconhecimento pela sua dedicação e empenho na produção de suas obras. Dentre sua vasta produção escrita, encontram-se 200 títulos, em vários idiomas. Nove de seus prêmios são oriundos da Academia Brasileira de Letras. Entre as suas diversas premiações, destaque para o Prêmio Olavo Bilac de Poesia, Prêmio Internacional da Cultura Catalã Batista i Roca, TROFÉU RIO, Medalha Machado de Assis da União Brasileira de Escritores de Nova York, Medalha de Mérito Cultural, *Medaile de Vermeil* e Medalha de Ouro.

Com todo seu respaldo, Stella conta com a publicação de quatro títulos realizados pela Editora Kelps, de Goiás. As obras abordam poe-

mas como parte da história e da literatura brasileira. Stella é considerada uma criadora da literatura, principalmente da literatura brasileira. O *Projeto Brasil* aborda as lendas e as histórias dos filhos da nossa terra, contempla a imensidão do Brasil. Tal projeto contempla a obra *Memorial da Casa da Torre*, uma obra literária no qual narra as raízes de cada estado brasileiro, dispõe de estudo e conhecimento poético referente as origens do povo baiano. A obra mencionada trata das primícias de nossa brasilidade. Para Meirelles (2011, p. 02), “a obra é um primor, como tudo o que sai das mãos de Stella Leonardos. Merece um lugar especial em cada biblioteca deste país”. Já nas reflexões de Sonia Sales, membro do Instituto Histórico e Geográfico de SP (2013, p. 01), Stella é mencionada: “sendo a primeira grandeza, brilha em sua total brasilidade com seus cancioneiros, romancistas, memórias, romances, peças de teatro e livros infantis”.

A presença de Stella Leonardos, em cartas de Brandão, procede pela afinidade de ambos os autores no gosto e afeição pela poesia. Como antropólogo, Brandão tem em suas vivências a possibilidade e a aproximação em realizar pesquisas relacionadas à cultura popular, principalmente os rituais católicos presentes nas sociedades rurais. Esse estudo resultou em diversas premiações para Brandão. O gosto em pesquisar a religiosidade popular e, também, alguns rituais folclóricos referentes às sociedades rurais goianas é anterior à práxis, ou seja, bem antes de reconhecer-se poeta. Ainda na adolescência, Brandão inicia seus escritos de poemas. Tais poemas traduzem as experiências e as vivências antes e depois da atuação como poeta. A poesia constitui-se por meio de diversos modos de ver, ouvir, falar, dizer, fazer e viver, seja de lugares, pessoas, objetos, situações, emoções, entre outros tantos aspectos nos quais poderiam ser descritos. A poesia, segundo Brandão, representa o próprio viver. Com uma variedade de escritos em um caderno, Brandão almeja, futuramente, a publicação de tais poesias no formato de livro. Talvez tanto quanto Stella, uma imensidão de poesias publicadas.

Referências

Academia Carioca de Letras. **Perfil Stella Leonardos**. Disponível em: <<https://www.academiadeletras.com.br>

MEIRELLES, Edir. In: **Folhetim da União Brasileira de Escritores** – RJ. Ano IV, de MARÇO A MAIO – 2011, nº XI.

SALES, Sonia. **LINGUAGEM VIVA. Os noventa anos de Stella Leonardos**. 2013. Disponível em: <<https://www.linguagemviva.com.br>

O Teatro possibilita desenvolver um trabalho de conscientização e diálogo sobre as diferentes realidades, além de propiciar um espaço de fortalecimento de lutas sociais, uma vez que não é possível aceitar as desigualdades, que se estabelecem em relações de opressão (dominação), como algo natural das relações culturais humanas. Conforme Boal (2008, p. 246): “nenhuma moral social deve ser aceita só porque faz parte dos costumes e da cultura de um infeliz momento. Não podemos aceitar o latifúndio e a corrupção, nem a fartura vizinha da fome – males da pátria contra os quais temos que lutar”.

Ao encontro da Educação Popular apresenta-se o Teatro Popular, que também refuta a cultura dominante, a maneira “certa” de fazer, elitização que se impõe sobre as tradições e culturas populares, tidas como erradas. O princípio do Teatro Popular é representar, contextualizar e/ou refletir sobre a cultura popular, “é necessário assumir a cultura popular como ‘a’ cultura, como única cultura, e negar os valores da cultura da classe dominante” (BOAL, 1988, p. 85). No entanto, também é preciso compreender a cultura popular como os hábitos, o conjunto de elementos simbólicos do povo. Uma cultura que ocorre no dia a dia, que passa de pai para filho/a, de mãe para filha/o, e que apenas muito recentemente, a partir do século passado, passou a ser encontrada em livros, de literatura e antropologia principalmente, sendo reconhecida como cultura.

Nas cartas de Brandão, há várias menções a grupos de teatro como espaços de organização e fortalecimento de lutas sociais, de resistência, de preservação da cultura popular. O “teatro” encontrado nas cartas remete a um grupo formado por diferentes trabalhadores, que são reconhecidos e reconhecem a sua importância na comunidade, por meio de ações. O teatro, em uma de suas cartas, é visto juntamente com outras ações artísticas; conforme a carta, Brandão (1999) coloca a Arte como linguagem universal “com vistas a uma nova perspectiva de multiplicação de consciência”. No entanto, não coloca o teatro como um espaço de salvação, pois, dependendo da intenção, do enredo, do ponto de vista a ser defendido, pode alimentar a luta, a esperança, a cultura popular, mas também a alienação, a negação e a opressão.

O teatro é tido como um espaço de encontro, nas cartas de Brandão. Um espaço que deve ser fortalecido, pois pode ser potente e enriquecedor nas comunidades e no fortalecimento da cultura popular.

Referências

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

BOAL, Augusto. **Técnicas Latino-Americanas de Teatro Popular**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRUNONI, Caroline. **A Sistematização de Experiência de Relações Culturais de Opressão: Uma Interface entre o Teatro do Oprimido e a Educação Popular**. Dissertação (Mestrado). Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, 2019. Disponível em: https://www.unoesc.edu.br/images/uploads/atendimento/Caroline_Brunoni.pdf Acesso em: 15/08/2019.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PAULO, Fernanda Santos. **Memórias e trajetórias**, sistematização de experiências de Educação Popular e de movimentos sociais. 1ª. Ed. São Paulo, Diálogo Freiriano, 2019.

TALITA ZANFERARI. **Avanços e/ou recuos do Plano Nacional de Educação (2001-2010/2014-2024) para a Educação Superior: (des)construções e perspectivas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste de Santa Catarina, Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior. Orientadora: Maria de Lourdes Pinto de Almeida.

Uma grande escritora, nascida na cidade do México, em 25 de novembro de 1932, poeta e jornalista, estudou Literatura, Redação e estilo no Centro Mexicano de Escritores (CME), na Casa Del Lago, e Letras Modernas, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autônoma do México. Foi diretora editorial de várias revistas e membro dos conselhos de redação de *Manaty* e *Xilote*, além da direção coletiva da revista literária *La Brújula no Bolsillo*. Em 2018, foi reconhecida por diversos autores e autoras como protagonista da literatura mexicana, ato que aconteceu no Palácio das Bellas Artes.

Thelma foi uma poeta da liberdade e da paixão, uma mulher ícone para sua geração, além de ter uma postura contestadora politicamente, como aponta a poeta Lúcia Rivadeneyra. Referia-se como uma mulher amorosa sem restrições, com certa dose de humor e rebeldia, se preocupava em estimular jovens poetas a escreverem, e contribuía para que publicassem seus escritos. Segundo Thelma, “*Y voy a la vida e la muerte o al amor: sin saber nada*”. Em aproximação com Carlos Rodrigues Brandão, trocaram cartas em 1966, onde combinavam o envio de revistas e artigos, mantendo, assim, contato, através do correio. Em algumas cartas, Brandão relatava que havia enviado algumas edições da Revista *Práxis* para Thelma, e pretendia publicar alguns escritos em uma das revistas que ela era diretora no México. Brandão relata, em uma das cartas, que estava com colegas portuguesas em sua casa, terminando alguns escritos, e que iria entrar em contato pessoal com *Thelma Nava [Pajaro Cascabel]*, posteriormente seguindo para o Panamá, Colômbia, Equador, Peru e outras localidades para ver de perto questões como reforma agrária, colonização, comunidades indígenas, e conhecer outras realidades.

Thelma Nava faleceu em 2019, no Canadá, deixando uma grande trajetória através de seus poemas e sua postura apaixonada pela literatura e pela escrita. Assim como Brandão, sentia a vida de forma contestadora e sensível, apreciando e percebendo este mundo para além dos próprios olhos.

Referências

MÉXICO, Secretaria de Cultura, INBAL, Boletim n. 1133, Cidade del México, a 25 de noviembre de 2020. Disponível em: <https://inba.gob.mx/prensa/14832/thelma-nava-poeta-del-amor-y-la-rebeldia>

Disponível em:

<http://arcagulharevistadecultura.blogspot.com/2018/11/thelma-nava-pajaro-cascabel.html>

THIAGO DE MELLO

Jaime José Zitkoski

Thiago de Mello nasceu em 1926 no município de Barreirinha/ Amazonas, mas viveu sua infância e juventude em Manaus.

É um poeta brasileiro reconhecido nacionalmente por sua luta pelos Direitos Humanos. Autor de uma obra vinculada a geração de 1945, que se tornou mais conhecido nos anos 60, principalmente por sua luta contra o autoritarismo e a violência do regime civil militar.

Em 1946 o poeta passa a viver no Rio de Janeiro para cursar Medicina, mas não concluiu o curso, pois preferiu seguir sua carreira literária. No auge da ditadura Militar (66 a 69), Thiago de Mello passou a denunciar os ataques do regime contra os direitos humanos. Nesse contexto, escreveu um dos seus poemas mais famosos: *O Estatuto do Homem*, que diz nos artigos I e II:

Fica decretado que agora vale a verdade.
agora vale a vida,
e de mãos dadas,
marcharemos todos pela vida verdadeira.

Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

O poeta foi perseguido pela ditadura militar, sendo preso. E, após ter provado sua inocência, pediu asilo político. Viveu durante 10 anos no Chile, retornando ao Brasil em 1978.

Thiago de Mello é uma das referências de Carlos Rodrigues Brandão em vários textos e cartas. Mesmo que os dois não tenham trocado correspondências, Brandão faz referência em suas cartas, principalmente nos projetos de pesquisas relacionados a natureza, ecologia, folclore e cultura popular. Em uma carta datada em 1999, Brandão menciona a

conclusão de um projeto intitulado “Caminho das Águas”, onde Thiago de Mello é uma das referências centrais.

Referências

Thiago de Mello: Os Estatutos do Homem (Ato Institucional... Disponível em <https://www.pensador.com/frase/NTIwNTA5/>. Acesso: 25 abr.2021.

Thiago de Mello. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Thiago_de_Mello. Acesso: 25 abr.2021.

TITANE

Bernadeth Maria Pereira
Makely Ka

Ana Iris Teixeira Silveira (1960) sempre foi chamada de Titane, inclusive pela sua família, e cresceu achando que seu nome era esse. Cantora e interprete por excelência, Titane foi gerada e gestada em Oliveira-MG, e foi para São João Del Rei-MG, apenas para nascer, porque em Oliveira não tinha recursos médicos. Titane foi casada com o dramaturgo, ator e diretor João das Neves (1934-2018), com que teve uma filha, Maria Iris (TITANE, 2020).

Titane é a cantora mais representativa da música em Minas Gerais, do final do século passado até hoje. Sua trajetória se confunde com a própria história da música mineira nas últimas décadas. Não houve, nesse período, um movimento com contornos claros e demarcados como o Clube da Esquina, mas houve revoluções musicais tão importantes quanto, porém mais sutis, subliminares, imperceptíveis para muitos, mas fundamentais para quem acompanha a cena e se alimenta dela. A cantora participou de toda essa movimentação posterior ao Clube, e de forma tão orgânica e intensa que chega a ser inconcebível traçar um histórico da música mineira, nesse período, sem encontrar seu nome protagonizando diversos movimentos. Em constante busca por musicalidade e timbres harmoniosos, Titane trabalha com instrumentistas, arranjadores e compositores de excelência, que utilizam desde orquestras de câmara e sinfônica até programações eletrônicas em seus arranjos. Assim, a cantora abriu uma nova perspectiva para a música mineira, e nivelou a produção local a uma tendência importante na música brasileira, ou seja, de intérpretes femininas precursoras dos avanços e das inovações musicais.

Seu primeiro grupo, o *Mambembe* (1979-1981), utilizou a música e a poesia contra a opressão imposta pelo governo militar. Em plena Campanha pela Anistia, levava a arte em bairros da periferia e sindicatos, onde o povo estivesse. O *Mambembe* teve sua história resgatada no livro *Pequena História que Virou Canção* (CAMARGOS, 2017). Ainda em 1981, Titane participou do primeiro LP do *Mambembe* e passou a integrar o grupo *Curare* (1981/84), partindo para espetáculos multimídia e se aproximando do universo indígena e das percussões tribais. Da parceria com os compositores Eugênio Gomes, Osias Neves e Danilo Pereira, nasceu o LP *Arraial na voz de Titane* (GOMES et al, 1985). Como produtora musical, registrou o congado mineiro em um disco pioneiro, *Os Negros do Rosário* (1985), gravado ao vivo, durante a Festa do Congo, em Oliveira, MG, com apresentação do educador e antropólogo Carlos Brandão. *Titane* (1986) reflete um repertório entrelaçado por diferentes gêneros musicais, ao reunir o *Uakti*, grupo instrumental contemporâneo, contrastando com a *Guarda de Moçambique de Nossa Sra. Do Rosário*, Oliveira-MG, e a música tradicional das regiões do Norte de Minas e do Vale do Jequitinhonha, sua meca cultural (TITANE, 2009). Em 1987, Titane produziu e teve participação especial no disco *Voo das garças*, de Zé Coco do Riachão, immortalizando a arte da rabeça e da viola de uma das genialidades incrustadas no interior mineiro. Nesse mesmo ano, ao lado de vários intérpretes e de diversos grupos de congado e folia-de-reis, gravou o disco *Ternos cantadores* (1987), com produção do Sesc/MG. Destaca-se o trabalho vocal e corporal de Titane, definitivamente marcado pela técnica corporal de Klaus Vianna, precursor dos conceitos de Consciência/Expressão Corporal, associados à materialidade do corpo (1989 a 1991). Até 1992, Titane viveu em conexão constante entre Minas e São Paulo.

No CD *Verão de 2001* (1990), produzido por Zuza Homem de Mello, Titane assumiu a interpretação de autores clássicos da MPB, como Milton Nascimento, Caetano Veloso, João Bosco, Juca Filho e Luiz Tatit. Em 1992, começou a produzir o espetáculo *Inseto Raro*, que foi longe, circulou pela Bolívia, pelo Brasil e pela Europa (Alemanha: Frankfurt, Bonn, Colônia, Darmstadt, Berlim; Itália: Trento, Rovereto, Milão; Lituânia: Nida, Juodekrant). O sucesso do espetáculo *Inseto Raro* foi tão grande que, com direção de João das Neves, o CD, de mesmo nome, foi gravado ao vivo, no *Teatro Casa da Ópera*, em Ouro Preto (1995).

Ainda em 1995, realizou uma série de shows, dirigidos por João das Neves e com a participação de vários *Ternos do Reinado do Rosário*, especialmente, a *Guarda de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês*. Esses encontros, com as raízes ancestrais das *Guardas do Reinado*, aconteceram ao longo de vários anos, em muitos e diferentes “palcos” e cidades, incluindo Paris, dentro das programações do *Ano Brasil na França* (2005). O CD

Sá Rainha (2000) foi resultado desses espetáculos, e um deles foi registrado, ao vivo, no Teatro Nansen Araújo/BH, em 2003, compondo o DVD *Sá Rainha* (2016).

Estimulada pelo desejo de se apresentar acompanhada por coro, Titane promoveu oficinas de iniciação artística para jovens, em parceria com o diretor de teatro João das Neves e com a preparadora corporal Irene Zivianni. O resultado dessa oficina foi o espetáculo *Titane e o Campo das Vertentes* (2005), que reuniu a contemporaneidade das músicas de Makely Ka e a ancestralidade das composições de Sergio Pererê. A gravação do DVD *Titane e o Campo das Vertentes* (2012) só aconteceu depois de sete anos do espetáculo ter circulado por cidades de Minas e de outros Estados.

O CD *ANA* foi gravado em 2008, e reúne composições dos principais artistas da nova cena da música mineira, que despontaram no movimento Reciclo Geral, como Kristoff Silva, Érika Machado, Mestre Jonas, Dudu Nicácio e Makely Ka. O disco foi produzido por Renato Villaça e disponibilizado gratuitamente na internet em 2008, numa atitude pioneira. O lançamento em CD aconteceu em um show com vários recursos tecnológicos, de grande impacto estético e conceitual, em 2010, no Teatro da Biblioteca Pública Municipal de Belo Horizonte. O CD *Paixão e Fé* (2016), parceria entre Titane e Túlio Mourão, foi gravado em Congonhas do Campo-MG, quando o rompimento da barragem do Fundão, em Mariana, completou um ano. O show *Paixão e Fé - Manifesto* percorreu mais de vinte cidades mineiras, propondo uma reflexão da dimensão crítica e reflexiva da arte, sobre os impactos ambientais e humanos da mineração em Minas, incluindo a tragédia de Brumadinho. No álbum *Titane canta Elomar - Na estrada das areias de ouro* (2018), a interprete se apropria do repertório de um dos mais sofisticados e ariscos compositores do cancioneiro nacional, dono de melodias intrincadas e um vocabulário particular. Titane assimila o universo do outro, sem o desconfigurar, criando algo totalmente novo e único, a partir de uma matéria-prima que ela respeita e estima (TITANE, 2020). A cantora tem especiais gravados para a *Rede Minas de Televisão*, *TV Cultura/SP*, *TVE do Rio de Janeiro* (TITANE OFICIAL, S/D). Os 60 anos de Titane foram celebrados com 4 lives transmitidas pelo Instagram e YouTube, que passearam pelas diferentes fases de sua trajetória: grandes sucessos que marcaram sua carreira; canções da música brasileira, transitando entre Chiquinha Gonzaga, Chico Buarque e Chico César; músicas do *Clube da Esquina* e de *Elomar*.

O repertório de Titane, sempre híbrido, é o equilíbrio entre tradição e modernidade. Titane desvelou, para o Brasil e o mundo, o universo das tradições mineiras: os autos populares ligados a grupos negros, elementos de uma cultura genuína, quase esquecida. Incorporou essas refe-

rências ao seu trabalho de uma forma indissociável e orgânica, com profundo respeito e admiração por essas matrizes e tradições. Por outro lado, Titane é referência imprescindível da produção musical contemporânea do estado, dialogando com os mais importantes movimentos artísticos do país, com destaque para sua relação direta com a Vanguarda Paulista, da qual foi porta-voz em Minas. Evidenciam-se as presenças de *Gilvan de Oliveira*, *Hufo Herrera*, *André Dequech* e do UAKTI. Os cantores e compositores de sua geração, como o paulista *Luiz Tatit*, o paraibano *Chico César*, o pernambucano *Lenine*, o goiano *Juraildes da Cruz*, o mineiro *Dércio Marques*, o maranhense *Zeca Baleiro*, os paulistas *Edvaldo Santana*, *André Abujamra* e *Maurício Pereira*, da dupla *Mulheres Negras*, dentre outros, são parceiros de Titane. Ela também se envolveu com importantes grupos instrumentais, como o *Zona Azul* e o *Duo Fel*. No início dos anos 2000, Titane participou ativamente de um evento que se tornou um marco na cena musical de Minas, ocorrido na sede da ASMARE, a Associação dos Catadores de Papel de Belo Horizonte. O evento ficou conhecido como *Reciclo Geral*. Ela acompanhou toda a movimentação, e esteve presente tanto nos palcos como nos bastidores. Também, participou de um disco que foi um desdobramento desse movimento, o álbum coletivo chamado *A Outra Cidade* (2003), produzido por três jovens compositores, reuniu mais de 70 músicos da cena local. A trajetória artística de Titane é símbolo de uma tomada de posição frente a um fato histórico e social que vem sendo delineado nas últimas décadas e que confirma um movimento mundial de reconhecimento do valor da mulher na sociedade. A cantora é um dos símbolos femininos, e representa tanto a voz que se levanta contra o opressor, quanto a voz que canta para ninar os filhos. Titane, em sua ação criativa, produz constantemente novidades musicais, desfruta e vivencia a interação entre o coletivo, a ecologia e as artes. Seu universo musical é diferenciado, sendo que a prevalência rítmica e a dança constituem o caráter dominante. O trabalho de Titane, marcado por fortes parcerias e pelo primor estético, é uma referência brasileira com repercussão internacional.

Referências

CAMARGO, TONINHO. **Editora Pequena História que Virou Canção**. Mundo Produções/Editora Recanto das Letras, ISBN: 978-85-69943-29, 2017

TITANE. Entrevista.[27 de junho, 2009]. Belo Horizonte: **Caderno Pensar do Estado de Minas**. Entrevista concedida a Eduardo Tristão Girão. Disponível em: <http://www.caleidoscopio.art.br/titane/index.htm> Acesso em: jan. 21.

TITANE, **Titane Oficial**. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/titanemedia/about> Acesso em: jan. 21.

TITANE. **Titane completa 60 anos**. Entrevista. [21 de julho, 2020]. Belo Horizonte: Esquina Musical. Entrevista concedida a Raphael Vidigal. Disponível em: <https://esquinamusical.com.br/titane-completa-60-anos-e-afirma-a-musica-e-capaz-de-reinventar-a-vida/> Acesso em: jan. 21.

GOMES, E; NEVES, O; PEREIRA, D. **Arraial na voz de Titane**. (LP). Belo Horizonte: Gravadora RCA. 1985. Disponível em: <http://www.escriitoriodehistorias.com.br/modules/news/article.php?storyid=83> Acesso em: jan. 21.

Discografia

- (2018) **Titane canta Elomar - Na estrada das areias de ouro**. CD. Estúdio Engenho. Independente.
- (2017) **Paixão e Fé**, em parceria com Túlio Mourão. Museu de Congonhas do Campo-MG. Independente.
- (2016) **Sá Rainha**. DVD. Independente.
- (2012) **Titane e o Campo das Vertentes**. DVD. Independente.
- (2008) **Ana**. CD. Independente.
- (2000) **Sá rainha**. CD. Lapa Discos.
- (1999) **Verão de 2001**. CD. Lapa Discos.
- (1999) **Titane**. CD. Lapa Discos.
- (1996) **Inseto raro** – CD gravado ao vivo. Atração Fonográfica.
- (1990) **Verão de 2001**. LP. Estúdio Eldorado.
- (1986) **Titane**. LP. Independente.
- (1985) **Arraial na voz de Titane**. LP. Independente.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

Fernanda dos Santos Paulo
Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire e Educação Popular

A Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), foi fundada em 1962; uma universidade pública do estado de São Paulo, considerada uma das melhores universidades do país e da América Latina. A Uni-

camp é responsável por um número significativo da produção científica brasileira e possui mais de 70 cursos entre graduação e pós-graduação. Na área da educação encontramos docentes vinculados aos estudos sobre Educação Popular. No atual contexto, temos a professora Débora Mazza que publicou e trabalhou com Paulo Freire, bem como pesquisadora Ni-ma Imaculada Spigolon, companheira de pesquisa de Carlos Rodrigues Brandão.

Brandão trabalhou na Unicamp e, em muitas cartas, a universidade é citada. Entre os anos de 1964 a 1980 a instituição foi citada 159 vezes nas cartas de Brandão. Entre 1981 a 1995 a UNICAMP foi mencionada, nessas correspondências, 165 vezes. Algumas passagens da presença da UNICAMP nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão:

1976: "Estou contente pelo encaminhamento da vinda de vocês para a UNICAMP. Alguns pontos devem ser esclarecidos, a) Tempo integral na UNICAMP (pelo menos no IFCH), não quer dizer "todo o dia o dia inteiro na universidade". Todos nós, antropólogos com tempo integral, vamos a universidade no máximo três dias por semana. [...]" (Carlos Rodrigues Brandão).

1977: "UNICAMP: Um anúncio do tipo "UNICAMP precisa de dois antropólogos com mestrado". Acabaram sendo três antropólogos e fui um deles. Um dia, quando a gente abriu a porta da cozinha descobriu que não tinha amanhecido era Goiânia, mas em Campinas." (Carlos Rodrigues Brandão).

1977: "Estou muito feliz na UNICAMP." (Carlos Rodrigues Brandão).

1977: "Recebi um convite para ir para a Universidade de Brasília. Mas as condições de trabalho aqui na UNICAMP são de tal ordem que me parece quase insano sair daqui para qualquer lugar deste país." (Carlos Rodrigues Brandão).

1980: "E Campinas como vai? Agora com o Paulo Freire aí pode-se pensar mais realisticamente no tal mestrado em educação popular." (De Vanilda Paiva para Brandão).

1981: "Aqui em Campinas tem um pessoal de teatro. Um pessoal excelente em termos de dicção. São 'A turma do Vitor' que fez a peça paulista mais premiada do ano de 80. Eles são da UNICAMP e seria muito fácil um contato com eles." (Carlos Rodrigues Brandão).

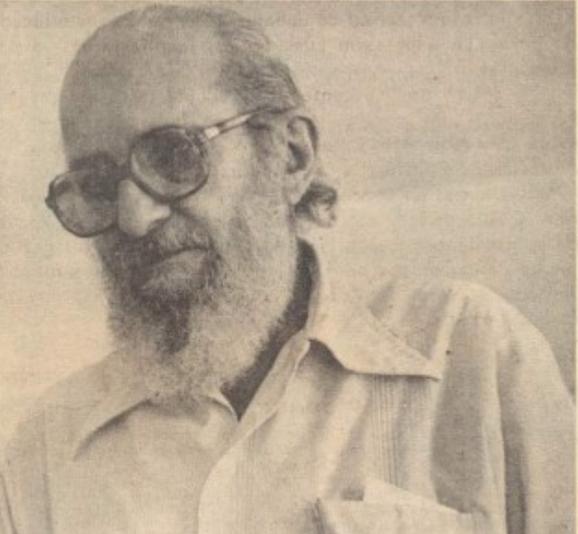
Sobre a trajetória teórico-prática de Brandão Paulo (2018) apresenta sua relação entre militância na Educação Popular e na docência na Educação Superior. Um outro destaque, localizado nas cartas de Brandão referindo-se a Unicamp, é sobre o retorno do Paulo Freire ao Brasil que iria trabalhar na PUC de São Paulo e na Unicamp. Destacamos que Brandão reporta-se ao trabalho de Educação Popular que poderiam desenvolver na universidade. Sobre isso, localizamos no Jornal da Educação do CEDES uma notícia que ratifica o que se discutia nas cartas de Brandão:

Jornal da Educação 3

Paulo Freire volta a trabalhar no Brasil em agosto

O educador Paulo Freire deverá vir em definitivo para o Brasil no próximo dia 2 de julho. Aqui ele desenvolverá trabalhos voltados à educação popular: na Unicamp, na PUC de São Paulo e junto aos grupos da Igreja que atuam na periferia paulistana. Paulo Freire esteve dia 24 passado, no Centro de Estudos, Educação e Sociedade e na Faculdade de Educação da Unicamp, quando trocou ideias com educadores sobre seus planos de trabalho aqui no Brasil. (Ver noticiário em coluna local desta edição).

O educador brasileiro se desfilará do Conselho Mundial de Igrejas, com sede em Genebra, em junho próximo, mas continuará ligado ao IDAC — Institut D'Action Culturelle, órgão que ele próprio criou em Genebra, capital suíça, para desenvolver trabalhos de assessoria em programas de educação de vários países no mundo todo. Segundo informou o próprio Paulo Freire, o IDAC será transferido para o Brasil, com sede no Rio de Janeiro.



Referências

CENTRO DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO E SOCIEDADE (Cedes). *Jornal da Educação. Os planos de Paulo Freire*. Campinas: Cedes - abril de 1980- Ano 1- nº Zero. p.3.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Pioneiros e pioneiras da Educação Popular freiriana e a universidade**. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2018. 268 f.

VANILDA PAIVA

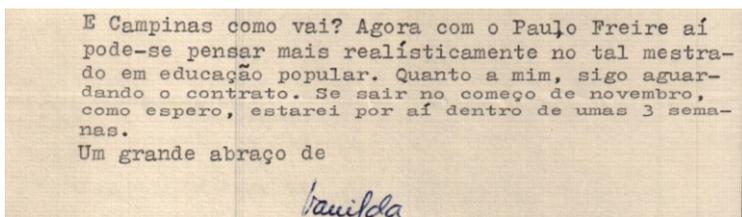
Fernanda dos Santos Paulo

Vanilda Pereira Paiva nasceu em 1943, na cidade do Rio de Janeiro. Iniciou seus estudos superiores em 1962, na Universidade do Brasil. Em 1965, concluiu a graduação em Pedagogia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Nessa mesma instituição, foi docente e exerceu o cargo de diretora do Setor Educação do Programa de Extensão Universitária dessa universidade. Fez o Mestrado em Planejamento Educacional, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, finalizando-o em 1972, e publicando o seu trabalho em 1973. Seu curso de doutorado em Educação, realizado com bolsa, na Universidade de Frankfurt/M (Johann-Wolfgang-Goethe), foi concluído em julho de 1978.

Vanilda é professora aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi diretora do INEP, pró-reitora da UFRJ e coordenadora da comissão “Educação e Sociedade” do Conselho Latino Americano de Ciências Sociais (CLACSO), representando o Brasil. Foi presidente do Conselho Diretor do Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada (IEC), Rio de Janeiro. Dedicou parte da sua vida profissional à realização de pesquisa e ação social; entre os temas de investigação, estão: educação popular e igreja, questão agrária, educação e trabalho. Uma das experiências no campo da Educação Popular decorre de sua participação no programa de extensão universitária da UFRN.

Apresento fragmentos da carta escrita por Vanilda Paiva, em outubro de 1980, para Brandão⁵⁵:

⁵⁵ Ano em que Paulo Freire retoma a sua vida universitária na UNICAMP e na PUC-SP.



Arquivo de Brandão

Vanilda Paiva (1980) escreveu um capítulo do livro “*A Questão Política da Educação Popular*”, organizado por Brandão, intitulado como *Estado e Educação Popular*. No currículo lattes de Vanilda Paiva, localizamos livros, artigos, palestras e trabalhos apresentados sobre Educação Popular, sobretudo na década de 1980. Para explicitar, cito alguns:

1. PAIVA, V. Educação Popular. 1980. (Curso de curta duração ministrado/Especialização).
2. PAIVA, V. Políticas e práticas da educação permanente e da educação popular numa sociedade democrática. 1980. (Mesa).
3. PAIVA, V. Paulo Freire, educação popular e autoritarismo. 1981. (Apresentação de Trabalho/Outra).
4. PAIVA, V. Educação Popular na América Latina. 1982. (Apresentação de Trabalho/Outra).
5. PAIVA, V. Educação Popular no México e na América Latina. 1982. (Participação).
6. PAIVA, V. A Igreja e a Educação Popular no Brasil. 1983. (Curso de curta duração ministrado/Especialização).
7. PAIVA, V. . Educação popular: Educação escolar e não Escolar. 1984. (Curso de curta duração ministrado/Especialização).
8. PAIVA, V. Ciclo de Conferências sobre : Igreja e Educação Popular. 1984. (Participação).
9. PAIVA, V. . Isebianismo, Populismo e Educação Popular. 1986. (Palestra).

Para Paulo (2018), Vanilda Paiva compoe o quadro de educadores e educadoras que produziram conhecimento sobre a história da Educação Popular, assim como Paulo Freire, Osmar Fávero, Carlos Rodrigues Brandão, Celso Beisiegel, entre outros.

Referências

PAIVA, V. Estado e Educação Popular. In: C. Brandão. (Org.). *A Questão Política da Educação Popular*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Pioneiros e pioneiras da Educação Popular freiriana e a universidade**. Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2018. 268 f.

VÍCTOR LIDIO JARA MARTÍNEZ

Elisangela Trevisan

Victor Jara nasceu em Santiago, onde cresceu, estudou e tornou-se professor, diretor de teatro, poeta, cantor, compositor, músico e ativista político chileno. Sua carreira musical vinculou-se ao movimento *Nueva Canción Chilena*, que revolucionou a música popular do país durante o governo de Salvador Allende. Ele gravou oito discos, e lançou mais três ao vivo, contendo hinos que se espalharam pela América Latina, como *Te Recuerdo Amanda*, especialmente, e *A Desalambra*, original do uruguaio Daniel Viglietti. Professor da Faculdade de Comunicação da UTE, Víctor Jara militava no Partido Comunista, havia apoiado a eleição de Allende pela Unidade Popular, em 1971, e firmava-se como o maior nome da canção de protesto em seu país. Jara foi um dos principais nomes do movimento Canção Nova, cujas músicas tornaram-se símbolo da luta do povo chileno por transformações sociais. Além desse elemento de representação do trabalhador chileno, ao fim da canção há uma mensagem de esperança em relação ao futuro: “*Nunca es tarde me dice ella/ La paloma volará/ Como el yugo de apretado/ Tengo el puño esperanzado/ De que todo cambiará*” (JARA, 1966, Faixa 1). Depois de morto, suas canções foram gravadas em todo o mundo, e viraram sinônimo da resistência aos crimes da ditadura de Pinochet.

Também foi militante do Partido Comunista chileno e secretário de Cultura do governo de Allende, e, durante o governo de Salvador Allende, recebeu o título de Embaixador Cultural do Governo Popular, com a função de promover uma divulgação internacional do processo político chileno da época, a “via pacífica ao socialismo” (SCHMIE-DECKE, 2013, p. 88). Ele foi preso no dia seguinte ao golpe, na universidade onde dava aula. Ao chegar ao estádio, o músico teve os ossos das mãos esmagados pelas botas dos soldados e por golpes de fuzil, na frente de todos. O objetivo era que não pudesse mais compor. Mesmo assim, ele conseguiu escrever um poema, que foi entregue aos companheiros de cárcere, que providenciaram cópias e conseguiram preservá-lo, dando-

lhe mais tarde o título de “Estádio Chile”: *"Somos cinco mil aquí/ en esta pequeña parte de la ciudad/ (...) Seis de los nuestros se perdieron/ en el espacio de las estrellas./ Uno muerto, un golpeado como jamás creí/ se podría golpear a un ser humano./ Los otros cuatro quisieron quitarse/ todos los temores, / uno saltando al vacío./ otro golpeándose la cabeza contra un muro/ pero todos con la mirada fija en la muerte./ ¡Qué espanto produce el rostro del fascismo!"*.

O cantor e compositor chileno Victor Jara foi assassinado logo após o golpe militar de 11 de setembro de 1973, comandado pelo general Augusto Pinochet. O brutal assassinato de Jara, então militante do Partido Comunista, somente foi reconhecido pelo Estado chileno em 1990, por meio da Comissão da Verdade e da Reconciliação. Ele foi assassinado a tiros, no dia 16 de setembro, no Estádio Chile, rebatizado com seu nome em setembro de 2003. O crime aconteceu no Estádio Chile, que serviu de prisão para milhares de militantes, segundo lembrou Paulo Kautscher, em texto publicado no *Luis Nassif onLine*. No texto, Kautscher destaca trechos de “*No Olho do Furacão*”, do jornalista brasileiro Paulo Cannabrava, a partir de relatos de quem esteve lá, segundo ele. O Estádio do Chile havia sido transformado em campo de concentração da ditadura que, depois de assassinar o presidente Salvador Allende, assaltou o poder. Os ataques da Brigada Lobo, que é acusada de possuir Carabineros (policiais) entre seus integrantes, fazem parte da tentativa da extrema direita chilena de disputar a memória do período da ditadura militar. Setores da direita chegaram a lançar uma campanha para que o Museu de Direitos Humanos exibisse “os dois lados da história” sobre a ditadura, ou seja, que reproduzisse as mentiras dos generais e torturadores. A historiadora Sônia Sílvia Simões, que fez pesquisas sobre a carreira de Víctor Jara e, em sua dissertação, trabalhou sobre as causas de sua prisão e morte, concluiu que esse artista era um dos músicos mais participativos em relação ao diálogo com o povo, pois o mesmo constituiu sua carreira “intervindo no espaço público e propondo a construção de uma cultura popular; Víctor e sua obra voltavam-se intencionalmente à construção de uma contra-hegemonia que tivesse como protagonistas os setores populares [...]” (2011, p. 235). Foi um compositor que, assim como outros do movimento, não se limitou a se posicionar somente através de sua produção, mas também militou quando não estava exercendo suas funções artísticas. Para Víctor “O verdadeiramente revolucionário está atrás do violão, quando o cantor não canta, quando é [...] um trabalhador a mais que coloca a arma do seu talento a serviço do processo que vivemos.” (JARA apud SCHMIEDECKE, 2013, p. 80).

Víctor é citado nas cartas de Brandão, onde defende com vigor a construção de uma cultura popular, militou e dialogou com o povo na luta por transformações sociais e igualdades.

Referencias

BRANDÃO, Carlos Rodrigues [Correspondência]. Destinatário: Carlos Hasenbalg. Campinas, 03 de outubro de 1980. 1 carta pessoal.

CANNABRAVA, Paulo. **No olho do furacão**: América Latina nos anos 60/70. São Paulo: Cortez, 2003.

JARA, Víctor. El Arado. In **Víctor Jara**. Santiago: Demon, 1966. Web. Faixa 1.

SCHMIEDECKE, Natália Ayo. **“Tomemos la historia em nuestras manos”: utopia revolucionária e música popular no Chile (1966-1973)**. 297 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2013. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/93254>> Acesso em: 6 Mai. 2016.

SIMÕES, Sílvia Sônia. **Canto que ha sido valiente siempre será canción nueva: o cancionero de Víctor Jara e o golpe civil-militar no Chile**. 2011. 428 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

ZWINGLIO MOTA DIAS

Mirian Gregorio Ferreira

Mineiro, Zwinglio nasceu em 1941 na cidade de Passa Quatro. De tradição pietista, ainda na adolescência se sentiu impelido a dedicar sua vida à Teologia. Sua grande inspiração foi o professor Rubem Alves. Aos 19 anos, ingressou no Seminário Presbiteriano de Campinas (SP) e se ligou à União Cristã dos Estudantes do Brasil (UCEB). Também participou na estruturação da Associação Cristã de Acadêmicos de São Paulo. Nesse período, estava claro para ele a intersecção entre teologia e política.

Em 1960, seguiu para a *‘Facultad Evangélica de Teología’*, de Buenos Aires, Argentina, onde se graduou em Teologia, em 1963 (PPCR, 2012). De volta ao Brasil, em 1964, atuou como pastor nas periferias do Rio de

Janeiro, foi tradutor e militante ativo do movimento ecumênico (ROSA, 2012).

No ano de 1970, foi preso pela ditadura militar. Zwinglio não sofreu violência física diretamente; entretanto, foi psicologicamente traumatizado ao ser levado a ver outros presos sendo torturados (ROSA, 2012). Após deixar o país, em 1971, permaneceu por dois anos em Montevideu, Uruguai. Em contato com a igreja Metodista, começou a desenvolver trabalhos de ação social e política. Dirigiu a publicação da “Carta Latino-Americana”, do movimento ISAL (Igreja e Sociedade na América Latina), e colaborou na publicação da Revista “Cristianismo y Sociedad” (PPCR, 2012).

Na Alemanha, entre 1974 e 1978, fez estudos de Doutorado na Universidade de Hanburg. Ao retornar ao Brasil, atuou como professor no Seminário Teológico da Igreja Metodista no Rio de Janeiro, até 1981; neste mesmo período, assumiu a secretaria executiva da Organização Não Governamental (ONG) ecumênica ‘Centro Ecumênico de Documentação e Informação’ (CEDI), onde permaneceu até 1994. Foi diretor da Revista ‘Cristianismo y Sociedad’, de 1980 a 1982. De 1982 a 1989, foi professor de tempo parcial do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). De 1984 a 1992, coordenou o grupo consultivo do “Programa de Missão Rural e Urbana”, do Conselho Mundial de Igrejas. Em 1993, foi professor-visitante do *Mc Cormick Theological Seminary*, em Chicago, Estados Unidos. Em 1995, esteve como professor-visitante do *Emmanuel College* da Victory University, de Toronto, Canadá. Em 1998, voltou a atuar definitivamente como docente do Departamento de Ciência da Religião (PPCR) -UFJF. Aposentado em 2011, manteve suas atividades como professor convidado no PPCR, além de integrar a Assembleia da ONG ‘Koinonia – Presença Ecumênica e Serviço’ (PPCR, 2012).

Por seu brilhantismo, Zwinglio recebeu manifestações honrosas. No ano de 1988, a Medalha Pedro Ernesto, da Prefeitura do Rio de Janeiro, e, em 2010, foi homenageado com o Título de Cidadão Honorário de Juiz de Fora – MG, pela Câmara Municipal.

Zwinglio Mota Dias tem vasta produção bibliográfica. Suas obras tratam sobre teologia, história da Igreja, entre outros temas; dentre elas, estão: ‘*A reinvenção do protestantismo reformado no Brasil: exercícios teológicos frente à crise de identidade do protestantismo reformado no Brasil*’, 2017; ‘*Os vários rostos do fundamentalismo: Fórum Ecumênico Brasil*’, 2009; ‘*Discussão sobre a igreja*’, 2013.

Zwinglio é citado por Brandão em uma de suas cartas direcionadas a João Barreiro, em agosto de 1979. No ensejo, Brandão refere-se a

“nosso bravo Zwinglio”, e comenta sobre sua participação em uma seleção de textos para compor o documento *Religião Popular no Brasil*.

Referências

CNPQ. Currículo do sistema de Currículos Lattes. Informações sobre Zwinglio M. Dias. **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico**, 2016. Disponível em:

<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4734997A6>>. Acesso em: 21 maio 2020.

PPCR. **Prof. Zwinglio recebe título de cidadão juiz-forano**. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2012. Disponível em:

<<https://www.ufjf.br/ppcir/2012/05/22/prof-zwinglio/>>. Acesso em: 22 maio 2020.

ROSA, Vanderley Pereira da. **O Sonho Ecumênico**. Documentário. Faculdade Unida de Vitória, 2012. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=dxLxbqsEdFM>>. Acesso em: 20 maio 2020.

YÊDA SCHMALTZ

Adriana Gaio
Fernanda dos Santos Paulo

Poetisa brasileira e escritora, nascida em 8 de novembro de 1941, no Recife, mas viveu a maior parte em Goiás, lecionando na Universidade Federal de Goiás. Sendo membro do Grupo de Escritores Novos (GEN).

Suas experiências em arte e cultura tornaram-na conhecida no mundo inteiro, recebendo vários títulos e prêmios, por meio de sua poesia lírica, com temas mitológicos e filosóficos. Tornou-se uma das maiores vozes literárias do Brasil. Foi autora de várias obras Nacionais e Internacionais, dentre elas - *A alquímia dos nós*, 1979.

Nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão, Yêda Schmaltz é mencionada; e a carta destinada a Yêda, escrita em 14 de fevereiro de 1980, narra seu encontro com os poemas do livro *A Alquímia dos nós*. Brandão demonstrou grande interesse no livro e lamentou pela não leitura dos belos

e encantadores poemas antes, escritos pela linda, sábia e amada **bruxa Yêda**, que conseguia, através das palavras, transformar elementos, sons e letras em magia. Vieira Júnior (2009) apresenta a obra completa da Yêda Schmaltz, em especial *A alquimia dos nós*, trazendo teses, dissertações e outros trabalhos publicados sobre a escritora.

Nas cartas de Brandão, podemos perceber o interesse dele pela leitura da poesia da escritora Yêda Schmaltz, pela rotina e coragem da poetisa em transformar palavras em magia, como uma forma de arte e cultura nas suas obras.

Referências

SCHMALTZ, Yêda. **A alquimia dos nós**. Goiânia: Secretaria de Educação e Cultura, 1979.

VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. **Eros reinventado**: uma leitura da poesia de Yêda

Schmaltz [manuscrito] Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2009. 187 f.

WALTER BENJAMIN (1892-1940)

Coletivo Leituras Benjaminianas (UFES)

Não nos é nada trivial falar de um intelectual tão *sui generis* como Benjamin, sobretudo, em uma tradição cultural que funciona perfeitamente ajustada a classificações, com organizações burocráticas que acomodam pessoas e suas produções científicas, artísticas e filosóficas em áreas, tipos, preceitos, *gavetas*. Daí já deriva a enrascada que é debruçarmos sobre uma mente assaz brilhante, que se interessou muito menos por sistematizações teóricas e muito mais pela *vida vivida* dos sujeitos – não a ideia, sempre o fenômeno, o *movimento* (ARENDDT, 2008). Talvez por isso, Benjamin tenha despertado menos interesse nos catedráticos e uma maior curiosidade nos estudantes. Talvez por isso, tenha sido discípulo de ninguém, e, de forma análoga, não teve êxito em sua *Habilitation* como professor universitário (BENJAMIN, 2011).

O inquietante pensador judaico-alemão Walter BenedixSchönflies Benjamin nasceu no dia 15 de julho de 1892, em Berlim, em uma família de classe média-alta. Muito cedo, investiu seus estudos na filosofia, e se filiou ao Instituto de Pesquisa Social, em Frankfurt. Com a ascensão do

nazismo, exilou-se em Paris, no ano de 1935, e experimentou anos de escassez e solidão no entre guerras. Em 1940, na fronteira com a Espanha, quando sentiu que sua existência estava em perigo, optou pela própria morte, no 26º dia do mês de setembro. A publicização da obra benjaminiana, desde a sua morte até meados dos anos 1970, foi conduzida por dois de seus amigos: o pensador marxista Theodor W. Adorno (1903-1969) e o teólogo judeu Gershom Gerhard Scholem (1897-1982). Na década de 1980, foram editadas suas obras completas, e, nos debates, começam a aflorar reflexões que buscam caminhos entre suas fontes teológicas e marxistas (KOTHE, 1985).

Um forasteiro, um marginal, um pensador poético das fronteiras! Seu “[...] pensamento não pretendia nem poderia chegar a afirmações obrigatórias de validade geral, [desejava] [...] que estas [fossem] [...] substituídas, como Adorno observa criticamente, ‘por afirmações metafóricas’” (ARENDDT, 2008, p.178). Sob esse prisma, Benjamin se interessou pelas transformações sociais de seu tempo, e buscou esses ecos na cultura, muitos deles guardados nas *Passagens*, sua obra não concluída e de maior ambição, constituída quase que inteiramente de citações (BENJAMIN, 2009).

Benjamin manteve estudos sobre temas como arte, arquitetura, moda, costumes, infância, literatura, entre outros; todos profundamente amarrados sob a ótica da *constelação de conceitos*, que habilmente desenvolvia. Inconformado com a ideia de uma história linear, contínua e favorável ao acúmulo do capital, buscou combatê-la com teses em oposição aos *ventos do progresso* (BENJAMIN, 2020). Refletiu sobre a modernidade a partir de obras literárias, com destaque à poesia baudelariana (BENJAMIN, 2015). Apesar de alguns tradutores e estudiosos da obra benjaminiana sublinharem certo hermetismo, facilmente se reconhece de que lado da história Walter Benjamin procurou estar: do lado dos vencidos!

Não é por acaso que em uma das cartas a Carlos Rodrigues Brandão, datada do mês de abril de 1999, o nome de Benjamin aparece junto ao de Ecléa Bosi, Susan Sontag e Michael Taussig. Em *leituras a contrapelo*, conceitos como história, memória, experiência e cultura surgem na obra de Benjamin. Inicialmente, alguns deles em decorrência de sua aproximação com a filosofia kantiana em estudos da juventude, e, posteriormente, essas reflexões são nutridas à luz do materialismo histórico, ainda que seu pensamento tenha sido considerado por Adorno e Horkheimer “não dialético” (ARENDDT, 2008), haja vista seu marxismo singular pouco compreendido por grande parte dos catedráticos. Se por um lado Theodor Adorno continuava “[...] próximo da dialética clássica de Hegel e de Marx, em seu reconhecimento da importância crucial das *mediações*, e Benjamin se inclinava para uma valorização maior de algu-

mas formas de conhecimento *imediate*” (KONDER, 2020, p. 103-104), é também correto dizer, considerando ainda as palavras de Leandro Konder, que “[...] Adorno se afastava do imperativo da práxis, essencial à perspectiva de Marx, e Benjamin, com sua consciência (dilacerada) da necessidade do *engajamento*, [...] manifestava um *espírito* cujas afinidades com o de Marx eram mais fortes” (2020, p. 104).

A temática da memória, por exemplo, atualiza-se em contexto histórico localizado e datado. Para Benjamin, ela constituiu processo dinâmico, que possibilita levantes e resistência mediante *avisos de incêndio* (LÖWY, 2005), que possibilita a elaboração de uma teoria da história a partir da qual o fascismo possa ser enfrentado (BENJAMIN, 2020). Dizemos isso, uma vez que a imagem dialética do passado se constitui na lembrança que não se contenta em imitar, mas que se atualiza a partir dos movimentos do presente, formando novas/outras constelações, que saltam de uma história homogênea. Nesse sentido, ela se torna força emancipadora nutrida do sacrifício (coletivo), do ódio (ao sistema produtivo) (BENJAMIN, 1994) e da consciência da ancestralidade dos vencidos, das vozes que ainda ecoam entre ruínas. Isso porque tanto o apagamento dessas memórias quanto a reprodução da história contada sob o ponto de vista dos vencedores acentuam a condição de alienação e de conformidade com as penúrias em que sobrevive a classe trabalhadora (BENJAMIN, 2020).

É provável que a mais célebre tese *Sobre o conceito de história* de Benjamin (2012) – texto que constitui “[...] seu testemunho e testamento desse período terrível” (SELIGMANN-SILVA, 2020, p. 11) – seja aquela elaborada a partir da imagem da obra de Paul Klee: *Angelus Novus* (1920). Ao apresentar o *Anjo da História*, destaca-se o modo como seu corpo é empurrado ao futuro pela força do *progresso*, e o semblante, que é de assombro, com os olhos voltados ao passado, desejando retornar às ruínas e acordar os mortos.

Na obra de Walter Benjamin, também encontramos *constelacionados* os conceitos de memória, experiência e narrativa, uma perspectiva que extrapola os limites da racionalidade moderna e produz imagens profundamente questionadoras das tendências culturais. Dessa forma, a memória atualiza o passado no agora, trazendo possibilidades de ressignificação das experiências na contemporaneidade, esperança de uma história justa e aberta a outros pontos de vista. Por isso, dizemos que tanto a concepção de cultura quanto a de história benjaminianas expressam um movimento de crítica à razão moderna – e seus princípios de causalidade, continuidade e progresso. Em contraposição a essa noção de história ancorada em uma ideia de tempo linear, homogêneo e vazio, Benjamin propõe *escovar a história a contrapelo*, um processo em que o

passado vivido aparece como contingência de questionamento das relações humanas estabelecidas no presente. O tempo é pensado mais nos termos de intensidade (BENJAMIN, 2007) e menos quanto a sua cronologia. O passado aparece como força ativa no presente, e não como um lugar pitoresco e exótico a ser visitado para contemplação. Assim, as imagens do passado são retomadas de forma dialética, na qual importam os fragmentos, as singularidades, estilhaços e as minúcias que decifram os sinais de lutas coletivas e a tradição dos subalternizados (BENJAMIN, 2020; LÖWY, 2005).

Assim como disse Hannah Arendt, sua prima por afinidade, ficamos tentados a lembrar, como Cícero, “[...] *Si vivi vicissent qui morte vicerunt*, como tudo seria diferente ‘se vencessem na vida aqueles que venceram na morte’” (2008, p. 166). Se o protofascismo se faz poder em tempos hodiernos, é porque não tivemos forças e condições objetivas que possibilitassem que nos aparelhássemos politicamente para combatermos cantos negacionistas e memorizadas como os que temos presenciado (SELIGMANN-SILVA, 2020). Benjamin se fez presente nas cartas a Brandão e se faz urgente ainda hoje, porque precisamos, enquanto classe trabalhadora, dar respostas combativas ao revisionismo fascista, sob o qual vimos sendo ameaçados, pois, do contrário, “[...] nem os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (BENJAMIN, 2020, p. 70). A tarefa é tão árdua quanto urgente, “[...] é um desafio tanto mais terrível quanto mais insidiosa é a ação corruptora da ideologia sobre a nossa consciência” (KONDER, 2020, p. 104), é pra ontem!

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. Walter Benjamin (1892-1940). In: _____. **Homens em tempos sombrios**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 165-222.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Organização Willi Bole. Tradução do alemão Irene Aron. Tradução do francês Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa oficial do estado de São Paulo, 2009.

_____. **Origem do drama trágico alemão**. Edição e tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

_____. **Baudelaire e a modernidade.** Tradução João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação.** 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2007.

_____. **Sobre o Conceito de História.** Organização e tradução Adalberto Muller e Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda, 2020.

_____. O Surrealismo. O último instantâneo da inteligência europeia. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Tradução Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.21-35.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia.** São Paulo: Expressão Popular, 2020.

KOTHE, Flávio R. (Org.). **Walter Benjamin.** São Paulo: Ática, 1985.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio.** Tradução Wanda Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação: Sobre o Conceito de História de Walter Benjamin. In: BENJAMIN, Walter. **Sobre o Conceito de História.** Organização e tradução Adalberto Muller e Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda, 2020.

Editora Livrologia
www.livrologia.com.br

Título	Arqueologia nas cartas de Carlos Rodrigues Brandão: contribuições para a Educação Popular
Organizadores	Fernanda dos Santos Paulo Ivo Dickmann
Assistente Editorial	Ivanio Dickmann
Assistente Comercial	Julie Luiza Carboni
Bibliotecária	Karina Ramos
Projeto Gráfico	Ivo Dickmann, Ivanio Dickmann
Capa	Ivanio Dickmann
Diagramação	Ivo Dickmann
Preparação dos Originais	Fernanda dos Santos Paulo
Revisão	Tiago Domingues Corrêa
Formato	16 cm x 23 cm
Tipologia	Book Antiqua, entre 8 e 15 pontos
Papel	Capa: Supremo 300 g/m ² Miolo: Offset 90 g/m ²
Número de Páginas	210
Publicação	2021

Queridos leitores e queridas leitoras:

Esperamos que esse livro tenha sido útil para você e seu campo de leitura, interesse, estudo e pesquisa.

Se ficou alguma dúvida ou tem alguma sugestão para nós,
Por favor, compartilhe conosco pelo e-mail:
livrologia@livrologia.com.br

PUBLIQUE CONOSCO VOCÊ TAMBÉM
ENCONTRE UM FRANQUEADO LIVROLOGIA
MAIS PERTO DE VOCÊ
www.livrologia.com.br

Trabalhos de Conclusão de Curso

Dissertações de Mestrado

Teses de Doutorado

Grupos de Estudo e Pesquisa

Coletâneas de Artigos

Poesias e Biografias

EDITORA LIVROLOGIA

Rua São Lucas, 98 E

Bairro Centro - Chapecó-SC

CEP: 89.814-237

livrologia@livrologia.com.br



WWW.
LIVROLOGIA
COM.BR

O presente livro resulta da pesquisa financiada pelo CNPq através da Chamada MCTIC/CNPq Nº 28/2018 - Universal/Faixa A.

O projeto tem como título: Memória e História da Educação Popular a partir do levantamento e catalogação das cartas de Carlos Rodrigues Brandão: contribuições para a Pedagogia Latino-Americana.

O projeto é coordenado pela professora Fernanda dos Santos Paulo, educadora popular e professora do Programa de Pós-graduações Stricto Sensu (Mestrado e Doutorado) da Universidade do Oeste de Santa Catarina: PPGEd/Unoesc. Neste projeto participam pesquisadores/as e estudantes dos cursos de Mestrado, Doutorado, Especialização e Graduação. Também, educadores/as inseridos/as em movimentos populares.

Consideramos o projeto de pesquisa, em execução, de grande relevância ao campo histórico-educacional do Brasil e da América Latina, em particular para a Educação Popular. Destacamos a contribuição advinda de documentos inéditos: as cartas do educador Carlos Rodrigues Brandão.

Além da Unoesc/PPGED participam desse projeto, pesquisadores vinculados às seguintes Instituições:

- Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)
- Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
- Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó)
- Associação de Educadores Populares de Porto Alegre (AEPPA)
- Movimento de Educação Popular (MEP)
- Instituto Social Brava Gente.

